



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARILENA INÁCIO DE SOUZA**

**A PEQUENA FRASE “A ESPERANÇA VENCEU O MEDO” NA  
IMPRENSA COTIDIANA BRASILEIRA: UMA LEITURA DISCURSIVA**

**SÃO CARLOS-SP-BRASIL  
2013**



**Universidade Federal de São Carlos**

**A PEQUENA FRASE “A ESPERANÇA VENCEU O MEDO” NA  
IMPrensa COTIDIANA BRASILEIRA: UMA LEITURA DISCURSIVA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Marilena Inácio de Souza

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São de Carlos-SP, para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

**SÃO CARLOS-SP- BRASIL  
2013**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

S729pf

Souza, Marilena Inácio de.

A pequena frase "a esperança venceu o medo" na imprensa cotidiana brasileira : uma leitura discursiva / Marilena Inácio de Souza. -- São Carlos : UFSCar, 2013. 253 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Análise do discurso. 2. Mídia. 3. Acontecimento discursivo. 4. Aforização. 5. Efeito de sentido. 6. Destacabilidade. I. Título.

CDD: 401.41 (20<sup>a</sup>)



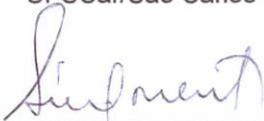
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística



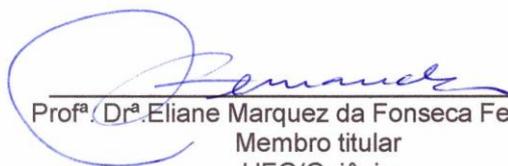
**BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO DE  
MARILENA INÁCIO DE SOUZA**



Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas  
Orientador e Presidente  
UFSCar/São Carlos



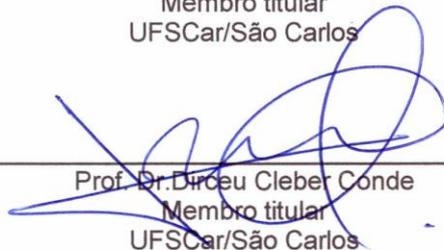
Prof. Dr. Sírio Possenti  
Membro titular  
UNICAMP/Campinas



Profª. Drª. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes  
Membro titular  
UFG/Goiânia



Profª. Drª. Mônica Baltazar Diniz Signori  
Membro titular  
UFSCar/São Carlos



Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde  
Membro titular  
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 17/dezembro/2012.  
Homologada na 54ª reunião da CPGL, realizada em 28/12/2012.



Prof. Dr. Oto Araújo Vale  
Coordenador do PPGL

A todos que acreditam em mim, em especial, aos meus pais: Aderson e Almerinda, pela dádiva da vida; aos meus filhos: Bruna Cristina e João Victor, por todos os sentidos; aos meus avós: Manoel e Honória, por todos os ensinamentos; a Esmeraldo Carpeggiany, companheiro e amigo de todas as horas.

## AGRADECIMENTOS

A realização desta tese só foi possível graças à colaboração direta e indireta de muitas pessoas. Manifesto minha gratidão a todas elas e, de forma muito especial:

a Deus, Senhor de todas as horas;

a Nossa Senhora Aparecida, pela fé que me sustenta;

aos meus pais, Aderson e Almerinda, pelo apoio e dedicação incondicionais;

aos meus filhos, Bruna Cristina e João Victor, pela paciência e compreensão durante todo esse trajeto;

a Esmeraldo Carpeggiani, por todos os sentidos;

a minha querida irmã, Roselena Souza Hunhoff, pelo apoio e incentivo constantes;

ao pai dos meus filhos, João Geraldo Nunes, por ter cuidado com atenção e carinho dos nossos filhos, durante os momentos em que estive ausente.

aos meus amigos, Osmar Quim e Lena Machado, pela compreensão e amizade nos momentos difíceis;

às minhas queridas colegas de trabalho no Departamento de Letras/UNEMAT: professora Dra. Cássia Regina Tomanin e professora Me. Shirlene Rohr de Souza, pelo companheirismo e generosidade. Graças à colaboração imprescindível dessas professoras, pude me afastar do campus e cursar as disciplinas obrigatórias no Programa de Pós-Graduação-UFSCar.

a todos os meus colegas de turma do programa de Pós-graduação/PPGL, pelo companheirismo;

ao professor Dr. Dominique Maingueneau, pelas relevantes contribuições teórico-metodológicas, quando do Exame de Qualificação;

ao professor Dr. Sírio Possenti, pelas importantes sugestões de leituras, bem como pelas contribuições teórico-analíticas no momento em que esse trabalho se encaminhava para a etapa final;

ao meu querido amigo e professor, Dr. Roberto Leiser Baronas, não só pelos preciosos comentários e sugestões de orientador, mas, especialmente, pelo carinho e amizade que sempre demonstrou;

à UFSCar, pela oportunidade;

à UNEMAT, pelo afastamento temporário.

(...) todo enunciado é intrinsicamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (Michel Pêcheux, 1983)

## RESUMO

Não é de hoje que convivemos com a disseminação discursiva de “pequenas frases”. Desde os tempos imemoriais, “frases” foram separadas de seus contextos ou co-textos e dadas a circular isoladamente, como se fossem enunciados acima e fora dos textos comuns – sejam esses textos literários, religiosos, políticos, científicos ou filosóficos. Na nossa sociedade ocidental, o fenômeno sempre ocorreu, mas talvez se tenha intensificado no mundo contemporâneo. A mídia é talvez seu principal veículo e, por conseguinte, o gestor mais eficiente: manchetes, “olhos”, frases da semana, títulos de artigos, chamadas principais etc. A tendência atual é de fragmentação, de discursos curtos, devido à rapidez com que os fatos são dados em narrativa. A proliferação discursiva do enunciado “a esperança venceu o medo”, tomado aqui como objeto de análise, é um exemplo do que estamos falando. A circulação constante desse enunciado, em diferentes campos e lugares discursivos, bem como em diferentes momentos sócio-históricos, nos leva a interpretá-lo como um enunciado de tipo “pandêmico”, uma espécie de enunciado autônomo que ultrapassa até mesmo os limites da *panaforização* (termo que associa o “pan”, de pandemia, e aforização), já que as ocorrências desse enunciado ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço (ele se mantém “vivo” e segue a “todo vapor” nos destaques enunciativos midiáticos, dez anos após sua irrupção/explosão no discurso do então presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva-PT, em 2002). Trata-se, no nosso entendimento, de um enunciado cujo estatuto discursivo se assemelha ao de um provérbio que passa de texto em texto, de suporte midiático em suporte midiático, durando e perdurando, ao longo dos tempos. Ancorados nas discussões propostas por Dominique Maingueneau (2006, 2007, 2010a, 2010b), mostramos que o enunciado em estudo se infiltra nas manchetes de jornais, nos títulos de artigos, nos títulos de vídeos publicados *YouTube*, nas chamadas principais de fóruns de debates etc, suscitando tensões de todas as espécies na mídia. Sem a pretensão de delimitar todos os sentidos que as distintas ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” põem a circular, porque a cada nova manifestação, os sentidos são historicizados de outra maneira, esta pesquisa de doutorado assume uma dupla tarefa: por um lado, tenta dar conta de um dado particular de unidade não-tópica do tipo percurso; por outro, busca descrever e analisar o funcionamento linguístico-discursivo dos constantes destacamentos do referido enunciado no contexto midiático brasileiro. Os recentes trabalhos desenvolvidos por Maingueneau, em especial, os resultantes de seu programa de pesquisa “Enunciação Aforizante”, nos serviram de suporte teórico-metodológico nesta empreitada. Acreditamos que a calibragem das ferramentas conceituais mencionadas, em dados distintos dos frequentados por Dominique Maingueneau, pode iluminar caminhos para explicitação e compreensão do funcionamento linguístico-discursivo não só do enunciado “a esperança venceu o medo”, mas de todo um conjunto de enunciados, cujas características principais decorrem do fato de serem “citáveis”, “memorizáveis”, “destacáveis”, não só por um breve período, mas por um tempo relativamente longo, com uma capacidade ímpar de interpretar diferentes eventos sem se prender a nenhum deles. A análise que propomos, de um *corpus* bastante específico, pode, dessa forma, conferir ainda mais consistência à teoria de *Enunciação Aforizante*, que é bastante nova no espaço franco-brasileiro. Acreditamos que a nossa pesquisa possa contribuir também para uma interpretação da história recente da política brasileira. No entanto, uma interpretação que não parte dos grandes acontecimentos, mas da produção discursiva dos eventos históricos por meio de “pequenas frases”.

**Palavras-chave:** acontecimento discursivo; pequenas frases; aforização; mídia; efeito de sentidos

## ABSTRACT

It is not from today that we live with the discursive spread of “small phrases”. Since immemorial times, “phrases” have been separated from their contexts or co-texts and given into circulation singly, as if they were statements above and outside the common texts – be they literary, religious, political, scientific or philosophical. In our western society, the phenomenon always occurred, but maybe it has intensified the contemporary world. Media is perhaps the main vehicle and, therefore, the most efficient manager: headlines, “eyes”, phrases of the week, article titles, main calls, etc. Present trend is fragmentation, of short discourses, due to the fastness with which the facts are given into narrative. The “small phrases” is, in fact, a communicational practice that newspapers, sites, social networks manage when they publish statements in highlighted condition in their pages. Discursive proliferation of the statement “Hope overcame fear” taken, here, as analysis object is an example of what we are talking about. Its constant circulation through different fields leads us to interpret it as a pandemic statement, a kind of statement that exceeds even the limits of panaforization (a term that combines “pan”, of pandemic, and aphorization), occurrences of this statement exceeds the limits of time and space (they keep “alive” and moves “at full speed” in media enunciative detachments ten years after its eruption/media explosion in the speech of the elected candidate Luiz Inácio Lula da Silva-PT in 2002). It is, in this case of a statement which discursive status resemble that of a proverb that goes from media support to media support, lasting through times. Throughout thesis, anchored in the discussions proposed by Dominique Maingueneau (2006, 2007, 2010a, 2010b), we show that statement in study infiltrates in newspapers headlines, in article titles, in Youtube video titles, in main calls for forums and debates etc, making raise all species tensions in media. Without the attempt to define all the meanings that different occurrences of the statement “Hope overcame fear” circulates, because in each manifestation, the meanings are historicized of a different manner, this doctoral research assumes a dual task: in one hand, it tries to account particular data of a non-topic route unity, on the other hand, seeks to describe and analyze linguistic-discursive functioning of the constants detachments of the referred statement in the media Brazilian context. Recent works developed by Maingueneau, specially, those resulting of his research program “Aphorizing enunciation” that will be the theoretical and methodological support in this work. We believe that the calibration of the conceptual tools mentioned in distinct data frequented by Dominique Maingueneau can illuminate paths for the explanation and comprehension of the linguistic-discursive functioning, not only of the statement “Hope overcame fear”, but of a whole set of statements, whose main characteristics stems from the fact that they are “quotable”, “memorable”, “detachable”, not only for a brief period, but for a relatively long time with a unique ability of mean different events without cling to none. The analysis that we propose, from a very specific *corpus* can, thus, gives even more consistence to the Aphorizing Enunciation, which is really new in the franco-brazilian space. We believe that our research can also add to a interpretation of recent history of Brazilian politics. However, an interpretation that does not departs from huge happenings, but of the discursive production of historical events through “small phrases”.

**Keywords:** discursive event; small phrases; media; aphorization; effect of sense

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 1- **Ilustração:** Cala a boca Galvão.....89
- 2- **Ilustração:** Capa da revista *Veja*. Editora Abril, edição de 22 de maio de 2002.....107
- 3- **Ilustração:** Matéria de capa, Revista *IstoéDinheiro*. Editora Três, edição de 15 de maio de 2002.....108
- 4- **Ilustração:** Capa da revista *Veja*. Editora Abril, edição de 19 de junho de 2002.....109
- 5- **Ilustração:** Capa da revista *Istoé*. Editora Três, edição de 14 de agosto de 2002.....111
- 6- **Ilustração:** Capa da revista *Veja*. Editora Abril, edição de 23 de outubro de 2002..115
- 7- **Ilustração:** Matéria de capa da revista *Veja*. Editora Abril, edição de 23 de outubro de 2002.....117

## LISTA DE TABELAS

<b>1-Tabela:</b> Exposição do <i>corpus</i> .....	29
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>I- CATEGORIZAÇÃO DO CORPUS.....</b>	<b>19</b>
1.1 Da constituição do <i>corpus</i> e dos critérios de seleção.....	19
1.2 Dos pronunciamentos de Lula.....	22
1.3 Da tabela de apresentação e circulação do <i>corpus</i> : percursos midiáticos.....	27
<b>II- O ALICERCE TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>46</b>
2.1 Entre formação discursiva e as unidades de tipo percurso: delimitando fronteiras.....	46
2.2 Sobre a noção de interdiscurso e sua relação com a memória .....	61
2.3 Destacabilidade, sobreasseveração, (pan)aforização, particitação e hiperenunciador: o quadro conceitual de referência .....	71
<b>III- IRRUPÇÃO, CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO HISTÓRICA DOS SENTIDOS .....</b>	<b>95</b>
3.1 Das condições de produção.....	95
3.2 Das condições de produção: o discurso presidencial como lugar de irrupção.....	96
3.3 Sobre a produção de sentidos no discurso presidencial: um olhar interdiscursivo.....	119
3.3.1 Do discurso presidencial à circulação em outros textos: a estabilização/desestabilização de sentidos.....	126
3.3.2 Sobre as condições genéricas de enunciação: procedimentos de captação e subversão.....	141
<b>IV- DO DISCURSO PRESIDENCIAL AO DESTACAMENTO MIDIÁTICO: OPERAÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS (RE)ORIENTANDO OS SENTIDOS.....</b>	<b>150</b>
4.1- A esperança venceu o medo: a destacabilidade de uma “pequena frase” .....	150
4.2- A esperança venceu o medo sob o efeito da sobreasseveração: estratégias do dizer.....	153
4.3- Da sobreasseveração à enunciação aforizante.....	162
4.3.1- Para além da (pan)aforização.....	172
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>188</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>194</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>199</b>

## INTRODUÇÃO

Embora seja um fenômeno discursivo bastante antigo, que remonta aos tempos imemoriais, a circulação de “pequenas frases” tem constantemente ganhado lugar de destaque no contexto midiático brasileiro. São inúmeros os casos em que elas se impõem a serem lidas. Basta lançarmos o olhar para os textos divulgados nas grandes mídias que lá estão elas, figurando como frases da semana, manchetes, títulos e subtítulos de artigos e reportagens. A “pequena frase” é, de fato, uma prática comunicacional que os jornais, *sites*, redes sociais gerenciam quando publicam os enunciados em relevo em suas páginas. Para o teórico francês, Dominique Maingueneau (2010b), o desenvolvimento recente de uma configuração midiática totalmente nova, que associa diretamente a mídia impressa, o rádio, a televisão, a internet e a telefonia móvel, é a grande responsável por aumentar para níveis sem precedentes o destacamento e a colocação em circulação de “pequenas frases”, de *aforizações*. Foi, em boa medida, observando a manifestação midiática desse tipo de enunciados, que nos deparamos com a proliferação do enunciado “a esperança venceu o medo” e nos interessamos por estudar o seu funcionamento linguístico-discursivo.

Uma pesquisa no *Google* demonstrou mais de 1.500.000 (um milhão e quinhentas mil) ocorrências desse enunciado, desde a sua provável irrupção, no texto do primeiro pronunciamento do então presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva-PT, em 27 de outubro de 2002, até os dias atuais. Com o objetivo de compreender melhor esse fenômeno, selecionamos, para esta tese, um conjunto de 100 ocorrências, cujas manifestações compreendem não só a vitória do candidato petista, mas também uma série de acontecimentos históricos: o aumento da produtividade da Petrobrás, em 2003; a prisão de Maluf, em 2005; o escândalo do mensalão, em 2005; o efeito Lula sobre a imprensa, em 2006; o estado de saúde do ex-vice-presidente José Alencar, em 2010; a eleição de Dilma Rousseff, em 2010; os 100 primeiros dias de mandato da presidente Dilma; o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, em 2012; a deliberação do Congresso Nacional sobre o sistema de cotas para as universidades, em 2012, só para citar alguns exemplos.

O problema teórico-metodológico que tais dados colocam será tratado, aqui, no primeiro e segundo capítulos, a partir da delimitação da unidade de pesquisa que julgamos pertinente analisar, a saber, uma unidade não-tópica do tipo percurso (MAINGUENEAU,

2010a). Definir o *corpus* como uma unidade de pesquisa do tipo percurso torna-se crucial para esta tese, pois permite demonstrar a circulação do enunciado “a esperança venceu o medo” em diversos campos e lugares discursivos, ao longo de sua mobilização midiática. Além disso, evidencia que os discursos, por mais que se enquadrem em certos contornos que insistamos em definir, sempre acabam por mostrar que, de fato, são objetos heterogêneos e um tanto “rebeldes”. Isso explica o fato de não podermos cercear, tampouco delimitar os sentidos do enunciado em questão, muitas de suas manifestações resultam de injunções históricas e inconscientes, das quais, às vezes, só após algum tempo de sua “acontecimentalização” discursiva conseguimos fazer uma interpretação pertinente.

Para compreender a dinâmica desse enunciado, nós o analisamos em seu duplo funcionamento: o linguístico e o discursivo. A articulação entre esses dois “planos” leva ao modo de como o enunciado “a esperança venceu o medo” afeta e/ou consolida e/ou modifica a mecânica da constituição das redes de filiações de sentido. Sem a pretensão de delimitar todos os sentidos que as ocorrências desse enunciado põem a circular, porque a cada nova manifestação os sentidos se dão a ler diferentemente, este estudo assume uma dupla tarefa: por um lado, tenta dar conta de um dado particular de unidade não-tópica do tipo percurso (as ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo”); por outro, busca descrever e analisar o funcionamento linguístico-discursivo dos constantes destacamentos do enunciado “a esperança venceu o medo” no contexto midiático brasileiro.

Tomar os destacamentos midiáticos de “a esperança venceu o medo” como estudo equivale a selecionar um local de observação e questionamento da relação entre as forças políticas no campo da mídia em geral e, mais especificamente, as interdependências entre atores políticos, profissionais da comunicação social (os jornalistas) e os especialistas da articulação destas relações - em outras palavras, os especialistas da comunicação política.

O aporte à Análise de Discurso de orientação francesa, em especial aos recentes trabalhos desenvolvidos por Maingueneau (2005, 2006, 2007, 2010a, 2010b) são, nesse sentido, essencialmente necessários. Por um lado, permitem observar as condições sócio-históricas enquanto constitutivas de um saber discursivo, inscritas na formulação do enunciado em questão, por outro, fornecem meios para que possamos compreender não só o regime enunciativo dessa “pequena frase”, mas também de tantas outras, cuja manifestação na mídia brasileira é evidente.

Com base em Maingueneau, buscamos pôr em evidência a constituição histórico-discursiva dos sentidos do enunciado “a esperança venceu o medo”. O caminho percorrido por essa “pequena frase” nos leva a interpretá-la como sendo um enunciado dialógico, prenhe de sentidos. Apontamos aí para a primazia do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005) que, nesse caso, em particular, refere-se ao discurso do “medo” *versus* o discurso da “esperança”. Esse discurso que se constitui na “anterioridade” e na “exterioridade” discursiva orienta/delimita os sentidos dados a ler. Seu efeito é o da seleção, refutação, afirmação, confirmação de saberes etc, a depender das posições-sujeito inscritas no seio de uma dada conjuntura.

A relação histórico-linguístico na constituição dos sentidos nem sempre é evidente. Daí a necessidade do trabalho interpretativo do pesquisador. Nesta tese, esse trabalho se dá, sobretudo, no terceiro capítulo, nas seções: *Das condições de produção: o discurso presidencial como lugar de irrupção; Sobre a produção de sentidos no discurso presidencial: um olhar interdiscursivo; e, Do discurso presidencial à circulação em outros textos: a estabilização/desestabilização de sentidos*. Longe de esgotar as questões que essa problemática engendra, o percurso seguido busca descrever e interpretar os sentidos colocados em jogo pelas posições-sujeito nas diversas formações discursivas nas quais o enunciado “a esperança venceu o medo” se realiza. Em nossas análises, não tomamos o referido enunciado apenas como uma estrutura linguística fechada em si mesma, uma vez que aí se encontram imbricadas questões sócio-históricas da ordem dos discursos, ou, no entendimento de Maingueneau (2010a), na ordem da enunciação aforizante.

Em busca de uma definição apropriada, capaz de abarcar as propriedades linguístico-discursivas do enunciado “a esperança venceu o medo”, debruçamo-nos, no quarto capítulo, sobre algumas noções que, a nosso ver, poderiam dar conta dessa questão. Trata-se das noções de *destacabilidade, sobreasseveração, particitação, hiperenunciado, aforização e panaforização* (MAINGUENEAU, 2006, 2007, 2010a, 2010b). Aplicadas ao *corpus*, essas noções tornam possível a averiguação de que, na verdade, “a esperança venceu o medo” constitui-se em uma aforização de tipo “pandêmico”, no entanto, não podemos dizer que se trata de um caso típico de panaforização, (fenômeno que, conforme enfatizamos no segundo capítulo, compreende um grande número de enunciados que circulam intensamente na mídia, por um curto período de tempo). Os dados arrolados e as análises empreendidas demonstram

que a circulação do referido enunciado não se limita a um curto período de tempo, caso do fenômeno em destaque, ao contrário, segue “viva”, a “todo vapor”, por mais de dez anos. Trata-se de uma unidade destacada do discurso presidencial, isto é, “a esperança venceu o medo” irrompe como um enunciado que se articula aos demais enunciados do texto de origem, mas se pretende fora dele, à medida que se descola, para levar uma vida autônoma em outros textos.

Ao caracterizarmos “a esperança venceu o medo” como uma “pequena frase” que circula na mídia descolada de seu contexto e de seu co-texto originais, verificamos que o conceito de gênero discursivo não dá conta de descrever as complexas relações estabelecidas entre suas constantes retomadas e os textos que a aloja. Se por um lado, a “pequena frase” em questão depende de um gênero discursivo que a aloje, que lhe dê amparo, por outro, extrapola todo e qualquer gênero, conforme atestam as análises arroladas no quarto capítulo. Ou seja, “a esperança venceu o medo” apesar de estar inscrita num determinado gênero discursivo, por conta mesmo do seu destaque, acaba por adquirir autonomia discursiva em relação ao texto primeiro, se constituindo num texto outro com sentido próprio. Em razão de seu estatuto aforizador ela pode se referir a uma gama muito grande de acontecimentos, passar de um texto a outro, figurar como manchetes, títulos e subtítulos de artigos e reportagens, sem, no entanto, se deixar prender a nenhum deles. Um fenômeno assim não pode ser medido em termos de circunscrição de sentidos, tampouco em termos quantitativo (pois a dimensão que alcança vai muito além dos dados coletados). Ou seja, não podemos dar conta de toda a dimensão da “labilidade” do sentido de que esse enunciado põe a circular, tampouco é possível reconstruir os agenciamentos que o simplificam e o estabilizam.

## I- CATEGORIZAÇÃO DO *CORPUS*

### 1.1- Da constituição do *corpus* e dos critérios de seleção

Antes de arrolarmos os textos que compõem o objeto de estudo desta pesquisa, acreditamos ser pertinente relatar como se deu o processo de seleção e organização dos dados. Conforme mencionamos na *Introdução*, o *corpus* que compõe esta tese se constitui num conjunto de enunciados, os da ocorrência da “pequena frase” “a esperança venceu o medo”, na mídia brasileira contemporânea, no período que compreende de 2002 a 2012. Interessamo-nos por estudar a manifestação discursiva desse enunciado em razão de sua constante “habitação” em diversos discursos.

Recorrendo à Internet, principalmente ao *site* do Google, como fonte de pesquisa e coleta de dados, verificamos a presença de centenas de páginas em que o enunciado “a esperança venceu o medo” vem sendo mobilizado pela mídia. Precisamente, são mais de 1.500.000 (um milhão e quinhentas mil) ocorrências, desde sua provável irrupção, no texto do primeiro pronunciamento do então presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva-PT, em 27 de outubro de 2002, até os dias atuais. Não vamos tratar aqui de todas essas ocorrências. Em razão da extensão e da abrangência de temas a que se referem, selecionamos, para esta pesquisa, um conjunto de 100 (cem) ocorrências. Acreditamos que tais ocorrências são suficientes para evidenciar que a circulação do enunciado em questão ultrapassa as fronteiras do discurso político e das ideologias (lugar de origem) para circular também em outros campos e instituições.

A definição de um *corpus* de pesquisa supõe, necessariamente, um recorte, o que deixa de fora, inevitavelmente, uma série de fenômenos. No nosso caso, não é diferente: o recorte feito é, assim, o resultado de uma construção teórica, um trabalho de pesquisa e interpretação que exige, por definição, a exclusão de “muita coisa”. Dito de outro modo, as 100 ocorrências selecionadas são, de fato, o resultado de recortes e exclusões que permitem falar em discursos heterogêneos que se relacionam no interior do interdiscurso e que vêm à tona no fio do discurso, por meio da memória discursiva. Permitem ainda observar o funcionamento linguístico-discursivo do enunciado “a esperança venceu o medo” tanto no discurso

presidencial como em diversas práticas discursivas. Cabe destacar que, ao circular em outros textos, o enunciado “a esperança venceu o medo” deriva para outras formulações e aborda uma temática transversal e heterogênea, pois envolve práticas diversas e mobiliza discursos variados.

Em razão da proliferação midiática desse enunciado, as ocorrências que compõem esta tese foram selecionadas a partir de 4 (quatro) critérios que julgamos fundamentais:

- a- são ocorrências produzidas no período de 2002 a 2012;
- b- se destacam em artigos de imprensa<sup>1</sup>, documentários, publicações especializadas (sobre geopolítica, economia, educação, religião, esporte, saúde etc.), letra de música de escola de samba, cartazes de manifestação política, debates parlamentares, declarações de personalidades públicas (tomadas em diferentes suportes e em diferentes situações enunciativas) etc;
- c- fazem remissão direta à eleição de Lula ou rememoram esse acontecimento tanto no sentido de aplaudi-lo quanto no de depreciá-lo;
- d- ultrapassam os limites do campo do discurso político e se propõem a divulgar distintos acontecimentos.

Definidos os dados, passamos a organizá-los de forma criteriosa. Primeiramente, definimos os três primeiros pronunciamentos de Lula como sendo os textos que deram “vida” ao enunciado “a esperança venceu o medo”. Daí a relevância da mobilização de tais textos, na próxima seção. Em seguida, tratamos de destacar a circulação desse enunciado, desde 2002 até os dias atuais. Para isso, arrolamos uma tabela constituída por 4 (quatro) colunas que organizam os dados selecionados da seguinte forma: na primeira, encontra-se o número de cada ocorrência para que possamos retomá-lo nas análises, quando necessário. Na segunda, está a identificação dos enunciados, isto é, as formas breves, tal como foram produzidas na mídia brasileira. A terceira coluna indica o acontecimento em destaque. Por fim, a quarta coluna apresenta o tipo de destacamento operado pelo sujeito enunciador/mídia. O objetivo da

---

<sup>1</sup> Trata-se de um corpus de arquivo (que reúne enunciados preexistentes) de discurso midiático (imprensa escrita), que reúne publicações (100 ocorrências) de natureza variada (jornal diário, revista semanal, de esquerda, de direita, independente, popular, “séria”, *blogs* e *sites* diversos.) e gêneros diversos (editorial, reportagem, artigos, crítica etc.).

existência das colunas dois, três e quatro é tornar evidente a circulação do enunciado “a esperança venceu o medo” em diferentes campos, ideologias e lugares discursivos. Cabe ressaltar que as ocorrências foram organizadas na ordem cronológica em que foram utilizadas. Essa ordem foi a forma que melhor encontramos para ilustrar a circulação do referido enunciado também em diferentes momentos sócio-históricos.

Os critérios de seleção e organização dos dados não foram estabelecidos de qualquer forma, ou, segundo a nossa vontade, mas considerando as práticas sociais e o modo como as referidas ocorrências se organizam e se relacionam. Não se trata apenas de apresentar a produção e a circulação do enunciado “a esperança venceu o medo”, mas de demonstrar como isso vem ocorrendo, de fazer ranger, de delimitar fronteiras, de traçar percursos, de pôr em relevo posicionamentos, de vê-lo ultrapassar territórios, frequentar zonas de turbulência e, por fim, se destacar em diferentes práticas discursivas.

Nesse processo, recorreremos aos estudos de Maingueneau (2006, 2007, 2010a) que nos orienta a seguir por um caminho guiado tanto pelas propriedades de categorias linguísticas quanto por seu funcionamento na organização discursiva. Esse posicionamento permite abordar o uso social e discursivo do referido enunciado e, conseqüentemente, ressaltar a maneira por meio da qual o sentido pode ser forjado por certas opções linguístico-discursiva. Permite ainda definir percursos não esperados, bem como examinar um conjunto de propriedades requeridas para que o enunciado ora analisado se constitua em uma aforização, uma unidade do tipo percurso, cujos sentidos excedem os limites de quaisquer fronteiras que insistamos em tentar circunscrever.

O trabalho interpretativo do *corpus* apoia-se sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso, bem como na consideração de percursos fundados sobre materiais lexicais ou textuais, como a retomada e/ou as transformações do enunciado “a esperança venceu o medo” em uma série de textos ou ainda em diversas recontextualizações de um “mesmo texto”. É interessante observar, na imensa massa de discursos em que “a esperança venceu o medo” é mobilizada, a frequência de certas derivações parafrásticas: “A esperança venceu a mídia”; “A esperança venceu o terror”; “A esperança venceu a mentira”; “A esperança venceu o medo, a unidade venceu a divisão”; “Esperança e amor vencem o ódio”; “Esperança venceu o medo, a verdade vai vencer a mentira”; “José Alencar: a esperança venceu o medo”; “Maluf na cadeia: a esperança venceu o medo” etc.

Foi, em boa medida, observando a circulação desses enunciados que, apesar de manterem uma regularidade linguística quase invariável, percebemos o quão heterogêneos e flexíveis são os discursos que se materializam nessas ocorrências. Tais discursos nos conduzem à interpretações bem diferentes: por um lado, rememoram o discurso presidencial, colocando em destaque a vitória de Lula (“A esperança venceu o medo, diz Lula em pronunciamento em SP”); por outro, aborda acontecimentos de ordens diversas, cujos discursos podem variar, abranger desde o tema de uma partida de futebol (“A esperança venceu o medo, o time mais ofensivo foi premiado em Erechim”), ao estado de saúde do ex-vice-presidente da República (“José Alencar: a esperança venceu o medo”). É graças à circulação desses enunciados e de tantos outros que a eles se associam, que é possível determinar um contorno específico dentre as tantas formas de falar sobre o mesmo acontecimento e falar deles diferentemente. Nesse sentido, o enunciado “a esperança venceu o medo” e tantas outras formas cristalizadas da língua são, de fato, um material que diz muito a respeito do funcionamento dos discursos que circulam no espaço público. Passemos aos pronunciamentos de Lula, para posterior apresentação dos dados.

## **1.2 Dos Pronunciamentos de Lula**

Os fragmentos que se seguem foram extraídos dos três primeiros pronunciamentos do então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva-PT. Tais textos permitem descrever e analisar o funcionamento linguístico-discursivo do enunciado “a esperança venceu o medo”, quando de sua irrupção, bem como verificar que esse enunciado se constitui num argumento forte no discurso presidencial. A força argumentativa desse enunciado nos leva a crer que ele foi especialmente escolhido dentre muitos, foi preparado para aos interlocutores brasileiros que assistiam aos pronunciamentos. É bom lembrar que, naquele momento, os interlocutores de Lula estavam, eles mesmos, divididos em dois grupos – os aliados e os adversários políticos de Lula. Dessa forma, a enunciação “a esperança venceu o medo” tanto acalentou os ouvidos de seus aliados quanto provocou a ira de seus adversários políticos. Vejamos:

**- Fragmento extraído do primeiro Pronunciamento<sup>2</sup>:**

“Companheiros e companheiras,

bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta do meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, na qual eu irei fazer um pronunciamento. Hoje são apenas alguns agradecimentos. Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores. Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país. Quero agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiro José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país. Quero dizer para vocês que esse resultado eleitoral me obriga a afirmar a todos vocês que, embora tenha sido eleito pelo meu partido e pelos aliados do PC do B, do PL, do PCB e do PMN, a partir do dia 1º de janeiro, eu serei presidente de 175 milhões de brasileiros. Queria dizer para vocês que a responsabilidade de governar é muito grande. Eu e minha equipe iremos governar esse país, mas não seria exagero dizer pra vocês que apenas um presidente, o seu vice e a nossa equipe não será suficiente para que a gente governe o Brasil com os seus problemas, portanto nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem desse país, todos os empresários, todos os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário. Por último, eu quero me dirigir à comunidade internacional. Acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário nesse continente americano, para que possamos construir um mundo efetivamente de paz, onde os países possam crescer economicamente e possam crescer do ponto de vista social para todo o seu povo. E farei o que estiver ao alcance do presidente da República do Brasil para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente. Quero dizer ao meu querido companheiro Genoíno que você não perdeu a eleição, porque você não era governador, você apenas deixou de ganhar. Mas você vai perceber, meu companheiro Genoíno, que, se você souber tirar proveito, uma derrota vai te deixar muito mais maduro, muito mais preparado e muito mais perto da próxima vitória. Para quem veio de Quixeramobim, ter 40 e poucos por cento de votos em São Paulo. Você, Genoíno, foi um dos candidatos mais brilhantes que eu conheci. Se todo mundo tivesse o seu bom humor e a sua vontade, meu caro, o Brasil seria infinitamente melhor. Eu quero aqui agradecer à minha companheira Benedita da Silva. A Benedita que, convencida pelo Zé Dirceu e por mim, foi cumprir um mandato de nove meses, numa situação extremamente difícil. Eu não tenho dúvida nenhuma que a Benedita fez o que era possível fazer no período que ela fez. Eu quero aproveitar e dizer aqui para vocês que o que mais me incentivou a convencer a Benedita a assumir o governo do Rio foi o fato de ela ser negra. E ela assumir o governo do Rio de Janeiro foi a maior conquista dos negros depois da libertação dos escravos neste país. Por fim, eu quero dizer pra vocês que **o Brasil está mudando em paz e,**

---

<sup>2</sup> O pronunciamento de Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, na noite de 27 de outubro de 2002. Ver o pronunciamento na íntegra no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>

**mais importante, a esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz.** Por último, eu quero agradecer a essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. (...)”. (LULA, 27/10/2002, grifos nossos)

### - Fragmento extraído do segundo Pronunciamento<sup>3</sup>:

“ Compromisso com a mudança

Ontem, o Brasil votou para mudar. **A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país.** Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranquilo, traçar um rumo diferente para si. As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas, uma vez que elas trouxeram a alternância no poder, sem a qual a democracia perde a sua essência. Tivemos um processo eleitoral de excelente qualidade, no qual os cidadãos e as cidadãs exigiram e obtiveram um debate limpo, franco e qualificado sobre os desafios imediatos e históricos do nosso país. Contribuíram para isso a atitude da Justiça Eleitoral e do presidente da República, que cumpriram de maneira equilibrada o seu papel constitucional. A grande virtude da democracia é que ela permite ao povo mudar de horizonte quando ele acha necessário. A nossa vitória significa a escolha de um projeto alternativo e o início de um novo ciclo histórico para o Brasil. A nossa chegada à Presidência da República é fruto de um vasto esforço coletivo, realizado, ao longo de décadas, por inúmeros democratas e lutadores sociais. Muitos dos quais, infelizmente, não puderam ver a sociedade brasileira, e em especial as camadas oprimidas, colherem os frutos de seu árduo trabalho, de sua dedicação e sacrifício militante. Estejam onde estiverem, os companheiros e as companheiras que a morte colheu antes desta hora, saibam que somos herdeiros e portadores do seu legado de dignidade humana, de integridade pessoal, de amor pelo Brasil, e de paixão pela justiça. Saibam que a obra de vocês segue conosco, como se vivos estivessem, e é fonte de inspiração para nós que seguimos travando o bom combate. O combate em favor dos excluídos e dos discriminados. O combate em favor dos desamparados, dos humilhados e dos ofendidos. Quero homenagear aqui os militantes anônimos. Aqueles que deram seu trabalho e dedicação, ao longo de todos esses anos, para que chegássemos aonde chegamos. Nas mais longínquas regiões do país, eles jamais esmoreceram. Aprenderam, como eu, com as derrotas. Tornaram-se mais competentes e eficazes na defesa de um país soberano e justo. Celebro hoje aqueles que, nos momentos difíceis do passado, quando a nossa causa de um país justo e solidário parecia inviável, não caíram na tentação da indiferença, não cederam ao egoísmo e ao individualismo exacerbado. Todos aqueles que conservaram intactas a sua capacidade de indignar-se perante o sofrimento alheio. Souberam resistir, mantendo acesa a chama da solidariedade social. Todos aqueles que não desertaram do nosso sonho, que às vezes sozinhos nas praças deste imenso Brasil ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança. Mas esta vitória é, sobretudo, de

<sup>3</sup> O Pronunciamento Oficial de Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, no dia 28 de outubro de 2002. Ver o Pronunciamento na íntegra no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41735.shtml>.

milhares, quem sabe milhões, de pessoas sem filiação partidária que se engajaram nessa causa. É uma conquista das classes populares, das classes médias, de parcelas importantes do empresariado, dos movimentos sociais e das entidades sindicais que compreenderam a necessidade de combater a pobreza e defender o interesse nacional. Para alcançar o resultado de ontem, foi fundamental que o PT, um partido de esquerda, tenha sabido construir uma ampla aliança com outras forças partidárias. O PL, o PCdoB, o PMN e o PCB deram uma contribuição inestimável desde o primeiro turno. A eles, vieram somar-se, no segundo turno, o PSB, o PPS, o PDT, o PV, o PTB, o PHS, o PSDC e o PGT. Além disso, ao longo da campanha, contamos com o apoio de setores importantes de outros partidos identificados com o nosso programa de mudanças para o Brasil. Em especial, quero destacar o apoio dos ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco e, no segundo turno, o precioso apoio que recebi de Anthony Garotinho e Ciro Gomes. Não há dúvida de que a maioria da sociedade votou pela adoção de outro ideal de país, em que todos tenham os seus direitos básicos assegurados. A maioria da sociedade brasileira votou pela adoção de outro modelo econômico e social, capaz de assegurar a retomada do crescimento, do desenvolvimento econômico com geração de emprego e distribuição de renda. O povo brasileiro sabe, entretanto, que aquilo que se desfez ou se deixou de fazer na última década não pode ser resolvido num passe de mágica. Assim como carências históricas da população trabalhadora não podem ser superadas da noite para o dia. Não há solução milagrosa para tamanha dívida social, agravada no último período. Mas é possível e necessário começar, desde o primeiro dia de governo. (...)” (LULA, 28/10/2010, grifos nossos)

#### **-Fragmento extraído do Discurso de Posse<sup>4</sup>:**

“Companheiros e companheiras,

‘Mudança’; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. **A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.** Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades. Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do País, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária. Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a

<sup>4</sup> O Discurso de Posse do presidente Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, no dia 01 de janeiro de 2003. Ver o discurso na íntegra no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44358.shtml> .

qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos. Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro. O Brasil é um País imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma Nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança. Teremos que manter sob o controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores. Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos. Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praieiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo. O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade, provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome. Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão. Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim. Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de "Fome Zero". Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida. (...)" (LULA, 01/01/2003, grifos nossos)

Refletimos sobre os efeitos de sentidos produzidos por meio dessa enunciação no terceiro capítulo desta tese. Para o momento, chamamos atenção para o fato de que o enunciado “a esperança venceu o medo” não se deixa prender ao texto de origem, tampouco

ao campo discursivo que lhe deu guarida, ele circula também por outras conjunturas discursivas, por outros textos, movimentando discursos variados. São várias as ocorrências desse enunciado interpretando, ao longo do tempo, acontecimentos históricos de diversas ordens. A cada nova enunciação, novos discursos são movimentados e, conseqüentemente, novos efeitos de sentidos são produzidos. Ou, dizendo de outro modo, o enunciado “a esperança venceu o medo” produz implicações discursivas específicas para cada novo acontecimento que interpreta. Daí a necessidade de estudá-lo também como uma “pequena frase<sup>5</sup>” que circula isoladamente de seu contexto e co-texto originais.

### **1.3- Da tabela de apresentação e circulação do *corpus*: percursos midiáticos**

O enunciado que marcou os três primeiros pronunciamentos de Lula, “a esperança venceu o medo”, torna-se um acontecimento no discurso presidencial. Em decorrência disso, os meios de comunicação rapidamente colocaram-no em circulação. Mal Lula terminou o seu primeiro pronunciamento e já estava em destaque parte de sua fala: “a esperança venceu o medo”, bradavam os inúmeros destaques enunciativos (manchetes, títulos e subtítulos de artigos e reportagens), dos principais jornais e revistas brasileiros. Por um lado, a discursivização midiática do referido enunciado reforça a veracidade dos pronunciamentos de Lula, por outro, põe em questão o seu discurso, já que, conforme se pode constatar na tabela abaixo, muitas de suas mobilizações posteriores trataram de retomar a enunciação original

---

<sup>5</sup> Esse termo é, aqui, mobilizado no sentido de Krieg-Planque e Caroline Ollivier-Yaniv (2011). Ao estudarem a presença de “pequenas frases” no contexto midiático francês, as autoras observam que os profissionais da mídia e os profissionais políticos têm tendência a fabricá-las para vê-las retomadas e comentadas. Elas são tipicamente usadas para caracterizar os discursos de líderes políticos. Neste contexto, os atores políticos as utilizam normalmente sobre o modo da lamentação ou do encargo. Elas podem ser vistas ainda no modo de “propaganda”, “língua de madeira” ou o mais recente “buzz”. As “pequenas frases” comportam um repertório abundante de avaliação e qualificação pejorativas nas práticas discursivas em que se realizam. Para as autoras, o trabalho de “pequenas frases” atesta a existência de rotinas que consistem em selecionar e distinguir um fragmento de discurso, sem que as regras e as condições deste processo sejam explicadas. Assim, as “pequenas frases” podem ser utilizadas para designar um conjunto heterogêneo de fenômenos. Ou seja, podem descrever fragmentos do discurso, mais ou menos evidentes, que são objetos de comentários nos meios de comunicação, especialmente por conta do seu caráter notável ou polêmico. No entanto, pode ser que outras palavras sejam utilizadas para classificar fenômenos aparentemente equivalentes: “frase do dia”; “frases da semana”; “frases do ano”; “frase choque”; “declaração”. Comparado a esses termos, as “pequenas frases” funcionam, sem dúvida, para avaliar as alterações da atividade e discursos políticos.

tanto no sentido de aplaudi-la quanto no de deprecia-la. Soma-se a isso o fato de que “a esperança venceu o medo” é (re)atualizada em diferentes momentos sócio-históricos e em diferentes situações comunicativas, significando, ao longo do tempo, um número muito grande de acontecimentos históricos.

TABELA 1- Exposição do *corpus*

N.	Apresentação do <i>corpus</i>	Acontecimento histórico em destaque	Destacamento operado pela mídia
1	“A esperança venceu o medo, diz Lula em pronunciamento em SP”;	Alusão ao discurso presidencial;	Manchete de jornal <i>Folha de S. Paulo</i> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41584.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41584.shtml</a> (27/10/2002)
2	“A esperança venceu o medo, diz Lula – Imprensa”;	Alusão ao discurso presidencial;	Manchete de jornal <i>Uol Notícias</i> <a href="http://www.noticias.uol.com.br">www.noticias.uol.com.br</a> (28/10/2002)
3	“A esperança venceu o medo”;	Rememora o discurso presidencial;	Título de artigo, <i>site Samba e Choro</i> . <a href="http://www.samba-choro.com.br">www.samba-choro.com.br</a> (28/10/2002)
4	“Lula como presidente eleito: o Brasil votou sem medo de ser feliz”;	Alusão ao discurso presidencial;	Título de artigo, <i>site Consultor Jurídico</i> <a href="http://www.conjur.com.br">www.conjur.com.br</a> (28/10/2002)
5	“O complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula”;	Alusão ao discurso presidencial;	Título de artigo, Revista Recanto das Letras <a href="http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2698995">www.recantodasletras.com.br/artigos/2698995</a> (30/10/2002)
6	“Lula 2002- O dia que a esperança venceu o medo”;	Alusão ao discurso presidencial;	Título do vídeo publicado no <i>YouTube</i> , 2002 <a href="http://www.youtube.com/watch?v=9nledlWARWM">www.youtube.com/watch?v=9nledlWARWM</a> (28/10/2002)
7	“Lula: a esperança venceu o medo”;	Alusão ao discurso presidencial;	Título de artigo, revista Pucviva <a href="http://www.apropucsp.org.br/revista/r18r05.htm">www.apropucsp.org.br/revista/r18r05.htm</a> (08/11/2002)
8	“A esperança venceu o medo, diz Dilma, referindo-se à Petrobrás”;	Interpreta positivamente os índices de produtividade da Petrobrás;	Manchete de jornal, <i>Folha de S. Paulo</i> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54046.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54046.shtml</a> (03/10/2003)

09	“Por que a esperança não está vencendo o medo?”	Rememora o discurso presidencial e, ao mesmo tempo, enfatiza as denúncias de corrupção envolvendo o PT;	Título de artigo, <i>site Cadeia Produtiva</i> <a href="http://www.beefpoint.com.br/.../porque-a-esperanca-nao-esta-vencendo-o-">www.beefpoint.com.br/.../porque-a-esperanca-nao-esta-vencendo-o-</a> (02/06/2004)
10	“A esperança venceu o medo, a corrupção e a prepotência”;	Interpreta positivamente a cassação do Prefeito, João Batista Melo de Carvalho, da cidade de Jeremoabo, por desvio de verbas e corrupção ativa;	Título de artigo <i>site Cmibrasil</i> <a href="http://www.midiaindependente.org/pt/red">www.midiaindependente.org/pt/red</a> (04/10/2004)
11	“Enquete: a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a pesquisa realizada com os torcedores do Tricolor.	Título de artigo, <i>site EcBahia</i> <a href="http://www.ecbahia.com.br/imprensa">www.ecbahia.com.br/imprensa</a> (11/12/2004)
12	“A esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente o repasse de verbas do Distrito Federal ao Estado do Piauí.	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.appe.org.br/xps/modules/AMS/article.php?storyid=20">http://www.appe.org.br/xps/modules/AMS/article.php?storyid=20</a> (13/04/2005)
13	“Se a esperança venceu o medo, hoje a corrupção matou a esperança”;	Rememora o discurso presidencial, e, ao mesmo tempo, enfatiza o escândalo do mensalão no PT, em 2005;	Destaque enunciativo revista <i>Veja</i> (06/06/2005)
14	“... a esperança venceu o medo, mas eu nunca esperava que a corrupção fosse vencer a esperança [...] eu queria que a esperança vencesse o medo. Eu queria mesmo, queria muito. Eu não queria que a corrupção estivesse vencendo a esperança...” (TORGAN, M. 20/06/2005)	Rememora o discurso presidencial, e, ao mesmo tempo, destaca o escândalo do mensalão no PT, em 2005;	Enunciado destacável na declaração do deputado do PFL Moroni Torgan, ao jornal local do Ceará em (20/06/2005)
15	“A esperança venceu o medo ou a realidade supera a ilusão”;	Interpreta positivamente a atuação do Atlético na final da Taça Libertadores da América, em 2005;	Título de artigo, <i>site A bula da bola</i> <a href="http://www.abuladabola.blogspot.com.br">www.abuladabola.blogspot.com.br</a> (30/06/2005)
16	<b>“Um país em mudança, mudança de que?”</b>	Alusão ao discurso presidencial, para enfatizar o escândalo do mensalão no PT; O escândalo do	Destaque enunciativo da declaração do jornalista Rogério Bulhões Costa.

	<b>A esperança venceu o medo.</b> A frase soava em uma só voz após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2002. (...) Na história desta república, <b>a esperança às vezes vence o medo</b> , mas a desilusão é quase sempre o porto de chegada”. (Costa, R. B, 04/08/2005)	mensalão em 2005;	<a href="http://www.portalcastanhal.com.br/colunas">www.portalcastanhal.com.br/colunas</a> (04/08/2005)
17	“Maluf na cadeia: a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a prisão de Paulo Maluf em 2005;	Título de artigo, <i>site IlhaBrasil</i> <a href="http://www.ilhabrasil.net/texto">www.ilhabrasil.net/texto</a> (14/09/2005)
18	“A esperança venceu o medo e a corrupção venceu o governo Lula”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, enfatiza efeito do escândalo do mensalão sobre o PT, em 2005;	Título de artigo, <i>blog</i> <a href="http://eduardoleite.blogspot.com.br/2005/09/esperanaa-venceu-o-medo-e-corrupo.html">http://eduardoleite.blogspot.com.br/2005/09/esperanaa-venceu-o-medo-e-corrupo.html</a> (20/09/2005)
19	“Niterói (RJ)- <b>A esperança venceu o medo no técnico Celso Roth.</b> Precisando vencer o Fortaleza para garantir a vaga na Copa Sul-América de 2006, o treinador decidiu abandonar o cauteloso esquema com três volantes para escalar um time mais ofensivo, com dois meias, no jogo do próximo domingo, pela última rodada do Brasileiro”. (...)“Tínhamos uma forma de jogar para liberar o Ruy e o Bill, porque eles são jogadores que têm mais características ofensivas. Se não tenho os dois, tenho que arrumar alguém que jogue e se movimente no meio [Zé Roberto]”, justificou Roth. A partir do momento em que seguro os laterais e coloco um meia [Zé Roberto], tenho que ter um volante mais marcador, que é o Jonilson. Quando abro mão dos	Interpreta positivamente a decisão de Celso Roth em escalar um time mais ofensivo para a última rodada do campeonato Brasileiro, em 2005;	Enunciado destacável no artigo, <i>site ForumNow</i> <a href="http://www.forumnow.com.br">www.forumnow.com.br</a> (01/12/2005)

	alas, tenho que ter dois meias, não três volantes", completou <sup>6</sup> . (grifos nossos)		
20	“A esperança venceu a mídia”;	Interpreta negativamente o efeito Lula na imprensa brasileira;	Manchete de jornal, <i>O documento</i> <a href="http://www.odocumento.com.br">www.odocumento.com.br</a> (30/10/2006)
21	“Tristeza: a esperança venceu o medo?”	Rememora o discurso presidencial e, ao mesmo tempo, destaca o escândalo do mensalão no PT, o escândalo de corrupção que assolaria o PT;	Título de crônica, <i>site Luso Poemas</i> <a href="http://www.lusopoemas.net/modules/news/article.php?storyid=1389">www.lusopoemas.net/modules/news/article.php?storyid=1389</a> (07/09/2006)
22	“ <b>Escolhemos a esperança em vez do medo. (...) A unidade venceu a divisão.</b> É uma mensagem de que a mudança virá para a América”. (OBAMA, B. 04/01/2008)	Discurso de Barack Obama após vencer a primeira rodada das prévias partidárias para a presidência dos EUA, em Iowa;	Enunciado destacável no discurso de posse de Barack Obama <a href="http://www.1.folha.uol.com.br">www.1.folha.uol.com.br</a> (04/01/2008)
23	“Obama diz que esperança vence o medo”;	Interpreta positivamente a vitória de Barack Obama na primeira rodada das prévias partidárias para a presidência dos EUA, em Iowa;	Título de artigo, revista <i>Veja</i> <a href="http://www.veja.abril.com.br">www.veja.abril.com.br</a> (05/01/2008)
24	“A esperança que vence o medo”;	Interpreta positivamente a renovação dos votos de Fé e religião;	Chamada principal, <i>site Devocionais</i> <a href="http://www.devocionais.com.br">www.devocionais.com.br</a> (06/02/2008)
25	“E o medo, venceu a esperança?”	Interpreta negativamente a crise econômica vivida pelos americanos;	Manchete de jornal <i>O Pequeno</i> <a href="http://www.opequeno.com.br">www.opequeno.com.br</a> (12/09/2008)
26	“A esperança vai vencer de novo”;	Interpreta positivamente a campanha de Marta Suplicy;	Chamada principal do programa eleitoral de Marta Suplicy <a href="http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2008/i">http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2008/i</a>

<sup>6</sup> Enunciado destacável no artigo, *site ForumNow* [www.forumnow.com.br](http://www.forumnow.com.br) (01/12/2005)

			<a href="#">nterna</a> (07/10/2008)
27	“Barack Obama: A esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a vitória de Barack Obama a presidência dos EUA;	Chamada principal, <i>blog Cleiton Gael</i> <a href="http://www.cleitongael.blogspot.com.br">www.cleitongael.blogspot.com.br</a> (05/11/2008)
28	“Nos EUA, a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a vitória de Barack Obama;	Chamada principal, <i>blog Muitas Bocas no Trombone</i> <a href="http://www.muitasbocasnotrombone.blogspot.com.br">www.muitasbocasnotrombone.blogspot.com.br</a> (05/11/2008)
29	“Se a esperança venceu o medo, agora terá que vencer a prática humana”;	Interpreta positivamente a vitória de Barack Obama;	Título de artigo, <i>site Virgília</i> <a href="http://www.virgilia.com.br/02/01/2009">www.virgilia.com.br/02/01/2009</a>
30	<b>“A esperança de mudar superou o medo.</b> Sabemos da gravidade da crise, pois vemos a situação que vivemos, com milhares de empregos perdidos. Mas juntos conseguiremos sair dessa crise”. (OBAMA, B. 20/01/2009)	Interpreta positivamente o discurso de Barack Obama sobre a crise econômica vivida pelos americanos;	Enunciado destacável no discurso de posse de Barack Obama, jornal <i>A Folha.Com</i> <a href="http://www.1.folha.uol.com.br">www.1.folha.uol.com.br</a> (20/01/2009)
31	“Obama imita Lula e diz que esperança venceu o medo”;	Alusão ao discurso de Lula para enfatizar a vitória de Barack Obama;	Título de artigo, <i>site Cinform</i> <a href="http://www.cinform.com.br">www.cinform.com.br</a> (21/01/2009)
32	“Obvio Olulante de Obama, a esperança venceu o medo e o tapa na cara”;	Alusão ao discurso de Lula para enfatizar a vitória de Barack Obama;	Chamada principal, <i>blog</i> <a href="http://www.blogln.ning.com">www.blogln.ning.com</a> (21/01/2009)
33	“A esperança venceu o medo!”	Interpreta positivamente a vitória de Barack Obama;	Chamada principal, <i>blog Andre Olity</i> <a href="http://www.andreolity.wordpress.com">www.andreolity.wordpress.com</a> (21/01/2009)
34	“A esperança venceu o medo: O time mais ofensivo foi premiado em Erechim”.	Interpreta positivamente a vitória do Internacional sobre o Grêmio;	Chamada principal, <i>site de esportes LanceNet</i> <a href="http://www.lancenet.com.br">www.lancenet.com.br</a> (09/02/2009)

35	“A esperança sempre vence o medo”;	Interpreta positivamente a renovação de fé e de religião de milhares de fiéis na Igreja Católica;	Título de artigo, <a href="http://www.dar.org.br/biblioteca">www.dar.org.br/biblioteca</a> (20/08/2009)
36	“Rio 2016: a esperança venceu o medo?”	Interpreta a vitória do Brasil na concorrência entre os demais países para sediar as Olimpíadas de 2016;	Manchete de jornal, <i>site</i> <a href="http://www.yougol.wordpress.com">www.yougol.wordpress.com</a> (02/10/2009)
37	“Michaelles Sants: a esperança venceu o medo!!”	Interpreta positivamente o retorno de Michaelles Sants ao futsal;	Título de artigo, <i>site FutsalWeb</i> , <a href="http://www.futsalweb.blogspot.com.br">www.futsalweb.blogspot.com.br</a> (27/10/2009)
38	“A esperança, mais uma vez, vem vencendo o medo, diz Dilma”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a aquisição de 650 ambulâncias pelo governo federal em Tatuí-SP;	Manchete de jornal, <i>Globo. Com</i> <a href="http://www.g1.globo.com">www.g1.globo.com</a> (25/03/2010)
39	“A esperança venceu o medo: vitória da diplomacia brasileira”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente o acordo entre o presidente Lula, o ministro Celso Amorim e o presidente do Irã, Mahamond Ahmodinjad, a respeito do enriquecimento do urânio.	Título de artigo, <i>blog</i> <a href="http://www.tilidajuventude.blogspot.com">www.tilidajuventude.blogspot.com</a> (17/04/2010)
40	“Lula-lá... a esperança venceu o medo até no Irã”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente o acordo entre o presidente Lula, o ministro Celso Amorim e o presidente do Irã, Mahamond Ahmodinjad, a respeito do enriquecimento do urânio;	Chamada Principal, <i>site Os Amigos do Presidente Lula</i> <a href="http://www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br">www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br</a> (17/05/2010)
41	“A decepção vencendo a esperança”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta a decepção do povo brasileiro em relação à “esperança” depositada em Lula;	Título de artigo, <i>blog Jiberto Sales</i> <a href="http://www.jobertosales.wordpress.com">www.jobertosales.wordpress.com</a> (21/08/2010)
42	“A esperança venceu o medo, a confiança vence a baixaria”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a vitória de	Chamada principal <i>site Os Amigos do Presidente Lula</i> .

		Dilma Rousseff;	<a href="http://www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br">www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br</a> (19/09/2010)
43	“Dilma recicla bordão e diz que esperança vencerá o ódio”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a declaração de Dilma Rousseff em resposta aos ataques do PSDB ao PT;	Manchete de jornal, <i>Bol Notícias</i> . <a href="http://www.noticias.bol.uol.com.br">www.noticias.bol.uol.com.br</a> (24/09/2010)
44	“Em 2002, eles disseram que se o presidente Lula ganhasse a eleição seria o caos. Naquela época, foi <b>a esperança do povo que venceu o medo</b> que queriam instilar. Agora eles destilam ódio e, <b>ao ódio, vamos responder novamente com esperança</b> ". (ROUSSEFF, D. 24/09/2010)	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, significa a declaração de Dilma Rousseff sobre os ataques do PSDB ao PT;	Enunciado destacável na declaração de Dilma, texto publicado no jornal Bol Notícias <a href="http://www.noticias.bol.uol.com.br">www.noticias.bol.uol.com.br</a> (24/09/2010)
45	“O amor vai vencer o medo, afirma Dilma”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a resposta de Dilma Rousseff aos ataques do PSDB;	Manchete de jornal, <i>O Estadão</i> <a href="http://www.oestadão.com.br">www.oestadão.com.br</a> (25/09/2010)
46	“Em 2002, nós usamos a seguinte expressão: <b>a esperança venceu o medo. Agora, nós usamos uma outra: a esperança e amor pelo povo brasileiro</b> ". (ROUSSEFF, D. 25/09/2010)	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, significa a declaração de Dilma, ao visitar o elevador construído com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no complexo do Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, na zona sul do Rio;	Enunciado destacável na declaração de Dilma Rousseff, texto publicado no jornal Folha.com <a href="http://www.1.folha.uol.com.br">www.1.folha.uol.com.br</a> (25/09/2010)
47	“A esperança venceu o medo e a verdade vai vencer a mentira”;	Declaração do então presidente Lula em favor da candidata petista Dilma Rousseff;	Chamada principal do <i>blog</i> O Esquerdopata, <a href="http://esquerdopata.blogspot.com.br/2010/10/esperanca-venceu-o-medo-e-verdade-vai.html">http://esquerdopata.blogspot.com.br/2010/10/esperanca-venceu-o-medo-e-verdade-vai.html</a> (25/09/2010)

48	“Esperança e amor vencem o ódio, repete Dilma”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta a declaração de Dilma em resposta ao vídeo apresentado pelo PSDB que compara o PT aos cães da raça Rottweiler, HEGTV;	Manchete de jornal, <i>Folha.com</i> <a href="http://www.1.folha.uol.com.br">www.1.folha.uol.com.br</a> (25/09/2010)
49	<b>“Dilma diz que esperança vai vencer o ódio</b>  <b>O ódio é como uma droga:</b> entrar é fácil, mas sair é difícil. Eu não entro. (...) não vou baixar o nível do debate. Não vou baixar por nada nesse mundo o nível da campanha, nem usar esse tipo de artifício. <b>Acho que dessa vez, além da esperança vencer o medo, também vai vencer o amor pelo Brasil.”</b> (ROUSSEFF, D. 28/10/2010)	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta a declaração de Dilma Rousseff, durante uma visita à comunidade Cantagalo, no Rio de Janeiro, sobre ataques dos seus opositores com base em escândalos que envolvem a sua sucessora na Casa Civil, Erenice Guerra.	Manchete de jornal publicada no jornal <i>DN Globo</i> . <a href="http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1672047&amp;seccao=CPLP">http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1672047&amp;seccao=CPLP</a> (28/09/2010)
50	“A esperança vai vencer o ódio com a eleição de Dilma”;	Declaração do então presidente Lula sobre a possível vitória de Dilma Rousseff	Título de vídeo publicado no <i>blog</i> <a href="http://fuzzil.blogspot.com.br/2010/10/esperanca-vai-vencer-o-odio-com-eleicao.html">http://fuzzil.blogspot.com.br/2010/10/esperanca-vai-vencer-o-odio-com-eleicao.html</a>
51	“A esperança vence o medo”;	Interpreta a possível eleição de José Maranhão - programa Ricardo Coutinho Governador;	Título do vídeo publicado no <i>YouTube</i> , <a href="http://www.youtube.com">www.youtube.com</a> (29/09/2010)
52	“Com Lula a esperança venceu o medo, com Dilma a verdade venceu a mentira”;	Alusão à vitória de Lula, significando a expressividade nas urnas de Dilma no primeiro turno;	Título de artigo, <i>Blog Carlos Gomes de Moura</i> <a href="http://www.blogln.ning.com">www.blogln.ning.com</a> (04/10/10)
53	“Quando FHC foi Presidente da República, ele jogou duro com os trabalhadores e colocou os tanques de guerra nas portas das fábricas para reprimir os grevistas. Além disso, interveio no Judiciário para que arbitrasse multa diária a fim de quebrar os	Rememora vitória de Lula e, ao mesmo tempo, significa a greve dos bancários e a decepção com o governo Lula;	Enunciado destacável na declaração do líder do sindicato dos bancários, <i>site</i> <a href="http://www.bancariosrn.com.br/noticias">www.bancariosrn.com.br/noticias</a> (04/10/10)

	sindicatos. (...) Foi a chamada era das maldades do PSDB. O povo sofreu tanto que se ofuscou com a estrela do PT. Achou que ela seria a salvação contra esses males. Ledo engano! Lula ganhou as eleições, mas antes de assumir fez acordo com a burguesia para governar para ela. <b>A esperança venceu o medo</b> , e os trabalhadores acreditaram que teriam uma vida melhor”. (GILMAR, R. 04/10/10)		
54	“A esperança venceu o medo. A verdade vencerá a mentira?”	Rememora a vitória de Lula e, ao mesmo tempo, significa a possível vitória de Dilma;	Manchete de jornal, <i>Itabuna News</i> <a href="http://www.itabunanews.com.br">www.itabunanews.com.br</a> (07/10/2010)
55	“Em 2002, a esperança venceu o medo; em 2010, a esperança vai vencer a baixaria”;	Rememora a vitória de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta a declaração da Deputada e coordenadora de campanha de Dilma Rousseff, Fátima Bezerra, em relação a possível vitória de Dilma;	Título de artigo <i>blog Robson Pires</i> , o xerife da cidade <a href="http://www.robsonpirex.com">www.robsonpirex.com</a> (14/10/2010).
56	“Em 2002 a esperança venceu o medo, em 2010 a verdade vai vencer a mentira?”	Alusão à vitória de Lula, interpretando a possível vitória de Dilma;	Chamada principal do <i>site Yahoo!</i> <a href="http://www.yahoo.com.br">www.yahoo.com.br</a> (19/10/2010)
57	“Teólogo Leonardo Boff: Se com Lula a esperança venceu o medo, com Dilma a verdade vai vencer a mentira”;	Alusão à vitória de Lula, interpretando positivamente a declaração do bispo Leonardo Boff em apoio a Dilma Rousseff,	Chamada principal, <i>blog Bahia de Fato</i> <a href="http://www.bahiadefato.blogspot.com.br">www.bahiadefato.blogspot.com.br</a> (20/10/2010)
58	“A esperança venceu o medo e agora o preconceito”;	Rememora a vitória de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a eleição da primeira mulher ao cargo de Presidente do Brasil;	Título de artigo, <i>site Vereador Ricardo Marques</i> <a href="http://www.vereadorricardomarques.com.br">www.vereadorricardomarques.com.br</a> (21/10/2010)
59	“A esperança venceu o medo e a verdade vence a mentira”;	Rememora a vitória de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a vitória de Dilma Rousseff sobre as “mentiras” pregadas por Serra;	Título de artigo, jornal <i>Granja Ceara</i> <a href="http://www.granjaceara.com.br">www.granjaceara.com.br</a> (27/10/2010)

60	“A esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente o resgate de 33 mineradores chilenos que ficaram soterrados em uma mina de minério no Chile por sete dias;	Título de vídeo publicado no <i>YouTube</i> <a href="http://www.youtube.com">www.youtube.com</a> (27/10/2010)
61	“Neste domingo, a esperança venceu o medo”;	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a vitória de Dilma Rousseff;	Chamada principal, <i>blog Diário de um educador</i> <a href="http://www.professorcavalcante.com/.../neste-domingo-a-esperanca-vencera-o-medo">www.professorcavalcante.com/.../neste-domingo-a-esperanca-vencera-o-medo</a> (30/10/2010)
62	“A confiança também venceu o medo”;	Declaração do então presidente Lula, interpretando a vitória de Dilma Rousseff;	Enunciado destacável na declaração do então presidente Lula, <i>site</i> <a href="http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2010/10/explode-coracao-na-maior-felicidade-e.html">http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2010/10/explode-coracao-na-maior-felicidade-e.html</a> (31/10/2010)
63	“A esperança venceu o ódio, assim como a verdade venceu a mentira: viva Dilma! Sua vitória é nossa vitória também”;	Interpreta positivamente a vitória de Dilma Rousseff;	Chamada principal, <i>site</i> Diário Digital de um poeta historiador <a href="http://www.rotamogiana.com">www.rotamogiana.com</a> (31/10/2010)
64	“A esperança venceu o medo e o ódio, diz presidente do PSB”;	Rememora a vitória de Lula, e, ao mesmo tempo, interpreta a declaração de Ronaldo Barbosa, ao comentar a vitória do ex-prefeito socialista Ricardo Coutinho ao Governo do Estado;	Chamada principal, <i>Blog Bananeiras-PSB</i> <a href="http://www.bananeiraspb.com/2010/10/esperanca-venceu-o-medo-e-o-odio-diz.html">http://www.bananeiraspb.com/2010/10/esperanca-venceu-o-medo-e-o-odio-diz.html</a> (31/10/2010)
65	“A verdade venceu a mentira, a esperança venceu o medo!”	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a vitória de Dilma Rousseff;	Chamada principal, <i>site</i> <a href="http://www.fotolog.com.br">www.fotolog.com.br</a> (01/11/2010)
66	“E, na Paraíba a esperança venceu o medo (...) o novo venceu o velho”;	Interpreta positivamente o resultado da eleição para governador, no estado da Paraíba, em 2010;	Chamada principal, <i>Blog</i> papo de empreendedor de Beto Chaves

			<a href="http://www.betochaves.com">www.betochaves.com</a> (02/11/2010)
67	“Não poderia deixar de escrever, aqui no <i>blog</i> , as minhas considerações a respeito das eleições de 2010, na Paraíba. Diz-se que, nessas eleições o Novo venceu o Velho, mas, particularmente, acho que melhor seria dizer que foi a <b>Esperança que venceu o Medo</b> . Nosso povo mostrou que acredita em dias melhores, que tem fé no futuro da Paraíba e, esse sentimento, foi muito mais forte que o medo que sentia de possíveis revanches do atual governo”. (CHAVES, B)	Interpreta positivamente o resultado da eleição para governador no estado da Paraíba, em 2010;	Enunciado destacável no artigo de opinião publicado no <i>Blog</i> Papo de empreendedor de Beto Chaves <a href="http://www.betochaves.com">www.betochaves.com</a> (02/11/2010)
68	“A campanha demo-tucana-popular-socialista se resume hoje às tentativas de negar a realidade, <b>solapar a esperança e reviver o medo</b> .” (ROUSSEFF, D. 04/11/2010)	Rememora o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, significa a Declaração de Dilma em comício eleitoral 2010;	Enunciado destacável na declaração de Dilma Rousseff, publicada no <i>site Dilma na Rede</i> <a href="http://www.dilmanarede.com.br">www.dilmanarede.com.br</a> (04/11/2010)
69	“O dia em que a esperança venceu o terror”;	Interpreta positivamente a ocupação policial no complexo do alemão;	Título de artigo, revista <i>Veja</i> (28/11/2010)
70	“O progresso do povo brasileiro inspirou o mundo. Mais da metade dessa nação é hoje em dia considerada de classe média, milhões foram retirados da pobreza. Pela primeira vez, <b>a esperança está voltando para o lugar onde o medo</b> costumava reinar. Eu vi isso hoje quando <i>visitei</i> a cidade de Deus”. (OBAMA, B. 21/03/2011)	Discurso de Barack Obama em visita à Cidade de Deus-RJ;	Enunciado destacável no discurso de Barack Obama, <i>blog</i> Ailton Medeiros <a href="http://www.ailtonmedeiros.com.br">www.ailtonmedeiros.com.br</a> (21/03/2011)

71	“A esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente o discurso de Barack Obama em visita à cidade de Deus-RJ;	Título do artigo, <i>blog</i> Ailton Medeiros <a href="http://www.ailtonmedeiros.com.br">www.ailtonmedeiros.com.br</a> (21/03/2011)
72	“José Alencar: a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a luta de José Alencar contra o câncer;	Chamada principal do <i>site</i> da UNIMED <a href="http://www.unimed.com.br">www.unimed.com.br</a> (29/04/2011)
73	“O governo Dilma completou 100 dias em 10 de abril passado. A grande imprensa fez seu balanço. E como se sabe os editoriais da jornalões brasileiros são porta-vozes de vários setores da direita nacional. (...) “O Estadão” limitou-se a cobrar um estilo. Ou seja, <b>a esperança venceu o medo... dos empresários</b> ”. (MEDEIROS, A. 10/05/2011)	Interpreta positivamente os 100 primeiros dias de Dilma na presidência da República;	Enunciado destacável no artigo de opinião do jornalista Adriano Medeiros enunciativo do <i>site</i> <a href="http://www.adrianomedeiros.jor.br">www.adrianomedeiros.jor.br</a> (10/05/2011)
74	“A esperança venceu o medo. Um balanço da 49 Assembleia Geral da CNBB”;	Interpreta positivamente as orientações do papa Bento XVI a respeito de nomeações para Salvador e para Dicastérios romano;	Chamada principal, <i>Site</i> Paróquia Nossa Senhora do Rocio <a href="http://www.procio.com.br">www.procio.com.br</a> (17/05/2011)
75	“A esperança venceu o medo: Salvador terá trilhos na paralela”;	Interpreta positivamente a construção de uma linha de ferro em Salvador;	Título de artigo, <i>site</i> <i>Mobilidade Urbana</i> <a href="http://www.mobilidadeurbana.com.br">www.mobilidadeurbana.com.br</a> (22/06/2011)
76	“O medo do mercado está vencendo a esperança”;	Interpreta negativamente a queda de juros no mercado financeiro, primeiro ano de Dilma Rousseff;	Manchete de jornal, <i>Clipping: seleção de notícias</i> . <a href="http://www.conteudoclipingmp.planejamento.gov.br">www.conteudoclipingmp.planejamento.gov.br</a> (11/07/2011)
77	“Greve UFPR: quando a esperança não se rende ao medo”;	Interpreta a decisão de continuar com a greve na UFPR;	Manchete de jornal, <i>Correio do Litoral</i> <a href="http://www.correiodolitoral.com.br">www.correiodolitoral.com.br</a> (21/08/2011)
78	“Cesar: a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente o resultado da cirurgia para tratar o rompimento do ligamento do joelho do zagueiro César, do <i>Sport</i> ;	Título de artigo, <a href="http://www.blogdotorcedor.com.br">www.blogdotorcedor.com.br</a> (20/09/2011)

79	“Audiência pública: a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a audiência pública que aconteceu em Erechim para discutir projetos na categoria dos funcionários municipais;	Título de artigo <a href="http://www.tudoerradoemerechim.spaceblog.com.br">www.tudoerradoemerechim.spaceblog.com.br</a> (28/10/2011)
80	" No Brasil, durante quatro eleições seguidas, um trabalhador tentou virar presidente da República e o medo era muito grande. Quando <b>a esperança venceu o medo</b> , nós melhoramos muito a vida de nosso país. Aqui, também temos que mudar". (SALAME NETO, J.)	Rememora a vitória de Lula e, ao mesmo tempo, interpreta positivamente a campanha a favor da divisão do Pará: Carajás e Tapajós;	Enunciado destacável na declaração do deputado estadual do PPS, Joao Salame Neto, ao jornal Folha de S. Paulo, <i>site</i> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1005027-marqueteiro-retoma-slogan-de-lula-em-campanha-no-pa.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1005027-marqueteiro-retoma-slogan-de-lula-em-campanha-no-pa.shtml</a> (11/11/2011)
81	“A esperança venceu o medo  <b>Mais uma vez a esperança foi maior que o medo</b> e espantou para longe as trevas da incerteza. Muito obrigado, meus amigos! Lembrarei por muito tempo esse dia como um dia de libertação! Foi com essa atitude de coragem que reafirmamos o compromisso jurado em nossas formaturas. Somos sim o elemento de mudança na sociedade e formadores das novas gerações”. (GALVÃO, F.)	Interpreta positivamente o discurso do professor Francisco Galvão sobre as suas expectativas quanto à construção de um ensino em um mundo melhor;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.manguezalfm.blogspot.com.br">http://www.manguezalfm.blogspot.com.br</a> (23/11/2011)
82	“A esperança venceu o medo”	Interpreta positivamente a queda do ditador egípcio, Hosni Mubarak, na Tunísia- Oriente Médio;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://transarevista.blogspot.com.br/2011/11/esperanca-venceu-o-medo.html">http://transarevista.blogspot.com.br/2011/11/esperanca-venceu-o-medo.html</a>
83	“Paraolimpíada ou quando a esperança vence o medo”;	Interpreta positivamente a conquista do bicampeonato dos atletas brasileiros nos jogos Paraolímpicos realizados no México;	Manchete de jornal, <a href="http://www.jcrs.uol.com.br">www.jcrs.uol.com.br</a> (23/11/2011)
84	“Canguaretama: a esperança venceu o medo	Interpreta positivamente o discurso do professor Francisco Galvão;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.nossaterranossavida.com/canguaretama-esperanca-venceu-o-">www.nossaterranossavida.com/canguaretama-esperanca-venceu-o-</a>

			<a href="#">medo.html</a> (24/11/2011)
85	“O amor venceu o ódio, a esperança venceu o medo- Jesus Cristo renasce entre nós!”	Interpreta positivamente a renovação dos votos de fé e a celebração do Natal;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.clipecristão.com">www.clipecristão.com</a> (12/12/2011)
86	“E, mais uma vez, a esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente o resultado da primeira sessão de quimioterapia realizada em Lula;	Título do artigo, <i>site</i> <i>Pensamentos Desconexos</i> <a href="http://www.sharon70.blog.terra.com.br/.../e-mais-uma-vez-a-esperanca-venceu-o">www.sharon70.blog.terra.com.br/.../e-mais-uma-vez-a-esperanca-venceu-o</a> (14/12/2011)
87	“A esperança venceu o medo: Lula agradece apoio e anuncia volta à política”;	Interpreta positivamente o término do tratamento contra o câncer e volta de Lula à política;	Chamada principal, <i>blog</i> do Zé Lima <a href="http://www.zelima.com.br/2012/03/esperanca-venceu-o-medo-lula-agradece.html">http://www.zelima.com.br/2012/03/esperanca-venceu-o-medo-lula-agradece.html</a> (28/03/2012)
88	“A esperança venceu o medo”;	Significa o término do tratamento contra o câncer de Lula;	Chamada principal, <i>blog</i> O boqueirão, <a href="http://oboqueirao.blogspot.com.br/2012/04/esperanca-venceu-o-medo.html">http://oboqueirao.blogspot.com.br/2012/04/esperanca-venceu-o-medo.html</a> (05/04/2012)
89	“Páscoa – A esperança venceu o medo e a vida aflora”;	Interpreta a importância da renovação da fé associada à Páscoa;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.vivapai.blogspot.com.br">www.vivapai.blogspot.com.br</a> (10/04/2012)
90	“A esperança venceu o medo: o supremo avançou mais uma vez”;	Interpreta positivamente a deliberação do Supremo Tribunal Nacional a respeito de reservas de vagas para negros e índios em universidades públicas, (lei de cotas raciais);	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.fazendomedia.com">www.fazendomedia.com</a> (02/05/2012)
91	“A esperança vai vencer o medo na França?”;	Interpreta como “incerta” a possível vitória de Francois Hollande na França;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://www.brasil247.com">www.brasil247.com</a> (05/05/2012)

92	“E a esperança venceu o medo.. .de novo!”	Interpreta positivamente a Eleição de Francois Hollande na França;	Chamada principal, <i>site</i> <a href="http://loucoparamudaromundo.blogspot.com.br/2012/05/e-esperanca-venceu-o-medo-de-novo.html">http://loucoparamudaromundo.blogspot.com.br/2012/05/e-esperanca-venceu-o-medo-de-novo.html</a> (06/05/2012)
93	“A esperança venceu o medo, a justiça tardou mais não falhou”;	Interpreta o evento da Câmara Municipal de Ipu sem a presença do foragido anfitrião prefeito Sávio Pontes, a ex-prefeita Toinha Carlos e seu filho, o jovem Diego, que comemoraram o grande “mar de lama” em que se meteram na política de Ipu. Sem brilho a festa da convenção do PMDB e PRB foram conduzidas pelos aliados do prefeito e a ex-prefeita Toinha Carlos, familiares, políticos e amigos;	Chamada principal do <i>site</i> <a href="http://ipuorai.blogspot.com.br/2012/06/esperanca-venceu-o-medo-justica-tardou.html">http://ipuorai.blogspot.com.br/2012/06/esperanca-venceu-o-medo-justica-tardou.html</a> (16/06/2012)
94	“A esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a candidatura do Prefeito de Brejo –MA, José Farias, PT, à reeleição;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://lestemaranhenseemfoco.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html">http://lestemaranhenseemfoco.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html</a> (07/07/2012)
95	“A esperança venceu o medo”;	Interpreta positivamente a eleição da primeira mulher a chefiar Comissão da União Africana Nkosazana Dlamini-Zuma é ex-mulher do presidente da África do Sul. Ela derrotou Jean Ping, do Gabão, em uma eleição acirrada;	Título de artigo, <i>site</i> <a href="http://ananap87.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html">http://ananap87.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html</a> (07/07/2012)
96	“Finalmente a esperança venceu o medo, em Santa Cruz, Sindicato dos Trabalhadores rurais realiza eleição para presidente”;	Interpreta positivamente a eleição para presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais em Santa Cruz/RN;	Título de artigo, <i>blog</i> <a href="http://barropreto24horas.blogspot.com.br/2012/08/finalmente-esperanca-venceu-o-medo-em.html">http://barropreto24horas.blogspot.com.br/2012/08/finalmente-esperanca-venceu-o-medo-em.html</a> (16/08/2012)
97	“A esperança venceu o medo em Ribeirão das Neves”;	Interpreta positivamente a presença da candidata Daniela Corrêa (PT) com militantes do PCdoB durante o grito dos Excluídos;	Título de artigo, <i>blog</i> <a href="http://observadoressociais.blogspot.com/2012/10/a-esperanca-venceu-o-medo-em-ribeirao.html">http://observadoressociais.blogspot.com/2012/10/a-esperanca-venceu-o-medo-em-ribeirao.html</a> (14/10/2012)

98	“A esperança venceu o medo: Cid Arruda prefeito de Nova Cruz/RN”;	Interpreta positivamente a vitória do candidato do PSB, Cid Arruda, na cidade de Nova Cruz/RN;	Chamada principal do <i>site</i> <a href="http://nacaonovacruz.blogspot.com.br/2012/10/a-esperanca-venceu-o-medo-cid-arruda.html">http://nacaonovacruz.blogspot.com.br/2012/10/a-esperanca-venceu-o-medo-cid-arruda.html</a> (07/10/2012)
99	“A esperança venceu o medo: disse Frank Aguiar na segunda festa de Vaqueiros em Itainópolis”;  “Aqui <b>a esperança venceu o medo</b> . O resultado desta eleição foi o mais esperado da história deste município, nossa cidade estava paralisada com há má gestão da família Maia que há mais de 30 anos dominava este lugar. Agora nosso povo pode sonhar com o progresso e dias melhores”; (FRANK AGUIAR, 23/10/12)	Interpreta positivamente a declaração do artística Frank Aguiar sobre a vitória do candidato, Paulo Lopes, no município de Itainópolis-Piauí, contra o deputado federal Mainha.	Chamada principal do <i>site</i> <a href="http://www.meionorte.com/picos/a-esperanca-venceu-o-medo-disse-frank-aguiar-227956.html">http://www.meionorte.com/picos/a-esperanca-venceu-o-medo-disse-frank-aguiar-227956.html</a> (23/10/2012)
100	“Ontem fez dez anos que a esperança venceu o medo. Hoje o povo mais humilde vencerá as elites com Elmano 13”.	Rememora a eleição de Lula em 27 de outubro de 2002 e, ao mesmo tempo, busca levar os eleitores a votar em Elmano-PT, candidato à prefeitura de Fortaleza-CE.	Chamada principal do <i>site</i> <a href="http://olhosdosertao.blogspot.com.br/2012/10/ontem-fez-10-anos-que-esperanca-venceu.html">http://olhosdosertao.blogspot.com.br/2012/10/ontem-fez-10-anos-que-esperanca-venceu.html</a> (28/10/2012).

Os dados arrolados evidenciam que os usos do enunciado “a esperança venceu o medo” ultrapassam os limites do campo do discurso político, (lugar de origem), para circular também em outros campos: religioso, econômico, esportivo; educacional etc. Sua circulação é posta no espaço público, por meio de uma publicização que é assegurada, em boa medida, pela imprensa, pelo rádio, pela Internet e pela televisão generalistas.

A tabela se constitui na maneira que encontramos de tornar mais visível a disseminação discursiva do enunciado “a esperança venceu o medo”. Poderíamos ter mobilizado outra forma de circunscrição dos dados, por exemplo, os resultados (gráficos, tabelas etc) de um programa de estatística textual (*Léxico 3*; *WordSmith Tools*). Não o fizemos por entender que esse tipo de programa computacional, embora pertinente para o tratamento de dados semelhantes aos arrolados nesta pesquisa, inviabiliza uma visualização mais detalhada das relações interdiscursivas.

Para melhor compreender a complexidade do enunciado “a esperança venceu o medo”, passamos, no próximo capítulo, a tratar do alicerce teórico-metodológico que fundamenta esta tese. A discussão empreendida fornece meios para que possamos examinar o nosso objeto de estudo como uma unidade não-tópica do tipo percurso, isto é, uma unidade que circula pelo interdiscurso, produzindo, em cada formação discursiva ou posicionamento em que ocorre, em razão também de relações específicas que se estabelecem nesses espaços, efeitos de sentido eventualmente particulares. Ademais, torna possível descrever e analisar os constantes destacamentos midiáticos em que o referido enunciado se dá a ler.

## II- O ALICERCE TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2.1 Entre formação discursiva e as unidades do tipo percurso: delimitando fronteiras

Em *Unidades Tópicas e Não-tópicas*, Maingueneau (2006) chama atenção para a natureza das unidades reivindicadas atualmente pelos analistas do discurso e também para a natureza da própria Análise do Discurso (doravante, AD). O autor inicia sua abordagem discutindo a noção de formação discursiva que, na história da AD, como se sabe, é um conceito fundamental. Expõe que essa noção “sofre e se beneficia simultaneamente” de uma dupla paternidade: a de Michel Foucault, que a introduziu em 1969 na *Arqueologia do Saber*, mas que não reivindica absolutamente a AD, e a de Michel Pêcheux (1971), que fez dessa noção a unidade de base da chamada Escola Francesa de Análise do Discurso.

No caso de Foucault, a noção oscila, ao longo da *A arqueologia do saber*, entre a *unidade* e a *dispersão*:

Ela [formação discursiva] não coincide evidentemente, nem em seus critérios, nem em seus limites, nem em suas relações internas, com as unidades imediatas e visíveis, sob as quais se tem o hábito de reagrupar os enunciados. Revela, entre os fenômenos de enunciação, relações que permaneciam até então obscuras e não se encontravam imediatamente transcritas na superfície dos discursos. Mas o que ela revela não é um segredo, a unidade de um sentido oculto, nem uma forma geral e única; é um sistema regulado de diferenças e de dispersões. (Foucault, 1986, p.38)

A essa passagem, segue-se outra, nos termos de Maingueneau (2006), “um pouco desconcertante”, na qual Foucault apresenta a noção de FD como um conjunto de enunciados submetidos a uma mesma regularidade e dispersão que excede toda coerência. Segue a exposição de Foucault, tal como citada na *Arqueologia do Saber*:

tal análise não tentaria isolar, para descrever sua estrutura interna, pequenas ilhas de coerência; não se disporia a suspeitar e trazer à luz os conflitos

latentes; mas estudaria formas de repartição (...) descreveria sistemas de dispersão.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’ ou “domínio de objetividade”. (FOUCAULT, 1986, p.43)

Na compreensão de Foucault, uma formação discursiva é sempre constituída/atravessada pelo seu antagonista. Isto é, o princípio da contradição é parte constitutiva de toda formação discursiva. Os sentidos são divididos por essa existência da contradição, isto é, toda formação discursiva é um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de oposições, cujos níveis e papéis devem ser descritos. Isso explica o fato de haver, segundo Courtine (2009), dois ou mais discursos fundidos em um só, numa mesma formação discursiva, estabelecendo a contradição como seu princípio constitutivo. Uma formação discursiva é, dessa forma, “uma unidade dividida e heterogênea.”

Em Pêcheux e Fuchs (1997), a noção de formação discursiva é definida a partir de sua relação com a formação ideológica:

as formações ideológicas comportam necessariamente como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX e FUCHS 1997, p. 166)

Por meio dessa proposição, Pêcheux e Fuchs estabelecem uma relação entre ideologia e discurso, relacionando-os a questão do sentido e do sujeito do discurso. Para os autores, uma palavra, uma expressão ou mesmo uma proposição não tem sentido próprio, literal. O sentido decorre das relações que tais elementos linguísticos mantêm com outros elementos pertencentes à mesma FD.

Dessa forma, o discurso deve ser concebido como um dos aspectos da materialidade ideológica. Isso implica dizer que a “espécie discursiva” pertence ao “gênero” ideológico. Enquanto o posicionamento se define no interior de um campo discursivo, a posição é inscrita no universo discursivo, no espaço exterior da luta ideológica de classes. Ela se situa, assim, em outro plano que não os gêneros do discurso. Dessa forma, os autores também não estabelecem explicitamente alguma correlação entre “gênero” e ”posição”. Para Maingueneau,

o parêntese aberto na passagem de Pêcheux (articulado sob a forma...) pode a priori submeter-se a uma dupla leitura, segundo destaquemos ‘aquilo que pode e deve ser dito’ ou ‘articulado sob a forma de uma arenga...’. Na primeira leitura, a menção de diversos gêneros de discurso, é acessória; para a segunda, o discurso só pode ser articulado por intermédio de um gênero, sendo então preciso pensar a relação entre ‘posição’, por um lado, e ‘arenga’, ‘sermão’ etc., por outro. O conjunto da problemática levantado por Pêcheux incita a optar pela primeira leitura, que relega ao segundo plano a problemática do gênero. Em Pêcheux é a linguagem da ‘posição de classe’ que é determinante e o gênero de discurso é apenas o lugar em que se manifestam processos dissimulados. (MAINGUENEAU, 2011, p.66)

Em outras palavras, a articulação entre formação discursiva e o par gênero/posicionamento não se encontram nem em Pêcheux (1971) nem em Foucault (1969). Tanto em um quanto no outro, a noção de formação discursiva aparece dividida entre duas problemáticas muito diferentes, que não lhe dão contornos muito claros. Repetindo Maingueneau (2011),

cada um a seu modo, tanto Foucault quanto Pêcheux procuraram preservar, ao mesmo tempo, o caráter tópico das unidades às quais a análise toca e sua ‘dispersão’, sua ‘inconsistência’... A problemática de Pêcheux fazia coexistir uma visão do discurso de inspiração psicanalítica que acentuava os processos de deslocamento, de condensação ou a presença do interdiscurso no discurso, e uma visão cartográfica em termos de ‘posição de classe’, de ‘formação ideológica’. Num outro registro, Foucault também apresentava uma visão dupla da discursividade, consistente e inconsistente ao mesmo tempo: sistema de regras e dispersão. Podemos tirar uma lição disso: a Análise do Discurso é trabalhada por uma falha constitutiva, que a impede de se encerrar num espaço compacto. É melhor assumir isso. (MAINGUENEAU, 2011, p.74)

As observações de Maingueneau (2006, 2011) levam-no a propor uma redefinição do conceito de formação discursiva. Segundo o autor, à medida que novos tipos de *corpora* foram sendo consideradas relevantes no interior da AD, especialmente a partir da década de 1980, o sentido atribuído à formação discursiva foi se tornando “frágil” e “pouco óbvio”.

Em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2005) admite que utilizou a noção de formação discursiva de maneira frouxa. “Na falta de uma expressão melhor”, outros analistas também empregaram o termo diante de “um conjunto de textos que não corresponde a uma categorização clara” (2006, p.13), enfim, aos quais não se pode atribuir tranquilamente um “lugar” conforme as tipologias disponíveis<sup>7</sup>.

quando redigi o verbete ‘formação discursiva’ para o Dicionário de Análise do Discurso, co-redigido com P. Charaudeau, eu mesmo substituí ‘formação discursiva’ por ‘posicionamento’, devido à incapacidade em que me encontrava de atribuir-lhe um estatuto claro. (MAINGUENEAU, 2006, p.14)

A aproximação da noção de formação discursiva e posicionamento<sup>8</sup> decorre justamente da constatação de uma “duplicidade” nas definições de formação discursiva em Foucault e em Pêcheux. Essa “duplicidade” não decorre de formulações problemáticas ou confusas por parte dos autores, mas da natureza ubíqua do discurso, que as definições apenas procuraram preservar: o fato de poder funcionar dentro e fora ou nos limites de fronteiras estabelecidas.

Para Maingueneau (2006), a questão que se coloca por intermédio da noção de formação discursiva diz respeito à natureza das unidades sobre as quais trabalha o analista do discurso. Em sua redefinição, o autor busca reforçar aquilo que as noções de formação discursiva, em sua gênese (Pêcheux e Foucault), já previam: a possibilidade de reunir

---

<sup>7</sup> Em março de 2008, durante conferência na 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, realizada na Universidade Estadual de Maringá, Maingueneau propôs outra classificação, segundo o modo de ocupação do espaço discursivo pelos discursos que circulam na sociedade. Organiza o interdiscurso em: discursos paratópicos ou constituintes (os que estão no limite superior entre o discurso tópico e valores transcendentais); tópicos (os não constituintes); e atópicos (os sem lugar na sociedade; estes correspondem a discursos que se situam na fronteira entre discursos legítimos e ilegítimos).

<sup>8</sup> Para Guilhaumou (2004), nem todos os objetos da AD provêm necessariamente de um posicionamento no sentido de Maingueneau, que, em sua visão, o interpretaria como uma identidade enunciativa que se constitui de maneira estável no interior de um campo, universo ou espaço discursivo.

enunciados não pertencentes a um mesmo gênero ou tipo de discurso, a um mesmo campo. Ou seja, as definições canônicas preservam a possibilidade de construir um objeto não situado no “natural” do campo, isto é, de acordo com as tipologias (ou nos limites das fronteiras) instituídas. A partir dessa constatação, o autor propõe outras unidades de análise, com base em trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no campo da AD. Trata-se da divisão estabelecida entre as *unidades tópicas*, de território, e *não-tópicas*<sup>9</sup> (MAINGUENEAU, 2006, 2011).

As unidades tópicas subdividem-se em “unidades dominiais” e “unidades transversas”. As primeiras correspondem aos espaços já predeterminados pelas práticas verbais. Elas englobam os tipos e os gêneros de discurso. Já as “unidades transversas” são aquelas que atravessam o texto realçando os múltiplos gêneros do discurso. São, portanto, registros definidos a partir de critérios linguísticos, funcionais e/ou comunicacionais. Nos dois casos, trata-se de espaços já pré-delineados pelas práticas verbais. As unidades tópicas encontram-se, assim, fortemente associadas a aparelhos institucionais, por isso, existem independentemente do olhar do pesquisador.

Quanto às unidades *não-tópicas*, Maingueneau (2006) afirma que elas são, por um lado, “definidas” pelo pesquisador, independentemente de fronteiras preestabelecidas, o que as distingue das “unidades dominiais”, e, por outro, elas reagrupam os enunciados, inscrevendo-os na história. Nesse sentido, as unidades *não-tópicas* diferenciam-se das “transversas”. Como exemplo desse tipo de unidade, destacamos o discurso feminista, o colonialista, o homofóbico etc, que independe de qualquer instituição para existir e também os “percursos”, *corpora* em que não se buscam mais espaços de coerência de onde emergiriam enunciados de um determinado tipo, mas unidades de diversas ordens (lexicais, fragmentos de textos, fórmulas, *slogans* etc.), provenientes do interdiscurso e que circulam com usos muitas vezes contraditórios. Esse é, particularmente, o caso, aqui, estudado.

A definição da noção de “formação discursiva” como unidade não-tópica faz menção a sua relação fundamental com o modo de constituição do *corpus*, pressupõe que, para constituir uma formação discursiva, o *corpus* contenha “um conjunto aberto de tipos e de

---

<sup>9</sup> Essa divisão entre unidades tópicas e não-tópicas, segundo Maingueneau, é atravessada por outra distinção, anteriormente proposta por ele em relação a procedimentos ou tipos de abordagem discursiva: as analíticas e as integradoras. A abordagem analítica se preocupa em desarticular o discurso para relacioná-lo a uma identidade discursiva singular, e a integradora mostra a articulação entre múltiplos planos do discurso.

gêneros do discurso, de campos e de posicionamentos, de registros enunciativos ou comunicacionais” (MAINGUENEAU, 2008, p.87).

A diversidade dos discursos, segundo Maingueneau, pode ser unificada por um “foco único”, ou “um mesmo princípio”. Nesse caso, tem-se uma formação discursiva “unifocal”. Ou seja, é esse foco, ou princípio unificador, que faz com que conjuntos de textos heterogêneos (com regimes de produção distintos) possam convergir e, portanto, serem postos em relação um com o outro. Na realidade, é a existência de uma espécie de “coerência escondida” entre eles que justifica esse contato entre conjuntos textuais diversificados. O discurso machista, que circula no mundo social sem ter propriamente um “lugar”, (não têm uma instituição, um aparelho que se responsabilize pela sua produção, não está em um campo ou gênero específico, não pressupõe modos de difusão instituídos etc), é bom exemplo. Quando se trabalha com o discurso machista a opção para estudá-lo é reunir um conjunto de textos e dizer que são “representativos” (isto é, que são machistas). O mesmo procedimento aplica-se ao discurso feminista, colonialista, homofóbico ou racista. Esses discursos são, assim, unidades fabricadas pelo pesquisador.

No interior da AD, as unidades tópicas assumem o estatuto de “naturais”, embora também sejam artificialmente constituídas, porque os discursos não são propriamente entidades prévias, prontas, não estão confinados nos limites das fronteiras instituídas pelas tipologias reconhecidas. Assim, a noção de formação discursiva pode significar maneiras outras, imprevistas de recortar os objetos de análise, de fabricar o objeto. A esse modo de construir e organizar os objetos em análise, Maingueneau denomina de formações discursivas “plurifocais”.

A plurifocalização permite evidenciar a formação discursiva como uma “unidade específica”, que não se confunde com as unidades *não-tópicas* canônicas, que seriam os discursos “atópicos”. No caso das formações discursivas “plurifocais”, “o analista de discurso, a partir de hipóteses de trabalho argumentadas, associa diversos conjuntos discursivos em uma mesma configuração sem, no entanto, reduzir sua heteronímia” (MAINGUENEAU, 2006, p.18). Não é o caso de comparar conjuntos discursivos autônomos, unificando-os com base em um mesmo princípio, mas de preservar a heterogeneidade da unidade constituída. Eles estão, de alguma forma, associados, sem, contudo, estarem submetidos a um mesmo princípio ou sistema de regras.

Ao discutir a formação “plurifocal”, Maingueneau apresenta três exemplos de *corpora* que podem desencadear práticas analíticas distintas: o *corpus* da tese de Claire Oger (2007); o estudo realizado por Foucault em *As palavras e as coisas*; e, o seu próprio estudo sobre as doutrinas religiosas, o humanismo devoto e o jansenismo.

O primeiro exemplo, o *corpus* da tese da analista Claire Oger (2007), que reúne relatos de bancas examinadoras de três diferentes concursos de seleção de altos funcionários públicos franceses admite três possibilidades de tratamento: (1) uma comparação, isto é, uma análise contrastiva de três sub-*corpora*; (2) a definição de uma formação discursiva “unifocal” que, por sua vez, mostra que os três sub-*corpora* são, de fato, regidos por um mesmo sistema de regras; (3) a definição de formação discursiva “plurifocal”, que mantém a heterogeneidade de três sub-*corpora*. A autora considera a comparação, definição de uma formação discursiva unifocal (se conseguir mostrar que os três relatos são regidos por um sistema de regras comum) ou plurifocal (construção de uma unidade específica não evidente). Neste último caso, a unidade não é disponível *a priori*, mas construída pela analista, funda-se na noção de instituição (quem produz e difunde o discurso), ou funcionamento institucional (rotinas, rituais...). Portanto, uma prática social permite articular os textos, preservando as suas especificidades.

Considerando o arquivo de Oger (2007), também é possível falar em formações discursivas para *corpora* não tão amplos, articulados em torno de um gênero ou tipo discursivo específico, e que visam à compreensão de práticas institucionais. Oger (2007) optou por uma abordagem contrastiva, comparando o modo como cada instituição (École) se individualiza. Com base na análise dos relatos das três diferentes bancas (um caso de enunciação coletiva), acerca dos exames de cultura geral e de aptidão nas áreas específicas, Oger quer ascender às condições de enunciação consideradas adequadas ou legítimas para os candidatos de cada uma das Écoles (de Guerra, de Administração e Magistratura).

O segundo caso, o de formação discursiva unifocal é o mais heterogêneo em relação às categorias de gêneros e campos discursivos:

pode ser ilustrado pelo modo de pensar de Michel Foucault em *As palavras e as coisas* (1966), no qual o autor faz convergir três conjuntos discursivos (‘História Natural’, ‘A análise das riquezas’, ‘A Gramática Geral’) à primeira vista incomparáveis. Seu trabalho consiste em mostrar que, na

realidade, esses três conjuntos são regidos por um mesmo sistema de regras, além da evidente diferença de seus objetos. (MAINGUENEAU, 2006, p.19).

Nesse caso, a unidade é garantida pela noção de espaço discursivo: “na maior parte dos casos, não se estuda a totalidade de um campo discursivo, mas se extrai um subconjunto, um espaço discursivo, constituído ao menos de dois posicionamentos discursivos, cuja correlação é considerada importante pelo analista para sua pesquisa”. (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2004, p.92)

Para ilustrar o terceiro caso, conjuntos textuais postos em relação que pertencem ao mesmo *campo discursivo*, Maingueneau cita o seu estudo sobre as doutrinas religiosas, o humanismo devoto e o jansenismo, como representativo de uma unidade bifocal: ambos os posicionamentos internos ao campo religioso interagem segundo o processo de *interincompreensão*.

Quando construí um espaço discursivo que relacionava duas unidades tópicas, neste caso, dois posicionamentos em um mesmo campo – o humanismo devoto e o jansenismo – não era para comparar esses dois posicionamentos, mas para construir uma unidade bifocal, uma dimensão fundada sobre um processo de ‘interincompreensão regrada’” (MAINGUENEAU, 2006, p. 19).

Na realidade, os exemplos de formação discursiva plurifocais servem para o autor “ressaltar o caráter dinâmico e agentivo do termo ‘formação’ em ‘formação discursiva’. Em vez de considerá-lo em uma perspectiva puramente estática como referindo-se a uma entidade já existente, o analista, em função da sua pesquisa, dá forma a uma configuração original” (MAINGUENEAU, 2006 p.19). O espaço discursivo construído por Maingueneau (2005), associando o humanismo devoto e o jansenismo, por exemplo, não era previamente dado e resultou de uma escolha do pesquisador.

Os exemplos de Oger (2007) e Maingueneau (2005) pouco têm a ver com unidades cujo “*corpus* ao qual corresponde pode conter um conjunto aberto de tipos e de gêneros de discurso, de campos e de posicionamentos.” (MAINGUENEAU, 2008, p.87). Ambos os trabalhos indicam que é possível construir uma formação discursiva sem recorrer a *corpora*

demasiadamente diversificados, e, de certo modo, destacam a conexão do discurso com sua fonte enunciativa (um posicionamento no campo religioso, instituições). O contrário do que se pretende, com a construção de unidades não-tópicas do tipo percursos.

O percurso assegura a heteronímia e privilegia a circulação discursiva, o que é diferente de destacar relações interdiscursivas entre unidades territoriais. Implica a construção de *corpora* com elementos de diversas ordens (não se trata de *unidades tópicas territoriais* que comumente constituem uma formação discursiva):

pratica-se também em análise do discurso o estabelecimento em rede de unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) extraídos do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerência, construir totalidades. O pesquisador pretende, ao contrário, desestruturar as unidades instituídas definindo percursos não esperados: a interpretação apoia-se, assim, na atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2006, p.21)

Dito de outro modo, o percurso não pressupõe unidade entre os enunciados agrupados. Ao construir percursos, o pesquisador interessa-se pelos *usos* de uma forma linguística em um conjunto de textos definido (em um gênero discursivo, campo ou posicionamento, por exemplo). Trata-se, antes de tudo, de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa. Possenti, ao falar sobre essa unidade, observa que

não se trata de dizer que o enunciado não “pertença” a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que pode ser retomado em várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo a cada vez novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos, produzindo, portanto, efeitos de sentido específicos, conforme a rede discursiva ou interdiscursiva que se estabelece a cada enunciação. (POSSENTI, 2008, p.112)

Com esse tipo de trabalho o que se pretende é interpretar as razões pelas quais determinados discursos circulam, sem, contudo, relacionar essa circulação a um princípio de regramento semântico único.

É especialmente relevante observar que os trabalhos do tipo percurso também mostram que o *corpus* não é arbitrário, não se trata de uma escolha aleatória. Define-se um gênero de discurso, um campo ou um tipo discursivo ou então mais de um, e um período de tempo específico para a investigação. Esses trabalhos, segundo Maingueneau, podem suscitar reações ambivalentes. Ou seja, por um lado, podem atravessar múltiplas fronteiras, circular no interdiscurso para fazer aparecerem relações invisíveis particularmente propícias às interpretações fortes, por outro, tem-se a dificuldade em justificar as escolhas operadas e, então, corre-se o risco de se chegar a um “delírio interpretativo”. Um bom exemplo de unidades de tipo percurso é a tese de doutoramento da analista francesa Alice Krieg-Planque (2010) sobre a circulação do sintagma “purificação étnica” e suas variações “limpeza étnica” e “depuração étnica”, no contexto da cobertura da guerra da Iugoslávia, em gêneros discursivos diversos de diferentes publicações da mídia impressa francesa (de perfis e orientações diversas), no período de 1980 a 1994 (a periodização da investigação compreende a época anterior ao conflito para investigação da gênese da expressão). De modo geral, a proposta de Krieg-Planque (2010) consiste em perseguir as ocorrências, reconstruir o trajeto ou o percurso da expressão “purificação étnica”, e suas correlatas, desde sua primeira aparição em textos específicos da cultura iugoslava, posteriormente, na cobertura jornalística do conflito, até os seus usos destacados do contexto da guerra.

Krieg-Planque (2009, 2011, 2012) oferece ainda outras três sugestões de estudo nos moldes de percurso. Uma delas consiste na análise dos debates de 2005, na França, sobre a revisão da jornada de trabalho de 35h. Analisa-se o *corpus* a partir das ocorrências da associação léxico-sintática e suas diferentes reformulações, as de apoio à iniciativa, à formulação original, e outras que, ao contrário, refutam-na, desacreditam-na. A segunda proposta trata da fórmula “desenvolvimento sustentável”. Nesse caso, a análise se organiza em torno das estruturas sintáticas concessivas que caracterizam os enunciados que definem o “desenvolvimento sustentável” (de modo a evidenciar uma contradição). No campo dos estudos sobre jornalismo e mídia, em um *corpus* constituído de enunciados de profissionais da mídia, a autora propõe a análise das realizações discursivas de “pequenas frases”.

O que se pode depreender dos percursos construídos por Krieg-Planque é que se apoiam, às vezes, em uma intuição ou saber prévio do analista (as “regras da arte” a que se refere Maingueneau), convocado para a seleção de estruturas linguísticas relevantes e para a constituição de um *corpus* produtivo, dirimindo, assim, as suspeitas de “delírio interpretativo” ou de circularidade; em segundo lugar, a analista não objetiva construir uma unidade, não propõe estabelecer relações despercebidas entre os enunciados com o propósito de remetê-los a um modelo semântico comum, ao sistema de regras que permitiu produzi-los; não se interessa propriamente por um discurso, mas por elementos linguísticos que participam dos enunciados que participam dos discursos, para investigar a função/funcionamento das estruturas no interior desses enunciados que as comportam, de modo que é a natureza do “objeto de investigação” (às vezes, a dispersão de uma estrutura ou elemento sintático; outras vezes, de expressões ou enunciados inscritos na história), que demanda este tipo de tratamento fragmentado.

Dizendo de outro modo, no caso do percurso, não se constrói anteriormente o *corpus/observatório* para encontrar nele uma estrutura que se repete, mas se seleciona, antes, a estrutura, um lexema, uma proposição etc. e se procura ver como ela funciona em um *corpus* determinado. Nesse caso, pode-se delimitar ou restringir o contexto da investigação (interessar-se pela circulação de uma expressão em um determinado discurso, por exemplo). A esse modo de fazer análise de discurso, Krieg-Planque (2011) define como “transgressão das fronteiras postas pelo discurso” (pelas tipologias institucionalizadas), com o intuito de tornar visíveis fenômenos de retomada, de reformulação, de regularização, de circulação, de dispersão e de “eco” (ou ressonância discursiva).

Os diferentes tipos de unidades de análise evocados, no decorrer desta seção, podem ser resumidos no quadro abaixo:

<i>Unidades tópicas</i>		<i>Unidades não-tópicas</i>	
Territoriais	Transversas		Percursos
Tipos/Gêneros de discurso  a) Gêneros concernentes a campos Unifocais Plurifocais b)Gêneros concernentes a aparelhos	- Registros linguísticos - Registros funcionais - Registros comunicacionais	Formações discursivas	
		Unifocais	Plurifocais

Fonte: *Cenas da enunciação* (MAINGUENEAU, 2006, p.22)

Segundo Maingueneau, as unidades *não-tópicas*, formações discursivas e percursos, são, entre esses modos de agrupamento de unidades discursivas, as que despertam mais facilmente alguma suspeita. “Elas não são estabilizadas por propriedades que definem fronteiras pré-formatadas, qualquer que seja a origem dessa formatação, o princípio que as agrupa é uma decisão tomada exclusivamente pelo analista”. (MAINGUENEAU, 2006, p.22). Não de qualquer forma, nem a seu bel-prazer: há um conjunto de princípios, de técnicas que regulam esse tipo de atividade hermenêutica.

Assim, definir um tipo ou outro de *corpus* como objeto de pesquisa não garante a estabilidade de fronteiras ou sua total inexistência. O *corpus* desta pesquisa, por exemplo, é bastante representativo da dinâmica inerente aos discursos. As análises que se seguem, no terceiro e quarto capítulos, podem deixar ver, em um emaranhado de discursos, as diferentes mobilizações e sentidos de mesmo enunciado. Por meio do estudo da manifestação discursiva do enunciado “a esperança venceu o medo”, na mídia brasileira contemporânea, pretendemos tornar visíveis fenômenos de retomada, de reformulação, de regularização, de circulação, de dispersão e de ressonância discursiva.

Dessa forma, acreditamos nos aproximar de alguns dos procedimentos de Krieg-Planque (2010). Os *corpora* privilegiados pela autora correspondem a conjuntos discursivos limitados. Trata-se de definir antes as estruturas (um adjetivo, um substantivo, um sintagma), e a partir de suas ocorrências, em um contexto mais ou menos restrito (na imprensa de

extrema-direita, na narrativa midiática da guerra da Iugoslávia), construir o seu *corpus*. O nosso *corpus* também foi construído para a exploração de uma estrutura determinada, a circulação do enunciado “a esperança venceu o medo”, no período de 2002 a 2012. Pretendemos reconstruir o seu percurso de mobilizações, desde sua origem até a proliferação/disseminação de seus sentidos.

A constituição do nosso *corpus* parece dar conta da duplicidade do discurso e da solidariedade entre unidades *tópicas* e *não-tópicas* de que fala Maingueneau. A discussão a propósito de como construí-lo, unidade tópica ou não tópica, justifica-se pela necessidade de apurar, delimitar os dados para uma análise mais fina. Constituído o *corpus* é necessário definir algum propósito para a investigação. O objeto que visualizamos, com a acomodação do *corpus* de uma categoria *não-tópica*, não é propriamente o discurso que se inscreve na expressão “a esperança venceu o medo”, mas os diversos modos de inscrição no nível da textualidade de um tipo particular de “já dito” que se apresenta como um “sempre” por dizer nos diferentes lugares por onde circula ou é repetido (a circunscrição do espaço de circulação decorre de uma decisão do analista).

Em certo sentido, a construção do objeto depende de um saber anterior. Propor-se a estudar a circulação de enunciados no interdiscurso não requer realizar uma caracterização exaustiva de suas condições sociais de produção, ou seja, de conduzir uma análise que esmiúce o campo discursivo de pertencimento do texto do qual participam (os posicionamentos e as práticas que os constituem e suas relações internas com outros posicionamentos concorrentes do mesmo campo). Preocupamo-nos com os sentidos que as ocorrências dos enunciados “a esperança venceu o medo” assumem nos diferentes lugares por onde circulam. Dar ênfase à produção e a circulação (ou às formas linguísticas que a sublinham), implica, no nosso caso, delimitar um espaço para a sua circulação.

O nosso percurso tem origem com formulações heterogêneas que condensam significações e também polêmicas. A relação entre significantes e percursos é postulada por Maingueneau nos seguintes termos:

A minha proposta de dar um estatuto ao que chamo “percursos”, que passa sobre o princípio de que na verdade o discurso tem espaços delimitados, mas tem também, digamos, fórmulas, frases, textos que circulam e que são

apropriados por diversos atores, mas que não têm uma significação estável, porque a circulação faz com que o sentido seja sempre construído, e na verdade a cultura, a ideologia, o contexto social são baseados sobre o uso de textos, de fórmulas, de frases que circulam e que são apropriados de modos totalmente diversos por pessoas que acreditam que falam da mesma coisa, então, e isso é fundamental. (MAINGUENEAU, 2007, p.33)

Sob a perspectiva de Maingueneau, a categoria percurso chama atenção para dois aspectos complementares da atividade discursiva: por um lado, a opacidade constitutiva dos significantes (ou “significantes que buscam sentido”), e, por outro, a existência de um dispositivo que mais ou menos delimita os sentidos das expressões (na realidade, o sentido não é unívoco, mas também não é indefinido; aos significantes se associam um conjunto de significações delimitadas pela língua e pelo interdiscurso). Nos termos do autor, “não significa que o sentido seja unívoco, mas tem uma espécie de quadros que fecham, que trancam um pouco a polissemia virtual do sentido<sup>10</sup>”. Portanto, pensar a nossa pesquisa em termos de “percurso” implica construir um modelo de análise em torno da circulação de certas expressões linguísticas nos textos que, no nosso caso, trata-se da expressão “a esperança venceu o medo”. A pertinência desse tipo de tratamento discursivo repousa no fato de que é possível estudar as diferentes ordens que gerem os discursivos. É justamente isso que propomos no decorrer desta tese.

Ao tomar como objeto de estudo a circulação midiática do enunciado “a esperança venceu o medo”, nos posicionamos no quadro proposto por Maingueneau, segundo o qual

restringir a Análise do Discurso apenas às unidades tópicas seria denegar (no sentido psicanalítico) a realidade do discurso, que é colocada em relação permanente do discurso e do interdiscurso: este último trabalha o discurso, que em retorno o redistribui perpetuamente. (MAINGUENEAU, 2006, p.23)

O interesse específico que governa a disciplina Análise do Discurso é de apreender o discurso como entrecruzamento de um texto e de um lugar social, quer dizer que seu objeto não é nem a organização textual nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por meio de um

---

<sup>10</sup> Ibid.

dispositivo de comunicação específico que provém, ao mesmo tempo, do verbal e do institucional.  
Para Maingueneau,

parece não pode haver Análise do Discurso, no sentido de uma disciplina associada a informantes empíricos e oriunda das ciências humanas, se não trabalharmos com unidades tópicas, essas que se inscrevem nas cartografias dos usos languageiros. Entretanto, tampouco pode haver Análise de Discurso se não forem construídos corpus que violem fronteiras preestabelecidas. Enclausurar a Análise do Discurso unicamente nas unidades tópicas seria negar a realidade do discurso, que coloca em relação permanente o discurso e o interdiscurso, como bem sinalizou Pêcheux. Se não houvesse agrupamentos de enunciados inscritos nas fronteiras, não haveria Análise do Discurso, mas essa não pode se contentar com essas unidades. A Análise do Discurso aparece, portanto, corroída por uma falha constitutiva, que a impede de se fechar em um espaço compacto. Os defensores das fronteiras tentaram em vão alertar para o risco do delírio interpretativo que ameaça os adeptos das unidades não-tópicas. Estes, por sua vez, salientam que uma infinidade de relações atravessa as unidades mais tópicas. (MAINGUENEAU, 2008, p.88)

Dito de outro modo, não haveria Análise do Discurso se não houvesse agrupamentos de enunciados inscritos nas fronteiras, mas, por outro lado, também não haveria Análise de Discurso se o sentido se fechasse nessas fronteiras. Repetindo Maingueneau,

é impossível fazer a síntese entre uma abordagem que se apoia sobre fronteiras e uma que se nutre dos limites pelos quais a primeira se institui. Entre as duas há uma assimetria irreduzível. Os partidários das fronteiras têm bons argumentos para sublinhar os riscos ligados ao uso das unidades não-tópicas; por outro lado, os partidários das unidades não-tópicas podem também com facilidade mostrar que uma infinidade de relações interdiscursivas atravessam as unidades mais tópicas; e que a sociedade está permeada de conjuntos de palavras que, embora não tenham um lugar determinado, são mobilizadoras: o sentido é fronteira e subversão da fronteira, negociação entre pontos de estabilidade da fala e de forças que excedem toda localidade. Situação eminentemente desconfortável, porque vemos assim se justaporem, isto é, se imbricarem, muitas vezes, na mesma pesquisa, dois modos de abordagens heterônimos. (MAINGUENEAU, 2006, p.23-4)

Tomar como objeto de estudo as constantes manifestações discursivas do enunciado “a esperança venceu o medo” nos fez perceber que, mesmo trabalhando com uma unidade *não-tópica* do tipo percurso, as fronteiras são bem menos impermeáveis do que parecem ser. Em outras palavras, as unidades de análise, tópicas ou não, se relacionam umas com as outras, são invadidas por outros discursos que mantêm relações de apoio, concorrência total ou parcial ou mesmo de aparente neutralidade.

A nosso ver, essa distinção entrelaçando unidades *tópicas* e *não-tópicas* tem relação com a própria natureza do discurso, cuja existência supõe, ao mesmo tempo, definir fronteiras e transpor essas fronteiras. Trata-se de uma consequência do primado do interdiscurso. Ou seja, o discurso é um, mas por determinação do interdiscurso é, ao mesmo tempo, muitos. Por considerar que o interdiscurso orienta e dá sentido as distintas manifestações midiáticas do enunciado tomado como objeto de estudo, expomos, a seguir, uma breve discussão sobre esse conceito. Ao discutir a noção de interdiscurso, tratamos de deixar um pouco mais clara a sua relação com as noções de formação discursiva e de memória discursiva. Tais conceitos permitem examinar o enunciado “a esperança venceu o medo” em suas constantes (re)atualizações, trazendo à tona os diferentes efeitos de sentido colocados em jogo pelos sujeitos enunciadoreis. As análises empreendidas, no terceiro e quarto capítulos, demonstram que o sentido não se encontra atrelado exclusivamente à materialidade linguística, mas se constitui na relação com outros discursos, oriundos de diferentes formações discursivas, bem como de diferentes momentos sócio-históricos.

## **2.2 Sobre a noção de interdiscurso e sua relação com a memória**

Embora tenhamos contemplado sucintamente a noção de formação discursiva na seção anterior (quando discorreremos sobre as unidades não-tópicas), julgamos necessário voltar à noção para tornar um pouco mais clara a sua relação com o interdiscurso. Essa discussão é essencialmente necessária, sobretudo, porque possibilita averiguar a presença de diferentes discursos, oriundos de diversas práticas discursivas, na formulação do enunciado “a esperança venceu o medo”, bem como evidenciar que tais discursos derivam de uma relação de embate

entre formações discursivas, ou, mais especificamente, do interdiscurso no sentido mais restrito do espaço discursivo (MAINGUENEAU, 2005).

O termo formação discursiva é utilizado, aqui, no sentido de Maingueneau (1997). Ou seja, não concebemos uma formação discursiva como um bloco compacto que se opõe a outros (o discurso comunista contra o discurso cristão, por exemplo), mas como uma realidade heterogênea. Dessa forma, uma formação discursiva se define a partir de seu interdiscurso e não o contrário.

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1997, p.113)

A formação discursiva aparece aí como o lugar de um trabalho no interdiscurso. Ela é um domínio inconsistente, aberto, e instável e não a projeção, a expressão estabilizada da visão de mundo de um grupo social. De forma mais geral, a toda formação discursiva é associada uma “memória discursiva”, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações. “Memória” não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história.

Pêcheux (1999), talvez tenha sido um dos primeiros a salientar que a memória que interessa para a AD não é a “memória individual”, mas aquela que entrecruza os sentidos da memória mística, da memória social, inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador. A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos transversos etc. de que sua leitura necessita: “a condição do legível em relação ao próprio legível”. Segundo o iniciador da Escola Francesa de Análise do Discurso,

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. Todo o discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele se constitui, ao mesmo tempo, como um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida. (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

Dessa forma, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o vertical, do pré-construído, do domínio de memória, e o horizontal, da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciativo é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. O domínio de memória representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transversal que regula tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciativo quanto o modo de articulação desses objetos.

Para Pêcheux (1995), o próprio de toda formação discursiva é de “dissimular”, na transparência do sentido que aí se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso que determina essa formação discursiva como tal. Objetividade material que reside no fato de que “isso fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do interdiscurso”. Assim, uma formação discursiva nunca é homogênea, é, ao contrário, sempre constituída por diferentes discursos. Um mesmo tema, a ser colocado em evidência, pode ser objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, se contestam.

A questão da dissimulação fica evidente na noção de interdiscurso, sobre a qual Pêcheux propõe:

chamar interdiscurso a esse “todo complexo com o dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também é ele submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que (...) caracteriza o complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 162)

Depreende-se daí a noção de interdiscurso que não é nem designação banal dos discursos que existiram antes nem a ideia de algo comum a todos os discursos, ele é *o todo complexo com o dominante* das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas e submetido à lei de *desigualdade-contradição-subordinação*, ou seja, o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação e de contradição. O interdiscurso é, assim, a presença de diferentes discursos oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva.

O conceito de interdiscurso, em razão de sua complexidade, provoca questionamentos no interior da AD. Courtine (2009), ao retomar essa noção, nos oferece uma leitura bastante esclarecedora. O autor entende o interdiscurso como sendo o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva dominada por uma formação discursiva determinada, os objetos de que esse enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos, pelos quais o sujeito enunciador vai dar uma coerência a seu propósito, naquilo que Pêcheux (1995) chama, o “intradiscursivo” da sequência discursiva que ele enuncia. É na relação entre o interdiscurso de uma formação discursiva e o intradiscursivo de uma sequência discursiva produzida por um sujeito enunciador a partir de um lugar inscrito numa relação de lugares no seio dessa formação discursiva que é necessário situar os processos pelos quais o sujeito falante é interpelado-assujeitado em sujeito de seu discurso. A noção de discurso implica, nesse processo, considerar as condições histórico-sociais de produção que o envolvem. Ou, dizendo de outra forma, os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes de seu discurso pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Da forma como propõe Courtine (2009), o interdiscurso corresponde à instância de formação/ repetição/ transformação dos elementos de “saber” de uma formação discursiva, sendo, portanto, responsável pelo deslocamento das fronteiras dessa FD. É nesse nível que se observa a articulação entre interdiscurso e memória. Ou seja, é no interior do interdiscurso que é possível identificar o domínio de memória de uma formação discursiva. Ou seja, é por meio do estudo da relação que um discurso mantém com outros discursos que o analista pode

localizar as formulações que esse discurso repete, refuta, transforma e também aquelas que ele denega. E são essas formulações que constituem a memória de uma FD.

Em Courtine (2009), a noção de domínio de memória aparece associada a duas outras instâncias: o campo de concomitância ou domínio de atualidade e o campo ou domínio de antecipação<sup>11</sup>. O primeiro diz respeito às relações interdiscursivas que se estabelecem em uma mesma circunstância histórico-social. Esse domínio é formado por um conjunto de sequências discursivas que coexistem com a sequência discursiva de referência (sdr) em uma determinada conjuntura histórica. O segundo compreende um conjunto de sequências discursivas que sucedem à sdr. Trata-se, portanto, das enunciações previstas (ou autorizadas) pelo discurso materializado na sequência discursiva de referência. Esse último domínio é, essencialmente, necessário, pois se “há sempre já discurso, pode-se acrescentar que haverá discurso ainda”. As formulações discursivas consideram esta dimensão. Assim, os três domínios apresentados, memória, atualidade e antecipação, estão relacionados à instância do interdiscurso.

A definição de Courtine (2009), é, no nosso entendimento, mais operacional do que a de Pêcheux, visto que engloba a complexa relação entre a ordem do dizível que afeta o “já dito”, o “dito” e o que ainda vai ser dito. Ou seja, entre a memória, a atualidade e a antecipação. Isso implica dizer que os objetos de discurso que são materializados na enunciação de uma sequência discursiva são elaborados na instância do interdiscurso (exterior constitutivo), e são retomados no intradiscurso na forma de pré-construídos, discursos transvesos, sendo responsáveis pelo estabelecimento das relações de sentido linearizadas naquela sequência. Nos termos de Pêcheux, “o pré-construído corresponde ao sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade e seu sentido sob a forma de universalidade [o mundo das coisas].” (PÊCHEUX, 1995, p.164)

De acordo com essa noção, os sujeitos falam a partir do “já dito”, entretanto, não é exatamente o “já-dito” que o interdiscurso põe à disposição ou impõe aos sujeitos. Só se poderia aceitar a “convivência”, numa mesma teoria, dessas duas definições, em certos aspectos concorrentes, se se compreender “universalidade” como efeito de universalidade para determinada FD, e se assumir que nem todos os pré-construídos estão à disposição (ou

---

<sup>11</sup>Em nota, Courtine afirma que, apesar dos termos domínio de memória, domínio de atualidade e domínio de antecipação poderem ser encontrados no livro “*A Arqueologia do Saber*”, eles assumem em seu trabalho um valor sensivelmente diferente daquele conferido pelo filósofo francês na Arqueologia.

são impostos) a cada sujeito, “mas apenas aqueles que ele pode/deve dizer” (POSSENTI, 2009, p.156).

O pré-construído não é da ordem do interdiscurso, mas da ordem de cada formação discursiva ou daquelas com as quais cada uma mantém uma relação de aliança (isso é ainda mais evidente quando os pré-construídos se articulam na forma de discurso transversal). Em outros termos, o “todo complexo” põe à disposição um conjunto X de pré-construídos, mas, para cada sujeito, ou para cada “comunidade” de sujeitos (ou, ainda, para cada FD), só são selecionáveis os pré-construídos aceitáveis para essa FD. Isso equivale a dizer que só estão disponíveis, para cada FD, os pré-construídos cujo sentido é evidente para essa FD. Ademais, é preciso considerar que há um outro tipo de exterioridade com a qual as formações discursivas se relacionam. Trata-se do “já dito”, elemento da ordem da doxa que é trazido para o fio do discurso para ser confirmado ou infirmado.

Em Maingueneau (2005), encontramos uma outra reformulação da noção de interdiscurso. Ao postular o primado do interdiscurso, o autor propõe a substituição desse termo por uma tríade: *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo*.

Por universo discursivo, Maingueneau (2005) entende um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente etc, seja entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. Pode tratar-se do campo político, filosófico, dramático, gramatical etc. Esse recorte em “campos” não define zonas insulares: é apenas uma abstração necessária que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas. Não se trata de delimitações específicas. Dessa forma, o discurso se constitui no interior do campo discursivo. O autor parte do pressuposto de que tal constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa, entretanto, que um discurso se constitua da mesma forma com todos os discursos desse campo, nem é possível determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo. E isso em razão de sua evidente heterogeneidade.

Por fim, Maingueneau (2005) afirma que é possível isolar no campo, espaços discursivos, isto é, subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação. Tais restrições devem resultar de hipóteses fundadas sobre

um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir. Para o autor,

reconhecer esse tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro<sup>12</sup>”. (MAINGUENEAU, 2005, p.39)

Dessa forma, no nível das condições de possibilidade de um enunciado, haveria, pois, um espaço entre trocas e jamais de identidade fechada. Num espaço discursivo considerado, o sentido não é algo estável, que poderia ser relacionado a uma posição absoluta, mas se constrói no intervalo entre as posições enunciativas. Esse ponto de vista vai de encontro ao que adotam espontaneamente os enunciadores discursivos. Esses, longe de admitirem esse descentramento radical, reivindicam a autonomia de seu discurso. Nas palavras do autor,

o Outro não deve ser pensado como uma espécie de envelope do discurso, ele mesmo considerado como o envelope de citações tomadas em seu fechamento. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. É o que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade. (MAINGUENEAU, 2005, p.39)

Decorre daí o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo. Essa imbricação do “Mesmo” e do “Outro” rouba à coerência semântica das formações discursivas todo o caráter de essência cuja inscrição histórica seria acessória. Segundo Maingueneau, não

---

<sup>12</sup>Maingueneau, entende que esse Outro, com maiúscula, não coincide com seu homônimo lacaniano, mas da ordem da história. O autor diz empregar esse termo por não encontrar outro melhor.

é dela mesma que a formação discursiva tira o princípio se sua unidade, mas de um conflito regrado com outras formações discursivas.

A nosso ver, as proposições de Maingueneau (2005) aperfeiçoam o conceito de interdiscurso originalmente apresentado por Pêcheux (1975/1995) e retrabalhado por Courtine (1983/2009). A reformulação desse conceito tem a ver com o surgimento de novas categorias de análise, por exemplo, a de pré-construído. À medida que a categoria de pré-construído vai sendo definida, a noção de interdiscurso, tal como proposta por Pêcheux, torna-se inconsistente. Não é satisfatório definir interdiscurso como o “todo complexo com o dominante”, a não ser que a expressão seja tomada restritivamente. Se for esse o caso, é melhor utilizá-lo como o faz Courtine (2009), isto é, considerá-lo como o exterior específico que domina uma FD – seja este exterior outra FD determinada, ou um conjunto delas, com a qual, ou com as quais, uma relação específica e relevante se mantém. Para cada FD, há um conjunto de pré-construídos no interdiscurso, aos quais um sujeito pode ou deve recorrer. Entretanto, “ele não pode recorrer a todos, como deveria ser óbvio. Dizer que é o interdiscurso que provê tais materiais é inócuo – a não ser talvez para combater em geral a tese da originalidade.” (POSSENTI, 2009, p.159)

A forma de incorporação dos pré-construídos e dos já-ditos não é a mesma, segundo se trate, em cada caso, de um ou de outro discurso. O mesmo ocorre com o processo de contra-identificação da formação discursiva, que tem a ver com o lugar de onde derivam esses pré-construídos. É relevante observar ainda que há determinadas construções que parecem pré-construídos, mas não são. Ou, como prefere Possenti,

há construções cujo efeito é idêntico ao do pré-construído, e que, no entanto, não se encontram no interdiscurso. Ou seja, não pertencem, a rigor, a discurso nenhum. A única explicação para seu aparecimento é um dos efeitos da relação polêmica, o simulacro. (POSSENTI, 2009, p. 164)

Possenti exemplifica essa questão por meio da presença de expressões como “o logicismo”, “o formalismo”, “a tendência logicista-formalista”, “o biologismo”, em discursos científicos que privilegiam o social ou o histórico, contra o privilegio do biológico e do formal. Trata-se, de simulacros dos projetos que se pretendem formais, ou seja, das correntes

que adotam metalinguagens formais, que representam em outras linguagens o sentido das expressões, que postulam um certo aparato biológico.

Esses pré-construídos têm uma origem bem específica. Não são tomados do interdiscurso no sentido de Pêcheux e de Courtine, derivam, ao contrário, de uma relação de embate entre FDs, isto é, não são “já-ditos” da mesma natureza. “Mais especificamente, derivam do interdiscurso no sentido mais estrito do espaço discursivo, ou seja, são constitutivamente interdiscursos. O que quer dizer que só vem à existência como efeito de polêmica”. (POSSENTI, 2009. p, 165)

Vale lembrar que a polêmica não se instaura de imediato. Para Maingueneau (1997), ela só se torna legítima ao aparecer como repetição de uma série de outras que definem a própria “memória polêmica” de uma formação discursiva. Assim, “o exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas” (p,125). É preciso desestruturar as relações interdiscursivas para que a polêmica se manifeste, pois é no espaço discursivo que ela se dá a ler. É aí que o sujeito enunciativo busca os discursos que incorpora no seu dizer. Isso faz com que ele possa ser lido em seu “direito” e em seu “avesso”:

em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos. Nesta perspectiva, as eternas polêmicas em que as formações discursivas estão envolvidas não surgem de uma forma contingente do exterior, mas são a atualização de um processo de delimitação recíproca, localizado na própria raiz dos discursos considerados. Dizer que a interdiscursividade é constitutiva é também dizer que um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., mas de um trabalho sobre outros discursos. (MAINGUENEAU, 1997, p.120)

Isso implica dizer que em um espaço discursivo considerado, o sentido não é algo estável, que poderia ser relacionado a uma posição absoluta, mas se constrói no intervalo entre as posições enunciativas. Ou, como preferem Pêcheux e Fuchs, (1997):

o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva ( o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos). É este fato de toda sequência pertencer a uma formação discursiva para que seja dotada de sentido que se acha recalcado para ou pelo sujeito e recoberto para este último sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente. (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 169)

Ou, dizendo de outro modo, O lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadores de um determinado discurso se encontram envolve o contexto situacional e intervém a título de condições de produção do discurso. Para o nosso *corpus*, essa tese é fundamental. Ela torna evidente que o enunciado “a esperança venceu o medo” deriva, provavelmente, de uma formação discursiva (política) que inscreve claramente o referido enunciado em uma sequência de outros textos. Trata-se, conforme atestam as análises empreendidas no próximo capítulo, de um conjunto de textos conflituosos (que incitam o sentimento de medo nos eleitores), sobre os quais o pronunciamento de Lula se constrói. “A esperança venceu o medo” coloca em cena as diversas memórias polêmicas que, por sua vez, recorrem a um tesouro, cujas linhas de partilha são incessantemente deslocadas. Daí a não estabilidade dos sentidos. Ou seja, os sentidos desse enunciado derivam, deslizam no lampejo da memória discursiva, colocando em jogo as relações interdiscursivas que possibilitaram sua emergência.

Os conceitos arrolados são, assim, extremamente pertinentes para tratamento dos dados analisados nesta tese, principalmente no que diz respeito à produção e a circulação de sentidos, entretanto, eles não são suficientes para explicar o funcionamento enunciativo dos recorrentes destacamentos midiáticos (manchetes, títulos de artigos, chamadas principais de *blogs* e *sites* etc), do enunciado “a esperança venceu o medo”, ao longo de sua mobilização discursiva. Para isso, mobilizamos, a seguir, os recentes conceitos formulados por Maingueneau (2006, 2007, 2010a, 2010b), especialmente os resultantes de seu programa de *Enunciação Aforizante* (destacabilidade, sobreasseveração, aforização, particitação, e panaforização). Tais conceitos são essencialmente funcionais aos nossos propósitos. Eles compreendem as ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” em sua singularidade de usos, tornando possível a averiguação de que tais construções (os destacamentos) resultam de um trabalho do sujeito enunciator/mídia sobre o texto dado a ler.

A discussão que se segue reflete sobre esse trabalho, verificando em que medida ele orienta os sentidos, isto é, possibilita novas interpretações.

### **2.3 Destacabilidade, sobreasseveração, (pan)aforização, particitação e hiperenunciador: o quadro conceitual de referência**

Os estudos de Maingueneau sobre as “pequenas frases” começaram em 1984/2010<sup>13</sup>. De lá para cá, ele desenvolveu um conjunto de conceitos: *destacabilidade*; *sobreasseveração*; *aforização*; *particitação*; *hiperenunciador*. Tais conceitos lhe permitiram descrever e analisar o regime enunciativo de um grande número de enunciados, que circulam em nossa sociedade, designados pelo termo vago de fórmulas<sup>14</sup>. O autor utiliza esse termo para se referir a um conjunto de enunciados, cujas principais características são a brevidade e a grande circulação. Trata-se, nos termos do autor,

de enunciados curtos, cujos significante e significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...), o que explica que sejam facilmente memorizados. Algumas dessas fórmulas circulam no interior de uma comunidade mais ou menos restrita, outras são conhecidas por um grande número de locutores espalhados em vários setores do espaço social. (MAINGUENEAU, 2006, p.72)

As fórmulas a que o autor se refere estão muito presentes nas mídias contemporâneas por meio de um fenômeno linguístico que esses meios têm chamado de “pequenas frases”. Elas podem ser vistas em diversas práticas sociais, recobrando a literatura, a filosofia, e o

---

<sup>13</sup> MAINGUENEAU, D. Polifonia, Provérbio e Desvio. In: *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. Orgs. POSSENTI, S; SOUZA-SILVA, M. C. São Paulo: Parábola, 2010.

<sup>14</sup> Maingueneau utiliza o termo fórmula numa acepção diferente da de Krieg-Planque (2010). Em comum com a noção de fórmula de Krieg-Planque (2010), a definição de Maingueneau tem, exatamente, a sua forma condensada em que, com poucas palavras, é possível “marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros”.

jornalismo (tanto os ligados aos grandes conglomerados midiáticos quanto os alternativos). De fato, em nossa sociedade, circulam isolados, isto é, fora de seu co(n)texto original, certos enunciados, de organização pregnante, seja pela prosódia, organização sintática ou retórica, seja por sua posição no interdiscurso. O *corpus* que mobilizamos, por exemplo, tem a instituição midiática, mais especificamente, a esfera jornalística como lugar de circulação.

É especialmente relevante para a nossa pesquisa a observação do teórico francês de que as fórmulas podem fazer parte de dois tipos diferentes de funcionamento: isto é, podem funcionar como enunciados autônomos ou serem citadas para marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros. O fato de haver dois tipos de funcionamentos discursivos para as fórmulas não impede que elas possam em um dado contexto funcionar como enunciados autônomos e, em outro, serem proferidas para marcar um determinado posicionamento. O enunciado “a esperança venceu o medo” tomado aqui como objeto, conforme se pode atestar no quarto capítulo, assume essa dupla função.

Em Maingueneau (2006), observamos que a *destacabilidade* dos enunciados pode ser indicada de várias maneiras: pelo paratexto, ao fazer dele um título; ao longo do texto propriamente dito, ao lhe destinar uma posição relevante; pela embreagem enunciativa, ao lhe conferir um valor generalizante ou genérico; por uma estruturação pregnante de seu significado e/ ou de seu significado; pelo metadiscurso, ao explicar uma operação que confere um papel-chave a este ou àquele enunciado.

Vale lembrar ainda que o trabalho de destaque não se aplica a qualquer material verbal. Embora a afirmação pareça redundante, as frases destacadas só o são por serem sequências destacáveis no texto de origem. Ou seja, para se descolarem de seu contexto e co-texto originais, elas devem se apresentar como sequências fadadas ao destaque. Como exemplo desse tipo de enunciado, o autor cita as asserções generalizantes que enunciam um sentido completo, apresentam autonomia, por conta de certas características formais: “são curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis. Elas devem, além disso, ser pronunciadas com o *ethos* enfático conveniente”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 74)

As máximas, os provérbios e os *slogans* são, assim, enunciados que trazem em seu “DNA” linguístico a possibilidade de destaque. Outros são destacáveis, isto é, passíveis de serem destacados de um discurso, graças à posição em que se encontram, ao sentido de

definição ou generalização que lhe pode ser atribuído, à marca de uma operação metadiscursiva, à forma sintética e inusitada. Segundo Maingueneau (2006), os enunciados que se apresentam como destacáveis de seu contexto implicam na combinação de duas propriedades que, a princípio, parecem paradoxais:

- devem ser percebidos como inéditos;
- devem ser percebidos como imemoriais.

Essas propriedades permitem ao locutor encontrar o núcleo do efeito buscado: ou seja,

o personagem produz algo memorável, isto é, um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato. É porque é digno de ser antigo que pode aspirar a um estatuto monumental. Tal enunciado inaugura uma série ilimitada de retomadas, na medida em que se apresenta como o eco de uma série ilimitada de retomadas. Esse tipo de enunciado visa, portanto produzir na realidade aquilo que não passa de uma pretensão enunciativa: apresentando-se como uma sentença já pertencente a um saber compartilhado, ele prescreve justamente por isso mesmo sua retomada ilimitada. (MANGUENEAU, 2006, p.74-5)

Em outras palavras, os enunciados destacáveis ultrapassam a si mesmos no exato momento em que se enunciam. Eles retêm, de alguma forma, em si mesmos a repetição ilimitada de outros enunciados ao mesmo tempo em que se comemoram ao se inaugurar.

As breves proposições apresentadas até o momento são muito pertinentes às nossas análises. Elas permitem definir o enunciado “a esperança venceu o medo” como uma asserção generalizante, um enunciado que, conforme atestamos no quarto capítulo, apresenta-se como destacável, já no texto de origem. Por se constituir como um enunciado destacável, a referida sequência torna-se uma forte candidata ao destacamento, isto é, está propensa a sair do texto original para circular também por outros lugares discursivos, tais como, manchetes, títulos e subtítulos de artigos e reportagens. Ademais, entendemos que o enunciado em questão pelas relações que estabelece com a memória interdiscursiva do “medo” e da “esperança”, solo histórico do qual “brotou”, já nasce para além do texto.

Para melhor compreender como se dá o destacamento do enunciado em estudo, outro conceito de Maingueneau (2006) é, aqui, mobilizado. Trata-se do conceito de sobreasseveração. De acordo com o autor, esse conceito se aplica a todas as situações em que uma sequência breve se sobressai em um texto. Geralmente, as sequências sobreasseveradas já se encontram em posição de destaque no texto; são uma tomada de posição no campo discursivo e implicam amplificação da figura do enunciador. Nas palavras do autor, uma sequência sobreasseverada num texto é

relativamente breve, de estrutura pregnante no plano do significado e/ou significante; está em posição relevante no texto ou em uma passagem do texto, de modo a lhe atribuir o estatuto de um condensado semântico, o produto de uma espécie de sedimentação da realização do discurso; é tal que sua temática deve estar em relação com o intuito do gênero discursivo, do texto em questão: trata-se de uma tomada de posição no interior de conflito de valores; implica um tipo de amplificação da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* apropriado. (MAINGUENEAU, 2006, p. 79)

A sobreasseveração está muito presente na mídia contemporânea por meio do fenômeno de “pequenas frases”. Trata-se, segundo Maingueneau (2006), de enunciados curtos que durante um determinado período são constantemente retomados nos programas de informação. Segundo o autor, é impossível determinar se tais enunciados são assim porque os locutores dos textos de origem os quiseram assim, isto é, destacáveis, destinados à retomadas pelas mídias, ou se são os jornalistas que os dizem dessa forma para legitimar o seu dizer. “De qualquer forma, pelo clássico jogo de antecipação das modalidades de recepção, os produtores dos enunciados, que são profissionais da vida pública, têm tendência a fabricá-los em função do reemprego que deles serão feitos”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 80).

A citação de “pequenas frases” está inscrita, assim, no próprio funcionamento da máquina midiática. Os produtores dos enunciados, que são profissionais da vida pública, têm tendência a fabricá-las, isto é, destacam fragmentos de textos para convertê-los em citações e, dessa forma, torná-los destacáveis, favorecendo a sua circulação posterior. É como se os profissionais das mídias indicassem discretamente os fragmentos que desejam ver retomados. Vale destacar que é o gênero que filtra o tipo de enunciados destacáveis semanticamente mais

pertinentes. Assim, graças a uma manipulação apropriada, qualquer sequência de um texto pode ser convertida pelos profissionais das mídias em “pequenas frases”.

Segundo Maingueneau (2006), esse fenômeno se manifesta constantemente na imprensa escrita que explora a sobreasseveração de diversas formas, o mais clássico deles aparece geralmente na forma de colocação de títulos e subtítulos. Um exemplo que ilustra o anteriormente exposto é o fragmento de texto extraído da declaração do então presidente Lula, sobre os efeitos da crise internacional, publicada no jornal on-line, *O Globo*, em 4 de outubro de 2008:

**“Lula: crise é tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será 'marolinha'**

SÃO BERNARDO DO CAMPO - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a minimizar os efeitos da crise americana no Brasil, neste sábado, em São Bernardo do Campo, depois de participar de carreta ao lado do candidato a prefeito da cidade, o ex-ministro Luiz Marinho, afirmando: **“Lá (nos EUA), ela é um tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem para esquiara”**. O presidente disse ainda que foi a ganância que levou à queda brusca das ações da Aracruz Celulose e da Sadia. Para Lula, as empresas teriam especulado contra a moeda brasileira em operações de câmbio. Juntas, elas perderam mais de R\$ 2,7 bilhões em operações envolvendo a cotação futura do dólar. Na verdade, porém, como mostra reportagem do Globo, neste domingo, as duas empresas apostavam na manutenção do real forte frente ao dólar. Mas a moeda americana sofreu forte valorização nos últimos meses, como efeito da crise. ‘Estas empresas, no fundo, no fundo, estavam especulando contra a moeda brasileira. Portanto, elas não tiveram prejuízo, elas praticaram por conta própria, por ganância, este prejuízo. Isso não é da crise, não. Isso é problema delas que tentaram especular de forma pouco recomendável’, afirmou o presidente”.

Conforme se pode observar não é exatamente a frase proferida por Lula que o sujeito enunciador jornalista põe a circular como manchete da reportagem. No fragmento em análise, o então presidente Lula diz: *“Lá (nos EUA), ela é um tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem para esquiara”*. Desse fragmento, o sujeito enunciador destaca apenas alguns elementos linguísticos, colocando-os em evidência na forma condensada da manchete: *Lula: crise é tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será 'marolinha'*. Dentre as frases inscritas no co-texto original, descontextualiza-se um único enunciado de Lula, colocando-o em posição de relevo em relação ao restante do texto. E, esse destaque, passa em forma de representação metonímica a negar a leitura do texto original.

Nesse caso, a unidade sobreasseverada constitui-se a partir de um *destacamento fraco* (MAINGUENEAU, 2006) já que o enunciado em destaque se relaciona ao texto de origem. Ou seja, nesses casos, os enunciados destacados mantêm um elo com o texto de origem, sem, no entanto, implicar uma total fidelidade. Esse fenômeno apenas confirma os trabalhos recentes sobre o discurso direto, que acentuam seu caráter de simulação e a intervenção constante do locutor que cita. A enunciação de Lula é modalizada pelo sujeito enunciator jornalista, passando à frase “Crise nos EUA é tsunami e, se chegar no Brasil, será marolinha”. Essa frase tem deslizado para reformulações paráfrásticas no contexto midiático, e, dessa forma, tem sido constantemente retomada para enfatizar que a crise, designada aí de “marolinha”, na verdade, virou um tsunami, eis, aqui, alguns exemplos: “De ‘marolinha’ ao tsunami”; “A ‘marolinha’ que não passa”; “Lula está satisfeito com a ‘marolinha’ que derrubou o PIB; “Da ‘marolinha’ de Lula ao tsunami de Dilma” etc. Casos como esses ilustram muito bem o que Maingueneau tem chamado de *destacamento de segundo grau*, “aqueles que são extratos de uma extração anterior, sob a forma de citação.” (MAINGUENEAU, 2006 p,86).

Em Maingueneau (2006), também encontramos outro tipo de *destacamento*. Trata-se do *destacamento forte*, isto é, enunciados que rompem com o texto de origem. O enunciado “é possível ter prazer anal”, extraído da entrevista da cantora Sandy à revista Playboy, em agosto de 2011, exemplifica o que estamos falando. Ao responder a pergunta, “Dizem que as mulheres não gostam de sexo anal. Você concorda com isso?”. Sandy disse à Playboy: “Então... Não tem como não responder isso sem entrar numa questão pessoal. Mas, falando de uma forma geral, eu acho que é possível ter prazer anal. Sim, porque é fisiológico. Não é todo mundo. Deve ser a minoria que gosta”. (SANDY, Playboy, ed, de agosto de 2011)

No entanto, não foi exatamente o que a cantora disse que a revista Playboy pôs a circular. Apenas um fragmento de sua fala foi destacado e irrompeu como manchete de vários jornais on-line. Trata-se da *descontextualização* do fragmento “É possível ter prazer anal”. Nesse caso, a menos que o leitor faça uma pesquisa (que não é acessível a todos), não vai voltar ao texto original para interpretar os sentidos da fala de Sandy. Esta “pequena frase”, fora do contexto, possibilitou novos sentidos e fez com que Sandy voltasse a falar sobre o assunto. Um clima de tensão e polêmica foi criado, levando várias personalidades do universo

artístico, dentre elas, o próprio pai de Sandy, o cantor Durval de Lima (o Xororó, da dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó), a se pronunciar sobre o caso.

Não cabe discutir, nesse momento, as razões que levaram o sujeito enunciador a descontextualizar a fala de Sandy, mas vê-se que esse trabalho do sujeito enunciador elimina modulações, de modo a reforçar a autonomia e o caráter lapidar do enunciado, a aproveitá-lo de modo a ser uma sequência sobreasseverada. Embora os fragmentos analisados tenham sido proferidos em contextos totalmente diversos, por personalidades inscritas em campos discursivos mais diferentes ainda (no primeiro caso, por Lula, o então presidente do Brasil; e, no segundo, por Sandy, uma cantora nacionalmente conhecida), eles têm em comum o fato de terem sido alvo de inúmeros comentários e retomadas na mídia contemporânea.

A autonomização do fragmento recortado frente ao texto de origem pode ir ainda mais longe quando existe uma transformação do enunciado, ou de um ou outro de seus parâmetros enunciativos, quando ele passa ao paratexto. Para ilustrar essa questão, Maingueneau (2006) nos oferece um bom exemplo: o fragmento extraído da entrevista do primeiro vencedor *reality show* “Le Bachelor”, Olivier e de sua noiva, Alexandra: “*Se a coisa não for bem entre nós, vamos contar para vocês*”, duplamente modificada: primeiro, o texto original torna evidente que esta não é uma fala do casal, mas de Olivier; segundo, o enunciado destacado não corresponde à declaração original: “*Se, algum dia, a coisa não tiver bem entre nós, não vamos esconder*”. Logo, “*vamos contar para vocês*” é uma paráfrase de “*não vamos esconder*”. Por meio do destacamento de uma frase generalizante, a *sobreasseveração* altera o sentido de um enunciado. O sentido se constrói por intermédio de um movimento argumentativo complexo, modalizado pelo locutor. A sequência sobreasseverada estabelece uma asserção que garante ao leitor a veracidade e autenticidade do enunciado em questão.

Na imprensa brasileira este fenômeno também é muito recorrente. Dentre os inúmeros enunciados que ocuparam lugar de destaque nos últimos anos, um deles, particularmente, chamou a atenção: trata-se da manchete extraída da entrevista do então Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, publicada no jornal on-line, *O Globo*, em 27 de abril de 2010:

**“Hiperte(n)são: Ministro receita sexo cinco vezes por semana**

Na tentativa de frear o avanço da hipertensão arterial entre os brasileiros — cujo índice de incidência passou de 21,5%, em 2006, para 24,4%, em 2009 — o ministro da Saúde, José

Gomes Temporão, fez uma recomendação, no mínimo, inusitada: sexo. O pedido para que a população tenha mais relações sexuais foi feito ontem durante as comemorações do Dia Nacional de Prevenção e Combate à Hipertensão e o lançamento de uma campanha nacional sobre a enfermidade. Em tom de brincadeira, Temporão disse que seria bom fazer sexo cinco vezes por dia. Na sequência, observou que **“manter relações sexuais é indicado pelo menos cinco vezes por semana”**. **“Não é brincadeira, é sério, fazer atividade física regular significa também fazer sexo, com proteção sempre, é claro.”** (grifos nossos)

Como se pode observar, a manchete em destaque também foi duplamente modificada: primeiro, ela não corresponde, fielmente, ao que o Ministro proferiu em sua entrevista; segundo, o fonema “n”, entre parênteses na palavra “hiperte(n)são”, orienta para uma segunda leitura desse vocábulo: não se trata tão somente de indicar a atividade sexual como uma medida para combater a hipertensão, mas de enfatizar que para fazer sexo cinco vezes por semana é preciso ter um “hipertesão”. Para obter essa leitura, o sujeito trabalha com a possibilidade da supressão do fonema “n”, em “hiperte(n)são”. Dito de outro modo, o sujeito/enunciador jornalista trabalha sobre o texto citado, alterando o sentido primeiro e instaurando um sentido outro. Ao destacar como manchete apenas parte da fala do Ministro Temporão, o enunciado em relevo é modificado. Dessa forma, o sujeito enunciador (re)direciona o sentido do enunciado dado a ler. Além de sugerir que praticar sexo é a atividade física mais indicada pelo Ministro para diminuir a taxa de hipertensão entre os brasileiros, também sugere que para fazer sexo cinco vezes por semana é necessário um imenso tesão, isto é, um “hipertesão”.

A sobreasseveração, conforme evidenciam os exemplos arrolados, abre para a possibilidade de saída do enunciado destacado de dentro do texto. Ou seja, abre para a descontextualização de fragmentos de textos que não foram formulados como tais nos textos de origem. De modo geral, os fragmentos destacados são seguidos de comentários que, muitas vezes, explicam a ligação entre a frase destacada e o fato enunciado, e não a situação de comunicação em que ela foi dita. Coloca-se em relevo determinado trecho da fala, ou a generalização de parte ou de todo o enunciado destacado. Nesses casos, o sobreasseverador é mais o efeito da sobreasseveração, o correlato do enunciado, do que sua fonte. Isso implica dizer que

os locutores-origem se encontram, assim, com muita frequência, na posição de sobreasseveradores de enunciados que não foram formulados como tais nos textos. Produz-se assim, um desacordo essencial entre o locutor efetivo e esse mesmo locutor considerado como sobreasseverador de um enunciado que foi destacado pela máquina midiática: esse sobreasseverador é produzido pelo próprio trabalho de citação. De qualquer modo, em textos que são um produto coletivo constituído de fragmentos textuais em mosaico, a sobreasseveração não pode ser remetida a uma intenção. (MAINGUENEAU, 2006, p.81-2)

A *sobreasseveração* não é um caso de “citação”: trata-se somente de uma operação de destaque do trecho que é realizada em relação ao restante dos enunciados que constituem o tecido textual, por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação).

De fato, há diferentes formas de tomar parte no debate e, para elas, Maingueneau propõe dois tipos de sobreasseveração: a *sobreasseveração pretendida* e a *sobreasseveração derivada*. Enquanto a primeira diz respeito a uma pretensão pragmática implicada pela enunciação que marca enunciados como destacáveis, a segunda resulta apenas do destaque, ela é o seu correlato. Segundo o autor, a convergência entre as duas formas de sobreasseveração varia segundo a grande diversidade das práticas discursivas e não pode ser objeto de consenso. Para o autor,

a sobreasseveração, qualquer que seja a modalidade, implica numa figura de enunciador que não apenas diz, mas que mostra que diz o que diz, e presume-se que o que ele diz condensa uma mensagem forte, induz a uma tomada de posição exemplar. A sobreasseveração estabelece uma asserção que leva a uma responsabilidade diante do mundo. (MAINGUENEAU, 2006, p.86)

Para nós, trata-se de um fenômeno linguístico-discursivo que neutraliza ou deixa indeterminadas as relações intersubjetivas. Esse fenômeno se constrói, conforme já dissemos,

por meio do recorte da fala do outro, ou seja, um discurso pré-construído, um “já lá”, preexiste ao discurso que vai servir para instanciar um lugar na forma-sujeito em que todas as suas condições de produção são apagadas. Tal apagamento, a nosso ver, induz a um complexo efeito de retorno, misturando diversas posições sociais e ideológicas com a posição passiva do sujeito enunciador. Dessa forma, a *sobreasseveração* produz um efeito de evidência no enunciado: apresenta-se como sendo algo incontestável e, ao mesmo tempo, por um lado, torna isento o sujeito enunciador de qualquer responsabilidade pelo que ele enuncia, por outro, responsabiliza o sobreasseverador pelo que é dito.

A noção de *sobreasseveração* é bastante esclarecedora do fenômeno de que nos ocupamos nesta tese. Ela torna possível averiguar como se dão os constantes destacamentos de “a esperança venceu o medo” no contexto midiático. Sobretudo, possibilita a compreensão de possíveis efeitos de sentidos produzidos por estes destacamentos, uma vez que tais destacamentos, conforme se vê no quarto capítulo, não se constituem da mesma forma que nos textos de origem. Ademais, põe em evidência a tensão existente entre o sujeito que cita e as instituições midiáticas em que estão inscritos. Para o momento, interessa-nos enfatizar que as constantes retomadas midiáticas do enunciado “a esperança venceu o medo”, após o pronunciamento do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, são fruto de um trabalho meta-enunciativo<sup>15</sup> de diversos sujeitos enunciadores. Esse trabalho, por sua vez, permite ao referido enunciado sair de seu texto original para circular, independentemente, por outros co(n)textos. Uma vez autonomizado, o enunciado em estudo se inscreve em um outro regime enunciativo, o da enunciação aforizante.

A noção de enunciação aforizante implica um regime enunciativo diferente do da *sobreasseveração*: uma outra figura do enunciador e do co-enunciador, do estatuto pragmático do enunciado. A *aforização* atribui um novo estatuto à citação:

Não se trata mais de representar, mas de apresentar, de tornar presente, de fazer ouvir uma reserva de sentido na própria exibição de uma enunciação, de tornar enigmático um enunciado que manifesta e esconde tudo, ao mesmo tempo em que apela para a interpretação. (MAINGUENEAU, 2006, p. 90)

---

<sup>15</sup> Entendemos trabalho meta-enunciativo de uma forma diferente daquela proposta por Authier-Revuz (1982), pois, para nós, trata-se de um retorno ao dizer do locutor não apenas para circunscrever o dizer do “eu”, mas diferenciando-o desse locutor para legitimar/atestar esse dizer do “eu”.

São duas lógicas bem distintas: enquanto a *sobreasseveração*, por mecanismos linguísticos, destaca um enunciado de seu fundo textual, o que faz dele um enunciado destacado, a enunciação aforizante se compõe de enunciados naturalmente destacados.

Maingueneau (2007) estuda o funcionamento discursivo desses enunciados e propõe uma primeira distinção entre os enunciados que se encontram à parte de todo contexto original, todas as formas sentenciosas, com ou sem autor identificado, e os destacamentos de um texto particular, quando há citações. Pondera que nem todas as citações são aforizantes. Para adquirir esse estatuto é preciso que sejam breves, normalmente se restringindo ao limite da frase, recebendo diversos nomes em seu uso: “fórmulas”, “pensamentos”, “máximas”.

O fenômeno dos enunciados destacados leva o autor a distinguir dois tipos de regimes de enunciação: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. Enquanto a primeira “inscreve cada enunciado no panorama global de um texto relevante de um gênero de discurso<sup>16</sup>[...]. A enunciação aforizante não faz parte da lógica do gênero do discurso”. (MAINGUENEAU, 2007, p.160). Para o autor,

[...] o enunciado aforizado não se deixa fechar na geometria usual, que faz da frase um constituinte do texto, ele mesmo ligado a um gênero do discurso única realidade para os locutores. A enunciação aforizante institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas colocados sobre um mesmo plano: a instância responsável pela enunciação aforizante se encontra alhures. (MAINGUENEAU, 2007, p.161)

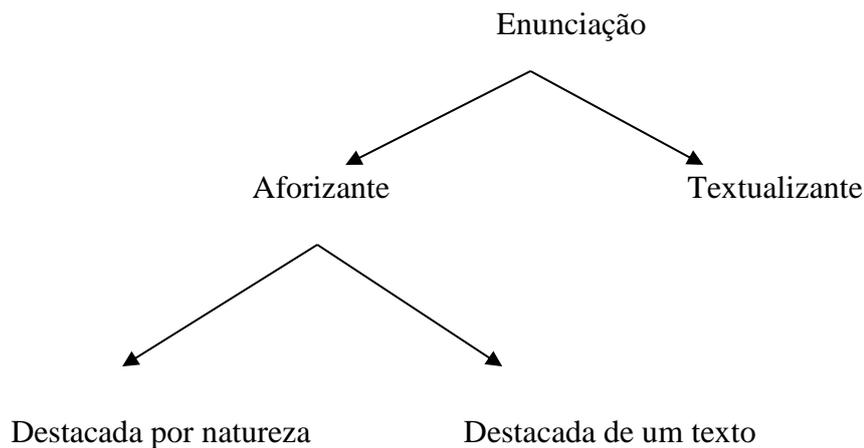
Não fazer parte da lógica de um gênero de discurso não quer dizer que os enunciados aforizados estejam fora do texto, pois não há enunciação fora dos gêneros discursivos. Trata-se, na verdade, de enunciados em que sua constituição se pretende fora do texto. Há uma assimetria entre os dois regimes de enunciação, o aforizante e o textualizante. A enunciação aforizante não entra na lógica do texto e do gênero do discurso, mas ela é inevitavelmente proferida em um texto. O que se deve levar em conta é apenas a pretensão vinculada à *aforização*, a de ser uma fala absoluta, sem contexto, mas convocada em um texto que, por natureza, não é absoluto. Ela se pretende o resultado de uma “conversa” com uma “Fonte

---

<sup>16</sup>Maingueneau associa essa noção a posição de Bakhtin (1953/2003), particularmente a seu artigo *Problemas de gêneros do discurso*.

transcendente”, que diz o que diz prescindindo dos interlocutores. Dito de outro modo, uma conversa monologal em que só a voz da “Fonte transcendente” se faz ouvir.

No texto *Aforização enunciados sem texto*, Maingueneau (2010a) retoma a questão da enunciação aforizante para melhor explicá-la. Ao falar sobre a distinção entre enunciação aforizante e enunciação textualizante, o autor apresenta o esquema:



Fonte: *Doze Conceitos em Análise do Discurso* (MAINGUENEAU, 2010a, p. 13)

O esquema representa dois regimes de natureza distinta: um regime textualizante, que se materializa tipicamente em gêneros discursivos; e um regime aforizante que, por sua vez, apresenta dois tipos bem diferentes de aforizações, conforme o destacamento:

- a) seja constitutivo: isto é, destacado por natureza, é o caso, particularmente, dos provérbios e de todas as fórmulas sentenciosas que, por natureza, não possuem contexto situacional nem contexto original;
- b) seja um destacamento por extração de um fragmento de texto, quando nos encontramos com uma lógica de citação. (MAINGUENEAU, 2010a, p.10)

Em outras palavras, os *destacamentos constitutivos* pertencem originalmente a um alhures discursivo, a um “já-lá”, ou seja, eles foram engendrados antes, independentemente, em outro

lugar por um “Sujeito Universal”, em que nem o contexto situacional, nem o co-texto original são recuperáveis. Apesar de não recuperá-los, sabemos que eles pertencem à sabedoria de uma determinada comunidade, a um *Thesaurus Cultural*. Já os *destacamentos por extração* são produzidos por um locutor a quem se pode atribuir a responsabilidade pela enunciação, e cujo contexto original é recuperável. Nos dois casos, trata-se de enunciados que ocorrem no interior dos textos, mas que se pretendem fora deles.

A enunciação textualizante se opõe ainda à enunciação aforizante em diversos aspectos cruciais, dentre os quais destacamos: enquanto na enunciação textualizante, os gêneros se dirigem a interlocutores específicos. Na aforizante, a uma espécie de “auditório universal”, que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados no mesmo plano. O locutor é apreendido em sua plenitude imaginária. Nas palavras do autor,

Todo gênero de discurso define duas posições correlativas, a de produção e a de recepção. Essas posições interagem entre si e são especificadas pelas restrições da cena genérica. O que nos possibilita falar em papéis sociais. (...) na textualização não há relacionamento com “sujeitos”, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada. Na enunciação aforizante, em contrapartida, não há posições correlativas, mas uma instância que fala e uma espécie de “auditório universal”, que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, “ele mesmo”, de alguma forma. Fundamentalmente monologal, a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor. (MAINGUENEAU, 2010a, p.13).

A *aforização* apresenta-se, dessa forma, como sendo um enunciado autônomo. Ela ultrapassa qualquer fronteira e não se deixa prender em nenhuma delas. Devido a esse caráter de enunciado autônomo é que ela pode se manifestar em distintas situações enunciativas e se referir a diversos acontecimentos discursivos. Essa flexibilidade, bem como a capacidade de tornar o locutor inquilino da fala de um *ethos* transcendental, não permite que a enunciação

aforizante seja descrita a partir do mesmo parâmetro em que se descreve/interpreta um texto. Ou seja,

enquanto um texto é uma rede de pensamentos articulados por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: narrar, argumentar, responder a uma pergunta, maldizer etc., na aforização, o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, afirmação soberana. Ademais, os textos tendem a estratificar planos enunciativos, ao passo que na enunciação aforizante, ao contrário, o enunciado tende à homogeneidade, sem mudanças de planos enunciativos. (MAINGUENEAU, 2010a, p.14).

Assim, todo texto implica uma forma de subjetividade que varia segundo os suportes e os modos de circulação. Já a *aforização* passa ao largo de todas as oposições midialógicas. É uma forma de dizer puro, quase próxima de uma consciência. Enquanto o texto excede a dimensão propriamente verbal (na forma escrita, ele compõe imagem, na forma oral, é um elemento num fluxo de comunicação, o enunciado aforizado, não se desdobra para formar um quadro; ele contesta a inevitável espacialização da memória discursiva que cada texto constrói), a *aforização* pretende escapar ao fluxo de comunicação, ser pura fala. Ou seja,

a enunciação textualizante resiste à apropriação por uma memória. É preciso ser ator ou bardo profissional para memorizar textos inteiros. A enunciação aforizante implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o memorável: enunciando e mostrando que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva. (MAINGUENEAU, 2010a, p.14).

A *aforização* implica, dessa forma, um locutor que se situa como “Sujeito” de pleno direito, reciprocamente um “Sujeito” se manifesta como tal por sua capacidade de aforizar. Trata-se de fazer coincidir sujeito de enunciação e sujeito no sentido jurídico e moral. Alguém se coloca como responsável, afirmando valores e princípios perante o mundo. “Sujeito” pleno, o aforizador pode responder por aquilo que diz por meio da pluralidade de situações de comunicação. Encontra-se aí sua ligação com a juridicidade: quando se quer condenar por

suas afirmações, em geral, o que se condena não é o texto, sempre relativo a um contexto, mas uma *aforização* ou conjunto de aforizações. A *aforização*, na medida em que exprime esse ‘Sujeito’, diz o que é, não somente no instante, mas na duração atemporal do valor.

Por meio da *aforização* é possível ao locutor transitar de um lado ao outro da diversidade infinita das interações imediatas dos gêneros discursivos e dos textos. O aforizador assume o *ethos* do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma “Fonte” transcendente; ele não se dirige a um interlocutor que está no mesmo plano e poderia responder, mas a um auditório universal. Ele é considerado como aquele que enuncia sua verdade, que prescinde da negociação, que exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção da existência, é a fala do “Mestre”.

Vale lembrar que quando há citação de uma frase isolada, não há, necessariamente, *aforização*: “se não há saliência do significante e ou do significado, a *aforização* permanece vaga”.(MAINGUENEAU, 2010a, p.23). Segundo o autor, em contextos apropriados, diversos fatores intervêm para reforçar ou, ao contrário, enfraquecer ou até mesmo bloquear o caráter aforizante de um enunciado. Dentre eles, Maingueneau destaca:

**Textuais** - Aforização forte: a citação coincide com uma aforização já validada; - Aforização fraca: há autonomia relativa da citação: ausência de conectores, pontuação forte, separação do resto da citação, justaposição de aforizações, de maneira a não criar sequencialidade...;

**Lexicais**: significado do verbo introdutor;

**Modais**: distância ilocutória entre enunciado e enunciação, são colocados no mesmo plano o locutor citante e o locutor citado, hierarquia dos pontos de vista;

**Aspectuais**: o caráter genérico do enunciado dessingulariza a enunciação citada e favorece a aforização;

**Sintáticos**: saliência do enunciado por criação simetria, de quiasma;

**Semânticos**: saliência do enunciado graças a um tropo, metáfora, paradoxo, que tem um duplo efeito de condensação e de desencadeamento de uma atividade hermenêutica. (MAINGUENEAU, 2010a, p.23)

As enunciações textualizante e aforizante não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por *aforização*. Segundo Maingueneau (2010a), toda *aforização* intervém em uma textualização, ou seja, é uma encenação construída por outro locutor, um citador. Dessa forma, a *aforização* busca

minar a compacidade da textualização. Isso implica dizer que a *aforização* faz aparecer a existência de outro regime enunciativo, em que há sujeitos de pleno direito e não somente locutores e enunciadores, há expressão de uma interioridade e não somente uma negociação no interior de uma rede de normas e de interações situadas. Assim, o texto é, ao mesmo tempo, o lugar em que se constitui a *aforização*, o seu lugar provisório, e aquilo que ela tem por natureza contestar.

Consideramos essa tese extremamente relevante, pois dá conta de um fato empírico muito difícil de contornar, o destacamento midiático. A explicitação da enunciação aforizante, por oposição à textualizante, parece muito pertinente para pensar a mídia nos dias atuais. Ademais, o fenômeno da *aforização* não é um fenômeno totalmente estranho ao sistema linguístico. Segundo Maingueneau (2007), uma enunciação semelhante já podia ser vista em Benveniste (1966). De acordo com o autor, Benveniste (1966) já apresentava um novo paradigma de estudo para a frase nominal, isto é, ele não considerava a frase nominal uma versão incompleta da frase verbal com o verbo *ser*. O valor próprio da frase nominal consiste na não variabilidade da relação implicada entre o enunciado linguístico e a ordem das coisas. Se a frase nominal pode definir uma verdade geral, é porque exclui toda forma verbal que particulariza a expressão. Segue a citação de Benveniste, tal como apresentada em Maingueneau,

a frase nominal, sendo adequada para asserções absolutas, tem valor de argumento, de prova, de referência. É introduzida no discurso para agir e convencer, não para informar. É fora do tempo, das pessoas e da circunstância, uma verdade proferida como tal. É por isso que a frase nominal convém tão bem a essas enunciações, nas quais, aliás tende a confinar-se –sentenças ou provérbios – depois de haver conhecido maior flexibilidade. (BENVENISTE, 1966, apud MAINGUENEAU, 2007).

Os estudos de Benveniste permitiram a Maingueneau (2007) considerar as frases nominais como marcas linguísticas ligadas à enunciação aforizante. Por não ser embreada, a responsabilidade da frase nominal não recai diretamente sobre seu enunciador, tampouco a um locutor, no sentido que Ducrot (1984) dá a esse termo. Trata-se de um enunciado de autoridade, atribuído a uma instância que não coincide com o produtor empírico do

enunciado. Nesse sentido, as frases nominais se assemelham à enunciação aforizante. Ambas apresentam valor argumentativo e apresentam-se como sendo enunciados autônomos. Além disso, não delimitam espaço, tampouco um sujeito enunciador específico, isto é, podem ser utilizadas por “qualquer” posição sujeito, em qualquer situação enunciativa. O enunciado “a esperança venceu o medo” ilustra bem o que acabamos de afirmar. Ele está presente tanto na boca de um político quanto na de um religioso.

Outro fenômeno que, aqui, merece destaque é o fenômeno da *panaforização*, termo que combina o prefixo “*pan*”, de pandemia, e *aforização*. Segundo Maingueneau (2010b), o desenvolvimento recente de uma configuração midiática totalmente nova, que associa diretamente a mídia impressa, o rádio, a televisão, a internet e a telefonia móvel permitiu aumentar para níveis sem precedentes o destacamento e a colocação em circulação das aforizações. Um certo número de aforizações é tomado em um processo de tipo “pandêmico”, isto é, durante um curto período, vemos circular em todas as mídias e, às vezes, com frequência muito elevada, com estatutos muito diversos: manchetes, título de um artigo de jornal ou de uma página da internet, frase que circula na parte de baixo do monitor de um canal de informação televisiva, título de um vídeo sobre o *YouTube* etc. Como exemplo, podemos citar o enunciado “Menos a Luíza que está no Canadá”, proferido pelo empresário e pai de Luíza, Gerardo Rabello, num comercial de TV para o lançamento de um prédio residencial em João Pessoa na Paraíba, em 10 de janeiro de 2012. Na propaganda, o pai de Luíza fala sobre o empreendimento e, em determinado momento, ele cita que o sucesso do prédio é tão grande que ele convocou toda a família para falar sobre, “menos Luíza, de 17 anos, que está no Canadá”, fazendo intercâmbio.

Em menos de 24 horas após a veiculação da propaganda, a frase ficou entre as dez mais comentadas do *Twitter*, em todo o país, com a “hashtag”: “*LuizaEstanoCanada*”, além de inúmeras montagens que foram veiculadas no *Facebook*. A repercussão foi tanta que até artistas consagrados entraram no tom da brincadeira. Foi o caso do cantor Lenine, que no show em João Pessoa na sexta-feira, dia 13 janeiro, agradeceu a presença de todos que foram, “menos de Luíza que está no Canadá”. “Que maravilha, está todo mundo aqui rapaz, só não está a ‘Luíza que está lá no Canadá’”, brincou o cantor antes de começar o show. (LENINE, 13/10/2012)

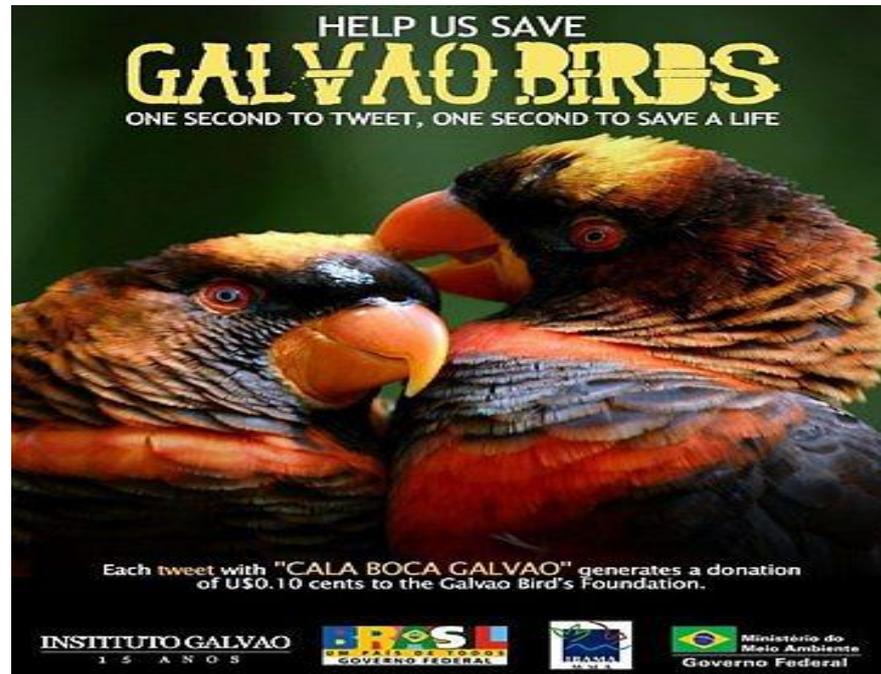
Outro enunciado que também pode ilustrar o fenômeno da panaforização é a frase “Cala a boca Galvão”, exibida com destaque logo que a bola começou a rolar no estádio Ellis Park, durante a estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo contra a Coreia do Norte, em Johannesburgo, 15 de junho de 2010. A faixa com a frase “CALA A BOCA GALVÃO” estava colocada exatamente no centro do campo do estádio Ellis Park, pouco acima das placas de publicidade, e endossava a campanha iniciada no *Twitter*, desde o dia 13 de junho de 2010. Bastou começar o jogo inaugural do Mundial na África do Sul, entre a equipe da casa e o México, que os temas ligados ao torneio já estavam entre os dez mais comentados no famoso *microblog*. E o enunciado que liderava o ranking era justamente *Cala boca Galvão*, referindo-se ao locutor esportivo da Rede Globo de Televisão.

Nesses casos, podemos falar de uma panaforização. A panaforização figura nas manchetes dos jornais, se infiltra nas conversações ordinárias, suscita debates de todas as espécies nas mídias: nos fóruns, nos *talk-shows* televisivos, no correio dos leitores etc. E, antes de desaparecer é substituída por outras. Segundo Maingueneau (2010b), a panaforização não tem necessidade de certo período de maturação. Para descrevê-la, o autor recorre à tirada do Barbeiro de Sevilha, de *Beaumarchais*, popularizada pela célebre “O ar de calúnia” de Rossini:

Primeiro um leve som, rasante no solo como uma andorinha antes de uma tempestade, *pianissimo* murmúrio... semeando a seta envenenada, execução. Este recolhe a boca, e *piano, piano*, que habilmente desliza no ouvido. O dano está feito; ela germina, ela engatinha, anda, e reforçada de boca em boca é o diabo. (Barbeiro de Sevilha, II 8, apud MAINGUENEAU, 2010b).

Em regra geral, a panaforização passa pelas notícias das agências midiáticas. O texto, a seguir, extraído de uma notícia do jornal *O Globo*, por exemplo, consagrada a aforização “Cala a boca Galvão”. Notamos que ela já consagra triplamente o status de panaforização do enunciado destacado: pelo título da notícia, pela relativa, colocada em final de citação e pela conclusão: sua observação rapidamente apareceu em áudio e impressa em grandes *sites* da mídia ao redor do mundo. Isso tem, de fato, o efeito de aumentar ainda mais a difusão dessa panaforização:

**“SUCESSO MUNDIAL – ‘CALA A BOCA GALVÃO’**



**ilustração 1:** Nelson Vasconcelos, de O Globo.

Durante o show da abertura da Copa do Mundo na África do Sul nesta quinta-feira, o locutor Galvão Bueno alcançou o primeiro lugar entre os assuntos mais comentados do *Twitter* em escala global. Será que é tanta gente amando o Galvão? Não. A responsável pelo sucesso é justamente a expressão "cala boca Galvão". E o sucesso só tende a crescer dramaaaaaaaaaaaticamente. Frente às dúvidas dos usuários estrangeiros do *Twitter*, que perguntavam "quem é Cala Boca Galvão", parte dos "tuiteiros" brasileiros prolongou a piada com bom humor, afirmando que se tratava de uma canção inédita da Lady Gaga. Até aí, nada de muito interessante. Mas a brincadeira está ganhando versões mais elaboradas. Uma resposta falsa para os gringos garante que "cala boca" significaria "salve / salvem", e que "Galvão" seria uma espécie de ave em risco de extinção. Portanto, cada "cala boca Galvão" enviado pelo *Twitter* valeria US\$ 0,10 para a Galvão Bird's Foundation. Já tem até cartaz e a campanha está correndo o mundo. Não se tem notícias de quantas aves já foram salvas graças ao locutor". (VASCONCELOS, N. *O Globo*, 11/06/2010).

A panaforização "Cala a boca Galvão" se instalou no sussurro midiático, que alguns, eventualmente, vão retornar ao seu contexto e, nesse contexto, buscar esclarecer o sentido. Todavia, isso não coloca em causa seu estatuto de frase sem texto, de aforização. Algo que, de acordo com Maingueneau (2010b), também é válido para todas as aforizações célebres: o primeiro gesto do professor de filosofia, por exemplo, é o de retomar uma fórmula como "a religião é o ópio do povo", no texto de Marx essa fórmula figura para explicar o sentido que seu autor supostamente lhe teria dado. Mas esses retornos ao contexto "real" são feitos por

profissionais e não podem estabilizar o sentido de uma fórmula que se tornou autônoma e que, desde então, é passível de múltiplas leituras.

Caso menos difundido do que os dois exemplos que acabamos de evocar, mas que dá uma boa visão da panaforização é o enunciado que irrompeu na mídia no início do mês de setembro de 2012, por conta da fala do personagem de José Wilker, o Coronel Jesuíno, da novela *Gabriela*: “Agora deita que *eu quero lhe usar*”. Mesmo sendo proferida da forma mais “machista” e absurda que podemos imaginar, a referida frase virou “mania” na internet. Dando uma rápida navegada no *Twitter*, por exemplo, dá até para esquecer as “atrocidades” praticadas pela personagem e nos divertirmos um pouco com as (re)atualizações da frase que marcou a frieza do Coronel Jesuíno. Uma vez conhecida, a aforização em questão tem provocado os mais diversos comentários: “Salário, chegue logo que *eu quero lhe usar!*”; “Feliz dia do deite que eu *vou lhe usar*”; “Sono chegue logo, *eu quero lhe usar*”; e “Feriado gostoso, que bom que chegou, pois *eu quero lhe usar*”; “Sexta-feira chegue logo, pois *eu quero lhe usar*”, são apenas algumas das inúmeras brincadeiras, envolvendo o bordão criado por Jesuíno.

Exemplo semelhante ao citado é a proliferação midiática da frase “É tudo culpa da Rita” proferida pela personagem Carminha, interpretada pela atriz Adriana Esteves, na novela *Avenida Brasil- Rede Globo*. Depois que a Carminha disse essa frase gerou uma onda de troca de “avatars” nas redes sociais inspirados na cena da novela. A mania agora é por a culpa de tudo que não dá certo na Rita. Assim, a frase dita incessantemente por Carminha virou um dos assuntos mais comentados no *Twitter* e nas redes sociais, de modo geral. Essa panaforização apresenta também a particularidade de ter uma sequência que gera em si muitas leituras, tais como: “A Tim, Oi e Claro foram suspensas? Meu Deus! Isso *é coisa da Rita!* Ela quer me privar de telefonar!”; “Você não entende? Dezembro tá aí, e o mundo vai acabar! E a culpa e de quem? *É tudo culpa da Rita*”; “JK Rowling não vai mais escrever nem um livro dos Harry Potter, nenhum. *É tudo culpa da Rita*”. “Sou obrigada a escutar Kuduro toda vez que chamam os comerciais. *A culpa é da Rita*”; “A internet caiu? Falei, só pode ser *culpa da Rita*”; “Esse frio todo *é culpa da Rita*”; Por que a galinha atravessou a rua? Eu não sei, mas *a culpa é da Rita*”. “Porque todo mundo agora ouve funk tão alto? Eu não sei, mas só *pode ser a Rita* querendo me deixar surda” etc. Os exemplos podem ser multiplicados, mas cremos que os arrolados são suficientes para ilustrar a presença da panaforização nas grandes mídias.

Os diferentes efeitos de sentidos dados às aforizações originalmente proferidas por Jesuíno e por Carminha se explicam nas condições em que elas são recolhidas. Com efeito, tais aforizações não foram produzidas para serem retomadas/citadas nas redes sociais. Provavelmente, os autores das referidas novelas não tinham dimensão da amplitude que tais frases tomariam. Tanto em *Gabriela* quanto em *Avenida Brasil* as frases “*deita que hoje eu quero lhe usar*” e “*é tudo culpa da Rita*”, respectivamente, não foram produzidas para serem citadas. No entanto, é sobre elas que vai se construir a panaforização. Bastou que as personagens mencionadas as dissessem para que as tais frases ganhassem lugar de destaque nos fóruns de discussão: *Twitter*, *Facebook* etc. A maioria dos comentários apagou o fato de que se tratava (nos dois casos) de frases destacadas de cenas de novelas e trabalhou no sentido de atualizar o seu significado.

Essas frases, durante um curto período de tempo, circularam na mídia brasileira, foram discutidas, comentadas e assumiram novos significados nas redes sociais, mas, por serem tratadas de exemplos típicos do fenômeno da panaforização, (circulação maciça, porém passageira de uma determinada frase), bastou que as novelas chegassem aos seus respectivos finais para que as frases “*deita que hoje eu quero lhe usar*” e “*é tudo culpa da Rita*” perdessem força de circulação nos comentários das redes sociais.

Sobre os enunciados citados, cabe mencionar ainda que, para Maingueneau, quando se analisam os usos da citação, dois planos interagem: o dos *procedimentos*, categorizados à base de critérios diversos (enunciativos, tipográficos, sintáticos, prosódicos: discurso direto, indireto, direto livre etc), e o dos *lugares*: gêneros, tipos de discurso, posicionamentos. Particularmente, o autor se interessa pelo sistema de *participação* (MAINGUENEAU, 2006), palavra valise que associa participação e citação. Essa categoria atravessa vários gêneros, sem que, para isso, corresponda a um procedimento. Além dos provérbios e do adágio jurídico, são bons exemplos, as fórmulas em sentido geral (qualquer enunciado curto e/ou genérico e autonomizado, com relativa estabilidade significativa, e autor não explicitado), como os aforismas, as frases célebres ou citações conhecidas (como as fórmulas filosóficas), gritos de guerra, *slogans* e as citações bíblicas.

A *participação* implica a inserção (citação) de enunciados sem autor, que pertencem ao *Thesaurus* de uma comunidade, ampla ou restrita, e são conhecidos por todos que dela participam. É, nesse sentido, que eventualmente engloba a enunciação aforizante. Como vimos, a *aforização* implica uma figura de enunciador amplificado, para além e aquém dos locutores e dos enunciadores. Uma espécie de *hiperenunciador* que se sobrepõe ao texto

citado, ao mesmo tempo em que o torna evidente. Não se trata de apenas (re)dizer o que já foi dito, mas de torná-lo autônomo, memorável nas práticas de *participação*. Para Maingueneau,

a participação difere citação prototípica, daquilo que geralmente vem ao espírito quando se fala de “discurso citado”: corte de um fragmento, explicação de sua fonte, inserção de uma situação de comunicação de caso pensado em outra situação, (com todos os problemas associados ao conflito de localização dêitica entre os dois espaços) distância variável entre mundo do discurso que cita e mundo do discurso citado em função da estratégia de modalização que o relator adota. (MAINGUENEAU, 2006, p.91)

O sistema de *participação* não se limita, assim, a retirar um dado enunciado de dentro de um texto para fazê-lo circular em outros contextos. Ela implica um trabalho linguístico-discursivo do sujeito enunciatador sobre o texto citado:

O enunciado citado é um enunciado autônomo, porque ele já o é originalmente ou porque ele foi previamente autonomizado mediante sua extração de um texto.

Essa citação deve ser reconhecida como tal pelos alocutários, sem que o locutor que a cita indique sua fonte e nem mesmo deixe claro que ele efetua uma citação por intermédio de um verbo discendi, introdutor, de um inciso etc. A propriedade de citação é marcada apenas por um deslocamento interno à enunciação, que pode ser de natureza gráfica, fonética, paralinguística... O enunciado citado é apresentado em seu significante, dentro de uma lógica de discurso direto, mas levada ao extremo: não se trata apenas de simular como geralmente ocorre no discurso direto-, mas de restituir o próprio significante. Contudo, essa restituição pode aceitar uma dose de variação, como frequentemente se mostrou para formas comumente consideradas cristalizadas, os provérbios. A restituição do significante é evidentemente associada ao fato de que não há indicação da fonte da fala citada.

O locutor que cita mostra sua adesão ao enunciado citado, que pertence àquilo que se poderia denominar um *Thesaurus* de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável de uma comunidade onde circulam esses enunciados e que, precisamente, se define de maneira privilegiada por compartilhar tal *Thesaurus*. Por sua enunciação, o locutor que cita pressupõe pragmaticamente que ele mesmo e seu alocutário são membros dessa comunidade, que eles são arrebatados em uma relação de tipo especular: o locutor cita aquilo que poderia/deveria ser dito pelo alocutário e, mais amplamente, por qualquer membro da comunidade que age de maneira plenamente conforme a esse pertencimento.

Esse *Thesaurus* e a comunidade correspondente recorrem a um hiperenunciador cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado – no sentido estreito de uma adequação a um estado de coisas do mundo –, e mais amplamente sua “validade, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade. (MAINGUENEAU, 2006, p. 92-3)

Dessa longa citação, é relevante destacar que a noção de *participação* dá conta do fato que caracteriza a citação de enunciados (títulos, subtítulos de artigos, incipits, frases famosas...) sem menção de seus autores, por decisão de uma comunidade de discurso – ou por “aposta” do autor de que se trata de um jogo de memórias de que a comunidade partilha. Em outros termos, a *participação* corresponde a uma forma de coenunciação que supõe a figura de um *hiperenunciador*, uma entidade validante que funda os pontos de vista expressos pelo enunciador/locutor. Esse, por sua vez, pode corresponder a um “Sujeito Universal dóxico”, no caso dos provérbios, ou a instâncias transcendentais ou institucionais (a Antiguidade, a Sabedoria, à Esquerda, os Democratas etc)

A ausência de fonte leva Maingueneau (2006) a comparar o fenômeno de *participação* ao discurso direto livre. No entanto, o autor estabelece uma distinção em relação ao estatuto dessa fonte anônima. Para o autor, enquanto no discurso direto livre citam-se enunciados da doxa (ou discursos-clichês, estereótipos), uma voz ordinária (enunciados atribuídos a uma pessoa qualquer), na *participação* os enunciados citados advêm de uma voz anônima, “extraordinária”. De uma forma ou de outra, o *participador* se apaga de alguma maneira diante de um *hiperenunciador*.

.Se, na *participação*, não há autor citado, é porque se trata fundamentalmente de uma forma particular de enunciação, em que o acordo entre as duas instâncias é tal que se faz inútil à presença de outras marcas de adesão ao PDV (ponto de vista). Para o autor, há em todo discurso direto (vale lembrar que também a *aforização* decorre efetivamente de uma lógica de discurso direto), uma dimensão mimo-gestual forte, uma teatralidade:

o hiperenunciador aparece como uma instância que, por um lado, garante a unidade e a validade da multiplicidade dos enunciados do *Thesaurus* e, por outro, confirma os membros da comunidade em sua identidade, pelo simples fato de manterem uma relação privilegiada com ele. [...] O participador não transgride a regra: é preciso que ele se apague de alguma maneira diante de

um hiperenunciador, mesmo se este último não pode ser um locutor propriamente dito. As práticas de participação são, assim, ligadas a a *ethé* discursivos característicos que cavam um desnivelamento enunciativo, e o locutor mostra com isso que ele é apenas o porta-voz contingente de uma fala vinda não importa de onde, passível de ser assumida não importa por qual membro da comunidade. (MAINGUENEAU, 2006, p.107)

Dessa forma, Maingueneau propõe dois grandes tipos de *hiperenunciador*, segundo se possa ou não lhe atribuir um ponto de vista: o individuado, Deus, por exemplo; e o com instâncias de “Sujeito Universal”, como nos casos de provérbios e adágios. Se, por um lado, no individuado, a explicitação dos conteúdos deve passar por uma hermenêutica mais ou menos codificada, por outro, no com “Sujeito Universal” tem-se mais uma instância responsável por uma memória do que de por uma consciência propriamente dita: um *ethos* mais ou menos especificado e não o espírito de um grupo. Trata-se de uma identidade sem propriedades semânticas especificadas, *particitar* um verso de um poeta célebre corresponde, assim, a mobilizar uma instância de inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio artístico ou cultural de uma comunidade.

Os conceitos formulados por Maingueneau são, assim, bastante relevantes para explicar o funcionamento enunciativo do conjunto de enunciados (os das ocorrências de “a esperança venceu o medo”), que circulam constantemente na mídia por meio de retomadas e/ou transformações numa série de textos ou, ainda, de diversas de suas (re)contextualizações em um mesmo texto, conforme se pode atestar na tabela de exposição dos dados, exposta no capítulo anterior. A circulação do enunciado “a esperança venceu o medo” em diversos tipos de textos e em diversas práticas discursivas corrobora a nossa hipótese inicial de que o nosso objeto se trata de uma aforização, uma unidade não-tópica do tipo percurso que transita por diversas formações discursivas, atravessando as fronteiras pré-estabelecidas. Essa unidade, quando analisada, deixa ver que o sentido “é fronteira e subversão de fronteira, negociação entre pontos de estabilização da fala e das forças que ultrapassam toda localidade” que insistamos em estabelecer.

### III- IRRUPÇÃO, CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO HISTÓRICA DOS SENTIDOS

#### 3.1 Das condições de produção

O termo “condição de produção” é, no quadro teórico da AD, um conceito extremamente importante: trata-se, primeiramente, de uma noção que aparece nas definições que estabelecem o discurso como objeto, mas funciona também como um princípio de divisão em um campo empírico, no sentido de que permite separar o discurso como objeto concreto de outros objetos empíricos, tais como: a proposição, a frase, os atos de fala, o enunciado ou o texto. Além disso, proporciona o valor de um princípio operacional visto que guia metodologicamente as primeiras operações que precisam ser efetuadas no tratamento de um conjunto de informações discursivas, operações de coleta e organização dos dados que devem ser conhecidos.

No entendimento de Courtine (2009), a noção de “condições de produção” recobre as operações efetivas na extração de um *corpus discursivo*<sup>17</sup> de um “universo de discurso”, garante a representatividade do *corpus* extraído como uma função dos objetivos da investigação e de uma estrutura particular ao *corpus*. A noção de condições de produção age, portanto, em relação às sequências discursivas e, conseqüentemente, ao intradiscurso, e não em relação ao processo discursivo como um todo. Ela funciona como um filtro que torna o *corpus* mais ou menos homogêneo. Essa noção se vincula tanto às possibilidades enunciativas dos períodos históricos, reguladores da relação de um sentido com sentidos anteriores, com os sentidos não ditos e com um “futuro” dos sentidos, quanto àquilo que falha, que desloca os sentidos. Ambos os processos são o resultado do trabalho da língua sobre a língua. Trabalho esse que não se origina no sujeito, mas que se realiza nele. Ou seja, os processos discursivos se realizam nas práticas discursivas do sujeito, mas por um efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua.

A língua, do ponto de vista da AD, constitui a base material de processos discursivos, que, por sua vez, são processos de produção de sentidos, fortemente articulados com

---

<sup>17</sup> Por *corpus* discursivo, Courtine (2009) entende um conjunto de sequências discursivas estruturadas de acordo com o plano definido em referência a um certo estado das condições de produção de discurso.

processos sócio-históricos. O discurso se inscreve e se repete na história, instaurando não só espaços do repetível, mas cadeias parafrásticas que constroem, organizam e, reconfiguram-se no/por um processo de rearranjo discursivo. Essas cadeias parafrásticas não são estáticas ou plenamente sinônimas, elas se movimentam nos fios do discurso (re)configurados pela/na história. Assim, os discursos só podem ser abordados integralmente se forem consideradas as condições sociais, institucionais e históricas que possibilitaram a emergência dos enunciados, isto é, se consideradas as condições de produção do discurso.

Tomar o enunciado “a esperança venceu o medo” em suas condições de produção implica, dessa forma, compreender também o acontecimento histórico e discursivo que propiciou sua irrupção, bem como os discursos que desse acontecimento se ocuparam. O acontecimento é pensado aqui como a emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido. Essa proposta compreende o enunciado “a esperança venceu o medo” em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica, como o lugar mesmo que afeta o real histórico.

### **3.2 Das condições de produção: o discurso presidencial como lugar de irrupção**

A irrupção do enunciado “a esperança venceu o medo”, conforme demonstramos no primeiro capítulo, está diretamente associada ao acontecimento histórico e discursivo da eleição presidencial do candidato petista, Luiz Inácio Lula da Silva (doravante Lula), no dia 27 de outubro de 2002. Em seu primeiro pronunciamento, que durou cerca de cinco minutos, Lula falou para uma plateia de 300 (trezentas) pessoas (jornalistas e militantes), no hotel Intercontinental, em São Paulo<sup>18</sup>. Em poucas palavras, o presidente eleito agradeceu a todos que o apoiaram, bem como afirmou que governaria para todos e não apenas para aqueles que o elegeram. Lula elogiou seus “companheiros” de partido derrotados nas eleições: José Genoíno, que concorreu ao governo de São Paulo, e Benedita da Silva, que tentava a reeleição pelo Rio de Janeiro. Lula também agradeceu ao vice-presidente eleito, José de Alencar (PL), e

---

<sup>18</sup> O pronunciamento de Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, na noite de 27 de outubro de 2002. Ver o pronunciamento na íntegra no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>

finalizou o breve pronunciamento com a frase que sintetiza a fase final da disputa entre ele e Serra: “Por fim, eu quero dizer pra vocês que **o Brasil está mudando em paz e, mais importante, a esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz**”. (LULA, 27/10/2002, grifos nossos)

No momento em que Lula fez esse pronunciamento, o Brasil vivia, de fato, a tensão entre a “esperança” e o “medo”. Por um lado, grande parte da população brasileira ansiava por mudanças nas diretrizes políticas e econômicas, por outro, tinha medo do desconhecido. O período pós-ditadura, seguido da eleição presidencial de Fernando Collor-PRN, em 1989, que culminou, dois anos mais tarde, em seu *impeachment*, foram, em certa medida, responsáveis por nutrir, durante muito tempo, o sentimento de medo na vida dos brasileiros.

Depois do confisco da poupança pelo governo Collor e de seu *impeachment*, rescendia em grande parte da população brasileira um sentimento de medo. Muitos brasileiros acreditavam (em razão de todo um imaginário sócio-historicamente construído pela mídia), que se o PT vencesse as eleições, perderiam suas propriedades particulares (casas, fazendas) em prol de uma sociedade mais igualitária, outros tinham medo das greves “desmedidas”. Havia ainda aqueles que acreditavam no ateísmo de Lula e tinham “medo” de que Lula mandasse fechar todas as igrejas evangélicas, caso fosse eleito. Sem contar, é claro, do “medo” da falta de experiência política e da falta de escolaridade do candidato petista. Contra o discurso do “medo”, criado e (retro)alimentado pela mídia, Lula oferecia o discurso da “esperança”.

Em *Eleições no Brasil: o medo como estratégia política*, (2004), Vera Chaia<sup>19</sup> faz um levantamento da presença do discurso da “esperança” *versus* o discurso do “medo” nas campanhas eleitorais disputadas por Lula, ao longo de sua trajetória política. Para demonstrar como esses discursos se inscreveram nessas campanhas, a autora recupera, além de algumas propagandas eleitorais, trechos de falas de atores políticos engajados na disputa eleitoral, bem como trechos de fala expostos na grande imprensa escrita, durante os períodos de 1989, 1994, 1998 e 2002. Em razão da relevância desses dados para a nossa pesquisa, nós os arrolamos no decorrer desta seção. Acreditamos que a exposição comentada desses dados permite traçar uma relação entre o discurso materializado no enunciado “a esperança venceu o medo” e o

---

<sup>19</sup> Professora do Departamento de Política e do Programa de estudos Pós-graduados em Ciências Sociais e pesquisadora do Neamp (Núcleo de estudos em arte, Mídia e Política) da PUC-SP e do CNPq.

“já lá”, o dizível, que fundamenta/orienta os sentidos dados a ler nas constantes atualizações desse enunciado.

De acordo com Chaia (2004), desde a eleição de 1989, Lula tentava combater o discurso do “medo”, usando como arma o discurso da “esperança”. Foi na eleição de 1989 que Lula tornou-se conhecido no cenário político brasileiro, chegando a disputar o segundo turno contra o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. Nessa campanha, o PT adotou como tema o *slogan* “Sem medo de ser feliz”, criado por Paulo de Tarso Santos e Carlito Maia. Numa tentativa de combater o discurso do “medo”, os marqueteiros do PT também apresentaram, durante a propaganda eleitoral gratuita, a vinheta, cuja música (tema da campanha), exaustivamente cantada por cantores famosos, como Gilberto Gil, Djavan e Chico Buarque, destacava a seguinte estrofe: “Lula lá, brilha uma estrela, Lula lá, cresce a esperança”.

Nesse cenário político, o discurso da “esperança” surge como uma espécie de antídoto contra o discurso do “medo” que a campanha de oposição e os veículos midiáticos, de modo geral, tentavam, a todo custo, cultivar nos eleitores. Vale lembrar que as eleições de 1989 foram um marco na democratização do País. Foi nesse período que se restabeleceram as eleições diretas para presidência da República, após 21 anos de regime militar. O pleito foi caracterizado por uma cobertura extremamente tendenciosa da mídia, inclusive com edições de debates políticos<sup>20</sup>. Os jornais, a televisão e o rádio destacaram o “fenômeno Collor” como algo novo na política brasileira. Collor era visto como o “caçador de marajás” e o político que introduziria o Brasil no contexto internacional. Os outros candidatos, principalmente o do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, foram desqualificados pela mídia.

Chaia (2004) discorre sobre vários acontecimentos históricos que demonstram o quanto as posições diferenciadas entre os dois candidatos (Collor e Lula), que disputaram o segundo turno, se radicalizaram no decorrer da campanha. Segundo a autora, o discurso do “medo” foi amplamente explorado pelo Horário Eleitoral Gratuito de Televisão (doravante,

---

<sup>20</sup> O documentário *Além do Cidadão Kane*, produzido pela BBC de Londres, foi proibido no Brasil desde a estréia, em 1993, por decisão judicial – por tratar das relações sombrias entre a Rede Globo de Televisão, na pessoa de Roberto Marinho, com o cenário político brasileiro. - Os cortes e manipulações efetuados na edição do último debate entre Luiz Inácio da Silva e Fernando Collor de Mello, que influenciaram a eleição de 1989. - Apoio a ditadura militar e censura a artistas, como Chico Buarque que por anos foi proibido de ter seu nome divulgado na emissora. - Criação de mitos culturalmente questionáveis, veiculação de notícias frívolas e alienação humana. - Depoimentos de Leonel Brizola, Chico Buarque, Washington Olivetto, entre outros jornalistas, historiadores e estudiosos da sociedade brasileira.

HEGTV), do PRN, bem como pela mídia de modo geral. O confronto entre os seguranças do candidato do PRN e os militantes do PT, na cidade de Caxias do Sul/RS, por exemplo, tornou-se um “prato cheio” para alimentar esse discurso. As provocações e brigas foram fartamente exploradas pela mídia, principalmente pela propaganda eleitoral de Collor que explorou os confrontos e apontou a militância do PT como responsável pelo que chamou de “desordem”. Aproveitando as imagens da briga, Collor afirma que: “O governo do PT, ao chegar ao poder, seria exatamente isso, o governo da bagunça, da intolerância, da intransigência, da baderna, do caos<sup>21</sup>.”

Para tentar dissipar o discurso do “medo”, amplamente explorado pelo PRN de Collor, o PT rebateu, acusando Collor de ter fabricado as brigas. Gravou o depoimento das pessoas envolvidas no tumulto, desmentindo a propaganda do candidato do PRN. Mas, segundo Chaia, exatamente, naquele momento crítico, entrou em cena um terceiro discurso forte na campanha de 1989: o de Boris Casoy, âncora do jornal *TJ Brasil*, da SBT. Jornalista de renome e credibilidade, introdutor de um estilo opinativo e contundente de apresentar as notícias na tevê, Casoy reproduziu as imagens da briga em Caxias do Sul e classificou as práticas do PT como “nazistas”<sup>22</sup>. A declaração de Boris Casoy, provavelmente, aumentou o clima de “medo” nos telespectadores com relação ao PT.

Também no HEGTV, Fernando Collor afirmou que, caso Lula vencesse as eleições no segundo turno, confiscaria a poupança, o que aterrorizou grande parte dos eleitores. Fazendo referência a Lula, Collor afirmou no último programa do HEGTV:

Lula não honraria os rendimentos da sua caderneta de poupança. Ser moderno, minha gente, não é querer tomar o dinheiro que você consegue com sacrifício depositar na sua caderneta de poupança. Ser moderno, minha gente, não é ficar com o dinheiro do fruto de seu trabalho suado e sacrificado, como quer o outro candidato. Ser moderno, minha gente é respeitar a poupança, a poupança é sagrada, e garantir esse dinheirinho a mais que você consegue juntar e garantir a sua propriedade por menor que seja. (COLLOR, HEGTV-Collor, dezembro de 1989)

---

<sup>21</sup> Declaração de Fernando Corlor no HEGTV, durante a campanha eleitoral do 2º turno, em 10 de dezembro de 1989, tal como citada em CHAIA, 2004, p. 32.

<sup>22</sup> TJ Brasil, SBT em 01/12/89, tal como citado em CHAIA, 2004, p. 32.

Com esse discurso, Lula tentou justamente aplacar o medo do eleitor de que a força de um Estado socialista prevalecesse com a vitória do PT nas eleições. Ao mesmo tempo, seu discurso nas ruas, registrado no HEGTV, acabava realçando as ideias que atiçavam o medo das elites dominantes:

o novo na política brasileira, e o que causa medo para ele [Collor], é a possibilidade do povo pobre deste país, através de um torneiro mecânico, chegar à Presidência da República pelo voto livre e direto. É isso que deixa eles [classe dominante] assustados, é isso que deixam eles meio agoniados (LULA, HEGTV-Lula, segundo turno, dezembro de 1989)

Chaia (2004) destaca que, nas campanhas de Collor e Lula, até o discurso dos artistas foi embebido na temática do “medo” *versus* a “esperança” e chamou a atenção do público do HEGTV, em dezembro de 1989. Segundo a autora, a atriz Marília Pera, pró-Collor, foi uma das primeiras atrizes a declarar seu voto:

Nessas eleições, por favor, não patrulhe, não se deixe patrulhar, não perca seus amigos por causa de diferenças ideológicas que talvez sejam temporárias. Não brigue, não vamos brigar. Pense que o importante é um Brasil melhor. Nessas eleições eu voto em Fernando Collor de Mello e você vota em quem você tiver vontade de votar. (PERA, HEGTV-Collor, dezembro de 1989)

Com esse discurso, Marília Pera condenava o patrulhamento ideológico atribuído aos militantes do PT e aconselhava os eleitores a evitar o confronto que dava “medo”. No fim, declarava o voto e defendia a liberdade de votar, como se ela estivesse ameaçada pela militância petista. Em favor de Lula e do PT, no HEGTV, o ator Paulo Betti, aconselhou o eleitor: “Na hora de votar, preste atenção, preste atenção, vote em alguém que foi trabalhador, que foi pobre e que pode te ajudar a mudar este país. Sem medo de ser feliz, vota Lula”.<sup>23</sup> Novamente, aqui, o discurso do “medo” entrou em pauta, contrapondo-se à felicidade, que viria se o eleitor tivesse a coragem de votar em quem já viveu os dramas e os medos de um

---

<sup>23</sup> Declaração de Betti Lago durante o HEGTV de Lula, dez/1989, tal como citada em CHAIA, 2004, p. 33.

operário pobre, capaz de “mudar” o país, porque é identificado com a história de luta da maioria da população brasileira.

O confronto entre os artistas, segundo Chaia (2004), foi sucedido, no HEGTV, por outro episódio que também despertou o “medo”. Desta vez, dos setores moralmente mais conservadores da sociedade. A propaganda de Collor exibiu o depoimento de uma antiga namorada de Lula, Miriam Cordeiro, que teria sido forçada pelo candidato petista a praticar aborto. Vieram à tona mágoas e ressentimentos, e Lula acabou levando ao ar o depoimento de sua filha, Lurian, que nasceu daquele relacionamento. Lurian defendeu o pai, afirmando ter recebido dele todo o apoio necessário, ao contrário do que a mãe dela havia afirmado. Mas, àquela altura, o escândalo já havia se amplificado no palco da campanha.

Naquele momento histórico, a temperatura do “medo” estava bastante alta. Um último episódio fez explodir o termômetro: a polícia descobriu o cativo do empresário, Abílio Diniz (dono da Rede Pão-de-Açúcar), que havia sido sequestrado por uma quadrilha de terroristas estrangeiros, com a participação de um brasileiro. No momento da captura, um dos sequestradores vestia uma camiseta da propaganda eleitoral de Lula. Só depois das eleições, é que ficou confirmado que a polícia havia obrigado o sequestrador a vestir a camiseta. Essa manobra associou Lula e o PT ao terrorismo, acentuando o sentimento do “medo” no eleitor brasileiro.

De acordo com Chaia (2004), a propaganda anti-Lula também foi marcada pela acusação de que ele era ateu e que, caso fosse eleito, proibiria as igrejas evangélicas de funcionarem. Frei Leonardo Boff, Benedita da Silva e outras lideranças ligadas aos mais diferentes credos religiosos partiram em defesa do candidato do PT, cuja imagem já estava completamente associada à anarquia, ao comunismo e ao ateísmo. A campanha do “medo” chegou ao ápice com o apelo do candidato do PRN que, ao se despedir da campanha eleitoral na televisão, afirmou: “No dia 17 você vai marcar o nome de Collor na cédula e pôr fim ao medo e ao terrorismo dos que se alimentam da greve do trabalhador injustiçado<sup>24</sup>.”

O eleitor, de fato, “colloriu” as eleições de 1989. Contudo, após dois anos e nove meses, foi às ruas, sob a liderança dos “caras pintadas”, pedir a deposição do presidente eleito. O “sonho” Collor virou pesadelo, em preto e branco, do confisco da poupança, da corrupção

---

<sup>24</sup> Declaração de Collor durante o HEGTV, dez/1989, tal como citada por CHAIA, 2004, p.34.

deslavada, dos desmandos administrativos e pessoais. Imediatamente, jornais, revistas e redes de televisão mudaram de posição e começaram a atacar o presidente. Pressionado pelo povo, pela elite política e pelos grandes conglomerados midiáticos, o Congresso Nacional abriu o processo contra o presidente Collor, que resultou no seu *impeachment*, em dezembro de 1992. Assumiu a Presidência da República o vice de Collor, o mineiro Itamar Franco. Naquela época, o então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, fixou o Plano Real, “criado” para controlar a inflação e dar conta da estabilização financeira que o Brasil precisaria para referendar um nome das elites para ocupar novamente, pelo voto, a liderança do Poder Executivo. Dessa forma, lançavam-se as bases para a disputa eleitoral de 1994.

A disputa central nas eleições presidenciais de 1994 se deu justamente entre o ex-ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, em coligação com o PFL e parte do PMDB e, novamente, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Chaia (2004) observa que, naquele processo eleitoral, foi evidente a participação dos veículos de comunicação social na campanha situacionista, cuja plataforma fincou suas bases no Plano Real. Em favor de FHC, a mídia “comprou” o *slogan* de campanha “defenda o Plano Real”. Emissoras de tevê e de rádio, revistas e jornais apontavam o candidato do PT como um opositor ao projeto que garantiria a estabilidade econômico-financeira defendida pelo governo e pela propaganda eleitoral dos tucanos. Lula traria de volta a inflação, tão temerária e temida no Brasil. Outra vez, o “medo” tomou conta da população e foi alimentado pelo discurso de que o PT seria incapaz de articular as alianças políticas das quais o “país” necessitaria para conquistar e se manter no “poder”, favorecendo a vitória de FHC.

O “medo” também era relacionado à incapacidade do PT estabelecer alianças políticas caso ganhasse as eleições. Outro ponto explorado pela mídia e pela candidatura de FHC foi a questão internacional e a crise econômica. Lula era apontado pela Imprensa como um candidato frágil para enfrentar as relações internacionais de um país emergente, mas ainda imerso na crise econômica. O candidato petista ponderava: “O que não pode é o governo fechar um acordo com o FMI com medo de que o Lula ganhe a eleição”<sup>25</sup>.

Nesse caso, o “medo” trabalhado foi da pressão internacional e da resistência desses setores com relação ao candidato do PT. Empresários asseveravam que Lula seria um representante da esquerda radical e jamais atrairia o respeito do mercado internacional, cuja

---

<sup>25</sup> Declaração de Lula ao jornal *Folha de S. Paulo* em 30/04/1994, tal como citada em CHAIA, 2004, p.35.

tendência seria proteger-se, provocando uma indesejável fuga de capitais. À voz potente dessas lideranças, somava-se o discurso de campanha de Fernando Henrique Cardoso que desqualificava o candidato do PT. Lula era apresentado como um candidato da esquerda radical, um o ex-torneiro mecânico, sem instrução e experiência administrativa.

O HEGTV de FHC trabalhava ainda no sentido de aproximar Lula ao grupo identificado como “xiita”, os mais radicais entre os radicais do partido. Plantavam boatos de que o candidato petista perseguiria os evangélicos se conquistasse a vitória nas urnas. FHC, em resposta ao *slogan* “Sem medo de ser feliz” criado pelo PT em 1989 e, novamente, utilizado por Lula em 1994, cunhou o *slogan* “Sem medo de competir”. O candidato tucano afirmava que, no seu governo, o Brasil teria a maior inserção na economia internacional, e entraria para o Primeiro Mundo. O “medo” dos eleitores em relação ao PT foi tanto que eles decidiram, nas urnas, dar a vitória ao PSDB.

Em 1998, dois nomes voltaram a se destacar na disputa eleitoral: o do então presidente Fernando Henrique Cardoso-PSDB e, mais uma vez, o de Luiz Inácio Lula da Silva-PT. A campanha, desde cedo, começou a definir seus rumos, pois a crise político-econômica internacional era insistentemente lembrada como se estivesse a exigir a continuidade. Tanto que as lideranças nacionais chegaram até a mudar a lei, contemplando FHC com a possibilidade de se reeleger e de permanecer na Presidência até praticamente as vésperas da votação, o que transformou os seus últimos atos de governo em propaganda eleitoral.

Segundo Chaia (2004), o “medo” do caos e do desconhecido foi utilizado para justificar a necessidade de manter a política como estava e deixou o então presidente numa posição tão confortável que ele se recusou a participar dos debates políticos na televisão, não sem a concordância tácita das emissoras para as quais a reeleição era evidentemente vantajosa. O “medo” da mudança fez desaparecer a política dos telejornais e enterrar os debates, também sob a alegação de desinteresse do público. A estratégia de campanha do PT foi a de criticar o governo de FHC por não ter capacidade de enfrentar a crise econômica interna e internacional. O PSDB adotou uma postura para combater essa estratégia: “O PT está vindo novamente com esse discurso meramente eleitoreiro, usa a mesma tática de amedrontar as pessoas. Todos sabem que esse é um problema internacional<sup>26</sup>”. Retrabalhando

---

<sup>26</sup> Declaração de FHC ao OESP em 22/08/98, tal como citada em CHAIA, 2004, p.37

o jingle do PT, o PSDB lançou a seguinte vinheta: “Não tenha medo, não, que o rumo da Nação é cada vez mais claro”<sup>27</sup>.

De acordo com Chaia, naquele período, já se falava em “Risco Brasil”, por duas agências internacionais, a *Standard&Poor's* e a *Duff&Phelps*, em desvalorização da moeda brasileira, de fuga de capitais, em poucos negócios na Bolsa de Valores de São Paulo. O PT acusou o presidente FHC de querer dar um “golpe político”. Tarso Genro, coordenador político da campanha do PT, chegou a declarar que o governo queria reinaugurar a “política do terror”, do tipo “ou eu ou o caos. A discussão da crise estava presente em todas as análises do PT. Em entrevista para o jornal *O Estado de São Paulo*, José Genoíno, do PT de São Paulo, admitia que a crise causava “medo” na população, o que provocaria o voto conservador. Por isso, defendia uma campanha aberta da oposição para forçar o segundo turno: “Aí, o povo terá tempo de ver os reais efeitos da crise”<sup>28</sup>. Como desabafo, Lula comentou que toda disputa eleitoral em que participa: “Criam um monstro, um clima de medo de fuga de capital volátil, uma coisa que a população nem entende”<sup>29</sup>. A cobrança do PT era para que o governo de FHC assumisse a necessidade de rever sua política econômica e a questão da paridade real e dólar.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, por sua vez, fazia questão de afastar de si toda e qualquer associação ao “medo”. Chegou até a se pronunciar oficialmente sobre o tema:

Não temos e não teremos medo de tratar de nossos ajustes com abertura em relação ao mundo: dialogar intensamente com parceiros e com as instituições internacionais, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Banco de Desenvolvimento, das quais somos sócios e com as quais continuaremos mantendo um relacionamento maduro, aberto e soberano (FHC, OESP, 24/09/98)

A interferência do mercado e das instituições financeiras internacionais já se fazia presente nas eleições de 1998. O “medo” estava associado à incapacidade de Lula resolver a crise internacional. A propaganda política do candidato do PSDB trabalhou com a ideia de

---

<sup>27</sup> Vinheta do HEGTV DO PSDB em 05/09/1998, tal como citada em CHAIA, 2004, p.37

<sup>28</sup> Declaração de Genoíno ao OESP em 13/09/1998, tal como citada em CHAIA, 2004, p.38

<sup>29</sup> Declaração de Lula ao OESP em 17/09/1998, tal como citada em CHAIA, 2004, p.38

que somente o atual presidente, com toda a sua experiência poderia resolver a crise e dialogar, de igual para igual, com as lideranças políticas internacionais. Contra-atacando Lula afirmou:

o medo de mim não é porque sou um bicho papão; é porque eu sou muito bom. Como torneiro mecânico, vou provar que tenho mais competência para resolver os problemas cruciais e históricos deste país do que um cientista político. Um cientista político nunca será um torneiro mecânico, mas um torneiro mecânico sempre será um cientista político, principalmente quando ele faz política como eu. (LULA, OESP, 26/09/98).

O discurso de Lula não foi suficiente para combater o “medo” criado pela oposição, e o candidato do PSDB venceu as eleições ainda no primeiro turno. Para Chaia (2004), a vitória no primeiro turno se deu porque a campanha foi fundada justamente no “medo” da crise e na “esperança” provocada pela aplicação de medidas anti-inflacionárias. O “medo” foi associado à crise internacional e à liderança capaz de enfrentá-la. Também prevaleceu a desqualificação de Lula como um político sem experiência administrativa e sem título universitário e, portanto, sem capacidade para resolver a crise econômica.

O discurso do “medo”, conforme demonstramos, vinha dando resultados, pelo menos para os candidatos que se opunham ao PT, entretanto, na eleição de 2002, a “esperança”, finalmente, venceu o “medo”. A grande maioria da população brasileira ansiava por mudanças nas diretrizes socioeconômicas e, “sem medo de ser feliz”, consagrou a vitória da “esperança”.

Para disputar a eleição de 2002, lançaram-se as candidaturas de Luiz Inácio Lula da Silva-PT, Ciro Gomes-PPS-PTB-PDT, a do ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho-PSB, a do então Ministro da Saúde, José Serra-PSDB, candidato da aliança PFL-PSDB-PMDB. Dos grupos mais radicais do PT, emergiram duas dissidências que apresentaram as candidaturas de José Maria de Almeida- PSTU, e de Rui Pimenta-PCO.

Chaia (2004), ao discorrer sobre as eleições de 2002, verifica que as quatro primeiras candidaturas, foram superexpostas pela mídia em reportagens e debates. De tão exaustiva, a midiaticização da campanha forçou os candidatos a concentrarem seus esforços em aparecer bem, especialmente na televisão. Esse comportamento praticamente os afastou do confronto nos grandes comícios, do corpo a corpo nas ruas, o que, segundo a autora, tornou ainda mais

imprescindível o trabalho das equipes de marketing, coordenadas por nomes como Duda Mendonça, que dirigiu a campanha de Lula do PT, e Nelson Biondi e Nizan Guanaes, que coordenaram a campanha de José Serra. Esses profissionais deram o tom da propaganda eleitoral.

O fator religião, por exemplo, não entrou mais na pauta do discurso do “medo”. Antes disso, foi utilizado como elemento agregador de votos, especialmente contra a candidatura do próprio PT, que sempre foi alvo dos ataques nesse campo. A escolha para o vice de Lula recaiu precisamente sobre uma figura expressiva entre os quadros políticos das igrejas evangélicas: o empresário mineiro, José de Alencar. Enterraram-se, de uma vez, os boatos de que os petistas perseguiriam o evangelismo, ou qualquer outro credo religioso.

O “Risco Brasil”, as oscilações da Bolsa de Valores e a subida do dólar se transformaram nas grandes preocupações da mídia, suscitando declarações dos diferentes candidatos. A associação entre a instabilidade econômica e política com a candidatura de Lula foi, imediatamente, estampada nas capas das revistas semanais e jornais, contribuindo para aumentar o sentimento do “medo” nos eleitores. O mercado adquiriu uma “aura” de autonomia e de algo que pairava no ar. Na capa da revista *Veja* (22/05/02), o “medo” da possível vitória de Lula aparece estampado:



Ilustração 2: Capa- Revista *Veja*. Editora Abril, edição de 22 de maio de 2002.

À legenda “Por que Lula assusta o mercado” segue-se a imagem de Lula olhando para cima e acompanhando o gráfico que associa o crescimento da intenção de voto em Lula e o crescimento do “Risco Brasil”. A relação estabelecida contribui ainda mais para disseminar o sentimento do “medo”: quanto maior a intenção de voto em Lula, maior o “Risco Brasil”.

A revista *Isto é Dinheiro* também explora o sentimento do “medo”. Na edição do dia 15 de maio de 2002, põe em circulação a matéria com o seguinte título: “Por que o medo da economia de Lula?”



**Ilustração 3:** Matéria de capa - Revista *Instoé Dinheiro*. Editora Três; edição de 15 de maio de 2002

A matéria divulga a ascensão do PT nas pesquisas e, conseqüentemente, destaca o temor de empresários e banqueiros em relação a uma ruptura na política econômica. Para acalmar o mercado financeiro, Lula mostra à *Dinheiro* seu plano econômico.

Corroborando no sentido de difundir o sentimento do “medo” no mercado financeiro, a revista *Veja*, edição de 19 de junho de 2002, apresenta a matéria de capa: “O Brasil pode virar uma Argentina?”. Na parte superior da capa, lê-se: “Lula: o que fazer com suas finanças até o vendaval passar”. Juntos, esses enunciados contribuíram para aumentar o “medo” que o setor empresarial, naquele momento, “cultivava” em relação à instabilidade econômica brasileira.



**Ilustração 4:** Capa - Revista *Veja*. Editora Abril, edição de 19 de junho de 2002.

Nesta edição, *Veja* apresenta a desvalorização do real comparando a moeda brasileira ao desastre econômico e político na Argentina. A matéria de capa apresenta como título o enunciado: “Até o PT está com medo” – o texto exhibe a preocupação do PT em perder seu eleitorado. Na mesma revista, outra matéria divulga o discurso de que “A crise explodiu antes da hora” e que “os tucanos não param de reafirmar que Lula eleito equivale ao risco do caos”.

Diante da instabilidade, Lula procurou desconstruir a estratégia do “medo”: “Enquanto eles (PSDB) fazem a campanha do medo, eu faço a da esperança<sup>30</sup>”. O antídoto do marketing petista para combater esse “medo” foi a divulgação de uma carta, intitulada *Carta ao Povo Brasileiro*<sup>31</sup>, na qual o candidato petista se comprometia com um capitalismo humanizado e

<sup>30</sup> Declaração de Lula ao OESP em 16/10/2002, tal como citada em CHAIA, 2004, p. 41.

<sup>31</sup> *Carta ao Povo Brasileiro* foi o título dado a um texto assinado em junho de 2002 pelo então candidato à presidência da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, assegurando que, em caso de sua vitória, a sua

fornecia, às elites econômico-financeiras do Brasil e do exterior, garantias de que iria cumprir os compromissos e saldar as dívidas assumidas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso:

“Há trinta anos percorro o Brasil, como tenho feito nas últimas semanas. Dos pampas gaúchos ao agreste nordestino. Da árida periferia paulistana aos caminhos úmidos do Pantanal e da Amazônia. Sinto que os sofrimentos do dia-a-dia não quebraram as energias populares, como se pode verificar nas comemorações por nossa vitória na Copa do Mundo. O otimismo do povo persiste, apesar de todo o ambiente de crise que se vê na televisão, no rádio e na imprensa escrita. Os brasileiros que vivem com os pés bem plantados no chão da pátria acreditam que o Brasil tem todas as condições de superar as suas dificuldades e dar uma arrancada em direção a um futuro de crescimento e justiça. (...). Nossa ajuda aos países vizinhos deve ser concreta e imediata. A proposta da ALCA, tal como formulada hoje, representa menos uma verdadeira integração e mais uma forma de anexação. Todos os países desenvolvidos tiveram e têm o seu projeto nacional. Integram-se ao mundo a partir dele, seja em âmbito regional seja em escala planetária. Claro que devemos aproveitar, e com toda ousadia, os espaços abertos pela mundialização. Mas temos ao mesmo tempo o direito - e o dever - de proteger o país dos riscos globais. (...). O PT nunca se omitiu e não se omitirá agora diante da crise. Governamos com reconhecido sucesso e responsabilidade 50 milhões de brasileiros. Nossa coligação estará sempre disposta a defender o Brasil e a evitar o pior. Mas não podemos nos contentar apenas em evitar o pior. Não podemos ter uma postura defensiva, recuada, agachada diante da crise. O Brasil não pode acovardar-se. Até porque a atitude recuada não resolve nada, ela na verdade só alimenta a crise. O único modo consistente e duradouro de evitar a crise é vencê-la. E isso se faz combatendo as suas causas. Enquanto a economia brasileira estiver estagnada e os juros continuarem nas alturas, enquanto a especulação for mais atrativa do que a produção, os papéis valerem mais do que os empregos, seremos sempre vulneráveis. A maneira de superar a crise é fazer o Brasil voltar a crescer. Sim, eu sei que os obstáculos existem e são poderosos, mas isso não significa que o Brasil deve render-se à crise. Basta de passividade e de fatalismo. (...). Precisamos superar a perigosa combinação de dependência do capital externo, juros altos e baixo crescimento, que fazem aumentar continuamente a proporção da dívida pública com relação ao PIB. O Brasil só vencerá suas fragilidades se crescer, gerar empregos, exportar e disputar um espaço no mundo como nação soberana. É nessa dimensão que o governo fracassou. A premissa para crescer é diminuir a dependência de capitais externos voltados para a especulação e baixar juros. (...). O país precisa criar 10 milhões de empregos. Pode parecer um número exagerado, mas não é. Além da legião de desempregados que já existem, entram no mercado de trabalho a cada ano, 1,4 milhão de jovens. Precisamos crescer a uma taxa média de 5% ao ano para gerar, por meio de políticas ativas de emprego e renda, os postos de trabalho necessários. O desafio é enorme, mas assumo o compromisso de perseguir essa meta com todas as minhas forças. Criar empregos será a minha obsessão. A economia não deve ser um fim em si mesmo. Ela deve ser um instrumento a serviço da vida. Vamos investir na construção de moradias, setor intensivo em mão de obra. (...). Vamos apoiar a agricultura familiar e a empresarial, com assistência técnica e financiamento para o transporte, a armazenagem e a comercialização. Nas pequenas cidades, vamos estimular o empreendedorismo das populações locais, de modo a que abram os seus próprios negócios. Valorizar as raízes do homem do campo em sua própria terra e reverter o esvaziamento do interior será também uma de nossas metas. Quero apoiar de modo vigoroso a pequena e a média empresa, pois elas empregam grande quantidade de trabalhadores. (...).” (LULA, L.I, Brasília, 23 de junho de 2002).

---

agremiação, o Partido dos Trabalhadores (PT), respeitaria os contratos nacionais e internacionais. Ver o documento na íntegra no *site* <http://www2.fpa.org.br/carta-ao-povo-brasileiro-por-luiz-inacio-lula-da-silva>

Com essa carta, Lula procurava extirpar o “medo” dos calotes e de mudanças estruturais na política de um país importante no cenário da globalização mundial. Ao apontar os problemas da gestão de FHC e as possíveis soluções para eles, Lula, de fato, consegue acalmar o mercado. Essa nova situação aparece estampada na capa da revista *Istoé*, na edição de 14 de agosto de 2002:



**Ilustração 5:** Capa - Revista *Istoé*. Editora Três, edição de 14 de agosto de 2002.

Nesta edição, a *Istoé* mostra que “Lula não assusta mais”. Com a proposta de um capitalismo humanizado, o candidato petista ganha elogios na imprensa conservadora estrangeira, é aprovado no debate da rede Bandeirantes e é aplaudido na Fiesp e na Bovespa, onde antes era um “sapo” difícil de engolir.

Essa nova realidade fez com que Lula chegasse ao segundo turno das eleições com 65,8% dos votos válidos contra 34,2%<sup>32</sup> do candidato do PSDB, José Serra. À beira de uma

<sup>32</sup> Dados da pesquisa ISTO É/SENSUS/CNT.

derrota fragorosa, o candidato da situação novamente atacou com a poderosa arma do “medo”. A imprensa voltou a associar a candidatura petista à lama e ao caos. O preconceito contra Lula entrou de novo em cena. No dia 17 de outubro de 2002, a candidata à vice de José Serra, Rita Camata (PMDB), declarou ao jornal *O Estado de São Paulo*: “Não podemos entregar o Brasil na mão de quem não tem experiência, de um aventureiro”<sup>33</sup>. De forma mais suave, o presidenciável tucano passou a qualificar Lula como inexperiente. Segundo ele, Lula não estava preparado para discutir o programa do PT no tocante à política no combate ao desemprego, bem como não daria conta de fazer a economia crescer<sup>34</sup>.

Além disso, no primeiro dia da propaganda eleitoral do segundo turno, José Serra colocou no ar o depoimento mais polêmico da campanha eleitoral de 2002, o da atriz Regina Duarte. Em primeiro plano, com um ar sério, estabelecendo um profundo contato com o público, a “Namoradina do Brasil” declarou<sup>35</sup>:

Estou com medo. O Brasil corre o risco de perder a estabilidade. Não dá para jogar tudo na lata do lixo. O Serra, eu conheço: é o Serra dos genéricos [...] sei o que vai fazer. O outro, eu achava que conhecia. Agora, não reconheço mais. Isso dá medo na gente. Medo da inflação desenfreada de 80% ao mês [...]. (DUARTE, HEGTV-Serra, 15/10/2002)

O discurso de Regina Duarte teve um acento ameaçador, aterrorizante, fundado na ideologia do autoritarismo e, conseqüentemente, da coerção e do “medo”, seu tema central. Com seu depoimento, a atriz alimentou um clima de instabilidade, de temor pelo futuro diante da mudança, da suposta incoerência na postura e do risco de uma política econômica inflacionária, atribuídos a Lula, que foi citado com menosprezo, como sendo “o outro”. No trecho anterior, com uma expressão facial relaxada, serena e alegre, e um tom de voz mais brando, amigável, havia descrito Serra como alguém confiável, cuja candidatura estaria associada também a mudanças, só que positivas (com a alusão aos “genéricos”), e previsíveis, (com a afirmação “sei o que vai fazer”).

<sup>33</sup> Declaração de Camata ao OESP, 21/10/2002, tal como citada por CHAIA, 2004, p.42.

<sup>34</sup> Declaração de Serra ao OESP em 21/10/2002, tal como citada por CHAIA, 2004, p.42.

<sup>35</sup> Declaração de Regina Duarte durante o HEGTV em 15/10/2002.

O PT contra-atacou com o depoimento de uma atriz com o mesmo sobrenome de Regina, mas nenhum parentesco com ela. Dois dias depois, Paloma Duarte apareceu durante o HEGTV de Lula e declarou:

Estou chocada com o uso do terrorismo numa eleição para presidente da República do meu País. [...] E quero dizer que um candidato que precisa aterrorizar a população brasileira em vez de se calçar em suas próprias virtudes não merece o meu respeito [...]. E, na minha opinião, não mereceria jamais ser presidente da República. (DUARTE, P. HEGTV- Lula, 17/10/2002)

No meio artístico, choveram críticas a Regina Duarte. O inverso não foi diretamente proporcional: “É estranho que ela, Regina Duarte tenha medo da democracia, onde a alternância no poder é natural”<sup>36</sup>, criticou Stepan Nercessian. “Ao declarar o voto, deve-se falar bem de seu candidato e não mal do outro”<sup>37</sup>, emendou a cantora Beth Carvalho. “Terror é o que vivemos. Tenho medo de quatro anos de continuidade”<sup>38</sup>, afirmou a cantora Sandra de Sá. “Regina expressou o que o mercado está dizendo”<sup>39</sup>, aliviou Nana Caymmi, eleitora de Serra. Numa carta que circulou pela Internet, o dramaturgo Jair Alves escreveu: “Regina Duarte tem medo do que?”, acusando-a de pregar um “terrorismo eleitoral” e de espalhar o medo de forma “patética”<sup>40</sup>.

As discussões não pararam por aí, o ator e escritor Carlos Vereza fez coro a fala de Regina Duarte, durante o HEGTV em 17 de outubro de 20002:

O Serra não é o candidato do ódio e do medo. Uma parcela significativa da população tem medo e eu estou com medo também. Uma biografia não pode ser transformada e reescrita em seis meses. Lula há seis meses era contra tudo que agora difunde. Deixo aqui minha solidariedade a Serra e a Regina Duarte. (VEREZA, HEGTV-Serra, 17/10/2002)

<sup>36</sup> Declaração de Stepan Nercessian durante o HEGTV/ PT em 18/10/2002.

<sup>37</sup> Declaração da cantora Beth Carvalho durante HEGTV/ PT, 18/10/2002.

<sup>38</sup> Declaração da cantora Beth Carvalho durante HEGTV/PT, 18/10/2002

<sup>39</sup> Declaração de Nana Cayme durante o HEGTB/PSDB, 19/10/2002.

<sup>40</sup> Trecho da carta do dramaturgo Jair Alves veiculada no OESP em 17/10/2002, tal como citado por CHAIA, 2004, p. 42..

Nesse episódio, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva acabou cometendo uma gafe que lhe custou a reação de outros artistas. Lula afirmou que a atriz estava com medo das atrizes mais novas da Globo, referindo-se à idade de Regina Duarte. Em solidariedade à Regina Duarte, mobilizaram-se, contra Lula, “astros” e “estrelas”: Beatriz Segal, Raul Cortez e Paulo Autran. Em defesa da colega de serviço, a atriz Beatriz Segall fez a seguinte declaração no HEGTV<sup>41</sup>:

[...] Eu tenho medo. Medo de não poder dizer que estou com medo. Tenho medo de alguém que recorre à ofensas pessoais e profissionais, como último reduto da falta de argumentos. Mas não tenho medo das atrizes mais jovens. (SEGALL, HEGTV-Serra, 19/10/2002)

Toda essa repercussão levou Regina Duarte a conceder uma entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*, em que manifestou o sentido de seu “medo”:

Eu não acho que está bem equilibrado o debate entre os que ficaram do meu lado e os que estão contra. Isso aqui está servindo para se levantar uma discussão muito importante sobre patrulha, liberdade de expressão. Gente, eu estou com mais medo agora do que quando eu gravei aquele depoimento. Medo de perder coisas já conquistadas. (...). Eu falei de um sentimento que não era só meu. O medo é um sentimento inerente às mudanças, e era desse medo que eu estava falando. (DUARTE, R. OESP, 22/10/2002).

A presença de artistas nas campanhas eleitorais, conforme demonstram os excertos acima, é recorrente desde as eleições de 1989. Para Chaia (2004), busca-se com essa prática ampliar o eleitorado, bem como criar um sentimento de identificação do eleitorado com o artista. No entanto, é bom lembrar que nem só de artistas vivem as campanhas. Na campanha eleitoral de 2002, a viúva de Sérgio Mota- PSDB, Wilma Mota, também manifestou o seu

---

<sup>41</sup> Declaração de Beatriz Segall durante o Horário Eleitoral Gratuito de Televisão, publicada também no Jornal ZH, em 19 de outubro de 2002.

“medo”: “precisamos saber se eles têm um projeto para o país ou se eles buscam o poder pura e simplesmente. Se o projeto for só de poder, dá muito medo, porque aí vale tudo”<sup>42</sup>.

O apelo ao “medo” não parou por aí, a equipe de Serra ainda escalou a vice Rita Camata para atacar o que ela chamou de ameaça de volta da censura, do autoritarismo: “Não quero que volte o passado, onde os artistas, os intelectuais, os políticos foram censurados pelo que pensavam e o que falavam”<sup>43</sup>.

A revista *Veja* também voltou a atacar, colaborando ainda mais para a disseminação do discurso do “medo”: na última semana antes do 2º turno, estampou na capa uma figura amedrontadora:



**Ilustração 6:** Capa - Revista *Veja*. Editora Abril, edição de 23 de outubro de 2002.

<sup>42</sup> Declaração de Wilma Mota ao OESP em 23/10/2002, tal como citada por CHAIA, 2004, p.42.

<sup>43</sup> Declaração de Camata durante o HEGTV/ PSDB em 23/10/2002, tal como citada por CHAIA, 2004, p.42.

Nesta capa, o enunciado não verbal, o “mostro” de três cabeças: Marx, Lenin e Trotsky (símbolos do socialismo russo), particularmente chama atenção. Relacionada à legenda “O que querem os radicais do PT” essa imagem permite traçar uma analogia entre o sistema socialista russo e os petistas de base radical. Ao trazer as referidas personalidades como parte constitutiva da fera, a *Veja* redireciona o olhar do seu interlocutor, isto é, leva à interpretação de que o PT, cuja base sócio-ideológica fundada no sistema revolucionário russo, está em conflito interno. Nem mesmo os próprios partidários petistas conseguem se entender. Há uma crise interna no partido e isso corrobora no sentido de disseminar o “medo”. A relação do enunciado verbal, “O que querem os radicais<sup>44</sup> do PT– Entre os petistas, 30% são de alas revolucionárias. Ficaram silenciosos durante a campanha. Se Lula ganhar, vão cobrar a fatura. O PT diz que não paga”, com o não verbal (a fera de três cabeças que Lula domou) demonstra a insatisfação dos próprios petistas em relação às mudanças políticas do candidato Lula durante o pleito eleitoral. Em razão da ideologia a que se filiam, os radicais do PT estão receosos, temem um governo que defende a "expropriação do patrimônio da grande burguesia", a reestatização de empresas privatizadas, o amordaçamento da imprensa (sob o eufemismo de "controle social dos meios de comunicação"), a abolição final do mercado.

A matéria de capa produz ainda a interpretação de que Lula está, à custa de muitos esforços, domando os radicais petistas (representados pelo “mostro” de três cabeças). Eles estão enfurecidos, mas vão se calar, ainda que a contragosto, por um bem maior: a eleição do candidato do PT.

---

<sup>44</sup> *Veja* se refere especificamente aos políticos: Valter Pomar (secretário de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas); Marlene Rocha (integrante da Comissão Executiva Nacional do PT); Luci Choinacki (deputada federal-SC); Adão Pretto (deputado federal-RS); Edmilson Rodrigues (prefeito de Belém); Nelson Pellegrino (deputado federal-BA); Jorge Almeida (secretário nacional de Movimentos Populares do PT); Ivan Valente (deputado federal-SP). Raul Pont (ex-prefeito de Porto Alegre); Heloísa Helena (senadora pelo Estado de Alagoas); Ana Júlia (senadora pelo Estado do Pará); Joaquim Soriano (secretário nacional de Formação Política do PT).



**Ilustração 7:** Matéria de capa da Revista *Veja*. Editora Abril, edição de 23 de outubro de 2002

Na tensão entre o enunciado linguístico “O que querem os radicais do PT” e aquilo que ele alude instaura-se uma imagem, a imagem do “mostro” (os petistas de base socialista radical), que Lula domou. Essa imagem trava um embate com a memória, faz deslizar a tradição cultural, ao mesmo tempo em que instaura o sentimento de “medo”.

Chaia (2004), ao falar sobre esse sentimento, enfatiza o seu potencial enquanto discurso proferido e disseminado no espaço público desde a antiguidade até os dias atuais. Segundo a autora,

a ideia do medo envolve o seu oposto – a esperança e se faz presente em todos os momentos da vida do homem, sendo relacionada, segundo vários autores, à própria natureza humana. O medo expressa uma sensação de dúvida, um mal estar diante do desconhecido e também implica uma atitude de precaução em face do desconhecido e do novo. (CHAIA, 2004, p.29)

De fato, o discurso do “medo” esteve presente enquanto recurso de desconstrução da imagem de Lula em todas as suas disputas presidenciais: em 1989, o “medo” do radicalismo, demonstrado nos discursos e postura política de Lula; em 1994 e 1998, o “medo” da falta de uma formação superior, do despreparo e inexperiência de Lula; em 2002, o discurso do

“medo” foi novamente acionado. Desta vez, em consonância com os temas que constituíam o cenário da disputa, a estratégia se deu em volta da instabilidade econômica, política e do desemprego.

Embora bastante difundido, nas eleições de 2002, o discurso do “medo” não foi suficiente para derrotar o candidato petista. Três dias antes da eleição, Fernando Henrique Cardoso praticamente já admitia a possibilidade de vitória de Lula. Na abertura do *XXII Encontro Nacional do Comércio Exterior* (Enaex), o então presidente pronunciou a palavra “medo” sete vezes num discurso de 45 minutos, como neste trecho: “Como o brasileiro é um povo novo, não vai querer ficar com medo do que é novo e, portanto, vai continuar acreditando no Brasil. E nós vamos vencer, vença quem vencer<sup>45</sup>.”

Em 2002, o discurso da “esperança”, definitivamente, havia vencido o discurso do “medo” que não foi sequer admitido quanto mais assimilado pelo eleitorado. Lula venceu as eleições e, no dia seguinte a apuração de votos, na Coletiva de Imprensa<sup>46</sup> realizada na Avenida Paulista em São Paulo, voltou a enfatizar a vitória da “esperança” sobre o discurso do “medo”<sup>47</sup>: “Ontem, o Brasil votou para mudar. **A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país.(...)**”. (LULA, 28/10/2002, grifos nossos).

Os dados arrolados, no decorrer desta seção, permitem afirmar que o enunciado a “esperança venceu o medo” dialoga com o discurso do “medo” inscrito numa série de acontecimentos históricos e discursivos que embalsamaram as eleições presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002. A irrupção desse enunciado é, entretanto, indissociável da difusão e da circulação de todo um conjunto de textos, de natureza e proveniência diversas, que a precede e a prepara, e da qual ela constitui o ponto culminante, que lhe sucede imediatamente e lhe responde, formando o domínio de atualidade (COURTINE, 2009) do acontecimento discursivo que ele representa.

Em outros termos, o enunciado “a esperança venceu o medo”, é constituído/atravessado pela história. Isso significa dizer que, por meio de sua enunciação, o sujeito enunciador faz vir à tona, no espaço da memória, vários discursos com os quais ele mantém uma relação dialógica, seja em forma de aliança ou de contradição. No percurso a

<sup>45</sup> Declaração de FHC durante a abertura do XXII Encontro Nacional do Comércio Exterior- Enaex, veiculada no jornal OESP em 25/10/2002, tal como citada por CHAIA, 2004, p. 43.

<sup>46</sup> Transmitida em Rede Nacional de Televisão no dia 28/10/2002

<sup>47</sup> Pronunciamento do então Presidente Lula, transmitido em Cadeia nacional de TV no dia 28 de outubro de 2002.

seguir, buscamos pensar a memória discursiva em relação a acontecimentos e não apenas em relação a saberes, isto é, em termos de eventos, e não somente em termos de restrições semânticas sobre o que pode ou não pode ser dito. Assim, é relevante colocar, de um lado, o conjunto de enunciados que um sujeito retoma, repete, reformula etc; e, de outro, um conjunto de acontecimentos que, por várias razões, funciona como uma das condições de produção de determinado enunciado ou como ingrediente a ser considerado em sua interpretação.

### 3.3 Sobre a produção de sentidos no discurso presidencial: um olhar interdiscursivo

Dizer que o enunciado “a esperança venceu o medo” ressoa/responde ao discurso do medo, não quer dizer, necessariamente, que ele provém do sujeito enunciador, ou, melhor dizendo, que o sujeito tem a intenção, o controle de trazer o referido discurso para o fio do seu, isto é, para o intradiscurso. O discurso ressoa porque está disperso na memória do dizer, no interdiscurso. É assim que os discursos do “medo” e da “esperança”, inscritos nas práticas discursivas das campanhas eleitorais disputadas por Lula, se fazem ver no enunciado tomado como objeto de análise.

O enunciado “a esperança venceu o medo” consolida de forma metonímica o evento histórico da eleição de Lula, tornando-o um acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 2006). Ao proferi-lo, o sujeito enunciador faz vir à tona, no espaço da memória, vários discursos com os quais dialoga, aos quais polemiza. Em especial, responde ao discurso do “medo”, visível principalmente na declaração da atriz Regina Duarte, bem como na de vários outros artistas globais, durante a campanha eleitoral de 2002:

**Estou com medo.** O Brasil corre o risco de perder a estabilidade. Não dá parajogar tudo na lata do lixo. O Serra, eu conheço: é o Serra dos genéricos [...]sei o que vai fazer. O outro, eu achava que conhecia. Agora, não reconheçomais. **Isso dá medo na gente. Medo da inflação desenfreada de 80% ao mês[...]**<sup>48</sup>. ( grifos nossos)

---

<sup>48</sup> Regina Duarte, durante o HEGTV em 15/10/2002

O Serra não é o candidato do ódio e **do medo**. Uma parcela significativa da **população tem medo** e **eu estou com medo também**. Uma biografia não pode ser transformada e reescrita em seis meses. Lula há seis meses era contra tudo que agora difunde. Deixo aqui minha solidariedade e Serra e a Regina Duarte<sup>49</sup>. (grifos nossos)

[...] **Eu tenho medo. Medo de não poder dizer que estou com medo. Tenho medo** de alguém que recorre às ofensas pessoais e profissionais, como último reduto da falta de argumentos. **Mas não tenho medo** das atrizes mais jovens<sup>50</sup>. (grifos nossos)

Os discursos representados acima se inscrevem na materialidade linguística de “a esperança venceu o medo”, e, assim, orientam os sentidos, delimitam trajetos, mas não são os únicos. O *slogan* de campanha do PT em 1989, “Sem medo de ser feliz: vote Lula!”, ou, ainda, a vinheta, “Lula Lá, brilha uma estrela, Lula lá, cresce a esperança”, também são responsáveis por sua constituição. Todos esses discursos estão, de alguma forma, no “DNA” do enunciado em análise.

Vale observar que a presença da preposição “sem”, que antecede o substantivo “medo” no *slogan* “Sem medo de ser feliz...”, produz sentidos completamente diferentes aos dados a ler nas declarações dos artistas. Nos discursos anti-PT, a palavra “medo” é mobilizada para alertar a população brasileira a não votar em Lula, a ter “medo” do “desconhecido”. Ao passo que, no *slogan*, devido à preposição que a antecede, seu sentido é totalmente o oposto: trata-se de encorajar a população brasileira a apostar na mudança, isto é, a votar em Lula. A felicidade aparece aí relacionada à ausência do medo de Lula. A vinheta de campanha, “Lula-lá, brilha uma estrela. Lula-lá, cresce a esperança”, também corrobora esse sentido. Aqui, a palavra “esperança” se associa ao desejo de ver Lula eleito o presidente do Brasil. Juntos, o *slogan* e a vinheta buscam combater o discurso do medo, alimentado pela mídia, durante a campanha eleitoral. Quando proferidos a favor de Lula, tais enunciados compartilham os mesmos sentidos: buscam encorajar a população brasileira a votar em Lula. Ou, dito de outro modo, com Lula, cresce a “esperança” e o povo vota “Sem medo de ser feliz”.

Os discursos do “medo” e da “esperança” se inscrevem na formulação do enunciado “a esperança venceu o medo”, orientando/delimitando os sentidos dados a ler. Intrínsecos à

<sup>49</sup> VEREZA, durante o HEGTV em 17/10/2002

<sup>50</sup> SEGALL, B. *Jornal ZH* em 19/10/2002.

formulação, eles se deixam flagrar na interdiscursividade e, dessa forma, denunciam o posicionamento do sujeito enunciador. Isso implica dizer que enunciado em questão abriga sentidos já construídos, delimitados no espaço discursivo. Ele responde a esses discursos, e, assim, coloca em evidência os aspectos sócio-históricos de sua constituição.

Essa dialogicidade, própria do discurso, se repete ao longo da história e pode ser vista em diferentes acontecimentos. Ela se inscreve na materialidade linguística de “a esperança venceu o medo” e possibilita a irrupção de novos sentidos ou que sentidos “já ditos” sejam atualizados, é o caso, por exemplo, de sua atualização no acontecimento histórico e discursivo do segundo Pronunciamento de Lula, em 28 de outubro de 2002:

Ontem, o Brasil votou para mudar. **A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país.** Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranquilo, traçar um rumo diferente para si. (LULA, 28/10/2002, grifos nossos)

ou, ainda, do Discurso de Posse do então presidente da República, em janeiro de 2003:

Companheiros e companheiras, ‘mudança’; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. **A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.** (LULA, 01/01/2003, grifos nossos)

Nos dois casos, o interdiscurso orienta e dá sentido ao discurso de Lula. Os discursos produzidos alhures se inscrevem na materialidade tanto de “a esperança venceu o medo” quanto de “a esperança finalmente venceu o medo”, garantindo a estabilidade e o sentido do que é dito. Não se trata de uma sequência qualquer, mas de uma sequência margeada/povoada por outros discursos. Discursos esses que o sujeito enunciador dá como sendo de conhecimento público: o advérbio “finalmente” presente na materialidade linguística “a esperança finalmente venceu o medo” põe em questão a longa luta contra o discurso do

“medo” e destaca a vitória da “esperança”. Para Lula e seus adeptos, a “esperança” finalmente teria vencido o “medo”: “medo” do radicalismo e da militância do PT, em 1989; “medo” da inexperiência política e da falta de um título universitário, em 1994 e 1998; “medo” da instabilidade político-econômica, da “inflação desenfreada” e do desemprego, em 2002.

No enunciado em análise, o verbo “vencer”, conjugado no pretérito perfeito do modo indicativo, faz analogia ao crescimento e as vitórias obtidas pelo partido. Os discursos indicam o amadurecimento do PT e a capacidade de governar no intento de obter a confiança do eleitor. Naquela época, o PT governava aproximadamente 50 (cinquenta) milhões de brasileiros. Eram 5 (cinco) estados, 7 (sete) capitais, 180 (cento e oitenta) cidades, das quais parte delas, com mais de 200 (duzentos) mil habitantes. Naquele pleito, o discurso adotado foi novamente o da “esperança” e o da “mudança”, numa tentativa de combater não só o discurso do “medo”, mas também o do “preconceito”. Ambos destilados pelos partidos de oposição.

A enunciação de Lula, sem dúvida, recupera esses discursos, mas não faz isso explicitamente, apenas põe em evidência marcas linguísticas que permitem a adesão aos discursos “já-ditos”. Trata-se dos termos “esperança” e “medo”, tão massivamente explorados durante as campanhas eleitorais disputadas pelo então presidente. Logo, para compreender a essência da enunciação de Lula, faz-se necessário ir além da materialidade linguística, ou, dizendo de outro modo, é necessário remetê-la às suas condições de produção e resgatar, no seio histórico-discursivo de sua irrupção, os discursos “anteriores” e “exteriores” com os quais ela dialoga, isto é, mantém relações de aliança, apoio mútuo, como é o caso do *slogan* “Sem Medo de Ser Feliz: vote Lula!” (1989), ou no caso de uma relação polêmica, de rejeição e combate, como em “Estou com medo...” (declaração dos artistas, Regina Duarte, Beatriz Segall e Carlos Vereza, entre outros).

À luz do conceito de interdiscurso, é possível observar que o enunciado “a esperança finalmente venceu o medo” se constitui num espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (“estou com medo...”; “isso dá medo na gente”; “o Serra não é o candidato do medo...”; “Sem medo de ser feliz: vote Lula!”; “Lula-lá, brilha uma estrela. Lula-lá, cresce a esperança”). É no interdiscurso que o sujeito enunciador “busca” os enunciados que incorpora no intradiscurso. Ou seja, esse enunciado se constitui a partir da retomada de vários outros discursos com os quais polemiza ou mantém um elo. Ele rompe, por meio da lembrança de uma fórmula, o ritual que preside à enunciação de um discurso

político como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento sob a forma de um retorno da contradição nas formas do diálogo.

A enunciação de Lula apela para a memória, seja a uma memória discursiva, que constata certa relação entre enunciados, ou a uma memória (lembranças) de sujeitos, eleitores ou cidadãos. Ela evoca uma espécie de arquivo, na medida em que retoma discursos “já ditos” e os coloca a circular na horizontalidade do discurso, tal como captados pela memória discursiva. A memória visa, assim, a “discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 2006, p.22).

A noção de *domínio de memória*, tal como reformulada por Courtine (2009), torna menos opaco o que estamos falando. Para este autor, o domínio de memória

é constituído por um conjunto de sequências que preexistem a uma sequência específica, no sentido de que certas formulações isoláveis na colocação em sequência intradiscursiva que a sequência realiza (...) entram (...) nas redes de formulações a partir das quais serão analisados os efeitos que produz no seio de um processo discursivo a enunciação de uma sequência determinada efeitos de retomada, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de denegação, do já dito. (COURTINE, 2009, p. 111-2.)

Essa tese nos leva a perscrutar a hipótese de que há na base do enunciado “a esperança venceu o medo” discursos outros sobre os quais ele se sustenta. Para trazer à tona esses discursos faz-se necessário a aplicação do conceito de pré-construído. Ao submetermos o referido enunciado ao conceito de pré-construído, encontramos, no domínio de memória, o que Courtine (2006) chama de “formulações origem”. Em “a esperança venceu o medo”, a “formulação origem” pode ser representada por meio dos enunciados “Estou com medo”; ou, ainda, por meio do *slogan* “Sem medo de ser feliz” que, por sua vez, também ressoa/movimenta outros discursos. Entre essas formulações e os discursos que elas retomam, descobre-se sob a imediatez de uma lembrança, sob a anulação da distância interdiscursiva

que constitui os efeitos imaginários próprios do discurso direto, toda espessura de citações e remissões.

Vale lembrar que as remissões se interpõem entre o “desnível do texto primeiro (...), sua permanência que funda uma possibilidade aberta de falar”, e o texto que cita. (FOUCAULT, 2006, p. 24, 5), ou, como prefere Courtine (2006):

as formulações-origem derivam, assim, num trajeto complexo no seio da espessura estratificada da formação discursiva; durante o percurso, elas se transformam, se entrecortam, se escondem, para ressurgir adiante; por vezes se esfumam e desaparecem. (COURTINE, 2006, p. 91)

A deslinearização do enunciado “a esperança venceu o medo” é, sem dúvidas, essencial a este estudo. Ela permite restituir sob a superfície lisa das palavras a profundidade complexa dos índices de um passado. O desdobramento de sua forma linguística permite recuperar os discursos “já ditos” e, conseqüentemente, estabelecer relações entre o “dito” e o “já lá”. Há na formulação do referido enunciado um discurso organizado sob a forma de memória, de uma estruturação do enunciado que liga todo o acontecimento a uma interpretação, já produzida, relacionando toda fala à citação de um enunciado anterior, a um estado passado em que o discurso primeiro foi construído. Em outros termos, o enunciado “a esperança venceu o medo” se inscreve em um processo discursivo que o determina sob a forma dos elementos pré-construídos, isto é, produzidos em outros discursos anteriores a ele e independentemente dele, que, se reproduzem por ele sob a determinação de interdiscurso. Assim, a enunciação de “a esperança venceu o medo” é, no contexto que a promoveu, a memória das linhas unitárias de um discurso primeiro, um discurso inscrito nas práticas discursivas políticas. Por meio dessa memória, resgatamos, no encadeamento interdiscursivo, a sua “formulação-origem”. Isso é possível porque

cada discurso particular é, na ordem da citação absolutamente, ao mesmo tempo, instauração de um estreito lugar com seu domínio de memória: (...) e, simultaneamente, trabalho seletivo, opaco, de deslinearização, de bloqueio e de apagamento. Se o discurso é um lugar de memória é porque ele traz o vestígio, inscrito nas suas formas, das flutuações e das contingências de uma

estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas. (COURTINE, 2006, p. 91-2)

Além da memória de uma organização, o enunciado “a esperança venceu o medo” se pretende ainda depositário de toda uma comunidade de fala. Ele é seu patrimônio verbal, “a herança das lutas” conduzidas em seu nome, a recolha de um saber dos combates travados e da experiência adquirida. O discurso torna-se legítimo por falar em nome da história. O histórico e o linguístico formam uma rede de significância, tecida de ambiguidades, de repetições, de equívocos, conflitos etc. O interdiscurso é chamado a significar, tornando-se operante no plano da textualização da memória discursiva. Isso atesta o fato de que,

os discursos não se constituem enquanto uma unidade autônoma para depois estabelecerem conexões com uma exterioridade, mas eles já nascem inter-relacionados. Isso significa que os discursos não se constituem independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior de interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2005, p. 21)

De fato, o enunciado “a esperança venceu o medo” não irrompe independentemente de suas condições de produção. A deslinearização desse enunciado permite restituir sob a superfície lisa das palavras a profundidade complexa dos índices de um passado. O desdobramento de suas formas permite identificar na linha intradiscursiva os discursos que lhe vieram habitar.

As análises empreendidas nos levam a afirmar que o enunciado “a esperança venceu o medo”, quando examinado nas discursividades que, ao mesmo tempo, o organiza e o reflete, se inscreve numa memória do texto aprendido, da posição sabida, do verso repetido. Essa memória, por sua vez, tende a conjurar os acasos do discurso pela reiteração do idêntico, pelo eterno retorno do mesmo. Ela privilegia as formas discursivas da repetição (citação, recitação, comentário), e os mecanismos linguísticos da ligação, do encaixamento e do encadeamento.

### 3.3.1 Do discurso presidencial à circulação em outros textos: “a esperança venceu o medo” e a estabilização/ desestabilização de sentidos

Na seção anteriormente exposta, refletimos sobre a presença de discursos “outros” inscritos na formulação do enunciado “a esperança venceu o medo”, quando de sua irrupção no discurso presidencial, bem como os possíveis efeitos de sentido que tais discursos põem a circular. Nesta, procuramos observar o referido enunciado em seu uso particular, ou em uma série de mobilizações particulares, por meio das quais ele assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomado e comentado em situações comunicativas diversas. Entre os enunciados que constituem esta seção, ocorrem enunciações ligadas a condições de enunciação distintas, e, portanto, a discursos diversos.

Não podemos negar que o enunciado “a esperança venceu o medo” se inscreve na história representando metonimicamente o evento da eleição de Lula em 2002. Sua inscrição no discurso presidencial provoca, ao longo do tempo, a irrupção de novos discursos que, às vezes, surgem de imediato, caso de todas as manchetes e títulos de artigos<sup>51</sup> que retrataram a vitória de Lula, logo após o pronunciamento presidencial, outras vezes demoram um pouco para se fazerem ouvir: o destaque enunciativo da revista *Veja*, edição de 06 de junho de 2005, e a declaração do deputado Moroni Torgan, do PFL, na CPI dos Correios, em 20 de junho de 2005, sobre o escândalo do mensalão, por exemplo, surgem em resposta polêmica ao discurso de Lula, quase quatro anos depois de sua irrupção:

13- Se a **esperança venceu o medo**, hoje a **corrupção matou a esperança**<sup>52</sup>. (grifos nossos)

14- ... **a esperança venceu o medo**, mas eu nunca esperava que **a corrupção fosse vencer a esperança** [...] eu queria que **a esperança vencesse o medo**. Eu queria mesmo, queria muito. Eu não queria que **a corrupção estivesse vencendo a esperança**...<sup>53</sup> (grifos nossos)

O reaparecimento do enunciado em destaque tem a ver diretamente com a explosão midiática do escândalo do mensalão<sup>54</sup> que se tornou público no dia 14 de maio de 2005,

<sup>51</sup> Ver na tabela de exposição do *corpus*.

<sup>52</sup> Destaque da revista *VEJA*, em 06/06/2005.

<sup>53</sup> MORONI, T, na *CPI dos Correios*, em 20/06/2005.

quando a imprensa divulgou uma gravação de vídeo na qual o ex-chefe do DECAM/ECT, Maurício Marinho, solicitava e também recebia vantagem indevida para, ilicitamente, beneficiar um falso empresário: o advogado curitibano Joel Santos Filho (denunciante da corrupção), que, para colher prova material do crime, se passou por empresário, interessado em negociar<sup>55</sup> com os Correios.

O escândalo do mensalão, de fato, fez ressurgir o enunciado “a esperança venceu o medo”, nos textos acima. No entanto, desta vez, o referido enunciado provoca outros sentidos: não se trata, puro e simplesmente, de enfatizar a vitória da “esperança” (do PT), como fez, em seu Discurso de Posse, o presidente eleito em 2002, mas de colocar em dúvida essa vitória. Trata-se de uma tentativa de apagamento dessa memória histórica. Dizer que “a esperança venceu o medo” e, na sequência, enfatizar que “a corrupção matou a esperança” é também dizer que eleger Lula não foi a melhor opção. No mesmo sentido, tem-se o enunciado de número 16 (dezesseis) exposto na tabela de apresentação do *corpus*:

#### 16- Um país em mudança, mudança de que?

**“A esperança venceu o medo.** A frase soava em uma só voz após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2002. Foi um fato histórico. No Brasil, este imenso país tropical, "adormecido em berço esplêndido" havia acordado para construir uma nova história. Dois anos e meio depois uma enxurrada de denúncias coloca o país de cabeça para baixo. O PT está no poder, mas a história não mudou como gostaríamos. Os escândalos trocaram de cor. O amarelo plumagem virou vermelho reluzente. Na história desta república, **a esperança às vezes vence o medo**, mas a desilusão é quase sempre o porto de chegada<sup>56</sup>”. (grifos nossos)

<sup>54</sup> Escândalo do mensalão ou Esquema de compra de votos de parlamentares é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006 no Brasil.

<sup>55</sup> Na negociação então estabelecida com o falso empresário, Maurício Marinho expôs, com riqueza de detalhes, o esquema de corrupção de agentes públicos existente naquela empresa pública, conforme se depreende da leitura da reportagem divulgada na revista *Veja*, com a capa *O vídeo da corrupção em Brasília*, Edição de 18 de maio de 2005, com a matéria *O Homem Chave do PTB*, referindo-se a Roberto Jefferson, o homem por trás do esquema naquela estatal. Segundo o Procurador Geral da República, Antônio Fernando Barros e Silva de Souza, na Denúncia Oficial que apresentou e foi acolhida pelo Supremo Tribunal Federal, o ex-deputado Federal Roberto Jefferson, então Presidente do PTB, acuado, pois o esquema de corrupção e desvio de dinheiro público, com a divulgação do vídeo feito por Joel Santos Filho estava focado, em um primeiro momento, em dirigentes dos Correios indicados pelo PTB, resultado de sua composição política com integrantes do Governo, divulgou, inicialmente pela imprensa, detalhes do esquema de corrupção de parlamentares, do qual fazia parte, esclarecendo que parlamentares que compunham a chamada "base aliada" recebiam, periodicamente, recursos do Partido dos Trabalhadores em razão do seu apoio ao Governo Federal, constituindo o que se denominou como mensalão. (Revista VEJA. Editora Abril, edição de 18 de maio de 2005)

<sup>56</sup> Artigo de opinião publicado no site [www.portalcastanhal.com.br](http://www.portalcastanhal.com.br), por Rogério Bulhões Costa, jornalista e diretor do jornalismo RTP Castanhal

A discursivização do enunciado “a esperança venceu o medo” produz um deslocamento na regularização anterior e, assim, engendra retroativamente outra série de implícitos, ocasionando a desautorização de um sentido já formulado. A enunciação atual resgata a enunciação original, mas também instaura e sustenta sentidos que intervêm e modificam o “já dito”. Nesse caso, a enunciação atual cria uma nova tradição, isto é, filiação de sentidos, (re)ssignifica o que veio antes e institui aí uma memória outra. Trata-se de pôr em evidência que o “medo” enunciado pelas posições-sujeito antagônicas ao PT em 2002, não era infundado, tinha razão de ser, já que a corrupção estaria vencendo a “esperança”. Entretanto, outros efeitos de sentido também são possíveis: “medo” da “corrupção instaurada”, em especial, no partido que dá sustentação ao governo Lula, o PT; “medo” da “instabilidade política,” da crise econômica etc.

Essa característica lacunar do discurso tem a ver com a alteridade constitutiva do dizer, mas também com *o novo vir a ser* do discurso – é ela que possibilita falar em dispersão, deslocamento, deslizamento, reinscrição, (re)ssignificação, (re)atualização de saberes. O enunciado “a esperança venceu o medo” funciona como o *vir a ser* em relação à discursividade instaurada nos processos eleitorais de 1989, 1994, 1998 e 2002, mas, como se trata de um processo discursivo, também aponta para um novo (*de*)*vir*, um novo dizer (a declaração de Moroni e o destaque enunciativo de *Veja*, são bons exemplos), produzindo, portanto, a possibilidade do múltiplo e a compreensão da incompletude do texto e, consequentemente, do discurso.

No domínio de atualidade (COURTINE, 2009), encontram-se os discursos aos quais os excertos acima fazem eco. Tanto a declaração do deputado Moroni Torgan quanto o destaque enunciativo de *Veja* ecoa/ressoa os saberes discursivizados durante as campanhas eleitorais disputadas por Lula. Fazer “eco”, para nós, pode também ser tomado como o “retorno do mesmo no outro”, atestando a incompletude de todo e qualquer discurso, tanto pela discursividade anterior quanto pela futura. Por se inscrever em um processo discursivo, o enunciado em análise gera efeitos de sentido pontuais, mas também provoca novos sentidos. Ou dizendo de outro modo, “a esperança venceu o medo” retoma e sintetiza toda e qualquer manifestação discursiva em que o sentimento de medo em relação ao PT e a Lula se fizeram presente, ao longo das eleições presidências, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade para novos sentidos. Isso é possível porque as palavras são portadoras de memória: elas são,

como disse Bakhtin (2004), “habitadas” [temporariamente] pelos sentidos e pelos contextos que elas encontraram.

Os discursos referidos são, assim, atravessados pela memória do dizer, que intervém como um discurso transversal, que irrompe no cruzamento de discursos, sob outra formulação. Um discurso que provém do interdiscurso e, em regra, “aparece” de forma não explícita, “um elemento irrompe no enunciado do sujeito enunciativo do discurso como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”. (PÊCHEUX 1995, p. 156). Em síntese, é uma espécie de “presença-ausente”, efeito da não linearidade e da dispersão dos discursos e dos sujeitos. E esse entrecruzamento de discursos vai determinar a elaboração de novos sentidos, transformações, sentidos que deslizam, que se (re)significam.

Essa (re)atualização do dizer nos leva ao que diz Foucault, no sentido de que um enunciado,

ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um estatuto, entra em redes, coloca-se em campos de utilização, oferece-se a transferências e a modificações possíveis, integra-se em operações e em estratégias em que sua identidade se mantém ou se apaga. (FOUCAULT, 1986, p. 131-2).

O reaparecimento do enunciado “a esperança venceu o medo”, alguns anos depois de sua irrupção, chama a atenção para o fato de que toda produção discursiva, que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura, movimenta, isto é, faz circular, transforma formulações anteriores, já enunciadas.

Compreender a dinâmica desse enunciado requer que tomemos como pertinente a esta análise a afirmação de Courtine (2006) “o discurso político é um lugar de memória”. Para Courtine, há no discurso político um sistema de conservação do arquivo, uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados, tornando-os, uma vez mais, disponíveis, quando as necessidades de luta os reclamarem. Assim, há enunciados que permanecem em vigília, dos quais podemos até perder a memória, e que, no entanto, não estão dissipados, podendo reaparecer, quando for necessário. Em contrapartida, existem outros repetidos sem

interrupção, que, de repente, desaparecem, sem praticamente deixar vestígios. Frequentemente, eles são os mesmos.

Essa memória “pletórica” e lacunar é, segundo Courtine (2006, p.88), um traço característico de todas as organizações concebidas sobre um modelo político. Na política, “a memória é um poder: ela funda uma possibilidade de se exprimir, ela abre um direito à fala, ela possui, até mesmo, um valor performativo de proposição eficaz”. Ou seja, nas organizações políticas, os enunciados são recobertos com o peso da tradição, que os inscrevem numa série de sentidos e de razão, que ancora a volatilidade das palavras com o chumbo da lembrança.

As formas da memória política se inscrevem na modalidade de existência do enunciado “a esperança venceu o medo”. Isso implica dizer que, por meio de sua enunciação, alguns discursos devem ser relembrados, repetidos, retomados e isso coage consideravelmente a sua forma. Encontramo-nos novamente com Foucault (2006), para quem

a repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (FOUCAULT, 2006 p. 25, - 6)

Dizendo de outro modo, a cada novo acontecimento o “já-dito” é (re)atualizado. É, dessa forma, que surgem novos enunciados ou que enunciados antigos possam ser (re)significados. A campanha eleitoral de Dilma Rousseff-PT, em 2010, por exemplo, (re)atualiza os sentidos de “a esperança venceu o medo”. O enunciado que marcou a vitória de Lula em 2002 tornou-se uma espécie de grito de guerra que embalou a campanha de Rousseff, tornando-se presente não só na boca da candidata, mas também de seus aliados partidários, incluindo aí o próprio presidente Lula, que, por inúmeras vezes, não se cansou de repetir o que já havia enunciado

em 2002, os exemplos de números 44, 46, 47, 49 e 54, retomados da tabela de exposição do *corpus*, tornam visíveis o que acabamos de afirmar:

44- “Em 2002, eles disseram que se o presidente Lula ganhasse a eleição seria o caos. Naquela época, foi **a esperança do povo que venceu o medo** que queriam nstilar. Agora eles destilam ódio e **ao ódio vamos responder novamente com esperança**”;<sup>57</sup>

46- “Em 2002, nós usamos a seguinte expressão: **a esperança venceu o medo**. Agora, nós usamos uma outra: **a esperança e amor pelo povo brasileiro**”;<sup>58</sup>

47- “A esperança venceu o medo e a verdade vai vencer a mentira”;<sup>59</sup>

49- “O ódio é como uma droga: entrar é fácil, mas sair é difícil. Eu não entro. (...). Não vou baixar por nada nesse mundo o nível da campanha, nem usar esse tipo de artifício. **Acho que dessa vez, além da esperança vencer o medo, também vai vencer o amor pelo Brasil**”;<sup>60</sup>

54- “**A esperança venceu o medo e a verdade vencerá a mentira**”;<sup>61</sup>

O discurso do “medo” e da “esperança”, constitutivo das práticas discursivas eleitorais de 1989, 1994, 1998 e 2002, se inscreve e se repete na história materialmente, instaurando não só espaços do repetível, mas também cadeias parafrásticas que constroem, organizam e reconfiguram-no por um processo de rearranjo discursivo. No discurso da então candidata petista, Dilma Rousseff, o enunciado “a esperança venceu o medo” desliza para “A esperança vai vencer ódio”<sup>62</sup>; “A verdade vai vencer a mentira”<sup>63</sup>; “Esperança e amor vencem o ódio”<sup>64</sup>; “O amor vai vencer o medo”<sup>65</sup>; “A esperança, mais uma vez, vem vencendo o medo”<sup>66</sup>; “esperança vencerá o ódio”<sup>67</sup>. Dessa forma, a relação “mesmo”/ “outro” está sempre em jogo, sempre em movimento. Os efeitos provocados pela homogeneidade lógica

<sup>57</sup> Declaração de Dilma Rousseff, sobre os ataques do PSDB ao PT, em entrevista ao Jornal *Bol Notícias*.

<sup>58</sup> Declaração de Dilma Rousseff, ao visitar o elevador construído com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no complexo do Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, na zona sul do Rio.

<sup>59</sup> Declaração do então presidente Lula a favor da candidata petista, Dilma Rousseff.

<sup>60</sup> Declaração de Dilma Rousseff ao jornal *O Estadão* (25/09/2010)

<sup>61</sup> Declaração de Lula durante o *HEGTV*, 28/09/2010.

<sup>62</sup> Manchete do jornal *DN Globo*, 27/09/2010.

<sup>63</sup> Declaração de Lula durante o *HEGTV*, 28/09/2010.

<sup>64</sup> Manchete do jornal *Arenápolis News*, 04/10/2010.

<sup>65</sup> Manchete do jornal *O Estadão*, 25/09/2010.

<sup>66</sup> Manchete do jornal *Globo*, 25/03/2010.

<sup>67</sup> Manchete do jornal *Bol Notícias*, 24/09/2010.

estão sempre em tensão com o “outro” na mesmice imaginária, no suposto círculo vicioso de repetições. Por isso mesmo, essas cadeias parafrásticas não são estáticas ou plenamente sinonímicas, elas se movimentam no fio do discurso (re)configuradas pela/na história.

Desses movimentos de sentidos, impulsionados por essas cadeias, estruturam-se as formações discursivas, daí constituindo-se matrizes do sentido que caracterizam a especificidade do enunciado “a esperança venceu o medo”. Por meio das paráfrases é possível notar o entrecruzamento intradiscursivo e interdiscursivo, provocando as oscilações e os “outros” no processo discursivo. Assim, aquilo que escapa do dizer, dentro do mesmo dizer, desconstrói suas trilhas para, contudo, construir outras sempre possíveis. Seguindo essa reflexão, “a esperança venceu o medo” faz emergir, no fio do discurso, uma multiplicidade de sentidos, como é o caso de todos os discursos que se encontram na base do enunciado em estudo.

A ordem de sintagmatização dos elementos no intradiscorso de uma sequência discursiva aparece de novo, nos exemplos arrolados, como regulada pela própria estrutura do interdiscorso: o fato para este ou aquele elemento aparecer em primeiro lugar, como tema de frase, não depende, de forma alguma, dos atos, escolhas ou decisões de um sujeito enunciatador, mas, exatamente, de uma configuração determinada de saber no interdiscorso, na instância do que se denomina “a exterioridade do enunciável” (MAINGUENEAU, 2005)

É essa “exterioridade do enunciável” que determina para o interdiscorso os efeitos de sentidos do enunciado “a esperança venceu o medo”. O discurso do “medo”, inscrito nesse enunciado, ganha novas configurações a cada processo eleitoral em que ele se manifesta: em 1989, enunciado por posições-sujeito inscritas em formação discursiva antagônica ao PT, tinha uma estreita relação com o “desejo” de não permitir que o PT chegasse ao poder. O “medo” era do “despreparo político” de Lula; da sua “falta de experiência”; da sua “imagem de radicalista”; da “militância do PT”; do socialismo pregado no discurso de Lula. Em 1994, o “medo” era de apostar no novo e cometer o mesmo erro de 1989, com a eleição de Collor; “medo” da “falta de estudo” de Lula; “medo” do PT não conseguir estabelecer as alianças políticas necessárias; “medo” do candidato petista fechar as igrejas evangélicas; “medo” do PT não conseguir controlar a inflação; “medo” da crise internacional e da “falta de habilidade” de Lula para com estas questões. Em 1998, o “medo” foi, de fato, utilizado para

manter a política como estava; “medo” de que Lula mexesse no Plano Real; “medo” do caos político e econômico; “medo” do chamado “Risco Brasil”.

Em 2002, o “medo” era da instabilidade econômica e política do país; “medo” do Brasil se tornar uma Argentina ou uma Venezuela; “medo” da crise econômica; da inflação disparar; “medo” do desemprego; “medo” do “sobe” e “desce” das bolsas de valores; “medo” do vermelho do “comunismo”, “medo da reforma agrária”, “medo do despreparo acadêmico do candidato”, “medo da falta de experiência política”. Ou seja, naquelas condições de produção, reacendia-se o preconceito que o PT enfrentou nos primeiros anos de sua história.

Em 2005, proferido por posições sujeito antagônicas ao PT, a posição do deputado do PFL, Moroni Torgan e da Revista *Veja*, o “medo” era da corrupção instaurada; “medo” da crise econômica; “medo” da queda dos ministros; “medo” do caos político. Enfim, demonstrava-se que o discurso do “medo”, disseminado nas práticas discursivas eleitorais, tinha uma certa razão de existir, já que a corrupção, segundo essas posições, estaria vencendo o discurso da “esperança”. E, em 2010, o “medo” estava relacionado ao “amordaçamento da imprensa”; à crise econômica; à possível eleição de uma mulher ao cargo de presidente do Brasil; à falta de políticas externas. Enfim, “medo” de que, por ser mulher, Dilma não conseguisse governar o país. Os diferentes efeitos de sentido que o enunciado “a esperança venceu o medo” põe a circular nos leva a afirmação de Pêcheux,

(...) toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos predemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 2006, p.53)

O que torna possível a compreensão dos múltiplos sentidos de “a esperança venceu o medo” nos diferentes contextos, é a sua pregnância, ou seja, é a sua capacidade de gerar

“indefinidamente” novos sentidos. O referido enunciado é sempre atualizado, por isso, outros sentidos são possíveis ou, no mínimo, são (re)atualizados. Para fazer deslizar os sentidos, “a esperança venceu o medo” aciona redes de memória, como os discursos inscritos, sobretudo, nas práticas discursivas anti-PT nas últimas eleições presidenciais.

Esses deslizamentos produzem efeitos sobre os enunciados, instaurando polêmicas e, ao mesmo tempo, fazendo retornar formulações anteriores. Os efeitos de sentido são produzidos a partir da recorrência das palavras “medo” e “esperança” e pela forma como elas aparecem dispostas nos enunciados. São procedimentos discursivos que trabalham a memória e fazem essas sequências integrarem-se a redes de outras formulações e constituírem outros sentidos. Esse incessante trabalho discursivo com a memória recoloca e descoloca sentidos. Sendo assim, o enunciado “a esperança venceu o medo” pode ser utilizado tanto no sentido de “apologizar” a vitória de Lula (caso de todas as manchetes que divulgaram esse acontecimento, em 2002, e de todas as retomadas discursivas na campanha de Dilma Rousseff, em 2010) quanto no de depreciá-la (caso dos enunciados produzidos quando do escândalo do mensalão). Isso atesta o fato de que os sentidos estão sempre à deriva, no entanto, podem ser compreendidos porque atualizam, isto é, estabilizam/desestabilizam a memória discursiva. Em outros termos, a instalação de novas representações da sequência ora analisada não elide a coexistência dos sentidos tradicionais: como um “nó em uma rede” (FOUCAULT, 1986). Cada nova formulação se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem sentidos por meio da reativação da memória.

A discursividade instaurada no enunciado “a esperança venceu o medo” torna-se um acontecimento. O discurso do “medo” e da “esperança” acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece relação, deslocamentos, vizinhança. Logo, não se trata somente da natureza dos termos empregados, mas também e, sobretudo, das construções nas quais esses termos se combinam, na medida em que eles determinam a significação. Acrescente-se a isso o fato de que as “palavras mudam de sentido”

não segundo as únicas posições ocupadas pelos enunciadores, mas a vontade de suas viagens discursivas por intermédio das diferentes comunidades e os diferentes mundos convocados pela mídia, e no interior de mesmo mundo ou de uma mesma comunidade. (MOIRAND, 2011, p. 260)

“A esperança venceu o medo” funciona, assim, em lances de ilusões a discursos anteriores e inscrevem, então, no fio horizontal do texto, os discursos transversais que reenviam a domínios de memória diferentes. Ou, dizendo de outro modo, “a esperança venceu o medo” se inscreve em um processo discursivo que o determina sob a forma dos elementos “pré-construídos”, isto é, produzidos em outros discursos anteriores a ele e independentemente dele, que se reproduzem por ele sob a determinação de interdiscurso. Dessa forma, o referido enunciado é, no contexto que o originou, a memória das linhas unitárias de um discurso primeiro, um discurso “outro”, um “já lá”, que é chamado a significar no espaço discursivo que o promoveu.

Isso significa dizer que o enunciado “a esperança venceu o medo” não tem valor em si mesmo. Ao derivar de uma formação discursiva à outra, de uma posição sujeito à outra, os sentidos deslizam, portanto, sua utilização sempre pode significar um novo acontecimento. O sentido não se esgota na materialidade linguística: ou seja, não está atrelado, exclusivamente, a sua composição verbal, mas tem a ver, sobretudo, com a “exterioridade” a sua volta. Dessa forma, o sentido sempre pode ser outro, conforme atestam as análises dos exemplos retomados, aqui:

08- “A esperança venceu o medo”, diz Dilma, referindo-se à Petrobrás”;<sup>68</sup>

17- “MALUF na cadeia: a esperança venceu o medo”;<sup>69</sup>

34- “A esperança venceu o medo: o time mais ofensivo foi premiado em Erechim?”<sup>70</sup>

36- “Rio 2016: a esperança venceu o medo?”<sup>71</sup>

72- “José Alencar: a esperança venceu o medo”;<sup>72</sup>

75- “A esperança venceu o medo: Salvador terá trilhos na paralela”;<sup>73</sup>

78- “Cesar: a esperança venceu o medo”;<sup>74</sup>

---

<sup>68</sup> Título de artigo, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* site [www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54046.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54046.shtml), em 03/10/ 2003;

<sup>69</sup> Título de artigo, site [www.ilhabrasilnet.com.br](http://www.ilhabrasilnet.com.br), sobre a prisão de Maluf, em 14/09/2005;

<sup>70</sup> Chamada principal, site de esportes LanceNet [www.lancenet.com.br](http://www.lancenet.com.br) (09/02/2009)

<sup>71</sup> Título de artigo sobre as Olimpíadas de 2016, site [www.yougol.com.br](http://www.yougol.com.br), em 02/10/2009;

<sup>72</sup> Chamada principal sobre a luta de José Alencar contra o câncer, site [www.unimed.com.br](http://www.unimed.com.br), em 29/04/2011;

<sup>73</sup> Título de artigo sobre a construção de uma linha de ferro que liga o município Lauro de Freitas e Salvador, site [www.mobilidadeurbana.com.br](http://www.mobilidadeurbana.com.br), 22/06/2011;

<sup>74</sup> Chamada principal sobre a cirurgia para tratar o rompimento do ligamento do joelho do zagueiro César do Sport, [www.blogdotorcedo.com.br](http://www.blogdotorcedo.com.br), 20/09/2011;

86- “E, mais uma vez, a esperança venceu o medo”;<sup>75</sup>

87- “A esperança venceu o medo: Lula agradece apoio e anuncia volta a política”;<sup>76</sup>

90- “A esperança venceu o medo: o supremo avançou mais uma vez”;<sup>77</sup>”

Os exemplos citados evidenciam que os sujeitos enunciadore, inscritos em diversas formações discursivas, fazem (re)emergir o enunciado “a esperança venceu o medo” ao interpretar acontecimentos diversos: o crescimento da produtividade da Petrobrás, em 2003, (08); a prisão de Maluf, em 2005, (17); a vitória do Brasil na concorrência para sediar as Olimpíadas, em 2009, (36); a luta de José Alencar contra o câncer, em 2011, (72); a construção de uma linha de ferro em Salvador, em 2011, (75); a recuperação do zagueiro Cesar, em 2011, (78); o resultado da primeira seção de quimioterapia no ex-presidente Lula, em 2012, (86); o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, em 2012, (87); a aprovação do sistema de cotas raciais pelo Congresso, em 2012, (90).

Embora todos enunciados se constituam a partir da mesma materialidade linguística: “a esperança venceu o medo”, eles não produzem o mesmo efeito de sentido. A ocorrência (08), por exemplo, expõe o otimismo da então Ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, em relação ao aumento da produção industrial da Petrobrás. Por meio de sua enunciação, o sujeito enunciador lembra que no início da história muitos diziam que não havia petróleo no Brasil, outros afirmavam que era antieconômico buscar petróleo em águas tão profundas e, ainda, que a estatal não sobreviveria ao mercado competitivo, o que não ocorreu. Logo, a mídia ressalta a vitória da “esperança” sobre tais discursos. Já a ocorrência (17) sintetiza o acontecimento da prisão de Maluf. Trata-se de pôr em evidência um conjunto de saberes que o sujeito enunciador julga ser de conhecimento de todos: as inúmeras vezes em que Maluf foi alvo de escândalos de corrupção, de sonegação de impostos e de lavagem de dinheiro. Assim, “esperança” se refere ao desejo de ver Maluf na cadeia e “medo” se relaciona ao fato disso não acontecer, já que, por inúmeras vezes, o referido político conseguiu se defender das acusações que pairavam sobre ele.

<sup>75</sup> Título de artigo sobre o resultado da primeira seção de quimioterapia realizada em Lula, *site* [www.pensamentosdesconexos.com.br](http://www.pensamentosdesconexos.com.br), 14/12/2011

<sup>76</sup> Chamada principal sobre o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, *site* [www.zelima.com.br](http://www.zelima.com.br), 28/03/2012

<sup>77</sup> Título de artigo sobre a deliberação do Supremo Tribunal a respeito das cotas raciais nas universidades públicas, *site* [www.fazendomedia.com](http://www.fazendomedia.com), 02/05/2012;

Em (34), o sujeito enunciador interpreta o acontecimento da partida de futebol entre o Grêmio e o Internacional. Sua utilização tem a ver com o histórico das partidas anteriores, demonstra que embora o Colorado estivesse com “medo” da derrota devido à sua atuação nos últimos jogos, pôde comemorar, pois o inesperado, ao menos para o Grêmio e sua torcida, aconteceu: o *Internacional* venceu o *Grêmio*, ou seja, vitória da “esperança”. O vocábulo “esperança” denota a vitória do Internacional, contrapondo-se ao “medo” da derrota. Em (36), trata-se de expor a vitória do Brasil sobre os demais países com os quais concorria, para sediar as Olimpíadas de 2016. Nesse caso, o sujeito enunciador evidencia que o Brasil venceu a disputa sobre os demais países. Isso leva a crer que ele vai sediar as Olimpíadas, mas o tom de interrogação dado à formulação, nos leva a pensar que o “medo” ainda não foi extirpado. Trata-se do posicionamento do sujeito frente a tal acontecimento, ele faz ver que o sentimento de “medo” ainda existe, devido a inúmeros fatores, dentre os quais destacamos: a falta de estrutura na rede hoteleira, as inúmeras ondas de violência no Rio de Janeiro, o caos nos aeroportos brasileiros e as péssimas condições dos estádios olímpicos. Já a ocorrência de número (72) interpreta a luta do então vice-presidente, José de Alencar, contra o câncer. Aqui, “esperança” se relaciona ao desejo de viver, contrapondo-se ao “medo” da morte.

O enunciado “a esperança venceu o medo” simboliza para seus habitantes temporários, certo jogo que há em suas existências cotidianas: ele se reveste de uma virtude emblemática, antes de qualquer coisa, feita de esperanças e temores. Não podemos negar que a imposição desse enunciado na mídia brasileira contemporânea se deu por ocasião da vitória de Lula, em 2002. Naquele contexto, ele se impôs a todos como um remédio (a quase todos, menos para a extrema-direita), causando um efeito de “fim” sobre o discurso do “medo”. Entretanto, como bem demonstram os exemplos arrolados, paralelamente, a essa retomada massiva na superfície linguística, o enunciado em questão vê seu sentido se dispersar para outras conjunturas discursivas. Não se trata mais de retomar o discurso do “medo”, inscrito nas práticas discursivas dos partidos de oposição ao PT, mas de (d)enunciar a vitória da “esperança” sobre quaisquer acontecimentos. Os enunciados citados deixam ver um fator essencial ao qual toda análise de discurso se encontra confrontada: “que as palavras possam, por vezes, revestir o mesmo sentido, que outras vezes, elas possam mudar o sentido, em função das posições daqueles que as empregam”. (COURTINE, 2006, p.100). Ou, dizendo de outro modo, o sujeito enunciador, ao mostrar-se, inscreve-se num espaço sócioideológico e

não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica, de sua voz emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas. Porém, o social e o ideológico que possibilitam falar em discursos, assim como o discurso, têm existência na “História”. Por isso, consideramos o enunciado “a esperança venceu o medo” em seu processo histórico-social de constituição. Isto é, as transformações históricas possibilitam a compreensão dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão.

Soma-se a isso o fato de que “a esperança venceu o medo”, em razão de sua constante circulação midiática, logo dá origem a uma série de derivados, fenômeno que pode ser relacionado à produtividade morfossintática, como bem ilustram os exemplos retomados, aqui:

20- “A esperança venceu a mídia”;<sup>78</sup>

41- “A decepção vencendo a esperança”;<sup>79</sup>

42- “A esperança venceu o medo, a **confiança vence a baixaria**”;<sup>80</sup>

55- “Em 2002, a esperança venceu o medo; em 2010 **a esperança vai vencer a mentira**”;<sup>81</sup>

62- “A confiança também venceu o medo”;<sup>82</sup>

69- “O dia que a esperança venceu o terror”;<sup>83</sup>

Em todos os casos, as ocorrências preservam as mesmas relações de participação dos objetos no processo descrito. Ou seja, os enunciados acima são paráfrases não porque significam de forma semelhante, ou porque a construção sintática seja parecida, mas porque, na situação de uso, traduzem a mesma intenção do locutor e visam obter aos mesmos resultados, informar de forma rápida e concisa o resultado de algum acontecimento: a ocorrência (20) interpreta negativamente o efeito Lula sobre a imprensa brasileira; a de número (41) refere-se à decepção do povo brasileiro em relação à esperança depositada no

<sup>78</sup> Manchete de jornal, O documento [www.odocumento.com.br](http://www.odocumento.com.br), em 30/10/2006.

<sup>79</sup> Título de artigo, *blog* Jilberto Sales [www.jobertosales.wordpress.com](http://www.jobertosales.wordpress.com), em 21/08/2010

<sup>80</sup> Chamada principal *site* Os Amigos do Presidente Lula [www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br](http://www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br), em 19/09/2010

<sup>81</sup> Manchete do jornal Gazeta Digital, em 31/10/2006.

<sup>82</sup> Título de artigo, *site* Diário Digital de um poeta historiador [www.rotamogiana.com](http://www.rotamogiana.com) (31/10/2010)

<sup>83</sup> Título de reportagem, revista Veja, em 28/10/2010.

governo Lula; as ocorrências (42 e 55) interpretam positivamente o discurso de Dilma Rousseff, quando dos ataques José Serra; a de número (62) significa o resultado da eleição presidencial de 2010. A sequência de número (69) enfatiza a vitória das forças armadas sobre o tráfico, no Complexo do Alemão. Vitória da “esperança” sobre os traficantes, qualificados aí como “terror”.

A recorrência do enunciado “a esperança venceu o medo” faz ver a dinâmica da língua. Por meio de uma sequência relativamente estável do ponto de vista linguístico, os sentidos derivam, retornam com uma memória diferente e outras colorações na mídia, remetendo-as a circuitos revestidos de sentidos recentemente adquiridos, mas amputados pelos sentidos que se perderam pelo caminho, a serviço da visada pragmática ou em função dos gêneros jornalísticos em que são mobilizados. Eles supõem mais que uma memória das controvérsias que lhe são exteriores:

à medida que aumenta o *corpus* de suas próprias enunciações, com o passar do tempo e com a sucessão das gerações de enunciadores, vê-se desenvolver uma memória polêmica interna. Dessa forma, o discurso é mobilizado por duas tradições: a que funda e a que ele mesmo, pouco a pouco, instaura. Ao cabo de um certo tempo, é inevitável que parte da tradição interna atinja o mesmo estatuto da primeira, ganhando autoridade necessária para as produções de seus enunciadores. (MAINGUENEAU, 1997, p.125)

Essas duas “tradições”, “a que funda e a que ele mesmo instaura”, garantem autonomia de sentido ao enunciado “a esperança venceu o medo” em relação ao texto de origem. Permitindo-lhe ser utilizado por diversos enunciadores, inscritos em diferentes formações discursivas. A flexibilidade do enunciado, “a esperança venceu o medo”, atesta o fato de que ele comporta também um caráter de “acontecimentalidade” discursiva, pois tem a capacidade de (re)criar, em cada uma de suas aparições, distintos acontecimentos históricos.

Nesse sentido, “a esperança venceu o medo” lembra “on a gagné<sup>84</sup>” (discutido por Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, 1983/2006), um grito de torcedores que

---

<sup>84</sup> Para Pêcheux, (2006), a materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. “On a gagné” [Ganhamos], cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-gagné / dó-dó-sol-dó) consitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos

migra do campo esportivo para o político, quando proferido por eleitores na rua, após a vitória de François Mitterrand nas eleições francesas de 1981<sup>85</sup>. Entretanto, não poderíamos deixar de comentar uma diferença em particular: enquanto “on a gagné” migra do campo esportivo para o político, o percurso do enunciado “a esperança venceu o medo” é deveras diferente, isto é, ele sai do campo político para circular em outros campos (esportivo, religioso, econômico, jornalístico etc). Embora o fenômeno seja, aqui, menos notório, sua lógica é a mesma: o enunciado atravessa os limites dos campos e sofre, quando é o caso, adaptações: a substituição de “medo” por “terror”, por exemplo, na sequência “A esperança venceu o terror” vai muito além das imposições enunciativas, ela preserva o caráter do enunciado, ao mesmo tempo em que explora os recursos linguísticos.

Assim como “on a gagné”, “a esperança venceu o medo” é percebida como um acontecimento discursivo, isto é, “o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2006, p. 19). Em sua formulação, encontram-se marcas do discurso “outro” que fazem ressurgir o interdiscurso no espaço da memória. Isso implica dizer que, para significar, a sequência em análise se constrói sobre discursos “já ditos” e, é isso, que faz com que o discurso “já lá” se constitua sempre em um novo discurso.

Trazer à tona o discurso “já lá” de “a esperança venceu o medo” é essencial à sua compreensão, pois os usos linguísticos não têm sentido em si mesmos. Numa análise estrita do formal, o enunciado “a esperança venceu o medo” poderia ser compreendido como uma espécie de “aerólito miraculoso”, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, e a língua uma variante antropológica a-histórica. Apagar a dimensão histórica e pragmática da língua é, no entendimento de Baronas (2008),

sonegar que, nesses usos, há interlocutores (políticos e eleitores; jornalistas e leitores) e estes são situados na sociedade, inoculados de historicidade com suas ideologias, projetos políticos, histórias. Sobretudo, é sonegar que eles

---

torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável. (op.cit, 21)

<sup>85</sup> Esse acontecimento que apareço como o “global” da grande máquina televisiva, este resultado de uma super-copa de futebol político ou de um jogo de repercussão mundial (F. Mitterrand ganha o campeonato de Presidênciaáveis da França) é o acontecimento jornalístico e da mass-mídia que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco. (PÊCHEUX, 2006, p.19-0)

constroem seus significados a partir de algo que foi pensado antes, independentemente deles, com o objetivo de agir na sociedade. (BARONAS, 2008, p.33)

A consideração do caráter histórico na produção dos sentidos, bem como o fato de sua manifestação midiática estar sempre associada a uma “acontecimentalidade discursiva”, nos leva a ver o enunciado “a esperança venceu o medo” como uma espécie de “sequência natural”, um significante único, ou uma unidade semântica que, como vimos, ecoa um discurso anterior. Trata-se de um enunciado “habitado”/“povoado” de sentidos dados pelos outros, isto é, ocupado por outros discursos, o que, a nosso ver, põe um problema para quem o emprega, porque se trata de uma formulação socialmente marcada.

### **3.3.2 Sobre as condições genéricas de enunciação: procedimentos de captação e subversão**

Enfatizamos, na seção anterior, que o enunciado “a esperança venceu o medo”, ao circular por diferentes campos e lugares discursivos, ganha novas significações. Mesmo quando discursivizado no campo do discurso político (lugar de origem), exibindo claramente o seu estatuto de citação-prova o sentido não é sempre o mesmo. De fato, o sentido não está atrelado exclusivamente à materialidade linguística ou ao campo em que ele se origina, antes, ele tem a ver com a “anterioridade” e “exterioridade” a sua volta. Por isso, a depender das condições de produção e das posições ocupadas pelos sujeitos enunciadorees os sentidos derivam. É assim que “a esperança venceu o medo” pode significar positivamente ou não a eleição de Lula ou, ainda, sair do campo político para entrar em conflito com os sentidos que tem alhures.

Os diferentes efeitos de sentido do enunciado “a esperança vencer o medo” produzidos em situações de comunicação diversas, nos leva a estudá-lo também a partir dos procedimentos de captação e subversão (MAINGUENEAU, 2010a). Tais procedimentos envolvem as condições genéricas de enunciação que, por sua vez, abarcam as condições

formais (sintáticas, prosódicas etc), e de certos traços pragmáticos, as condições de emprego. Desviar tais condições consiste, portanto, em fazer um “pastiche” do discurso evocado: alguns dos enunciadores que mobilizaram o enunciado “a esperança venceu o medo”, por exemplo, buscam dar suas declarações pessoais a partir de uma autoridade já atestada (o pronunciamento do então presidente Lula); outros questionam essa autoridade. Decorre daí o desvio, que ora utiliza a autoridade desse enunciado em proveito da enunciação pessoal, num processo de *captação*, ora questiona tal autoridade, promovendo a *subversão*. Abriremos um parêntese para a explicitação desses procedimentos. Em seguida, passamos a mobilizá-los em nosso objeto de estudo.

Maingueneau (2010a), ao estudar a enunciação proverbial, fala sobre desvio, diferenciando as categorias de captação das de subversão. Segundo o autor, há dois tipos de captação: a captação do gênero proverbial e a captação de um provérbio atestado. Por captação do gênero, o autor entende aqueles enunciados que aspiram à autoridade do provérbio e, por isso, tentam imitar seus traços formais. Um exemplo desse esforço de captação vem dos *slogans* publicitários que, segundo Maingueneau, aspiram ao estatuto proverbial. Desse modo, ao invés de estarem ligados a um “EU-Enunciador” (uma empresa, um produto, um partido), passariam a estar ligados a um “enunciador indeterminado”, genérico (uma verdade coletiva imemorial etc).

Na compreensão de Maingueneau, a captação de um provérbio atestado se dá quando um provérbio é tomado com base para uma enunciação posterior que o modifica formalmente, mas sem que essa modificação pretenda uma outra orientação semântica ou discursiva, polemizando com a original. Pode ser que essa mudança apenas relegue para segundo plano o sentido do provérbio original, caso para o qual o autor dá como exemplo “quid ore a bonne mine”, que poderia estar em um cartaz com corpos bronzeados em uma praia. Essa captação de um provérbio atestado se vale de uma semelhança formal com o provérbio “qui dort dine”. No nível semântico, o sentido do provérbio original (algo que poderia ser traduzido como “quem dorme janta”, que pode ser glosado como “dormir mata a fome”), fica em segundo plano, mas não é negado pelo sentido da captação (algo que poderia ser traduzido como “quem se bronzeia tem boa fisionomia”).

O mecanismo de subversão dos provérbios também é dividido em dois tipos: a subversão das condições genéricas e a subversão dos provérbios atestados. Segundo o autor,

haveria duas maneiras de subverter um provérbio: a lúdica e a militante. No entanto, essa diferença torna-se desnecessária à medida que não há texto fora do discurso e não há discurso fora de alguma espécie de militância. A subversão das condições genéricas de um provérbio é descrita, assim, como produzindo o absurdo, tomando um provérbio atestado e o desmontando enquanto gênero (modificando seus elementos formais característicos e também sua sentenciosidade). Já a subversão de um provérbio atestado se dá por um mecanismo semelhante ao da captação, mas, nesse caso, a direção semântico-discursiva original do provérbio é contestada.

Embora Maingueneau (2010a) tenha utilizado esses procedimentos para analisar a enunciação proverbial, acreditamos que tais noções possam ser aplicadas a outras construções sintático-semânticas, principalmente àquelas cujas características principais são, exatamente, o fato serem breves, citáveis e memorizáveis, como é caso do enunciado tomado como objeto. Aplicado ao nosso *corpus*, os conceitos acima permitem observar que as condições de emprego tanto podem ser captadas quanto subvertidas. Ou seja, o enunciado “a esperança venceu o medo” tanto pode se inscrever na eficácia ideológica ligada a suas condições de produção originais, ou produzir novas enunciações que, satisfazendo as condições formais, viola suas condições de emprego normais, o que leva rapidamente à produção de novos sentidos.

Conforme demonstramos nas seções anteriores, a história das relações políticas no Brasil, nas duas últimas décadas, não teria como omitir a presença do enunciado “a esperança venceu o medo”, ao mesmo tempo, como uma evidência da época e como um objeto questionado. É porque comporta um valor de descrição dos fatos políticos e sociais que ele é objeto de polêmicas. Seu sentido não se desfaz, fica e atua sempre. Ou seja, é porque está carregado de questões que ele se constitui em um enunciado de ordem no espaço público e é objeto de debates.

O enunciado “a esperança venceu o medo”, de fato, concentra várias questões, por isso, há também diversas maneiras de tomar parte no debate. Ao participar de vários processos discursivos, ele entra, quase sempre, em polêmicas variadas. É assim que a polêmica sobre as palavras “esperança” e “medo”, no momento em que são proferidas, assenta-se na reivindicação de um discurso “outro”. Essas palavras, ao se contraporem, detêm certos valores, comportam acentos contraditórios, representam um confronto político.

Entretanto, conservam, graças à permanência do significante, uma estabilidade que pode, sozinha, garantir o prosseguimento e o sucesso da comunicação. Esse tipo de polêmica testemunha também o “caráter regional” das formações ideológicas (COURTINE, 2009). Caráter esse, que explica o fato de podermos, a partir de formações ideológicas antagônicas, falar dos mesmos objetos e falar deles diferentemente.

O caráter polêmico do enunciado em análise é determinado/orientado tanto pela morfossintaxe e pelos componentes lexicais quanto pelos diferentes usos que dele são feitos. Isso explica o fato da não estabilidade dos sentidos. Em suas condições de enunciação originais, “a esperança venceu o medo” faz eco ao discurso do “medo” inscrito nas práticas discursivas anti-PT. Muitas de suas enunciações posteriores recuperam, num movimento de captação, os discursos produzidos nessas condições. As manchetes, os títulos de artigos e as chamadas principais de *blogs* e *sites* diversos, que divulgaram a vitória de Lula, em 2002, são bons exemplos:

- 01- A esperança venceu o medo, diz Lula em pronunciamento em SP;<sup>86</sup>
- 02- “A esperança venceu o medo, diz Lula – Imprensa”;<sup>87</sup>
- 03- “A esperança venceu o medo”;<sup>88</sup>
- 05- “Complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula”;<sup>89</sup>
- 06- “Lula 2002- O dia que a esperança venceu o medo”;<sup>90</sup>
- 07- “Lula: a esperança venceu o medo”;<sup>91</sup>

Ao empregar o enunciado “a esperança venceu o medo” para interpretar a eleição de Lula, o sujeito enunciador/mídia rememora esse acontecimento e admite com ele concordar. A adesão ao enunciado em questão garante ao máximo o sentido do enunciado que lhes deu origem. Ou, dizendo de outro modo, os enunciados em relevo nas páginas dos jornais fazem eco à enunciação de Lula, bem como a todo um conjunto de discursos “anteriores” e “exteriores” aos quais essa enunciação rememora. Ao ser retomada e comentada nos veículos midiáticos, a enunciação de Lula passa o efeito de ser uma “verdade” coletiva. O sujeito

<sup>86</sup> Manchete de jornal, [www.1folha.uol.com.br](http://www.1folha.uol.com.br), 27/10/2002;

<sup>87</sup> Manchete de jornal Ulo Notícias [www.noticias.uol.com.br](http://www.noticias.uol.com.br), 28/10/2002

<sup>88</sup> Título de artigo, *site* Samba e Choro. [www.samba-choro.com.br](http://www.samba-choro.com.br), 28/10/2002;

<sup>89</sup> Título de artigo, [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br), 28/10/2010;

<sup>90</sup> Chamada principal do vídeo divulgado no *YouTube* [www.youtube.com](http://www.youtube.com), 28/10/2002;”

<sup>91</sup> Título de artigo, [www.apropuc.org.br](http://www.apropuc.org.br), 28/10/2002.

enunciador/mídia, por sua vez, lança mão dessa “verdade” e, por meio da estratégia de *captação*, a disponibiliza para seus interlocutores. Dessa forma, a mídia explora os efeitos de sentido de “a esperança venceu o medo” e fazem-no circular a favor do posicionamento ideológico em está inscrita.

É, também, num movimento de *captação* que o enunciado “a esperança venceu o medo” volta a se manifestar nas práticas discursivas da eleição presidencial de 2010, na campanha de Dilma Rousseff:

38- “A esperança, mais uma vez, vem vencendo o medo”;<sup>92</sup>

43- “Dilma recicla bordão de 2002 e diz que esperança vencerá o ódio”;<sup>93</sup>

48- “Esperança e amor vencem o ódio, repete Dilma”;<sup>94</sup>

50- “A esperança vai vencer o ódio com a eleição de Dilma”;<sup>95</sup>

52- “Com Lula a esperança venceu o medo, com Dilma a verdade venceu a mentira”;<sup>96</sup>

54- “A esperança venceu o medo e a verdade vencerá a mentira”;<sup>97</sup>

58- “A esperança venceu o medo e agora o preconceito”;<sup>98</sup>

61- “Neste domingo a esperança venceu o medo”;<sup>99</sup>

Como na campanha petista de 2002, na de 2010 o discurso do “medo” foi instaurado. E, contra ele, Dilma Rousseff e seus aliados políticos também ofereceram o discurso da “esperança”. Em uma remissão à eleição de Lula, os sujeitos enunciadorez fizeram reemergir o discurso da “esperança” e, novamente, colocaram-no a circular no cenário político brasileiro. Além de rememorar a eleição de Lula em 2002, o enunciado “a esperança venceu o medo” busca atribuir à candidata petista os mesmos atributos do então presidente. Vale lembrar que, em 2010, Lula contava com quase 80 (oitenta) por cento da aprovação/aceitação da população brasileira, logo se tornou bastante produtivo, para o Partido dos Trabalhadores,

<sup>92</sup> Manchete do jornal Globo.com, 25/03/2010.

<sup>93</sup> Manchete do jornal Bol Notícias, 24/09/2010.

<sup>94</sup> Manchete do jornal Folha.com, 25/09/2010 .

<sup>95</sup> Declaração do então presidente Lula, blog <http://fuzzil.blogspot.com.br/2010/10/esperanca-vai-vencer-o-odio-com-eleicao.html> (26/09/2010)

<sup>96</sup> Título de artigo, *blog* Carlos Gomes de Moura, 04/10/2010

<sup>97</sup> Manchete do jornal Itabuna News [www.itabunanews.com.br](http://www.itabunanews.com.br), 07/10/2010

<sup>98</sup> Título de artigo, *site* Vereador Ricardo Marques, 21/10/2010

<sup>99</sup> Chamada principal do *site* Diário de um educar, 30/10/2010.

relacionar o então presidente à sua provável sucessora. Em 2010, como em 2002, o efeito é o mesmo: provocar no eleitor brasileiro o desejo de romper barreiras. Se, como vimos, em 2002 o povo brasileiro venceu o “medo” do radicalismo do PT e, conseqüentemente, de Lula; em 2010, é chegada a hora de quebrar barreiras, e, igualmente, estimular mudanças: vencer o “medo” de Dilma Rousseff, extirpar os preconceitos e, por conseguinte, eleger uma mulher para ocupar o mais alto posto do Congresso Nacional.

Sem dificuldades, os (e)leitores conseguem identificar, nos exemplos acima, a presença da enunciação original, cuja estrutura foi desviada: “a esperança venceu o medo”. A distância entre o enunciador da enunciação original e o enunciador das enunciações captadas é muito reduzida. A homofonia, nos casos arrolados, é reforçada tanto pela semelhança sintática quanto semântica. Dessa forma, o sujeito enunciador, além de explorar as condições de emprego e dos significantes, visa também explorar o significado. Por isso, os desvios acima são tão eficazes. Eles constroem para Rousseff a imagem de uma mulher guerreira que, assim como Lula, será capaz de vencer os obstáculos e chegar ao poder.

Até o momento, arrolamos apenas arquétipos que representam o procedimento de captação, passamos agora a evidenciar o mecanismo de subversão. Para isso, apresentamos alguns exemplos em que a enunciação de “a esperança venceu o medo” renega/refuta o sentido inscrito na enunciação original, instaurando outros sentidos. Nesses casos, têm-se novas condições de produção. Ao se inscrever em outras conjunturas discursivas, “a esperança venceu o medo” é (re)atualizada pelo sujeito enunciador. E, ele já o faz dialogicamente, isto é, em resposta aos que enxergaram nos termos “esperança” e “medo” a marca de uma mudança bem real, em relação aos quais ele é levado a tomar posição.

Não se pode negar que o enunciado “a esperança venceu o medo” carrega questões de natureza extremamente variada, assim como são variadas as maneiras de os locutores responderem as essas questões, de tomarem parte no debate. A questão pode provir do fato de que o enunciado é monopolizado por uma formação discursiva adversária, pode tratar-se, então, de se apropriar dele eventualmente atribuindo a ele um sentido diferente, e de neutralizá-lo, fazendo uso do procedimento de refutação, como é o caso da enunciação do deputado do PFL, Moroni Torgan, mencionada na seção anterior e retomada, aqui, para efeito de análise:

- 14- “ **a esperança venceu o medo**, mas eu nunca esperava que **a corrupção fosse vencer a esperança** [...] eu queria que **a esperança vencesse o medo**. Eu queria mesmo, queria muito. Eu não queria que **a corrupção estivesse vencendo a esperança**”.<sup>100</sup> (grifos nossos)

Nesse caso, ao reivindicar para si o enunciado em destaque, o sujeito enunciador assume um posicionamento frente ao que enuncia. Ou seja, reclama para si a paternidade do enunciado, ao mesmo tempo em que o rejeita, exprimindo seu repúdio em relação ao que ele significa e, assim, promovendo a *subversão*.

Por meio desse procedimento, o sujeito enunciador recorre a um enunciado já atestado (“a esperança venceu o medo”) para contestá-lo (a corrupção está vencendo a esperança). Ao enfatizar a vitória da “corrupção” sobre a “esperança” o sujeito se manifesta, isto é, assume uma posição, e, dessa forma, coloca em discussão sua própria subjetividade. Ou seja, o sujeito enunciador demonstra desencanto para com a política atual, deixa ver que está decepcionado, passando a imagem de que não só as posições-sujeito contrárias à eleição de Lula, tais quais, as posições ocupadas por Regina Duarte, Beatriz Segall e Carlos Vereza tinham razão em estar com medo, mas também que não compactua com o posicionamento do então presidente frente aos escândalos de corrupção que assolaria o PT.

Não se trata de recorrer ao mesmo *ethos* nos casos de captação e nos de subversão: no primeiro caso, o sujeito enunciador recorre ao *ethos* de estatuto positivo; ao passo que no segundo, o *ethos* aludido é um *ethos* crítico, “zombeteiro”, por isso, nesses casos, põe-se em questão não só o discurso do presidente eleito em 2002, mas também suas ações como o maior representante político do Brasil. Ações essas questionadas em diversas práticas discursivas, conforme comprovam os excertos retomados abaixo:

- 16 “**A esperança venceu o medo**. A frase soava em uma só voz após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2002. Foi um fato histórico. No Brasil, este imenso país tropical, “adormecido em berço esplêndido” havia acordado para construir uma nova história. Dois anos e meio depois uma enxurrada de denúncias coloca o país de cabeça para baixo. O PT está no poder, mas a história não mudou como gostaríamos. Os escândalos trocaram de cor. O Amarelo plumagem virou vermelho reluzente. Na história desta republica, **a esperança às vezes vence o medo**, mas a desilusão é quase sempre o porto de chegada.”<sup>101</sup> (grifos nossos)

<sup>100</sup> MORONI, T, na CPI dos correios em 20/06/2005.

<sup>101</sup> Artigo de opinião publicado no site [www.portalcastanhal.com.br](http://www.portalcastanhal.com.br), por Rogério Bulhões Costa, jornalista e diretor do jornalismo RTP Castanhal, em (04/08/2005);

- 53- “Quando FHC foi Presidente da República, ele jogou duro com os trabalhadores e colocou os tanques de guerra nas portas das fábricas para reprimir os grevistas. Além disso, interveio no Judiciário para que arbitrasse multa diária a fim de quebrar os sindicatos. Com os bancários não foi diferente. Reprimia as greves por meio dos nefastos de Planos de Demissão Voluntária e as constantes ameaças de demissão imotivada. Privatizou muitas estatais, demitiu funcionários, terceirizou serviços. (...) Foi a chamada era das maldades do PSDB. O povo sofreu tanto que se ofuscou com a estrela do PT. Achou que ela seria a salvação contra esses males. Ledo engano! LULA ganhou as eleições, mas antes de assumir fez acordo com a burguesia para governar (para ela). “**A esperança venceu o medo**”, e os trabalhadores acreditaram que teriam uma vida melhor. (...)”<sup>102</sup> (grifos nossos)

Nos fragmentos acima, “a esperança venceu o medo” rememora o discurso presidencial e, ao mesmo tempo, demonstra a insatisfação/decepção dos sujeitos enunciadorees em relação ao mandato do então presidente Lula. No primeiro fragmento, a insatisfação se dá em razão do escândalo do “mensalão” que envolveria o PT. Dizer que “a esperança venceu o medo” e, em seguida, afirmar que “*O amarelo plumagem virou vermelho reluzente. Na história desta república, a esperança às vezes vence o medo, mas a desilusão é quase sempre o porto de chegada*”, reforça essa leitura interpretativa. No segundo, a decepção acontece em relação à atuação do presidente frente à greve dos bancários. Tal leitura pode ser obtida a partir do fragmento: “*LULA ganhou as eleições, mas antes de assumir fez acordo com a burguesia para governar (para ela). “A esperança venceu o medo”, e os trabalhadores acreditaram que teriam uma vida melhor.*”

Embora tenha sido produzido por enunciadores distintos, também em diferentes situações enunciativas, o enunciado “a esperança venceu o medo”, nos textos acima, adota um tom que mescla deboche e denúncia na alusão à vitória de Lula em 2002. Ironicamente, o sujeito enunciador coloca em questão se, realmente, a “esperança” teria vencido o “medo”. A ironia se descreve, aqui, em termos de polifonia. Nos dois casos, o enunciador retoma a enunciação de Lula e trata de ridicularizá-la. Ao trazer para o fio de seu discurso o discurso de outro, o sujeito dá sua enunciação como imitação crítica do que já fora enunciado. Na interpretação irônica, o sujeito enunciador retoma o “já dito” para, em seguida, contestá-lo. O desencanto com a política do governo Lula, especialmente em relação aos escândalos de corrupção, é, em boa medida, responsável por causar o efeito irônico nos enunciados subvertidos.

<sup>102</sup> Texto publicado no site <http://www.bancariosrn.com.br/pdf/jornal/jornaldagreve6.pdf>, por Raimundo Gilmar, bancário do banco do Brasil, em (04/10/10);

As constantes retomadas midiáticas do enunciado “a esperança venceu o medo” torna-o identificável, reconhecível e, conseqüentemente, funciona como índice de reconhecimento que permite “estigmatizar” positivamente, ou negativamente seus usuários. O caráter polêmico de “a esperança venceu o medo” se manifesta, assim, particularmente nos tropeços dos sujeitos enunciadore durante a própria sequência, tropeços que são reveladores de algumas das questões que o referido enunciado oculta. A forma e o lugar de enunciabilidade são demarcadores de posicionamentos. Por isso, “a esperança venceu o medo” pode ora denotar um acontecimento positivamente, ora não. As questões que esse enunciado comporta afloram na sua superfície, ele tanto revela problemas quanto aponta soluções. Desvendar a sua opacidade requer que analisemos as diferentes operações linguístico-discursivas possibilitadas pelos sujeitos enunciadore em diferentes campos e lugares discursivos. É, precisamente, isso que propomos no próximo capítulo.

#### IV- DO DISCURSO POLÍTICO AO DESTACAMENTO MIDIÁTICO: OPERAÇÕES LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS (RE)ORIENTANDO SENTIDOS

##### 4.1 “A esperança venceu o medo”: a destacabilidade de uma “pequena frase”

No capítulo anterior, vimos que o enunciado “a esperança venceu o medo” vem sendo constantemente mobilizado em diversas situações comunicativas. Isso implica dizer que o referido enunciado não se encontra atrelado ao texto de origem, ao contrário, ele se descola dele para significar/interpretar, em outros campos e práticas discursivas, novos acontecimentos.

Em Maingueneau (2006), observamos que não é qualquer enunciado que pode se destacar de um fundo textual. Para isso, ele deve apresentar-se como um enunciado destacável no texto de origem, isto é, deve apresentar uma predisposição ao destacamento. Deve, entre outras coisas: ser breve; enunciar um sentido completo; ocupar lugar de destaque no texto de origem; impressionar, de modo a ser reutilizado; constituir-se numa tomada de posição; e, implicar uma amplificação da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* enfático. O enunciado “a esperança venceu o medo” é, no nosso entendimento, é portador de todas essas características. Para efeito de análise, retomamos os três fragmentos extraídos dos três primeiros pronunciados de Lula:

##### - Excerto extraído do Primeiro Pronunciamento:

“Companheiros e companheiras,

Bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta do meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, na qual eu irei fazer um pronunciamento. Hoje são apenas alguns agradecimentos. Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores. Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país. Quero

agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiro José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país. (...) Por fim, eu quero dizer pra vocês que o Brasil está mudando em paz e, mais importante, **a esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz**. Por último, eu quero agradecer a essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. (...)”. (LULA, 27/10/2002, grifos nossos)

#### - Excerto extraído do Pronunciamento Oficial:

“Compromisso com a mudança

Ontem, o Brasil votou para mudar. **A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país**. Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranquilo, traçar um rumo diferente para si. As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas, uma vez que elas trouxeram a alternância no poder, sem a qual a democracia perde a sua essência. (...)”. (LULA, 28/10/2002, grifos nossos)

#### - Excerto extraído do Discurso de Posse:

“Mudança”; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. **A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos**. Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades. (...)”. (LULA, 01/01/2003, grifos nossos)

Como se pode observar, “a esperança venceu o medo” comporta todas as propriedades que fazem dela um enunciado destacável: constitui-se em uma asserção generalizante que enuncia um sentido completo (rememora o confronto político entre o PT, interpretado aí como a “esperança”, e os demais partidos de oposição a esse partido que tentaram, a todo custo, criar um sentimento de “medo” nos eleitores, durante as quatro campanhas presidências em que Lula disputou, bem como ressalta a vitória daquele sobre estes); apresenta autonomia de sentido, devido a certas características formais: é um enunciado de curta extensão (um período simples, constituído apenas pela estrutura sujeito, verbo e objeto); está auto-

posicionado (posição de destaque no texto de origem: no primeiro pronunciamento se destaca por sua posição final no texto, nos pronunciamentos posteriores, ele é destacável por sua posição inicial de unidade textual); sintetiza um conjunto de saberes discursivos (o discurso do “medo” *versus* o da “esperança”, ao longo da trajetória política de Lula); implica uma tomada de posição (o sujeito enunciador se posiciona em relação ao acontecimento que enuncia); impressiona pela clareza e objetividade (em poucas palavras sintetiza anos de confronto político); é facilmente memorizável (por isso é que volta a ser objeto de debates), e é pronunciado com um *ethos* enfático (o sujeito enunciador incorpora a autoridade da posição de presidente da República, ao mesmo tempo em que faz lembrar a sua origem de homem simples). Ademais, a presença de um conector reformulativo, “finalmente”, em “a esperança finalmente venceu o medo” (discurso de posse) favorece ainda mais para o destaque.

Nesse caso, o enunciado destacável funciona como réplica do discurso que já havia sido formulado no primeiro pronunciamento. Ou seja, “a esperança finalmente venceu o medo” funciona como prova viva do retorno ao “já dito”, não só porque se trata da mesma materialidade linguística, mas, sobretudo, porque, na atual condição de uso, também recupera os mesmos discursos, isto é, apresenta-se em conformidade ao que já havia sido enfaticamente proferido nos dois primeiros pronunciamentos. Por meio da enunciação desta “pequena frase”, “o sujeito enunciador encontra o núcleo do efeito buscado: ou seja, produz algo memorável, isto é, um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato”. (MANGUENEAU, 2006, p.74-5)

Dessa forma, “a esperança venceu o medo” ultrapassa a si mesma no exato momento em que é enunciada. Isto é, ela implica na combinação de duas propriedades que a princípio parecem paradoxais: é percebida como inédita; é percebida como imemorial. De fato, ela retém, de alguma forma, em si mesma, a repetição ilimitada de outros enunciados, ao mesmo tempo em que se comemora ao se inaugurar. Ou, dizendo de outro modo, o enunciado em questão veicula um discurso “já dito”, que se inscreve na formação discursiva da qual ele deriva, apontando para um novo discurso. A condensação semântica associada a uma estrutura de significante pregnante faz com que o referido enunciado se apresente como enigmático, isto é, ele encerra em si uma parte de obscuridade, diz e esconde ao mesmo tempo.

Tais características predisõem o enunciado “a esperança venceu o medo” ao destaque. O grau de destacabilidade que lhe é conferido garante-lhe notoriedade no contexto midiático. Imediatamente à enunciação de Lula, “a esperança venceu o medo” ganha destacabilidade na mídia, na forma de manchetes, títulos, subtítulos de artigos, reportagens e chamadas principais de *sites* e *blogs* diversos, tais como:

- 01- A esperança venceu o medo, diz Lula em pronunciamento em SP”;<sup>103</sup>
- 02- “A esperança venceu o medo, diz Lula – Imprensa”;<sup>104</sup>
- 03- “A esperança venceu o medo”;<sup>105</sup>
- 05- “Complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula”;<sup>106</sup>
- 06- “Lula 2002- O dia que a esperança venceu o medo”;<sup>107</sup>
- 07- “Lula: a esperança venceu o medo”;<sup>108</sup>

Voltaremos a esses enunciados, na próxima seção, ao abordarmos o fenômeno de sobreasseveração. Acreditamos que esse fenômeno além de explicar a saída do enunciado em análise do texto de origem, também abre espaço para pensarmos a sua mobilização em outras práticas discursivas.

#### 4.2 “A esperança venceu o medo” sob o efeito da sobreasseveração: estratégias do dizer

O caminho percorrido permite afirmar que “a esperança venceu o medo” não é um enunciado qualquer, produzido originalmente por um sujeito qualquer, também em um texto qualquer. Ao contrário, trata-se de um enunciado destacável/memorável no discurso presidencial. Um enunciado de estrutura pregnante, cuja forma breve e concisa é

<sup>103</sup> Manchete de jornal, [www.1folha.uol.com.br](http://www.1folha.uol.com.br), 27/10/2002;

<sup>104</sup> Manchete de jornal Ulo Notícias [www.noticias.uol.com.br](http://www.noticias.uol.com.br), 28/10/2002

<sup>105</sup> Título de artigo, *site* Samba e Choro. [www.samba-choro.com.br](http://www.samba-choro.com.br), 28/10/2002;

<sup>106</sup> Título de artigo, [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br), 28/10/2010;

<sup>107</sup> Chamada principal do vídeo divulgado no YouTube [www.youtube.com](http://www.youtube.com), 28/10/2002;”

<sup>108</sup> Título de artigo, [www.apropuc.org.br](http://www.apropuc.org.br), 28/10/2002.

essencialmente dialógica (responde tanto a discursos que se inscrevem em sua formulação quanto aponta para novos discursos). Essas propriedades fazem com que ele seja constantemente retomado e comentado nos programas de informação.

São diversos os destacamentos midiáticos desse enunciado que significaram/interpretaram a eleição de Lula em outubro de 2002. Dentre eles, escolhemos para efeito de análise a manchete publicada no jornal on-line *Folha de S. Paulo*, em 27 de outubro de 2002, às 23h34min. Julgamos desnecessária a análise de outras manchetes de estrutura e sentido semelhantes, por acreditarmos que elas se constituam de forma parecida à manchete ora analisada:

01- “A esperança venceu o medo”, diz Lula em pronunciamento em SP<sup>109</sup>

Se voltarmos o nosso olhar para o primeiro pronunciamento de Lula, exposto na seção anterior, verificaremos que o enunciado constitutivo da manchete em análise não se dá a ler da mesma forma que no texto de origem. Ou seja, enquanto no texto de origem a sequência “a esperança venceu o medo” segue acompanhada de uma segunda oração: “**A esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil mudou sem medo de ser feliz**”, no enunciado em relevo essa segunda oração não aparece. Ela é apagada pelo sujeito enunciator/mídia que, ao descontextualizar a fala de Lula, elimina modulações, de modo a reforçar a autonomia e o caráter lapidar do enunciado, a aproveitá-lo de modo a ser uma sentença sobreasseverada. Produz-se, com isso, um movimento argumentativo complexo, isto é, o discurso de Lula é transformado em uma única frase, generalizante, uma espécie de sentença autonomizada que enuncia um “sentido completo”.

Além de o sujeito enunciator/mídia suprimir todo o restante do enunciado proferido por Lula, ele constrói um enunciado que, embora seja atribuído ao então presidente, pelo contexto original, é possível constatar que o locutor falou algo diferente do lhe foi atribuído. Apesar da presença do verbo “dizer” e das aspas na “pequena frase” que compõe a manchete, marcas que caracterizam o discurso direto, não se trata somente do recorte ou de uma citação das palavras proferidas por Lula, mas “há aí uma tensão entre uma dinâmica de textualização, que tende a integrar os constituintes do texto em uma unidade orgânica, e um fenômeno da

<sup>109</sup> Manchete de jornal *On Line: Folha de S. Paulo* <http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u41584.shtml> (27/10/2002)

‘sobreasseveração’. Esse fenômeno abre a possibilidade de uma saída do texto, de uma descontextualização”. (MAINGUENEAU, 2010a, p.11).

Ao destacar o enunciado “a esperança venceu o medo” de seu contexto original, o sujeito enunciator/jornalista se constitui em um sobreasseverador que se sobrepõe tanto ao seu leitor quanto ao locutor cuja fala recorta, mostrando uma imagem de si, um *ethos* de um sujeito autorizado a realizar o trabalho de destaque da fala da outro. Trabalho esse que é realizado sob a validade da instituição midiática, que estabelece valores para além das interações e das argumentações. A nosso ver, trata-se de um trabalho de direcionamento de sentidos, de constituição de subjetividades em que, sem que se dê conta, o ouvinte/leitor é levado a aderir à interpretação do enunciator jornalista e, por extensão, ao posicionamento do veículo midiático no qual esse jornalista está inscrito. Dizendo de outro modo, ao significar/interpretar a vitória de Lula em 2002, a “pequena frase” em estudo remonta a um discurso “anterior” e “exterior” ao que enuncia, isto é, faz eco aos discursos produzidos alhures e que são retomados ou integrados no *continuum*, demonstrando que o sujeito enunciator jornalista está de acordo com o que põe a circular. Ou seja, ao trazer como destaque enunciativo a frase “a esperança venceu o medo”, na forma de manchete, o sujeito enunciator/jornalista resgata o pronunciamento de Lula e, discretamente, admite com ele concordar. O mesmo acontece nas sequências sobreasseveradas: A esperança venceu o medo, diz Lula – Imprensa”<sup>110</sup>, “A esperança venceu o medo”<sup>111</sup>, “Complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula”<sup>112</sup>, “Lula 2002- O dia que a esperança venceu o medo”<sup>113</sup>, “Lula: a esperança venceu o medo”<sup>114</sup>, arroladas na seção anterior.

Assim como na manchete analisada, também nos exemplos acima o enunciator/jornalista trabalha sobre o texto citado. Em nenhum dos destacamentos, os enunciados correspondem literalmente ao que Lula teria pronunciado em seu discurso de posse. A autonomização é, nesses casos, ainda maior, já que o enunciator/jornalista não indica a fonte enunciativa do discurso que põe a circular, apenas retoma parte da fala de Lula, partindo do princípio de que se trata de um enunciado de conhecimento público. “A esperança venceu o medo” assume, nessa prática, um valor de “verdade” inquestionável. Decorre daí a

<sup>110</sup> Manchete de jornal Ulo Notícias [www.noticias.uol.com.br](http://www.noticias.uol.com.br), 28/10/2002

<sup>111</sup> Título de artigo, *site* Samba e Choro. [www.samba-choro.com.br](http://www.samba-choro.com.br), 28/10/2002;

<sup>112</sup> Título de artigo, [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br), 28/10/2010;

<sup>113</sup> Chamada principal do vídeo divulgado no YouTube [www.youtube.com](http://www.youtube.com), 28/10/2002;”

<sup>114</sup> Título de artigo, [www.apropuc.org.br](http://www.apropuc.org.br), 28/10/2002.

sua mobilização em diferentes discursos e, conseqüentemente, em diferentes gêneros discursivos. Muitas de suas mobilizações posteriores trataram de retomar a enunciação original, fosse à forma de unidades sobreasseveradas (manchetes, títulos de artigo, chamadas principais etc), fosse à forma de enunciados destacáveis nas declarações de personalidades políticas (esse também é caso da declaração do deputado Moroni Torgan, a qual retomamos, mais uma vez, para efeito de análise):

- 14- **“a esperança venceu o medo**, mas eu nunca esperava que **a corrupção fosse vencer a esperança** [...] eu queria que a esperança vencesse o medo. Eu queria mesmo, queria muito. Eu não queria que **a corrupção estivesse vencendo a esperança**”.<sup>115</sup> (grifos meus)

Nota-se que, também aí, o enunciado “a esperança venceu o medo” ocupa posição de destaque. Ao se tornar uma seqüência destacável na fala de Moroni Torgan, a “pequena frase” passa a enunciar uma verdade refletida, a expressão de uma totalidade: uma concepção de ordem política. Em nenhum momento, o sujeito enunciator evidencia que está se referindo à eleição e ao mandato de Lula. Não há em sua fala a indicação de fonte do enunciado citado, também não há a presença de verbos introdutórios. Assim, cabe aos interlocutores fazer a ligação necessária entre o que está sendo dito e o discurso “já lá”, produzido na “anterioridade” e na “exterioridade”. A presença do discurso do outro não é explícita, mas apreendida segundo marcas difusas. Por meio da introdução da conjunção adversativa “mas”, o sujeito enunciator sinaliza discordância quanto ao discurso citado. Contrapondo-se a este, ele introduz um novo discurso, o da “corrupção” que, no seu entender, estaria vencendo o discurso da “esperança”. Embora a materialidade linguística seja a mesma, “a esperança venceu o medo”, os sentidos deslizam, se reconfiguram, ao significar um novo acontecimento: o acontecimento do escândalo do mensalão, em 2005. Escândalo esse que passou a ser interpretado pela mídia da seguinte forma:

- 13- “Se a esperança venceu o medo, hoje a corrupção matou a esperança”;<sup>116</sup>

- 16 **“A esperança venceu o medo**. A frase soava em uma só voz após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2002. (...)Na história desta republica, **a esperança às vezes vence o medo**, mas a desilusão é quase sempre o porto de chegada”;<sup>117</sup>

<sup>115</sup> Declaração do deputado Moroni Torgan do PFI, ao jornal local do Ceará, 2005.

<sup>116</sup> Destaque enunciativo, revista Veja, sobre escândalo do mensalão, 06/06/2005 .

<sup>117</sup> Artigo, Rogério Bulhões Costa, sobre o escândalo do mensalão, site [www.portalcastanhal.com.br](http://www.portalcastanhal.com.br), 04/08/2005.

18- “A esperança venceu o medo e a corrupção venceu o governo Lula”;<sup>118</sup>

21- “A esperança venceu o medo?”<sup>119</sup>

A adesão ao enunciado “a esperança venceu o medo” permite ao sujeito enunciatador/mídia trazer à tona os discursos proferidos pelo então presidente Lula no seu discurso de posse, bem como desqualificá-los por meio de marcas linguísticas: o tom de dúvida dado à pequena frase, por meio do advérbio “se”, no exemplo de número 13; a presença do advérbio de tempo, “às vezes”, na ocorrência de número 16; a afirmação de que “a corrupção venceu o governo Lula”, em 18; assim como o ponto de interrogação que finaliza o enunciado de número 21, colocam em questão o posicionamento do sujeito enunciatador frente ao que (d)enuncia.

Consideramos agora mais um fragmento, desta vez, publicado no dia 03 de outubro de 2003, às 15h: 01min, no jornal *Folha de S. Paulo*, por Ana Paula Grabois:

08- **“A esperança venceu o medo”, diz Dilma, referindo-se à Petrobrás**<sup>120</sup>

“A ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, disse hoje que a história da Petrobras mostra que um novo Brasil é possível. Ao citar o slogan “a esperança venceu o medo”, utilizado na campanha do presidente Lula, ela relacionou o desenvolvimento do país à trajetória da estatal. Ela lembrou que no início da história da Petrobras muitos diziam que não havia petróleo no Brasil, outros afirmavam que era antieconômico buscar petróleo em água profundas e ainda que a estatal não sobreviveria no mercado competitivo, o que não ocorreu. **“Vencer este medo foi provar que a Petrobras é possível e, com essa dimensão de longo prazo, tenho certeza que vai contribuir e esta contribuindo para a construção de um país em que nós tenhamos condições de gerar emprego internamente”**, afirmou. A ministra disse também que as empresas brasileiras e os brasileiros devem buscar os mesmos padrões de eficiência que a estatal alcançou com a consciência de que isso é possível. Dilma participou hoje das comemorações dos 50 anos da Petrobras, no Rio de Janeiro”. (grifos nossos

<sup>118</sup> Título de artigo, *blog* <http://eduardoleite.blogspot.com.br/2005/09/esperanaa-venceu-o-medo-e-corrupo.html> (20/05/09)

<sup>119</sup> Título de crônica, sobre o escândalo de corrupção que assolaria o PT, *site* [www.lusopoemas.net](http://www.lusopoemas.net), 07/09/2006.

<sup>120</sup> Manchete do jornal On Line: Folha de S. Paulo <http://www1.folha.uol.com.br/fohla/brasil/ult96u54046.shtml>

Conforme podemos verificar, a enunciação de Dilma Rousseff não corresponde ao fragmento em relevo no título do artigo. Novamente, vemos se manifestar aí o fenômeno de sobreasseveração. Em nenhum momento, Dilma disse que “a esperança venceu o medo”, apenas enfatizou que o medo em relação à produtividade da Petrobrás foi extinto. Entre a fala do enunciador jornalista e a fala da locutora não há fidelidade enunciativa. Ou seja, o enunciador não retomou textualmente as falas da locutora Dilma presentes no co-texto do artigo. Na verdade, embora tenha se utilizado de um verbo que não implica um total comprometimento do sujeito com o que enuncia, no caso o verbo “dizer”, o jornalista realizou todo um trabalho de sobreasseveração da fala anterior, mudando sensivelmente o seu sentido. Nesta sobreasseveração temos um procedimento que não apenas põe em evidência um enunciado que foi dito por um locutor diferente do enunciador jornalista, mas um procedimento que se constitui numa tomada de posição no interior de um conflito de interpretações. Ou seja, o enunciador jornalista, ao recortar um fragmento da fala do outro, está interpretando a fala desse outro e, no mesmo processo, direcionando o público a aderir a essa interpretação.

A ilusão de objetividade referencial, advinda dessa estratégia, decorre exatamente do fato de que os referentes, resultantes do processo de estruturação das sequências sobreasseveradas foram construídos “fora”, em um discurso anterior, de responsabilidade pública. Dito de outro modo, encontra-se no fio do discurso de “a esperança venceu o medo” a presença de outros discursos produzidos na “anterioridade” e na “exterioridade” do que se enuncia. Discursos esses que são tomados pelo sujeito enunciador, ao mesmo tempo, como inéditos e memoráveis. Assim, além de produzir o eterno retorno ao “já dito”, “a esperança venceu o medo” se consolida em um enunciado inédito a cada novo acontecimento histórico e discursivo que (d)enuncia. Em outros termos, embora se trate de um enunciado de conhecimento público, “a esperança venceu o medo” é sempre atualizada a cada vez em que é pronunciada. Por isso os sentidos não são sempre os mesmos. É, dessa forma, que ela pode significar diferentemente um mesmo acontecimento ou, ainda, significar, em práticas diversas, diferentes acontecimentos.

Os destacamentos arrolados até o momento permitem observar os dois tipos de *sobreasseveração* propostos por Maingueneau (2006): a *sobreasseveração pretendida* e a *sobreasseveração derivada*. Enquanto as manchetes e títulos de artigos, que se originaram

logo após os pronunciamentos de Lula, se enquadram na *sobreasseveração pretendida*, no sentido de uma pretensão pragmática (encontram-se fortemente ligadas ao acontecimento histórico de origem, fazem parte dele, no sentido de reconstruí-lo enquanto um acontecimento discursivo), as manchetes e os títulos de artigos e de reportagens que se originam a partir desse acontecimento, como os destacamentos que ressaltaram o escândalo do mensalão em 2005 fazem parte da *sobreasseveração derivada*. Elas resultam apenas do correlato da *sobreasseveração pretendida*.

As análises dos exemplos acima demonstram que a *sobreasseveração*, seja ela *pretendida* ou *derivada*, garante a estabilidade e a legitimidade do enunciado. Ela autoriza a fala do sujeito enunciador/mídia, pela evocação da autoridade do discurso de outro, no nosso caso, o discurso de Lula. Há, nessa prática, uma ambiguidade existente entre o locutor que cita, o *sobreasseverador*, e o citado: esse último aparece, ao mesmo tempo, como o “não eu” em relação ao qual o locutor se delimita e como a autoridade que protege a asserção. Em outros termos,

O sobreasseverador é alguém que se sobrepõe, que mostra o *ethos* de homem autorizado, sob a influência de uma “Origem transcendente”, que estabelece valores, para além das interações e das argumentações. O apagamento da relação com o co-texto acompanha um reforço do engajamento ilocutório. (MAINGUENEAU, 2006, p. 89)

Por meio da unidade de uma *sobreasseveração* é a “verdade” que torna o movimento de sua manifestação sensível, ícone verbal pelo qual um “sujeito” se concentra em sua unidade imaginária. A *sobreasseveração* presta-se, entre outros usos, para construir um discurso no qual o sujeito enunciador não assume a responsabilidade sobre aquilo que diz. O *sobreasseverador* incorpora autoritariamente um discurso que não é seu, o discurso do “outro”, situado em um “fora”. O “outro” é tocado por esse discurso que o incorpora, leva esse discurso a sério e tenta procurar o “sentido verdadeiro”; sente-se, ao mesmo tempo, envolvido com o discurso, dentro dele e fora dele, não o ajudando a construir e, na dificuldade de compreender a densidade dialógica pela qual a falsa interação está se estabelecendo, exige “transparência” e complementariza-se, mostrando a sua fragilidade.

A fragilidade se estabelece nas duas pontas em que se encontram os sujeitos enunciativos (o que cita e o citado). Não há espaço de confronto nas sequências sobreasseveradas na qual as forças poderiam ser medidas. Constrói-se, de forma metafórica, um edifício sem alicerces no qual existe uma falsa alteridade. O recurso a esse fenômeno linguístico-discursivo rebela-se contra a força que é apenas a máscara da não-força, isto é, uma força não conquistada, não compartilhada.

O espaço de confronto em que são produzidas as sequências sobreasseveradas é fechado, por isso os sentidos são dados a circular como se fossem “verdades” absolutas. A *sobreasseveração* elide sobre a proposição e oferece um significado pronto. As proposições são pré-assertadas pelos sujeitos enunciativos, por isso as sequências sobreasseveradas tornam-se fechadas e não há espaço para uma eventual contradição. A asserção, na qual poderia eclodir a contradição, é, como a própria figura do *sobreasseverador*, infinitamente fugidia. Dizendo de outro modo, há nas sequências sobreasseveradas, uma ruptura, estabelecida pelo *sobreasseverador*, no sentido de ausência de alteridade entre o sujeito citado, de um lado, e aquilo que ele (d)enuncia como sendo incontestável, de outro. Ou seja, o sujeito que cita e aquele que aparece como evidente no enunciado não é o mesmo: longe de ser a fonte do sentido, a origem da formulação, de reivindicar para si a autonomia dos seus atos, o *sobreasseverador* é apenas o porta-voz ou o “porta-pluma” dos enunciados tomados como fonte do seu dizer.

Ao mobilizar o discurso do outro, o sujeito enunciativo/mídia não permite que haja dúvidas sobre o que se enuncia, tampouco permite que descubramos o grau de engajamento existente entre ele e o outro, cuja fala recorta. Isso porque, ao recortar a fala do outro e transformá-la em sequências sobreasseveradas, o sujeito enunciativo tem como objetivo se descomprometer, isto é, não se responsabilizar pelo que diz. A *sobreasseveração* é, dessa forma, uma construção exemplar para mostrar a relação entre o discurso presente na materialidade linguística de “a esperança venceu o medo” e o discurso situado em um “fora”, mas que é trazido à discussão pelo sujeito enunciativo nas malhas da interdiscursividade.

Por meio desse fenômeno, podemos mostrar como o significado se constrói na e pela linguagem nas diversas práticas sociais. O sentido atribuído à “pequena frase” “a esperança venceu o medo”, por exemplo, não se constrói em um pontuar direto com a realidade, tampouco a linguagem é um mecanismo desvairado de criação de mundo e realidade, mas

existe entre esses dois extremos uma espessura em cujo interior o sujeito enunciador trabalha a relação consigo próprio e com o outro, construindo o seu lugar no mundo. Para nós, os diferentes discursos materializados nos enunciados sobreasseverados em análise implicam uma exterioridade à língua, encontram-se no social e envolvem questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são enunciadas.

A *sobreasseveração* do enunciado “a esperança venceu o medo” cria zonas de neutralização discursiva, nas quais as palavras aí implicadas parecem tomadas num consenso geral, parecem ter o mesmo sentido para todos, zonas de constituição e de fechamento de um saber, nas quais os conceitos recebem sua definição, zonas nas quais as contradições aparecem, nas quais as palavras (“esperança”, “medo”) são postas em risco, posições das quais é preciso se apoderar para (re)atualizá-las a seu favor.

Assim, os constantes destacamentos do enunciado “a esperança venceu o medo” não se dão por acaso nos textos midiáticos, eles são fruto de um regime enunciativo específico, o da *sobreasseveração*. Tal regime, conforme vimos demonstramos, possibilita ao sujeito enunciador evocar uma série de discursos, que, por sua vez, têm uma dupla função: garantir a veracidade do que é dito e desresponsabilizar o sujeito enunciador por aquilo que diz. É como se, “discretamente”, o sujeito enunciador levasse o interlocutor a leitura daquilo que deseja. Não se trata apenas de informar um dado acontecimento, mas de fazê-lo memorável, bem como de torná-lo eficaz, verídico. Em outros termos, é como se o locutor deixasse, ao longo de seus textos, alguns sinais luminosos com base nos quais oferece uma iluminação para a leitura que pretende.

As análises desenvolvidas até o momento permitem dizer que o fenômeno da sobreasseveração abre para a saída do enunciado “a esperança venceu o medo” do texto de origem. Ou seja, abre para a descontextualização. Assim, ele ganha autonomia de sentido em relação ao contexto situacional em que foi primeiramente produzido e ao co-texto em que inicialmente estava inscrito (os textos dos pronunciamentos de Lula), passando à *aforização*, uma enunciação que tem no texto de origem apenas um lugar provisório. No nosso *corpus*, esse fenômeno se manifesta por meio dos dois tipos de destacamentos propostos por Maingueneau (2010a): o *destacamento constitutivo* e o *destacamento por extração*. Discorreremos sobre esse fenômeno na próxima seção, ao arrolarmos as recorrentes

manifestações discursivas da “pequena frase” “a esperança venceu o medo” na mídia brasileira contemporânea.

#### 4.3 Da sobreasseveração à enunciação aforizante

A circulação do enunciado “a esperança venceu o medo” na mídia brasileira contemporânea é sempre muito constante. É inegável a sua presença em diferentes campos e lugares discursivos, movimentando, ao longo do tempo, discursos variados. Sua discursivização tem a ver principalmente com sua capacidade de interpretar acontecimentos de ordens diversas. Trata-se de um enunciado autônomo, de sentido completo que, por isso mesmo, circula por diferentes tipos de textos, sem se fixar definitivamente a nenhum deles. Essa propriedade, conforme se vê, a seguir, corrobora a afirmação de Maingueneau (2006) de que é possível pensar os textos destacados para além dos gêneros discursivos, uma vez que há citações que excedem a qualquer gênero. Exemplificamos essa questão a partir de três acontecimentos distintos que a mídia divulgou por meio do enunciado “a esperança venceu o medo”: a vitória de Barack Obama na primeira rodada das prévias partidárias, em Iowa, em janeiro de 2008; o discurso de posse de Barack Obama, em 2009; e a visita de Obama ao Brasil, em 2011. Nessas ocasiões, o atual presidente dos Estados Unidos declarou:

- 22- **“Escolhemos a esperança em vez do medo. (...) a unidade venceu a divisão. É uma mensagem de que a mudança virá para a América.”**<sup>121</sup>
- 30- **“A esperança de mudar superou o medo. Sabemos da gravidade da crise, pois vemos a situação que vivemos, com milhares de empregos perdidos. Mas juntos conseguiremos sair dessa crise.”**<sup>122</sup>
- 70- **“O progresso do povo brasileiro inspirou o mundo. Mais da metade dessa nação é hoje em dia considerada de classe média, milhões foram retirados da pobreza. Pela primeira vez, a esperança está voltando para o lugar onde o medo costumava reinar. Eu vi isso hoje quando visitei a cidade de Deus.”**<sup>123</sup> (grifos meus)

<sup>121</sup> Declaração de Barack Obama após as prévias em Iowa, [www.1.folha.uol.com.br](http://www.1.folha.uol.com.br) 04/01/2008;

<sup>122</sup> Discurso de posse de Barack Obama, [www.1.folha.com](http://www.1.folha.com), 20/01/2009;

<sup>123</sup> Discurso de Barack Obama, quando de sua visita ao Rio de Janeiro, site [www.aitonmedeiros.com.br](http://www.aitonmedeiros.com.br), 21/03/2011;

Em nenhum dos pronunciamentos de Obama encontra-se o enunciado “a esperança venceu o medo”, no entanto, ele aparece em posição de destaque, isto é, figura como manchete e/ou título de artigo para os referidos acontecimentos. Para o primeiro pronunciamento, verificamos os seguintes destaques enunciativos:

27- “Barack Obama: a esperança venceu o medo”;<sup>124</sup>

28- “Nos EUA, a esperança venceu o medo”;<sup>125</sup>

O segundo acontecimento (o discurso de posse de Obama) repercutiu na mídia da seguinte forma:

29- “Se a esperança venceu o medo, agora terá que vencer a prática humana”;<sup>126</sup>

31- “Obama imita Lula e diz que esperança venceu o medo”;<sup>127</sup>

32- “Óbvio Olulante de Obama, a esperança venceu o medo e o tapa na cara”;<sup>128</sup>

33- “A esperança venceu o medo!”<sup>129</sup>

Do mesmo modo, a mídia dá a ler o discurso de Obama, em sua visita ao Brasil:

71- “A esperança venceu o medo”;<sup>130</sup>

Não se trata de apresentar o discurso de Obama, tal qual proferido nos referidos acontecimentos, mas de recorrer a um *Thesaurus*, isto é, um conjunto de saberes de conhecimento público, para validar o que está sendo dito. Esse *Thesaurus* é chamado à discussão pelo sujeito enunciativo para garantir a estabilidade e a legitimidade do seu dizer. Encontram-se na base dos destacamentos arrolados um discurso “outro” sobre o qual o sujeito enunciativo se apoia. Assim, ao descontextualizar parte do discurso de Obama, o sujeito não o faz integralmente, mas opta por extrair apenas a essência do que fora dito. Essa extração sobre

<sup>124</sup> Título de artigo, [www.cleitongael.blogspot.com.br](http://www.cleitongael.blogspot.com.br), 05/11/2008.

<sup>125</sup> Chamada principal do site [www.muitasbocasnotrombone.blogspot.com.br](http://www.muitasbocasnotrombone.blogspot.com.br), 05/11/2008

<sup>126</sup> Título de artigo, site [www.vigilia.com.br](http://www.vigilia.com.br), 21/01/2009

<sup>127</sup> Título de artigo, site [www.gloog.com.br/answer/pt-br](http://www.gloog.com.br/answer/pt-br), 21/01/2009

<sup>128</sup> Título de artigo, site [www.blogln.ning.com](http://www.blogln.ning.com), 21/01/2009

<sup>129</sup> Título de artigo, site [www.andreolity.wordpress.com](http://www.andreolity.wordpress.com), 21/01/2009.

<sup>130</sup> Título de artigo, site [www.ailtonmedeiros.com.br](http://www.ailtonmedeiros.com.br), 21/03/2011.

o texto base não se dá por acaso, ela remete a um discurso “já dito”, que o sujeito enunciador julga ser de conhecimento público. Nesse caso, os destaques enunciativos se dão por meio do *destacamento de extração* (MAINGUENEAU, 2010a).

Observamos, no segundo capítulo desta tese, que esse fenômeno não se constitui a partir da extração de quaisquer enunciados, visto que se trata de operações próprias do regime de enunciação aforizante. Para receber esse estatuto, o enunciado destacado deve ser constituir a partir de um enunciado autonomizado. Uma vez autônomo, ele pode se manifestar em diversas práticas discursivas. O que implica dizer que a aforização “a esperança venceu o medo” circula independentemente de seu texto de origem, também em diferentes campos discursivos. O que explica a sua mobilização não só para interpretar os discursos de Barack Obama, em momentos distintos de enunciação, mas também para significar outros discursos, proferidos por outros sujeitos enunciativos. É o caso, por exemplo, do discurso proferido pelo professor Francisco Galvão:

#### 81- “A esperança venceu o medo

**Mais uma vez a esperança foi maior que o medo** e espantou para longe as trevas da incerteza. Muito obrigado, meus amigos! Lembrarei por muito tempo esse dia como um dia de libertação! Foi com essa atitude de coragem que reafirmamos o compromisso jurado em nossas formaturas. Somos sim o elemento de mudança na sociedade e formadores das novas gerações<sup>131</sup>. (grifos meus)

Ao ser discursivizado pela mídia, o discurso do professor Galvão foi modalizado, passando à *aforização* “a esperança venceu o medo” em relevo no título do artigo. Assim como nos destaques enunciativos extraídos dos discursos de Obama, também há aí uma modulação enunciativa, uma espécie de síntese semântica sobre os textos citados. Tudo se passa como se existisse uma zona de tolerância, como se fosse normal que os dois enunciados, destacável e destacado, divergissem, na medida em que eles obedecem a lógicas distintas. Em outros termos, tanto as sequências proferidas pelo presidente Obama quanto pelo professor Galvão se constituem como enunciados sobreasseverados nos textos, isto é, fazem parte de

---

<sup>131</sup> Discurso do professor Francisco Galvão sobre as suas expectativas quanto a construção de um ensino em um mundo melhor, em 21/11/2011.

uma lógica do gênero do discurso. Ao passo que os enunciados dados a ler nas manchetes e/ou títulos de artigos provém de um regime de enunciação aforizante. Trata-se de um enunciado autônomo que, por isso mesmo, independe dos textos nos quais circula. Não se trata de um mesmo regime, nos dois casos: enquanto os enunciados destacáveis, nesse caso, os enunciados efetivamente proferidos pelos sujeitos enunciadore se inscrevem no regime de enunciação textualizante (MAINGUENEAU, 2010a), os destacados (as manchetes e os títulos dos artigos) fazem parte da enunciação aforizante. A enunciação textualizante, assim como a *sobreasseveração*, abre a possibilidade de uma saída do texto, de uma descontextualização.

A descontextualização das aforizações é acompanhada por uma opacificação de seu sentido, que exige um certo engajamento do interlocutor: ele precisa estar familiarizado com os acontecimentos, caso contrário deixa de perceber a peculiaridade do que está sendo enunciado. Ou, dizendo de outro modo, a descontextualização impõe aos leitores um trabalho interpretativo. Não se trata de uma hermenêutica institucionalizada, como a dos textos filosóficos, religiosos ou literários, mas é uma atitude hermenêutica que leva os leitores a mobilizar estratégias interpretativas: se a aforização “a esperança venceu o medo” resulta de uma operação de destacamento, o leitor precisa construir interpretações que permitam justificá-la. Não importa qual a interpretação. O essencial é que o leitor postule um sentido imediato. O destinatário é chamado a justificar, pela atitude hermenêutica, o próprio destacamento: o fato desse enunciado ser apresentado em um regime aforizante leva o destinatário a legitimar a totalidade do quadro situacional.

Dentre as diversas perguntas que mereceriam ser postas, nesse momento, uma é especialmente necessária: quem é o autor dos destacamentos arrolados? Por um lado, seu “conteúdo” parece coincidir com a declaração original; por outro, há uma alteração no texto. Seu autor não é mais o ex-presidente Lula, menos ainda o presidente dos Estados Unidos ou o professor Francisco Galvão, mas não se pode dizer simplesmente que seja o jornalista, dado que a alteração é uma paráfrase.

Com base nas reflexões de Maingueneau (2007, 2010a), acreditamos que autor dos enunciados acima passa a ser percebido como um aforizador, isto é, um locutor capaz de transitar de um lado para o outro da diversidade infinita das interações imediatas, dos gêneros de discursos e dos textos. Repetindo Maingueneau,

o aforizador assume um *ethos* do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma “Fonte transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia sua verdade, que prescinde da negociação, que exprime uma totalidade vivida. (MAINGUENEAU, 2010a, p.14).

A proposição de Maingueneau nos autoriza a dizer que o sujeito aforizador, ao realizar o destaque, não está dialogando nem com o locutor da fala destacada e nem com o destinatário (leitor). Sua fala monologalmente construída se inscreve como a fala autorizada de um “Sujeito” pleno de direito. No momento em que o aforizador insere monologalmente a aforização “a esperança venceu o medo”, originalmente atribuída ao ex-presidente Lula, o leitor é interpelado a atribuir ao enunciado em questão um sentido que extrapola o seu sentido primeiro. As possíveis interpretações produzidas pelos leitores não são da mesma ordem e profundidade das que acompanham os textos literários, filosóficos, ou religiosos, por exemplo. No entanto, trata-se de uma verdadeira “atitude hermenêutica” que faz com os leitores mobilizem um conjunto de estratégias interpretativas. Ou seja, os leitores são mobilizados a interpretar o destaque, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pelo aforizador.

A enunciação aforizante (re)direciona os sentidos e, com isso, coloca o sujeito enunciatador numa situação discursiva bastante confortável, uma vez que o aporte ao *hiperenunciador* o desresponsabiliza por aquilo que diz. Nesse sentido, ela se assemelha ao fenômeno da sobreasseveração, cuja função principal é escamotear o sujeito enunciatador. Embora tenham pontos em comum, esses dois regimes apresentam uma diferença fundamental quanto à destacabilidade: enquanto na sobreasseveração há um destacamento operado por marcas linguísticas que ligam o enunciado destacado ao texto de origem, na enunciação aforizante o destacamento se dá por meio de enunciados destacados, eventualmente sobreasseverados. Ou seja, os títulos arrolados não são provenientes de um fundo textual, como os destacamentos que deram origem às manchetes, aos títulos de artigo e às retomadas midiáticas que designaram/interpretaram a vitória de Lula em 2002, mas foram construídos a partir de um enunciado “já dito”, um enunciado autônomo, de conhecimento público, “a esperança venceu o medo”. Devido à autonomia e ao estatuto de enunciado

aforizado, o referido enunciado pode circular por distintos campos e lugares discursivos, conforme demonstram os exemplos novamente retomados, aqui:

- 15- “MALUF na cadeia: a esperança venceu o medo”;<sup>132</sup>  
 34- “A esperança venceu o medo: o time mais ofensivo foi premiado em Erechim?”<sup>133</sup>  
 36- “Rio 2016: a esperança venceu o medo?”<sup>134</sup>  
 72- “José Alencar: a esperança venceu o medo”;<sup>135</sup>  
 75- “A esperança venceu o medo: Salvador terá trilhos na paralela”;<sup>136</sup>  
 78- “Cesar: a esperança venceu o medo”;<sup>137</sup>  
 86- “E, mais uma vez, a esperança venceu o medo”;<sup>138</sup>  
 87- “A esperança venceu o medo: Lula agradece apoio e anuncia volta a política”;<sup>139</sup>  
 90- “A esperança venceu o medo: o supremo avançou mais uma vez”;<sup>140</sup>

Nesses casos, a *aforização* “a esperança venceu o medo” sofre e produz os efeitos típicos associados aos discursos produzidos no interdiscurso: retoma, modifica, contradiz, evoca outros dizeres. Em cada um desses destaques enunciativos tem-se a presença de um texto sobre o outro, por isso a referida aforização produz efeitos de sentido específicos para cada enunciação. Embora transite por diferentes lugares, ela não perde o seu valor de polemicidade. Isto é, independentemente do acontecimento que interpreta, ela sempre apresenta como pano de fundo o embate, o confronto, a disputa.

Diferentemente das manchetes e títulos de artigos que designaram os pronunciamentos de Obama, as aforizações acima se constituem por intermédio do *destacamento constitutivo*

<sup>132</sup> Título de artigo, *site* [www.ilhabrasilnet.com.br](http://www.ilhabrasilnet.com.br), sobre a prisão de Maluf, em 14/09/2005;

<sup>133</sup> Chamada principal, *site* de esportes LanceNet [www.lancenet.com.br](http://www.lancenet.com.br) (09/02/2009)

<sup>134</sup> Título de artigo sobre as Olimpíadas de 2016, *site* [www.yougol.com.br](http://www.yougol.com.br), em 02/10/2009;

<sup>135</sup> Chamada principal sobre a luta de José Alencar contra o câncer, *site* [www.unimed.com.br](http://www.unimed.com.br), em 29/04/2011;

<sup>136</sup> Título de artigo sobre a construção de uma linha de ferro que liga o município Lauro de Freitas e Salvador, *site* [www.mobilidadeurbana.com.br](http://www.mobilidadeurbana.com.br), 22/06/2011;

<sup>137</sup> Chamada principal sobre a cirurgia para tratar o rompimento do ligamento do joelho do zagueiro César do Sport, [www.blogdotorcedo.com.br](http://www.blogdotorcedo.com.br), 20/09/2011;

<sup>138</sup> Título de artigo sobre o resultado da primeira sessão de quimeoterapia realizada em Lula, *site* [www.pensamentosdesconexos.com.br](http://www.pensamentosdesconexos.com.br), 14/12/2011

<sup>139</sup> Chamada principal sobre o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, *site* [www.zelima.com.br](http://www.zelima.com.br), 28/03/2012

<sup>140</sup> Título de artigo sobre a deliberação do Supremo Tribunal a respeito das cotas raciais nas universidades públicas, *site* [www.fazendomedia.com](http://www.fazendomedia.com), 02/05/2012;

(MAINGUENEAU, 2010a). São aforizações sem autor, contexto e co-texto específicos, portanto, não fazem parte da lógica de um gênero do discurso. Em outras palavras,

[...] o enunciado aforizado não se deixa fechar na geometria usual, que faz da frase um constituinte do texto, ele mesmo ligado a um gênero do discurso, única realidade para os locutores. A enunciação aforizante institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas colocados sobre um mesmo plano: a instância responsável pela enunciação aforizante se encontra alhures. (MAINGUENEAU, 2007, p.161)

Isso não quer dizer que os enunciados analisados (as ocorrências de “a esperança venceu o medo”) estejam fora do discurso, pois, como bem enfatizamos no segundo capítulo desta tese, não há enunciação fora dos gêneros. Os destacamentos discutidos não são provenientes de um fundo textual, visto que são fruto de enunciados autonomizados, entretanto, eles se associam, de alguma forma, ao discurso produzido nos gêneros discursivos sobre os quais se inscrevem. Em outros termos, a aforização “a esperança venceu o medo” se sobrepõe ao texto que cita, passando o efeito de sentido de ser um enunciado absoluto. Trata-se de um enunciado que está no texto, mas que se pretende fora dele. Ou seja, a referida aforização ocorre no interior dos textos, contudo, mantém com eles uma relação tensa: é como se quisesse sair deles, fugir dos co-textos e dos contextos.

Pela *aforização*, o sujeito enunciator se põe acima das restrições específicas deste ou daquele gênero de discurso. Ele assume o *ethos* de um locutor que fala do alto, um indivíduo que entra em contato com uma fonte transcendente, ele não se dirige a um interlocutor que está no mesmo plano que ele e poderia responder, mas a um auditório universal. Em outras palavras, ao trazer como destaque enunciativo de diversos acontecimentos o enunciado “a esperança venceu o medo”, sem fazer nenhuma remissão explícita ao discurso que lhe deu origem, o locutor põe o leitor na posição de um membro da comunidade que partilha um mesmo *Thesaurus*. O leitor reconhece o enunciado “a esperança venceu o medo” e mostra que pertence a essa comunidade.

Por meio da enunciação aforizante, o sujeito enunciator efetivamente participa do acontecimento relatado. Ele assume a voz do *particidador*, isto é, um sujeito que recorre a

uma figura de enunciador amplificado, uma espécie de *hiperenunciador* que se sobrepõe ao texto citado, ao mesmo tempo em que o torna evidente. Não se trata de apenas (re)dizer o que já foi dito, mas de participar desse processo, tornar o enunciado autônomo, memorável nas práticas de *participação*.

Essas práticas não consistem simplesmente na retirada de um fragmento de dentro de um texto. Não se trata apenas de recortar o que já havia sido dito, como tal. Não tem a ver, por exemplo, com a retirada da sequência “a esperança de mudar superou o medo” de dentro do discurso de Obama, exemplo citado acima. É muito mais que isso: o sujeito enunciador trabalha sobre o texto citado, tornando-o de conhecimento público. Por isso, o enunciado que se dá a ler na manchete é “a esperança venceu o medo” e não a citação, tal qual Obama havia pronunciado. O trabalho meta-enunciativo do sujeito consiste, dessa forma, em apresentar o texto citado, sem, no entanto, indicar a sua fonte e nem mesmo deixar claro que se trata de uma citação. Há, aí, uma lógica de citação, que é levada ao extremo pelo sujeito enunciador. Ele não apenas simula o dito, mas restitui o próprio significante. Essa restituição se associa evidentemente ao fato de que não há indicação da fonte citada.

No sistema de *participação*, “a esperança venceu o medo” torna-se um enunciado autônomo, ou porque ele é original (casos dos *destacamentos constitutivos*), ou porque foi previamente autonomizado mediante sua extração de um texto, (caso da *sobreesseveração* ou, ainda, da *aforização* por *destacamento de extração*). Nos dois casos, há uma instância responsável pela manutenção de memória coletiva, uma espécie de locutor coletivo, cujas vozes ecoam produzindo um efeito de apagamento do sujeito enunciador. O sujeito que cita recorre a um *hiperenunciador*, ou seja, evoca uma série de ocorrências de citações que lhe possibilita falar em nome do outro, ao mesmo tempo em que se apaga diante das vozes que o constitui.

É possível verificar na *participação* o desnivelamento entre a voz do sujeito enunciador e a voz que vem de fora, do social. Em todos os casos em que a “pequena frase” “a esperança venceu o medo” é mobilizada, o sujeito enunciador mostra sua adesão ao enunciado citado, recorre ao *Thesaurus* da comunidade da qual compartilha e fala por meio de um *hiperenunciador*. Com isso, o sujeito enunciador se coloca no mesmo plano enunciativo que seu interlocutor, ele diz exatamente aquilo que poderia/deveria ser dito pelo alocutário e,

mais amplamente, por qualquer membro da comunidade que age de maneira plenamente conforme a esse pertencimento:

O hiperenunciador aparece como uma instância que, por um lado, garante a unidade e a validade da multiplicidade dos enunciados do *Thesaurus* e, por outro, confirma os membros da comunidade em sua identidade, pelo simples fato de manterem uma relação privilegiada com ele. (...) O particitador não transgride a regra: é preciso que ele se apague de alguma maneira diante de um hiperenunciador, mesmo se este último não pode ser um locutor propriamente dito. As práticas de particitação são, assim, ligadas a athe discursivos característicos que cavam um desnivelamento enunciativo, e o locutor mostra com isso que ele é apenas o porta-voz contingente de um Fala vinda não importa de onde, passível de ser assumida não importa por qual membro da comunidade. (MAINGUENEAU, 2006, p.107)

*Particitar* o enunciado “a esperança venceu o medo” corresponde, assim, a mobilizar uma instância de *hiperenunciador* inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio cultural de uma comunidade. Esse enunciado pertence ao *Thesaurus* da comunidade brasileira, é conhecido por todos que dela participa. A instância validante do seu dizer corresponde ao “sujeito transcendental”, à sabedoria popular. O *particitador* se constitui por meio de uma voz anônima, de discursos produzidos alhures, mas, por não ter acesso àquilo que diz, ele se apaga diante de um *hiperenunciador*, que mais garante a validade e a veracidade do ele (d)enuncia do que propriamente os fatos, tais quais como ocorreram.

De modo geral, a *particitação* conduz à *aforização*: a autoridade da *particitação* se deve precisamente a não ser necessário nomear sua fonte enunciativa. Essa opacificação do sujeito enunciativo é típica de gêneros discursivos da esfera midiática, que, por sua vez, sofre influências internas e externas das instituições em que se realizam. As *aforizações* arroladas são, assim, em boa medida, reguladas por essas práticas. Elas remetem à construção de domínios de memória específicos da mídia, que se constroem de um acontecimento a outro. Uma memória que se inscreve nas palavras, nas formulações, nas construções sintáticas, nos pré-construídos e outros lugares de ancoragem do interdiscurso na materialidade textual. Nesse sentido, as aforizações são portadoras de memória: elas são, como disse Bakhtin, (2004), “habitadas”, povoadas por sentidos dados pelos outros.

Encarar a heterogeneidade constitutiva do enunciado “a esperança venceu o medo”, que se configura em aforizações na mídia brasileira contemporânea, nos leva a repensar a noção de sujeito em função das práticas discursivas midiáticas. Se, conforme enfatizamos no decorrer desta seção, ao trazer como destaque enunciativo a referida aforização, o sujeito enunciador se apaga diante de um *hiperenunciador*, recorrendo a saberes que ele transmite e a enunciados citados de especialistas do domínio, podemos, então, concebê-lo como o “sujeito responsável pela colagem de fragmentos citados do intertexto que ele constrói, a partir das diferentes vozes que informa e que elas próprias veiculam dos elementos discursivos “já-lá”. (MOIRAND, 2011, p.276).

Cabe destacar que nem os enunciadores responsáveis pelas palavras citadas, tampouco aqueles que as citam para legitimar o seu dizer têm consciência da diversidade semântica dos fragmentos de memória e do que carregam as palavras, as “pequenas frases”, ou os enunciados evocados e emprestados de classes de enunciadores diferentes, que pertencem a comunidades discursivas diferenciadas. Assim, os recorrentes destacamentos midiáticos de “a esperança venceu o medo” podem até parecer ser objetivos, mas sua enunciação nunca o é completamente, porque “a memória das palavras, das construções e dos posicionamentos enunciativos escapa parcialmente ao enunciador”. (MOIRAND, S. 2011, p.277)

As formas de intradiscurso, às quais se ligam os discursos produzidos alhures, são traços da memória discursiva que funciona sem o conhecimento dos enunciadores. Nessa circulação interdiscursiva, o que importa não é a repetição, mas a modificação dos elementos retomados: os objetos de discurso se transformam, não somente no intradiscurso, mas de um discurso a outro e em função da multiplicidade de vozes que se entrecruzam, explicitamente ou não, de um gênero a outro de uma mesma página ou de uma mesma emissão, de um documento a outro de uma mesma mídia, de uma mídia a outra, de um acontecimento a outro.

### 4.3.1 Para além da (pan)aforização...

Na seção anterior, buscamos demonstrar que o enunciado “a esperança venceu o medo”, em razão de sua autonomia, circula por diferentes práticas discursivas, produzindo, ao longo do tempo, os mais variados efeitos de sentidos. Os dados arrolados e as análises empreendidas nos levaram a crer na presença de um fenômeno típico da aforização. Passamos agora a destacar a representatividade desta aforização na mídia brasileira contemporânea. Os exemplos arrolados na tabela de exposição do *corpus* demonstram uma verdadeira “pandemia” desse enunciado. Ele se infiltra nos anúncios e manchetes de jornais, nos títulos e subtítulos de artigos, nas chamadas principais das páginas de diversos *sites e blogs*, nos títulos de vídeos publicados no *YouTube*, nos comentários de redes sócias, tais como o *Orkut* e o *Facebook*, ultrapassando os limites de quaisquer fronteiras que insistamos em estabelecer.

No segundo capítulo, observamos que para caracterizar enunciados de ordem semelhante, Maingueneau (2010b) propõe o termo *panaforização*, palavra que, como vimos, junta o “pan”, de pandemia, e aforização. Embora tenhamos insistido em categorizar o enunciado “a esperança venceu o medo” como uma aforização que circula de forma recorrente na mídia, não é possível afirmar que se trata de um caso de panaforização, (“pequenas frases” que circulam intensamente por um curto período de tempo). De fato, não é possível enquadrar nas mesmas categorias os enunciados “Menos a Luiza que está no Canadá”, “Cala boca Galvão”, “Deita que hoje eu quero lhe usar”, ou “É tudo culpa da Rita”, exemplos que elencamos como típicos do fenômeno da panaforização, e o enunciado “a esperança venceu o medo” que persiste em circular, com uma intensidade sem limites, por mais de uma década.

Desde sua irrupção, em outubro de 2002, que o enunciado “a esperança venceu o medo” não para de circular, produzindo na mídia interpretações de todos os tipos. Na imprensa cotidiana brasileira ele é mobilizado tanto para se referir a temas políticos quanto para interpretar assuntos “banais”, do dia a dia. Paulatinamente, esse enunciado ganha novas significações, aumentando consideravelmente a sua capacidade de interpretar acontecimentos de ordens diversas. Isso explica a sua mobilização discursiva também em diferentes gêneros

discursivos. É sempre muito recorrente a sua presença tanto como parte integrante de artigos de opinião, ou de declarações de líderes políticos, como nos excertos abaixo:

19- “NITERÓI (RJ) - **A esperança venceu o medo no técnico Celso Roth.** Precisando vencer o Fortaleza para garantir vaga na Copa Sul-Americana de 2006, o treinador decidiu abandonar o cauteloso esquema com três volantes para escalar um time mais ofensivo, com dois meias, no jogo do próximo domingo, pela última rodada do Brasileiro. (...) "Tínhamos uma forma de jogar para liberar o Ruy e o Bill, porque eles são jogadores que têm mais características ofensivas. Se não tenho os dois, tenho que arrumar alguém que jogue e se movimente no meio [Zé Roberto]", justificou Roth. (...). A partir do momento em que seguro os laterais e coloco um meia [Zé Roberto], tenho que ter um volante mais marcador, que é o Jonilson. Quando abro mão dos alas, tenho que ter dois meias, não três volantes", completou.<sup>141</sup> (grifos nossos)

73- “O governo Dilma completou 100 dias em 10 de de abril passado. A grande imprensa fez seu balanço. E, como se sabe, os editoriais da jornalões brasileiros são porta-vozes de vários setores da direita nacional. Para "O Globo", o saldo é positivo. A "Folha" diz que é "auspicioso". O "Estadão" limitou-se a cobrar um "estilo". Ou seja, **a esperança venceu o medo...dos empresários.** Parece ter ficado para trás o clima de terror fanático que reinou durante as eleições presidenciais do ano passado. As demonstrações de boa vontade em relação à presidenta não foram poucas. Em programas de TV populares, em entrevistas cordiais, visitas de celebridades. E, claro, no reconhecimento de que o governo Dilma mantém o essencial da política de seu antecessor, com uma vantagem. Dilma é Lula sem o jogo de cena. Não precisa dizer que faz o que pode. Ela faz o que deve ser feito, segundo as receitas neoliberais. (...).<sup>142</sup> (grifos nossos)

80- “No Brasil, durante quatro eleições seguidas, um trabalhador tentou virar presidente da República e o medo era muito grande. Quando **a esperança venceu o medo**, nós melhoramos muito a vida de nosso país. Aqui, também temos que mudar.<sup>143</sup> (grifos nossos)

99- “Aqui **a esperança venceu o medo.** O resultado desta eleição foi o mais esperado da história deste município, nossa cidade estava paralisada com a má gestão da família Maia que há mais de 30 anos dominava este lugar. Agora nosso povo pode sonhar com o progresso e dias melhores.<sup>144</sup>

<sup>141</sup> Enunciado destacável no artigo, *site ForumNow* [www.forumnow.com.br](http://www.forumnow.com.br) (01/12/2005)

<sup>142</sup> Enunciado destacável no artigo de opinião do jornalista Adriano Medeiros enunciativo do *site* [www.adrianomedeiros.jor.br](http://www.adrianomedeiros.jor.br) (10/05/2011)

<sup>143</sup> Enunciado destacável na declaração do deputado estadual do PPS, Joao Salame Neto, ao jornal Folha de S. Paulo, *site* <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1005027-marqueteiro-retoma-slogan-de-lula-em-campanha-no-pa.shtml>, em (11/11/11)

<sup>144</sup> Enunciado destacável na declaração de Frank Aguiar, *site* <http://www.meionorte.com/picos/a-esperanca-venceu-o-medo-disse-frank-aguiar>, (23/10/2012);

quanto na forma de manchetes e títulos de artigos, como os enunciados analisados no decorrer desta tese, e os que a eles se somam, nesse momento:

- 11- “Enquete: a esperança venceu o medo”,<sup>145</sup>
- 13- “A esperança venceu o medo”,<sup>146</sup>
- 15- “A esperança venceu o medo ou a realidade supera a ilusão”,<sup>147</sup>
- 39- “A esperança venceu o medo: vitória da diplomacia brasileira”,<sup>148</sup>
- 40- “Lula-lá... a esperança venceu o medo até no Irã”,<sup>149</sup>
- 60- “A esperança venceu o medo”,<sup>150</sup>
- 66- “E na Paraíba a esperança venceu o medo (...) o novo venceu o velho”,<sup>151</sup>
- 74- “A esperança venceu o medo. Um balanço da 49 Assembleia Geral da CNBB”,<sup>152</sup>
- 83- “Paraolimpíada ou quando a esperança vence o medo”,<sup>153</sup>
- 85- “O amor venceu o ódio, a esperança venceu o medo- Jesus Cristo renasce entre nós!”,<sup>154</sup>
- 89- “Páscoa – A esperança venceu o medo e a vida aflora”,<sup>155</sup>
- 91- “A esperança vai vencer o medo na França”,<sup>156</sup>
- 92- “E a esperança venceu o medo...de novo!”,<sup>157</sup>
- 95- “A esperança venceu o medo”,<sup>158</sup>
- 96- “Finalmente a esperança venceu o medo, em Santa Cruz, Sindicato dos Trabalhadores rurais realiza eleição para presidente”,<sup>159</sup>

<sup>145</sup> Título de artigo, site *EcBahia* [www.ecbahia.com.br/imprensa](http://www.ecbahia.com.br/imprensa) (11/12/2004);

<sup>146</sup> Título de artigo, site <http://www.appe.org.br/xps/modules/AMS/article.php?storyid=20> (13/04/2005);

<sup>147</sup> Título de artigo, site *A bula da bola* [www.abuladabola.blogspot.com.br](http://www.abuladabola.blogspot.com.br) (30/06/2005)

<sup>148</sup> Título de artigo, blog [www.tilidajuventude.blogspot.com](http://www.tilidajuventude.blogspot.com) (17/04/2010);

<sup>149</sup> Chamada Principal, site *Os Amigos do Presidente Lula* [www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br](http://www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br) (17/05/2010);

<sup>150</sup> Título do vídeo publicado no YouTube, [www.youtube.com](http://www.youtube.com) (27/10/2010)

<sup>151</sup> Chamada principal, Blog Papo do Empreendedor de Beto Chaves, [www.betochaves.com](http://www.betochaves.com) (02/11/2010)

<sup>152</sup> Chamada principal, site Paróquia Nossa Senhora do Rocio [www.precio.com.br](http://www.precio.com.br) (17/05/2011);

<sup>153</sup> Manchete de jornal, [www.jcrs.uol.com.br](http://www.jcrs.uol.com.br) (23/11/2011);

<sup>154</sup> Título de artigo, site [www.clipecristão.com](http://www.clipecristão.com) (12/12/2011);

<sup>155</sup> Título de artigo, site [www.vivapai.blogspot.com.br](http://www.vivapai.blogspot.com.br) (10/04/2012);

<sup>156</sup> Título de artigo, site [www.brasil247.com](http://www.brasil247.com) (05/05/2012);

<sup>157</sup> Chamada principal, site <http://loucoparamudaromundo.blogspot.com.br/2012/05/e-esperanca-venceu-o-medo-de-novo.html> (06/05/2012);

<sup>158</sup> Título de artigo, site <http://ananap87.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html>

<sup>159</sup> Título de artigo, blog <http://barroreto24horas.blogspot.com.br/2012/08/finalmente-esperanca-venceu-o-medo-em.html> (16/08/2012)

100- “Ontem fez dez anos que a esperança venceu o medo. Hoje o povo mais humilde de Fortaleza vencerá as eleições com Elmano 13”.<sup>160</sup>

Conforme podemos constatar, as ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” não significam o mesmo acontecimento, tampouco foram produzidas em um mesmo espaço temporal. Em decorrência disso, põem a circular diferentes efeitos de sentidos. O enunciado “a esperança venceu o medo” no excerto de número 19, por exemplo, interpreta positivamente a decisão do então técnico do *Botafogo*, Celso Roth, ao mudar o esquema tático do time, e escalar o meia Zé Roberto para o jogo contra o *Fortaleza*. Já o excerto 73 põe em circulação que “a esperança venceu o medo” dos empresários, no que diz respeito à política da presidente Dilma Rousseff em relação ao mercado empresarial/financeiro. Tal enunciado mostra que os empresários, de modo geral, estão satisfeitos com a atuação da presidente, ou seja, o medo que outrora existia não existe mais. Sendo assim, ao tratar do assunto, o jornal *O Estadão* limitou-se a dizer que “A esperança venceu o medo... dos empresários”. No fragmento de número de 80, o enunciado “a esperança venceu o medo” rememora a vitória de Lula em 2002, e, ao mesmo tempo, interpreta favoravelmente a campanha a favor da divisão do Estado do Pará em dois novos estados: Carajás e Tapajós. Por meio de sua mobilização, o sujeito enunciador faz lembrar que o sentimento de “medo” que assolou grande parte dos eleitores durante as quatro eleições disputadas por Lula não era infundado, não tinha razão de ser. Dessa forma, o sujeito enunciador busca incentivar o (e)leitor a ter “esperança” e a votar na proposta da “mudança”, isto é, a favor da divisão do Pará. Por fim, no excerto de número 99, “a esperança venceu o medo” interpreta positivamente o resultado da eleição na cidade de Itainópolis-Piauí. Sua mobilização põe em destaque a vitória do candidato a prefeito pelo PDT, o advogado Paulo Lopes, sobre o candidato do DEM, o deputado Mainha, cuja família estava no poder há mais 30 anos.

No campo do político, se manifestam ainda os enunciados em relevo nas manchetes e títulos de jornais, as ocorrências de números 13, 39, 40, 66, 91, 92, 95 e 100. A ocorrência de número 13 interpreta positivamente o repasse de verbas do Distrito Federal ao Estado do Piauí; as de números 39 e 40 rememoram o discurso de posse de Lula e, ao mesmo tempo,

---

<sup>160</sup> Chamada principal do *site* <http://olhosdosertao.blogspot.com.br/2012/10/ontem-fez-10-anos-que-esperanca-venceu.html>

interpretam de forma positiva o acordo estabelecido entre o então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e o presidente do Irã, Mahamond Ahmodinijad, a respeito do enriquecimento do urânio; a ocorrência 66, por sua vez, interpreta favoravelmente o resultado das eleições de 2010 na Paraíba. Trata-se de enfatizar a vitória de Ricardo Coutinho-PT sobre José Maranhão-PMDB, ao cargo de governador do Estado. Os enunciados 91 e 92, por sua vez, interpretam positivamente o resultado da eleição presidencial na França. Enquanto 91 destaca a possível vitória de François Hollande; 92 confirma esse resultado, François Hollande é eleito o presidente da França, vitória da “esperança”.

A ocorrência de número 95 também interpreta positivamente o resultado de uma eleição: a da eleição acirrada entre a ex-mulher do presidente da África do Sul, Nkosazana Dlamini-Zuma e Jean Ping, do Gabão. Nkosazana Dlamini-Zuma é a primeira mulher eleita para chefiar a Comissão da União Africana, ou seja, vitória da “esperança” que, mais uma vez, significa um fato histórico e inédito. Por fim, a ocorrência de número 96 retrata o resultado de mais uma eleição, mas, desta vez, de uma eleição para representar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais em Santa Cruz/RN. Por fim, a de número 100 relembra a primeira eleição de Lula, em 27 de outubro de 2002. Sua manifestação no dia 28 de outubro de 2012 coloca em destaque os dez anos do governo do PT, ao mesmo tempo em que busca incentivar o eleitor a votar em Elmano, candidato a prefeito da cidade de Fortaleza, pelo PT.

Para além do campo do discurso político, se propagam os destacamentos de números 11, 15 e 83, no campo do discurso esportivo. A ocorrência de número 13 interpreta positivamente o resultado da pesquisa realizada entre os torcedores do Tricolor; a de número 15 sintetiza o resultado da atuação do Atlético na final da Taça Libertadores da América, em 2005; já o enunciado 83 significa a conquista do bicampeonato dos atletas brasileiros nos jogos Paraolímpicos realizados no México.

Dentre os enunciados que se destacaram no campo do discurso religioso, retomamos os enunciados 74, 85 e 89. O primeiro interpreta positivamente as orientações do papa Bento XIV a respeito de nomeações para Dicastérios romano em Salvador-BA. Os enunciados 85 e 98 significam, respectivamente, a renovação dos votos de fé na celebração do Natal e a importância da renovação da fé, associada à Páscoa. Como título de um vídeo, publicado no *YouTube*, que interpreta o resgate dos 33 mineradores chilenos soterrados em uma mina de minério de ferro no Chile, em 2010, encontra-se a ocorrência de número 60.

Embora pareça, essa “pequena frase” não se constitui em um fenômeno isolado na mídia brasileira contemporânea. Segundo Maingueneau (2010b), desde os tempos imemoriais “frases” foram separadas de seus contextos ou co-textos e proferidas isoladamente, como se fossem enunciados acima e fora dos textos comuns – sejam esses textos literários, religiosos, políticos, científicos, filosóficos. O fenômeno sempre ocorreu, mas talvez tenha se intensificado no mundo contemporâneo. A mídia é talvez seu gestor mais eficiente: manchetes, “olhos”, títulos e subtítulos de artigos e reportagens, frases da semana etc. Nesses casos, as frases aparecem como um local de registro de um fenômeno intrinsecamente discursivo, social, político e midiático. Nas palavras de Maingueneau,

a aforização é tão antiga quanto à própria linguagem: há sempre textos e frases sem textos. Contudo, suas funções discursivas são diretamente relacionadas às configurações históricas nas quais é empregada. Os inumeráveis ditos dos homens do campo sobre a meteorologia e suas consequências sobre os trabalhos agrícolas, os adágios em latim dos homens da lei, as sentenças moralistas clássicas, as divisas, os *slogans* políticos... são indissociáveis de certas sociedades e, em particular, das condições de comunicação em um momento dado. Com a emergência da Internet e a interconexão generalizada dos suportes de informação num mundo globalizado, a aforização entrou num novo regime, que ainda não conseguimos medir todas as suas implicações políticas, sociais, cognitivas. A panaforização se opõe termo a termo à sentença da cultura humanista que prevaleceu até segunda guerra mundial: sua validade não está ligada a sua profundidade temporal, a seu pertencimento a um Thesaurus antigo e à Tradição que a perpetuou, mas ao fato de que ela satura de repente o *espaço* midiático, que se impõe como objeto de discurso, como o que não podemos deixar de falar. (MAINGUENEAU, 2010b p,23 )

Para nós, o enunciado “a esperança venceu o medo” faz parte de um conjunto de “pequenas frases” que, por circular isoladamente de seus contextos e co-textos originais de uma forma muito intensa, vai muito além e aquém até mesmo das categorias que definem uma *panaforização*. Diferentemente de um fenômeno da *panaforização*, a polêmica frase, proferida (originalmente) pelo ex-presidente Lula, é uma constante na grande mídia brasileira. Sua recorrente circulação (ao longo de 10 anos) coloca um problema para o conceito de *panaforização*, pois, como vimo, tal conceito, devido a seu caráter temporal, não se aplica a ela. Sem dúvida, estamos diante de um fenômeno de aforização de tipo “pandêmico” de

estatuto diferente dos já analisados por Maingueneau (2006, 2007, 2010a, 2010b). Daí a necessidade de estudá-la/compreendê-la em sua essência discursiva. Em razão de seu estatuto aforizador, de sua intensa circulação midiática por um período de tempo relativamente longo, bem como de sua forma condensada e polifônica diremos (por falta de uma definição melhor) que se trata de uma “pequena frase” que aspira ao estatuto proverbial.

Baronas (2011), ao estudar um conjunto de “pequenas frases” que circulam na mídia brasileira, observa que, se por um lado, os enunciados de curta extensão, tais como os *slogans*, os provérbios, os aforismos e/ou as máximas, podem ser enquadrados, por conta mesmo de sua materialidade significante, como enunciados sintaticamente semelhantes, devido ao número reduzido de vocábulos que mobilizam na sua organização frasal, isto é, geralmente sua extensão não ultrapassa uma frase; por outro, no tocante às suas propriedades linguístico-discursivas, cada um desses enunciados possui características próprias. Cada uma dessas “pequenas frases”, segundo Baronas (2011), mobiliza recursos linguísticos (estilísticos, frasais), temáticos e composicionais bastante específicos. Com base em Mikhail Bakhtin (1984), Baronas observa que cada um desses enunciados constitui um gênero ou um “microgênero” discursivo distinto. Para ele,

enquanto um *slogan*<sup>161</sup> geralmente neutraliza a dicotomia existente entre a modalidade escrita e a modalidade falada, está sempre muito atento às inovações linguísticas dos mais variados grupos sociais e às moedas linguísticas mais valorizadas no mercado; opta geralmente por verbos no imperativo; é atravessado por diversos outros gêneros, tais como o provérbio, a máxima, a palavra de ordem etc, e aparece em circunstâncias comunicacionais mais complexas, tais como a escrita; o provérbio<sup>162</sup>, ao contrário, por fazer parte da sabedoria popular, do Thesaurus Cultural de um determinado grupo social, se apresenta mais resistente à neutralização da dicotomia entre a escrita e a fala, às inovações linguísticas e às moedas linguísticas mais valorizadas no mercado; opta frequentemente por verbos no indicativo; geralmente é pouco atravessado por outros gêneros e aparece em circunstâncias comunicacionais como a oralidade. Ademais, é possível dizer que vários provérbios se transformaram em *slogans*, entretanto o contrário é muito mais difícil de acontecer. Assim, bakhtinianamente falando, enquanto

<sup>161</sup> É preciso dizer que o slogan se apresenta com valores distintos quando se trata de slogan publicitário e quando se trata de slogan político.

<sup>162</sup> Sobre a enunciação proverbial vale a pena conferir o artigo “Polifonia, provérbio e desvio” de Dominique Maingueneau em *Doze conceitos em análise do discurso*, São Paulo: Parábola Editorial, 2010, bem como a tese “Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MC” de Ana Raquel Motta de Souza, defendida no IEL-Unicamp em 2009.

o *slogan* se constitui num gênero secundário, o provérbio, dada a sua proximidade mesmo com a oralidade, se constitui num gênero primário. (BARONAS, 2011, p. 61)

Embora a “pequena frase” “a esperança venceu o medo” apresente características semelhantes às dos *slogans*, tais como: a brevidade, a concisão e a polifonia, não podemos classificá-la como tal, sobretudo por não possuir uma de suas peculiaridades principais, ser produzida para persuadir o (e)leitor. Antes, ela tem a ver com uma asserção generalizante, uma frase sentenciosa, de sentido completo que, por isso mesmo, se descola do discurso presidencial (lugar de origem), passa a frequentar outros textos e, conseqüentemente, outros suportes, se destacando nas mais diferentes esferas de comunicação midiática brasileira. Assim, ela torna-se quase imune a qualquer questionamento sobre a sua validade. De fato, “a esperança venceu o medo” faz parte da língua e não é somente enquanto manifestação de algum tipo de “folclore marginal”, mas como um enunciado que insiste em permanecer vivo, circulando com intensidade total, nos veículos midiáticos por mais de uma década. São essas características que nos levam a vê-la como um fenômeno linguístico-discursivo que, no nosso entendimento, aspira à proverbialização<sup>163</sup>.

Por perscrutarmos esta hipótese, abrimos um breve parêntese para apresentar/discutir as principais propriedades que dão a um dado enunciado um estatuto proverbial. Na literatura atual,<sup>164</sup> encontramos diversas definições que caracterizam a estrutura proverbial, para o momento, interessa-nos apenas duas: a de Anscombe (2000) e a de Maingueneau (2010a).

<sup>163</sup> Anscombe (2000) defende a existência de uma estrutura proverbial e postula que os falantes têm a competência necessária para reconhecê-la. Ao acreditar que o provérbio pode ser descrito, o autor se coloca ao lado dos pesquisadores que Georges Kleiber chama de “otimistas”, contrapondo-se aos chamados de “pessimistas”, para quem a definição de provérbio e sua separação das demais formas parêmicas seria tarefa impossível (cf. Kleiber, 2000, p.39) Ele analisa as estruturas métricas da palavra proverbial, postulando que os provérbios são estruturas rítmicas acrescidas de componentes retóricos, e que apresentam estruturas métricas comparáveis às utilizadas em poesia e também às que servem de inspiração para os slogans publicitários. Essas formas métricas estão a serviço do ritmo e reenviam ao canto e à dança, por serem parte integrante de formas invocatórias. “Chegamos assim ao que é provavelmente a origem do poder exorbitante da palavra proverbial: é uma palavra aparentada à palavra mítica. Nas palavras do autor: “On voit alors apparaitre ce qui est peut-être l’origine du pouvoir exorbitant de la parole proverbiale: il s’agit d’une parole apparentée à la parole mythique” (ANSCOMBRE, 2000, p.05)

<sup>164</sup> A Tese de Doutorado de Ana Raquel Motta de Souza, *Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs*, 2009, faz uma leitura bastante esclarecedora das diversas definições do estatuto proverbial.

Iniciamos por Anscombe (2000). Para este autor, o provérbio está associado a um traço popular e falado, efetivo, portanto, marginal ao esquema tradicional da frase vista como estrutura lógica, reprodução do pensamento formal e do raciocínio. Daí a associação dos provérbios às demais categorias marginais, sem lugar na estrutura principal da língua, como as onomatopeias, as frases exclamativas etc.

O provérbio é, para Anscombe (2000), uma entidade frástica autônoma, dotada de um conteúdo prescritivo, expressão de uma verdade fundada na experiência, breve popular, metafórica, bipartida, com elementos mnemônicos, plena de estruturas arcaizantes. Podem, ainda pertencer a duas classes: as frases genéricas e as frases sentenciosas. No primeiro caso, trata-se de uma situação ou categoria em termos gerais, não especificando os elementos dêiticos e nem a quem se referem. Não há, em uma frase genérica, nomes próprios, termos denominativos de lugares ou tempos específicos em que a frase seria válida. Essas frases representam uma realidade virtual, de natureza normativa, ao invés de incidental e contingente. Elas geram unidades textuais localmente autônomas, que só podem ser relacionadas indiretamente a uma situação de enunciação ou a um texto mais vasto.

Quanto ao caráter sentencioso dos provérbios, Anscombe (2000) observa que se deve levar em consideração o seu sentido denominativo<sup>165</sup>. Enquanto denominação, o provérbio se comporta como um item lexical, com forma convencionalizada ao conteúdo, embora o que ele denota não seja um conceito, mas uma situação. Para Anscombe, é essencialmente relevante verificar se a frase sentenciosa é apresentada como tendo provindo de um autor específico, que é chamado de “enunciador primeiro”. Quem cita será o “enunciador-segundo”. Isso se dá também no caso dos provérbios em que o “enunciador-primeiro” é um locutor indeterminado, isto é, um enunciador coletivizado. Nesse caso, em vez de ser remetida a um enunciador específico (como nas máximas, sentenças e/ou aforismas), a frase é remetida a um enunciador coletivo, à sabedoria popular, por meio de algumas expressões: “como dizem”, “como bem dizem”, “como se diz”, “como diz o ditado popular” etc. Portanto, no caso das enunciações em que o enunciador-primeiro é um enunciador coletivizado, não há uma autoria individual atribuída.

---

<sup>165</sup> Por este termo o autor entende a relação da língua que permite chamar as coisas por seus nomes. O sentido denominativo aproxima a aprendizagem de provérbios da aprendizagem de palavras em língua.

Na acepção de Maingueneau (2010a), o provérbio oscila entre o domínio lexical (enquanto lexia cristalizada), e o domínio discursivo. Por conta de sua inscrição enunciativa, o provérbio também supõe referências de tipo “genérico”. O autor considera ainda o provérbio como um caso particular de discurso relatado e, mais precisamente, um caso de polifonia. Ao explicar a enunciação proverbial, Maingueneau retoma as palavras de Greimas: “O locutor abandona voluntariamente sua voz e toma de empréstimo outra para proferir um segmento da fala que não lhe pertence, que ele apenas cita”. (GREIMAS, apud. MAINGUENEAU, 2010, p.172). Às palavras de Greimas, Maingueneau acrescenta:

Pode-se até dizer que o provérbio é o discurso relatado por excelência. Ele retoma não as “palavras” do outro especificado, mas aquelas de todos os outros, fundidas nessa impessoalidade<sup>166</sup>, característica da forma proverbial. Mais do que apenas atribuir a responsabilidade da asserção de um provérbio a uma personagem distinta do locutor, como ocorre na polifonia comum (DUCROT, 1980, p.43), assiste-se na polifonia proverbial à mistura da voz do locutor com todas as vozes que antes dele proferiram o mesmo adágio. (MAINGUENEAU, 2010a, p. 172).

Para validar o seu dizer, Maingueneau também recorre Berrendonner (1982, p.199), para quem o provérbio deve ser classificado entre os fenômenos de menção, de enunciações ditas sobre outra enunciação. Ele se caracteriza pelo fato de que “a enunciação relatada “E0” é aí apresentada como um acontecimento da enunciação meta, “E1”. Nesse caso, Berrendonner fala de “enunciação eco”, isto é, o enunciador do provérbio dá sua asserção como uma imitação, o eco, a retomada de um número ilimitado de enunciações anteriores desse mesmo provérbio. “Em um quadro polifônico, o locutor do provérbio é também seu enunciador, isto é, assume-o pessoalmente, mas o faz apagando-se atrás de outro enunciador, “ON<sup>167</sup>”, que é o verdadeiro fiador da verdade do provérbio”. (BERRENDONNER, apud. MAINGUENEAU, 2010, p.173). Para Maingueneau, em uma ótica polifônica, esse “ON” é uma personagem que

<sup>166</sup> Na versão em francês, o autor emprega forma pronominal “ON”, que expressa a impessoalidade (ou indeterminação) típicas das enunciação proverbial.

<sup>167</sup> Esse ON que representa a opinião comum, a sabedoria popular, é um agente verificador, uma instancia suscetível de validar uma proposição, ele constitui o suporte da ON-verdade do provérbio. (BERRENDONNER, apud. MAINGUENEAU, 2010, p.173)

participa da comunicação, validando uma primeira asserção “E0”, cuja verdade é pressuposta por uma segunda, “E1”.

Para compreendermos o caráter polifônico de um provérbio, qualquer que ele seja, é preciso considerar tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos. Linguísticos, porque o provérbio, longe de se apresentar como um enunciado de uma forma qualquer, que teria o privilégio de ser memorizado, possui propriedades específicas. Extralinguísticos, porque o provérbio pertence a um estoque de enunciados conhecidos, como tais, pelo conjunto de falantes de uma língua. O sentido de um provérbio não se depreende apenas a partir do sentido de seus constituintes. Em “quem dá aos pobres, empresta a Deus”, por exemplo, o sentido não pode ser reduzido apenas a uma interpretação do sentido literal, não tem a ver exclusivamente com a materialidade linguística, mas depreende-se, sobretudo, da generalização daí derivada.

Além da polifonia, outra característica importante também se destaca: a função poética. Para Maingueneau (2010<sup>a</sup>), o provérbio mantém ligações com a função poética jakobsoniana:

isso se deve, de um lado, à necessidade de estabilizar e de memorizar o enunciado (frases curtas, simetrias fonéticas e prosódicas) e, de outro, à estruturação binária, privilegiada pelos provérbios. Aceito como emitido por uma autoridade indiscutível, a da sabedoria popular, o provérbio se separa, portanto, da massa de enunciados profanos, dela se destaca graças à sua estruturação pregnante, à contingência. A sintaxe habitualmente arcaizante do provérbio (...) está diretamente ligada a seu estatuto ideológico: ele não se faz passar por ‘Palavra imemorial’, ‘Sabedoria’ vinda dos tempos mais remotos<sup>168</sup>. (MAINGUENEAU, 2010a, p. 173-4)

A ausência de distância visível entre as duas enunciações, que a asserção do provérbio supõe, constitui um fenômeno inteiramente corrente, mesmo na banal citação de autoridade. Ou seja, o sujeito enunciativo tanto pode recorrer à autoridade proverbial em próprio proveito quanto pode recorrer a ela para contestá-la. Trata-se, nesses casos, dos procedimentos de

---

<sup>168</sup> “O provérbio, seria, portanto, sempre antigo. Acrescente-se, ainda, frequentemente a ideia de uma relação estreita entre o provérbio e o bom senso popular, até mesmo, camponês; assim, Cervantes estabelece constantemente um contraste entre duas polifonias: a de Sancho, que declama um monte de provérbios, e a de Dom Quixote, que enuncia frases extraídas dos romances de cavalaria”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 174)

captação e subversão, comentados no terceiro capítulo desta tese, quando, à semelhança de um provérbio, analisamos o enunciado “a esperança venceu o medo” que, ao longo de sua trajetória, foi mobilizado tanto para apologizar a vitória de Lula quanto para depreciá-la/contestá-la.

Das proposições de Anscombe (2000) e Maingueneau (2010a), depreendemos quatro características essenciais, cuja aplicabilidade se faz ver nos provérbios. Ou seja, para que um dado enunciado possa ser considerado provérbio ele deve se apresentar como frases:

- a- genéricas: não se restringem a um aqui e agora da enunciação, portanto, podem ser enunciadas por quaisquer posições sujeitos, e em diferentes conjunturas sociais;
- b- polifônicas: o sentido não se depreende apenas da estrutura linguística, mas da relação que esta mantém com o extralinguístico;
- c- sentenciosas: creditadas a uma sabedoria coletiva, popular;
- d- denominativas: fazem parte do inventário da língua, isto é, existe na língua de forma fixa, denominando um referente de sentido não composicional;

Duas dessas propriedades constituem a pequena frase “a esperança venceu o medo”: ela é uma frase genérica (não se liga a um tempo, espaço ou locutor em particular, por isso, é mobilizada por diversas posições sujeitos, em diferentes momentos sócio-históricos); é uma frase polifônica (por ser portadora de múltiplas vozes, o sentido não se esgota na materialidade linguística, portanto, pode ser mobilizada para interpretar de forma diferente uma gama muito grande de acontecimentos). As outras duas (ser sentenciosa e ser denominativa), apesar de não se materializarem explicitamente no enunciado, são propriedades pressupostas. Em outros termos, a “pequena frase” em estudo é uma frase sentenciosa, na medida em que os sujeitos enunciadore mobilizam-na, partindo do pressuposto de que se trata de uma enunciação creditada à sabedoria popular (um enunciado de conhecimento público); e é denominativa, na medida em que se refere a um conjunto de saberes discursivizados, ao longo da história política brasileira.

Essas propriedades, umas mais outras menos, fazem do enunciado “a esperança venceu o medo” um enunciado autônomo e, ao mesmo tempo, complexo, cujo sentido vai

muito além da materialidade linguística que o aloja. Para termos uma compreensão mais condizente aos propósitos dos sujeitos enunciadore é necessário estabelecer o lugar que tal enunciado ocupa em um determinado discurso. Por um lado, se o enunciador o cita como sendo de autoria de Lula, como acontece em alguns comentários midiáticos, isso é relevante para verificarmos o estatuto que o enunciado em questão tem nos discursos que mobiliza. Por outro, é um dado importante identificá-lo em uma enunciação como uma frase sentenciosa (sem sujeito enunciador específico, como são os casos dos enunciados em relevo na forma de manchetes e de títulos de artigos, arrolados ao longo desta tese).

Além das propriedades elencadas, outros critérios formais, próprios das estruturas proverbiais, também podem ser vistos no enunciado em análise, dentre eles destacamos: a metáfora (não é possível saber a que ou a quem os termos “esperança” e “medo” se referem sem considerarmos a relação contextual e co-textual); a poeticidade (inserção rítmica no fio enunciativo, estrutura pregnante); o caráter condensado (forma breve e concisa, capaz de condensar/interpretar distintos eventos históricos). É relevante lembrar ainda que o referido enunciado foi originalmente proferido para ser um enunciado destacado (é, ao mesmo tempo, inédito e imemorial). Essas características fazem dele um enunciado autônomo, por isso, circula na grande mídia de forma independente, isto é, ganha novos sentidos e, dessa forma, pode frequentar diversos gêneros discursivos, também em diversas práticas discursivas. Por fim, destacamos a intensidade com que tal enunciado vem sendo mobilizado pela mídia, ao longo dos anos. Trata-se de um enunciado que, assim como os provérbios, transita de texto em texto, de suporte em suporte, numa intensidade sem limites.

Uma característica especial dos provérbios é que eles sempre ocorrem inseridos em textos maiores, mas mantêm uma relativa autonomia com relação a esses textos que os “acolhem”. Essa autonomia é de ordem sintática, por se constituírem como frases genéricas – isto é, sem dêiticos que as liguem à situação imediata ou aos sujeitos identificados – e também de sentido. De modo geral, todos conseguem entender um provérbio quando proferido isoladamente, mas, quando de sua enunciação em um contexto real de comunicação, seu sentido se projeta, porque a situação genérica que ele evoca, enquanto denominação, é “aplicada”, ou, talvez seja melhor dizer, “alimentada/retro-alimentada” por aquela situação específica. No nosso entendimento, esse também é o caso do enunciado “a esperança venceu o medo”.

Um dos determinantes de ordem linguística que nos leva a considerar o enunciado “a esperança venceu o medo” como uma aforização de tipo “pandêmico” que aspira ao estatuto proverbial tem a ver com a sua relativa autonomia frente aos textos que lhe dão guarida. Embora, essa “pequena frase” tenha a particularidade de estar sempre inserida dentro de outros gêneros, isto é, de sempre promover uma intertextualidade/ interdiscursividade entre gêneros onde quer que apareça, ela se pretende fora deles. Destacamos aí o duplo aspecto desta “pequena frase”: por um lado, constitui-se em um enunciado autônomo e funciona em ruptura com o texto de origem. Por outro, precisa ligar-se a um discurso que o integre. É, dessa forma, que, ao se inserir em um determinado co(n)texto, projeta sentidos. A “pequena frase” “a esperança venceu o medo” é, sem dúvida, um enunciado que almeja uma posição que excede a qualquer gênero. Ou seja, se pretende autônoma. Essa característica garante que ela possa se inserir em praticamente todas as práticas discursivas e pôr em circulação muitos sentidos. Os destaques enunciativos nos textos, manchetes e títulos de artigos, arrolados no decorrer desta tese, são bons exemplos da dinamicidade/flexibilidade de sentidos de que “a esperança venceu o medo” é portadora.

Se, como vimos, a “pequena frase” “a esperança venceu o medo”, em suas primeiras aparições midiáticas, tem, por natureza, um “pai” (uma “paternidade”, o então presidente Lula), isso não acontece, todavia, nos demais textos em que ela é mobilizada. Tais textos mobilizam diversos locutores em interação e jogam geralmente sobre muitos planos enunciativos. Podemos verificar a complexidade desta aforização quando cruzamos os diversos textos em que ela se manifesta. Uma complexidade que ela mesma tende, obviamente por natureza, a ignorar. O problema, aparentemente é o resultado do entrelaçamento de duas estratégias discursivas: o de um enunciado, cujo enunciador é coletivizado; e um enunciado, cuja a paternidade é evidente. Algo que, a nosso ver, contribui ainda mais para o processo de proverbialização.

Não estamos, com isso, afirmando que o enunciado “a esperança venceu o medo” se constitua na forma de um provérbio. Sabemos que há ainda um longo caminho a ser percorrido, nesse sentido. Também aceitamos o fato de que talvez isso sequer venha a acontecer. O avanço tecnológico, seguido de uma avassaladora “imediatez” das informações, tanto pode contribuir para propagar a circulação desse enunciado quanto pode jogá-lo no esquecimento. No entanto, acreditamos que os primeiros passos rumo à proverbialização já

foram dados: o fato de se constituir por meio de uma estrutura linguística pregnante; apresentar uma forma breve e condensada; ser genérica; polifônica; ter estatuto sentencioso; frequentar diversos gêneros discursivos; e interpretar, ao longo de dez anos, diferentes acontecimentos históricos e discursivos, são bons indicadores desse processo.

Somos sabedores de que a grande maioria dos provérbios tem o presente do indicativo como sendo a sua estrutura verbal predominante, no entanto, não podemos desconsiderar a existência de provérbios, cuja composição verbal se dá justamente no pretérito perfeito (caso do enunciado em análise). Ainda que em proporções menores, os provérbios no pretérito perfeito do indicativo não ocorrem de forma esporádica. Para o momento, selecionamos alguns exemplos: “A culpa morreu solteira”; “A preguiça morreu de sede a beira de um rio”; “A quem nasceu para ser pobre, o ouro se torna em cobre”; “Aquilo que Deus uniu, jamais o homem poderá separar”; “Deus inventou o futebol, mas o diabo o treinador”; “Escreveu não leu, o pau comeu” etc.

A existência de provérbios no tempo verbal do pretérito perfeito do indicativo pode, dessa forma, conferir maior sustentabilidade à nossa hipótese. Além disso, é relevante ressaltar que o enunciado “a esperança venceu o medo” vem passando por mudanças significativas na sua forma linguístico-estrutural: basta voltamos o nosso olhar para os dados que compõem a tabela de apresentação do *corpus* para constatarmos que a estrutura verbal do enunciado ora analisado esta em constante mutação. Sua forma original, quando dos primeiros pronunciamentos de Lula, conta com a conjugação do verbo vencer no pretérito perfeito do indicativo, algo que, paulatinamente, vem cedendo lugar para outros tempos verbais, dos quais o presente do indicativo é o mais operante:

23- “Obama diz que esperança vence o medo”;<sup>169</sup>

24- “A esperança vence o medo”;<sup>170</sup>

35- “A esperança sempre vence o medo”;<sup>171</sup>

38- “A esperança vem vencendo o medo”;<sup>172</sup>

45- “O amor vai vencer o medo, afirma Dilma”;<sup>173</sup>

<sup>169</sup> Título de artigo, revista Veja, [www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br) (05/01/2008)

<sup>170</sup> Chamada principal do site Devocionais, [www.devocionais.com.br](http://www.devocionais.com.br) (06/02/2008)

<sup>171</sup> Título de artigo, [www.dar.org.br/biblioteca](http://www.dar.org.br/biblioteca) (20/08/2009)

<sup>172</sup> Manchete de jornal, O Globo.com, [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com) (25/03/2010)

- 48- “Esperança e amor vencem o ódio”;<sup>174</sup>  
76- “O medo do mercado esta vencendo a esperança”;<sup>175</sup>  
83- “Paraolimpíada ou quando a esperança vence o medo”;<sup>176</sup>  
91- “A esperança vai vencer o medo na França?”;<sup>177</sup>

Poderíamos acrescentar/retomar da tabela outros exemplos, no entanto, cremos que os aludidos sejam suficientes para evidenciar uma possível mudança na estrutural verbal do enunciado em estudo. A mudança do tempo verbal (pretérito perfeito para o presente do indicativo) pode simplesmente estar associada ao modo temporal em que os acontecimentos se deram a ler, mas também pode ser um indicativo de que há aí um processo em andamento. Se esse for o caso, as ocorrências acima, bem como tantas outras que se constituem a partir da mesma estrutura linguística, podem ser um indício de uma mudança significativa rumo ao processo de proverbialização.

---

<sup>173</sup> Manchete de jornal, O Estadão, [www.oestadão.com.br](http://www.oestadão.com.br) (25/09/2010)

<sup>174</sup> Manchete de jornal, Folha.com, [www.1.folha.uol.com](http://www.1.folha.uol.com) (25/09/2010)

<sup>175</sup> Manchete de jornal, Clipping: seleção de notícias, [www.conteudoclipingmp.planejamento.gov.br](http://www.conteudoclipingmp.planejamento.gov.br) (11/07/2011)

<sup>176</sup> Manchete de jornal, [www.jcrs.uol.com.br](http://www.jcrs.uol.com.br) (23/11/2011)

<sup>177</sup> Título de artigo, [wwwbrasil247.com](http://wwwbrasil247.com) (05/05/2012)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, buscamos descrever e analisar as distintas ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” na mídia brasileira contemporânea. O caminho percorrido torna evidente que a manifestação discursiva desse enunciado ultrapassa não só os limites do campo político, mas também as fronteiras do tempo e do espaço. Trata-se, conforme asseveramos, de uma unidade não-tópica do tipo percurso que, por sua vez, transita por diferentes campos e lugares discursivos, interpretando, ao longo do tempo, uma gama muito grande de acontecimentos. Um enunciado desse tipo não pode ser medido em termos de uma aforização qualquer. Sua mobilização constante, por cerca de mais de dez anos, nos leva a vê-lo como um enunciado que ultrapassa até mesmo os limites da panaforização, caminhando rumo à proverbialização.

Em nossas análises, tomamos o referido enunciado em sua relação com o “exterior”, isto é, em relação ao conjunto de discursos possíveis. Isso implica dizer que as distintas ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” não foram analisadas apenas da ordem de fenômenos linguísticos, mas da ordem dos discursos, uma vez que também se encontram aí as condições de produção que envolvem os protagonistas e seus lugares de produção. Ou seja, ao analisarmos o referido enunciado, não o analisamos somente a partir de seu estatuto linguístico, mas, e, sobretudo, a partir de seu estatuto discursivo. Nesse sentido, lembramo-nos de Pêcheux para quem

(...) o discurso deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é resposta direta ou indireta, ou do qual ele orchestra os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1997, p.77)

Tomar o enunciado “a esperança venceu o medo” em seu duplo funcionamento foi fundamental para que pudéssemos compreender os diferentes efeitos de sentidos que suas constantes retomadas midiáticas puseram/põem a circular. É fato que, quando de sua irrupção midiática no discurso presidencial, o enunciado “a esperança venceu o medo” dá um efeito de fim ao discurso do “medo” alimentado/retroalimentado pelos adversários políticos do então candidato petista nas eleições de 1989, 1994, 1998 e 2002, mas aí não se esgota: por se inscrever em um processo discursivo, o referido enunciado responde a um discurso anterior, a um “já dito”, ao mesmo tempo em que também aponta para novos discursos. Trata-se, portanto, de um enunciado dialógico, cujos sentidos não se deixam prender na materialidade linguística. Sendo assim, sempre pode significar/interpretar um novo acontecimento. É o que demonstraram os exemplos arrolados e as análises empreendidas.

Sua mobilização se deu/dá tanto por enunciadores que acredita(ra)m na extinção do “medo” (quando da vitória de Lula-PT) quanto por enunciadores que desacreditavam na vitória da “esperança”. O que é mais evidente é que o enunciado “a esperança venceu o medo” é recebido e posto a circular, segundo o posicionamento dos que o ouviram/ouvem. Os que desaprova(ra)m Lula dirigiram/dirigem-no (em um processo de subversão), a interlocutores que teriam o mesmo posicionamento – os representantes dos partidos de oposição, tais como o ex-deputado Moroni Torgan, a revista *Veja*, ou ainda àqueles que, simplesmente, compactuam do mesmo sentimento. Já os que apoiam Lula – mobiliza(ra)m-no em um processo de captação, como fez a então candidata do PT, Dilma Rousseff, na campanha presidencial de 2010.

Não é somente no campo do político que esse enunciado ganha lugar de destaque. Ele vem sendo retomado e comentado não só por profissionais das mídias, mas também por líderes políticos, autoridades públicas e pessoas comuns, de modo geral. É sempre muito recorrente a sua circulação em diferentes gêneros discursivos e em diferentes suportes midiáticos: desde a chamada imprensa culta (jornais e revistas diários e semanais) aos programas de informação popularizados, tais como fóruns de discussão, *blogs*, *twitters*, *facebook*s etc.

A pesquisa realizada demonstra que o enunciado em questão foi imediatamente mobilizado por muitos sujeitos enunciadores, e por sujeitos enunciadores de todos os tipos e posicionamentos, e também para ocasiões diversas. Se, por um lado, a maior parte das

intervenções, logo após o pronunciamento de Lula, “interpreta” o enunciado como uma alusão ao discurso de posse de Lula, por outro, com a imediatez dos acontecimentos e das informações, o enunciado pôde sair do campo político (lugar de origem) e frequentar outros textos, outras conjunturas discursivas. De fato, “a esperança venceu o medo” foi/é mobilizada por sujeitos enunciadorees inscritos em diferentes formações discursivas e em diversos momentos socio-históricos (ou seja, não é um desses enunciados passageiros que caracterizam um movimento).

Ao longo de dez anos de circulação, o enunciado “a esperança venceu o medo” produziu a junção entre pelo menos três movimentos discursivos:

a) um que valoriza a política do PT e, particularmente, a de Lula, defendendo a ideia de que o “medo” não tem espaço no mandato da “esperança”. Sob esse viés argumentativo, “a “esperança” definitivamente teria vencido o medo” (enquadram-se aí todas as ocorrências que interpreta(ra)m positivamente a vitória de Lula em 2002);

b) outro que desqualifica essa política, em especial, o então presidente Lula, cuja idoneidade a mídia apresenta como sendo duvidosa, devido aos escândalos de corrupção que afloraram durante os seus dois mandatos. Nesse sentido, “a esperança venceu o medo” foi/é mobilizada para interpretar ironicamente o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, colocar em dúvida se realmente “a esperança teria vencido o medo” (por exemplo, as ocorrências que interpretaram o escândalo do mensalão, em 2005);

c) e, por fim, um que vai além dos discursos políticos, transita por lugares diversos e pode se referir a uma gama muito grande de acontecimentos, sejam eles, políticos ou não (são bons exemplos, as ocorrências que interpreta(ra)m acontecimentos diversos: a prisão de Maluf; o resultado de uma partida de futebol; o estado de saúde do ex-vice-presidente José de Alencar; a pacificação do morro do Alemão; a renovação de votos de fé, pela igreja católica etc).

Para nós, a fortuna desse enunciado se deve principalmente a quatro fatores: 1º)- a suas condições de produção (vimos que, quando de sua irrupção, o Brasil vivia, de fato, a tensão entre o sentimento de “medo”, devido à instabilidade política e socioeconômica da época, e a “esperança” por mudanças políticas). Naquela conjuntura, o enunciado “a esperança venceu o medo” foi fundamental para calar os que desacreditavam no discurso da “mudança”, isto é, na vitória significativa do candidato petista, Luiz Inácio Lula da Silva; 2º)-

à destacabilidade de que é merecedor (o referido enunciado irrompe como um enunciado destacável na fala de Lula, isto é, nasce no texto, mas se pretende fora dele). Em outros termos, em razão de suas características de enunciado destacável, “a esperança venceu o medo” já nasce fadada ao destaque. Em consequência, ela torna-se uma unidade sobreasseverada, sendo retomada e comentada nas manchetes e títulos de artigos que divulgaram a vitória do candidato petista; 3º)- a seu caráter de enunciado autônomo, de sentido completo (à medida que se descola do texto de origem para levar uma vida autônoma em outros textos, “a esperança venceu o medo” atinge o estatuto de aforização). Sendo um enunciado aforizado, ele transita de texto em texto, de suporte em suporte midiático, chegando ao seu apogeu em termos de circulação. Tomá-lo como uma aforização é essencial à compreensão de sua “relativa” autonomia frente ao texto que lhe deu origem; 4º)- aos tempos modernos (ou pós-modernos), especialmente, a uma de suas características mais evidentes: apropriar-se do discurso do outro para validar diversos acontecimentos (escândalos ou grandes feitos - seja no campo da política, da economia, do esporte, da religião etc).

Evidentemente, as manchetes e títulos de artigos chamam muito mais a atenção do leitor se se inscreverem sobre os discursos já ditos. Além disso, o fato de que, a cada vez mais, “tudo” ou “quase tudo” é citação, contribui bastante para que enunciados “citantes” e citados possam se disseminar não só por um breve período, mas por um tempo relativamente longo com uma capacidade ímpar de significar diferentes eventos sem se prender a nenhum deles. Vale lembrar que, ao se apropriar do efeito desses enunciados, o sujeito enunciator se esquivava de toda e qualquer responsabilidade do que enuncia, evitando, assim, inúmeros processos.

As ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” na mídia brasileira contemporânea possibilitam averiguar como a língua, em enunciação, oferece meios para que o sujeito enunciator possa se apagar em função de um *aforizador*, uma instância de “Sujeito Transcendental”, visível, sobretudo, nas práticas de *participação* (MAINGUENEAU, 2006). Nessas práticas é recorrente a presença de regimes enunciativos que se valem do discurso do outro para validar o discurso posto em circulação. A “pequena frase” ora analisada se inscreve provisoriamente num regime de *sobreasseveração* para, em seguida, ocupar um lugar de destaque na enunciação aforizante (MAINGUENEAU, 2006; 2007; 2010). Ao discorrer sobre tais regimes, esperamos ter demonstrado, com base em Maingueneau, que embora eles façam

parte de lógicas distintas implicam uma tomada de posição do sujeito enunciador. Ao enunciar um determinado acontecimento, o sujeito enunciado o faz a partir de estratégias linguístico-discursivas. Tais estratégias, ao mesmo tempo em que recupera um “já dito” e orienta os sentidos, põem o sujeito enunciador numa situação bastante confortável: ele se posiciona e, ao mesmo tempo, se desresponsabiliza por tudo o que enuncia. É, exatamente, esse o efeito do enunciado em estudo.

A *desresponsabilização* do sujeito enunciador se evidencia no nosso *corpus* de duas maneiras: por meio da estratégia de sobreasseveração e por intermédio da enunciação aforizante. Assim, o processo de destacamento da “pequena frase” “a esperança venceu o medo” na mídia brasileira contemporânea não é um puro efeito de um fenômeno sintático que constitui uma “imperfeição da linguagem” é, ao contrário, a condição formal de um efeito de sentido, cuja causa material se assenta na relação dissimétrica por discrepância entre pelos dois sujeitos-enunciadores e um dado enunciado, um saber, um “já dito”, produzido por alguém, em algum lugar. O caminho percorrido pela referida aforização revela o seu lugar de produção, faz emergir os embates polêmicos, as contradições históricas nas quais ela se inscreve, bem como delimita zonas de consenso, linhas de fratura, colocando, mais uma vez, por meio da repetição de sua forma, sob o emprego de paráfrases, a questão da memória e da “acontencimentalização” discursiva.

As análises empreendidas abrem caminho para que possamos refletir sobre a presença de enunciados destacados na mídia contemporânea, como a célebre frase proferida pelo presidente dos Estados Unidos, Barak Obama, no seu discurso de posse, em janeiro de 2009: “Yes, we can!” (Sim, nós podemos!). Assim como “a esperança venceu o medo”, essa “pequena frase” tem constantemente ganhado lugar de destaque nas declarações de importantes figuras do cenário político brasileiro, também por diversas ocasiões. O ex-presidente Lula, por exemplo, fez questão de proferi-la várias vezes, nos dois últimos anos de seu mandato: primeiro, ele a proferiu em 2009, quando o Brasil ganhou a concorrência para sediar as Olimpíadas que ocorrerão em 2016. Desde então, ela passou a fazer parte do seu repertório verbal, derivando para “Sim, o Brasil pode!”. Não é só nas declarações do ex-presidente que essa “pequena frase” se destaca, a presidente eleita em 2010, Dilma Rousseff-PT, em seu discurso de posse, que foi ao ar em Cadeia Nacional de Televisão, no dia 01 de janeiro de 2011, reatualizou a afirmação para “Sim, a mulher pode!”.

Esperamos, dessa forma, tocar em pontos centrais tanto para o campo particular da Análise de Discurso como para os estudos da linguagem em geral. Nossa pequena parcela de contribuição para os estudos linguísticos, cremos, está em proporcionar o exame de fatos linguísticos em seu duplo funcionamento. Essa pequena contribuição ajuda a tornar cada vez mais sólidas as recentes teorias apresentadas por Maingueneau (2006, 2007, 2010a, 2010b), em especial, a teoria da *Enunciação aforizante*, tornando pertinente a afirmação de que, para além dos textos que se materializam nos gêneros discursivos, “pequenas frases”, atualizadas em *aforizações*, existem e se impõem em diversas práticas discursivas. Para além da contribuição teórica da presente tese em relação à teoria da *Enunciação Aforizante*, esperamos contribuir também para uma interpretação da história recente da política brasileira. No entanto, uma interpretação que não parte dos grandes acontecimentos, mas da produção discursiva dos eventos históricos por meio de “pequenas frases”.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANSCOMBRE, J-C (Org). **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000.

\_\_\_\_\_. Présentation. In: ANSCOMBRE, J-C. **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p.3-5.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. O problema do gênero. In: \_\_\_\_\_ **A estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, M. **O slogan: eficácia e persuasão em texto condensado**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- PUC. São Paulo, 2006.

BARONAS, R.L. Enunciados de curta extensão: gênero de discurso, aforização, mídia e política. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Vol. 11; São Carlos: Tubarão, 2011.

\_\_\_\_\_. Da panaforização à metaforização : o caso de uma pequena frase sem eira nem beira textual. In: Revista da **Abralin**, 2012. (no prelo para a publicação).

\_\_\_\_\_. **Enunciação aforizante : um estudo discursivo de pequenas frases da imprensa cotidiana brasileira**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2012b. (no prelo para a publicação).

BENVENISTE, É. A frase nominal. In : **Problemas de Linguística Geral**. [1966]. Trad. Maria da Glória Novak ; Luiza Neri. São Paulo : Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1976.p.163-182.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. [1983] Trad. Cristina de Campos Velho Birck, et. al. São Paulo-SP: EduFScar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do discurso político: derivas da fala pública**. Trad. Milton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos-SP: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. O deslizamento do espetáculo político. In: GREGOLIN, M.R. (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos-SP: Claraluz, 2003.

CHAIA, V. Eleições no Brasil: o medo como estratégia política. In: RUBIM, A. A. C. **Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política**. São Paulo: Hacker, 2004.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. [1969]. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

GUILHAUMOU, J. **Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

ISTOÉ. Matéria de capa: Lula não assusta mais. **ISTOÉ**. São Paulo: Três. N. 1715, 14 de agosto de 2002. Disponível em: [www.istoé.com.br](http://www.istoé.com.br).

ISTOÉDINHEIRO. Matéria de capa: Por que o medo da economia de Lula? **ISTOÉDINHEIRO**. São Paulo: Três. Edição de 15 de maio de 2002. Disponível em: [www.istoedinheiro.com.br](http://www.istoedinheiro.com.br).

KLEIBER, G. Surle sens des proverbes. In: **La parole proverbiale**. Paris:Langages, n. 139, setembro/2002, p. 39-58

KRIEG-PLANQ, A; OLLIVIER-YANIV, C. **Poser les petites phrases comme objet d'étude**. Paris: Langages, nº. 168, junho de 2011, p.17-22.

KRIEG-PLANQ, A. **A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico-metodológico** [2003]. Trad. Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Alice Krieg-Planque (Céditec, Université Paris XII) por Philippe Schepens. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. In: **Revista de popularização científica em Ciências da Linguagem\_ Linguasagem**, 6ª Edição, 2009. ([www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao06/entrevista.php](http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao06/entrevista.php))

\_\_\_\_\_. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Trad. Luciana Salazar Salgado. In: **Revista de popularização científica em Ciências da Linguagem – Linguasagem**, 16ª Edição, 2011a. ([www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao16](http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao16)).

\_\_\_\_\_. A fórmula “desenvolvimento sustentável”: um operador de neutralização de conflitos. Trad. Luciana Salazar Salgado. In: **Revista de popularização científica em**

**Ciências da Linguagem\_ Linguasagem,** 19ª Edição, 2012. ([www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edição19](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edição19)).

\_\_\_\_\_. Trabalhar os discursos na pluridisciplinaridade: exemplos de uma « maneira de fazer » em Análise do Discurso. BONNAFOUS, S. et TEMMAR, M. (dir.), *Analyse du discours et sciences humaines et sociales, Paris, Ophrys, coll. Les chemins du discours; p. 57-71.* Trad. BARONAS, R. L; MIOTELLO, V. **Análise de Discurso: teorizações e métodos.** São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011a.

\_\_\_\_\_. Fórmulas e lugares discursivos: propostas para a Análise do Discurso Político. In: MOTTA, A. R; SALGADO, L. S. (Orgs). **Fórmulas discursivas** São Paulo: Contexto, 2011b.

LULA, L. I. S. **Carta ao povo brasileiro.** In: <http://www2.fpa.org.br/carta-ao-povo-brasileiro-por-luiz-inacio-lula-da-silva/> junho de 2002. Acesso em: 06 de abril de 2012.

\_\_\_\_\_. Primeiro Pronunciamento de Lula. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 27 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>, acesso em 10 de janeiro de 2012. Acesso em: 10 de janeiro de 2012

\_\_\_\_\_. Segundo Pronunciamento de Lula: Compromisso com a mudança. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 28 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41735.shtml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_. Discurso de Posse do presidente Lula no Congresso. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 03 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44358.shtml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

MAINGUENEAU, D. Aforização, enunciado sem texto? In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). **Doze conceitos em Análise do Discurso.** Trad. Adail Sobral et al. São Paulo-SP: Parábola, 2010a.

\_\_\_\_\_. Polifonia, provérbio e desvio. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). **Doze conceitos em Análise do Discurso.** Trad. Adail Sobral et al. São Paulo-SP: Parábola, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos** [1984]. Trad. Sirio Possenti. São Paulo: Criar Edições, 2005.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Citação e destacabilidade. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). **Cenas da enunciação.** Trad. Sírio Possentiet al. Curitiba-PR: Criar, 2006.

\_\_\_\_\_. A noção de hiperenunciador. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). **Cenas da enunciação**. Trad. Sírío Possenti et al. Curitiba-PR: Criar, 2006.

\_\_\_\_\_. Unidades tópicas e não-tópicas. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). **Cenas da enunciação**. Trad. Sírío Possenti et al. Curitiba-PR: Criar, 2006.

\_\_\_\_\_. L'enonciation aphorisante. In: CRISTÓFARO, S. T; MELLO, H.R. **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007, p.155-163.

\_\_\_\_\_. Formações discursivas, unidades tópicas e não-tópicas. In: BARONAS, R. L. (Org.) **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. Discurso e Análise do Discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). **(Re)discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Dominique Maingueneau. In: **Revista de popularização científica em Ciências da Linguagem-Linguagem**, n.10, setembro de 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao10>.

\_\_\_\_\_. *Aphorisations politiques, médias et circulation des énoncés*. 2010b. (no prelo para publicação).

MOIRAND, S. Discursos sobre a ciência e posicionamentos ideológicos: retorno sobre as noções de formação discursiva e de memória discursiva. In: BARONAS, R.L. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

MOTTA, A. R. **Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas-SP, Campinas, 2009.

MOTTA, A. R ; SALGADO, L. S. **Fórmulas discursivas**. São Paulo, Contexto, 2011.

MIQUELETTI, F. **Discursividades contemporâneas sobre política: o discurso sobre a mutação da política**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas-SP, Campinas, 2009.

OGER, C. Analyse du discours et sciences de l'information et de la communication: audelá des corpus et des méthodes. In: BONNAFOUS, S.; TEMMAR, M. (Eds.) **Analyse dudiscours et sciences humaines et sociales**. Paris: Editions Ophrys, 2007, p. 23-37.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulações e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. [1975] Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et.al. Campinas: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso-(AAD-69). In: GADET, F e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. [1971] 3. Ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: BARONAS, R.L. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. Um percurso: o caso “por que no te callas”. In: **Revista Latino Americana de Estudios del Discurso**, v.1, n.8, 2008, p.109-117,

RUBIM, A.A.C. et al. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política**. Bahia: Hacker Editores, 2004.

VASCONCELOS, N. Sucesso mundial: Cala a boca Galvão. **O Globo**. Rio de Janeiro- RJ, 11 de junho de 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/06/11/sucesso-mundial-cala-boca-galvao-299364.asp>. Acesso em: 08 de agosto de 2012.

VEJA. Matéria de capa: Por que Lula assusta o Mercado? **VEJA**. São Paulo: Abril, Nº 1753, 22 de maio 2002. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/290502/cartas.html>.

\_\_\_\_\_. Matéria de capa: O Brasil pode virar uma Argentina? **VEJA**. São Paulo: Abril, Nº 1756, 19 de junho 2002. Disponível em: <http://veja.abril.com.brano35n.24>.

\_\_\_\_\_. Matéria de capa: O que querem os radicais do PT: entre os petistas, 30% são de alas revolucionárias. Ficaram silenciosos durante a campanha. Se Lula ganhar, vão cobrar a fatura. O PT diz que não paga. **VEJA**. São Paulo: Abril. N. 1774, 23 de outubro de 2002. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/231002/p\\_038.html](http://veja.abril.com.br/231002/p_038.html)

**ANEXOS:**

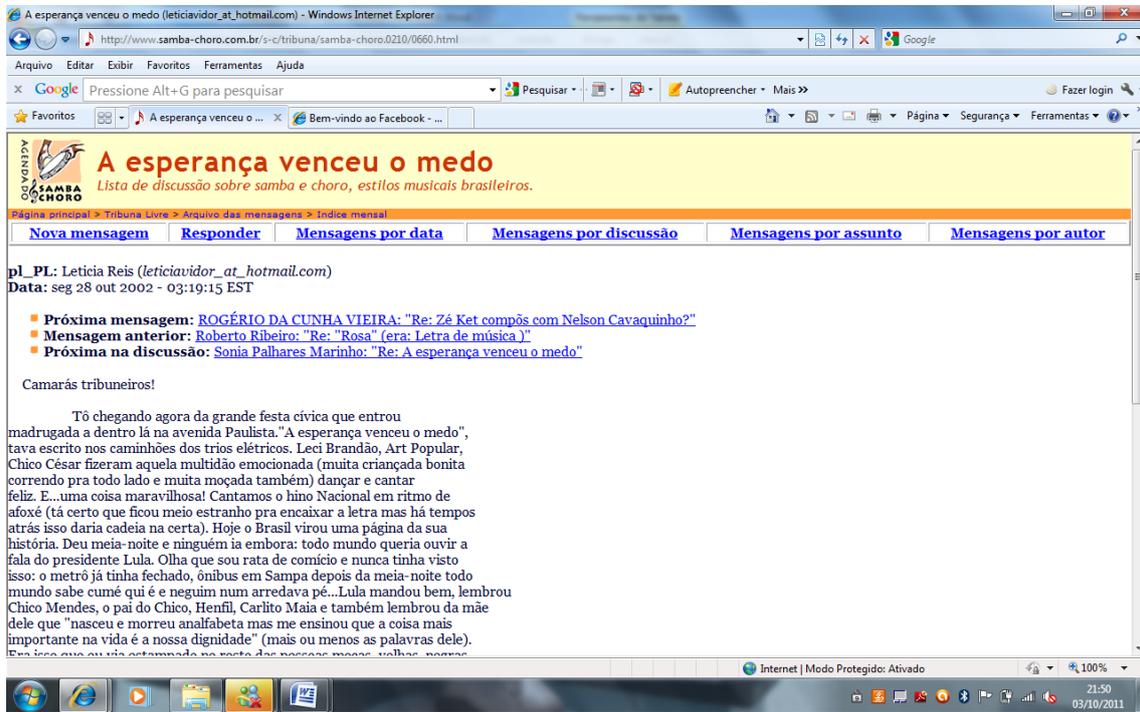
01-

Folha Online - Brasil - "A e x"   
 www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41584.shtml   
 Safe Web Identity Safe   
 TEMAS DO DIA PATENTES · TIROTEIO NOS EUA · MENSALÃO · TELEFONIA   
 CLASSIFICADOS TV FOLHA HORÓSCOPO ACERVO FOLHA   
 ÚLTIMAS NOTÍCIAS França e Alemanha formam grupo para enfrentar crise do euro   
 EN ES   
**poder**   
 27/10/2002 - 23h34   
**"A esperança venceu o medo", diz Lula em pronunciamento em SP**   
 da Folha Online   
 O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em sua primeira entrevista após confirmada a sua eleição, disse que o Brasil está mudando como país e, "mais importante, a esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil mudou sem medo de ser feliz".   
 Durante o discurso, Lula agradeceu ao seu vice e confirmou o telefonema de José Serra (PSDB) parabenizando-o pela eleição. "Eu tenho que agradecer a esse [o vice José Alencar] que não foi a única, mas foi uma das coisas mais extraordinárias coisas que aconteceu nessa campanha pelo país. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice, vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo "companheiro", vem uma coisa muito forte no meu coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é uma grande irmão. E você, Zé, é um grande companheiro."   
 Ao final do pronunciamento, Lula agradeceu aos aliados e disse que iria participar do ato na avenida Paulista. "Quero agradecer a alguns companheiros que sem vocês eu não teria sido o "Lulinha paz e amor" dessa campanha", afirmou.   
 Veja também o especial Governo Lula   
 Veja também o especial Eleições 2002   
 Gafisa   
 hp   
 250 prêmios.   
 Clique e veja como participar.   
 Imagem ilustrativa do prêmio   
 Folha de S.Paulo no Twitter   
 Seguir   
 Folha de S.Paulo no Facebook   
 Curtir   
 1,064,476 pessoas curtiram Folha de S.Paulo.   
 Aqui Keitin Diego Felipe Juvenal   
 Plug-in social do Facebook   
 Seu salário está meio DOWN?   
 as últimas que você não leu   
 Reserve sua Viaagem   
 CURSOS ON-LINE   
 00:52   
 27/08/2012

02-

UOL Últimas Notícias - "A x"   
 noticias.uol.com.br/lusa/ultnot/2002/10/28/ult611u15601.htm   
 UOL TABLÓIDE   
 UOL MÍDIA GLOBAL   
 China e Japão cruzando a fronteira   
 UOL ESPORTE   
 Entrosada, defesa do Brasil não pode falhar contra o Paraguai, diz Parreira   
 UOL ECONOMIA   
 Lucro da Eletrobrás cai 71% e fica em R\$ 323 milhões em 2003   
 MUNDO DIGITAL   
 MSN reformula portal para brigar com Google e Yahoo!   
 DIVERSÃO E ARTE   
 "Scooby-Doo 2" lidera bilheterias dos EUA no fim de semana   
 UOL RÁDIOS E TVS   
 UOL MÚSICA   
**UOL Últimas NOTÍCIAS**   
 lusa   
 Envie esta notícia por email   
 Índice   
**"A esperança venceu o medo", diz Lula - Imprensa 10h38 - 28/10/2002**   
 São Paulo, 28 Out (Lusa) - "A esperança venceu o medo" é a manchete de hoje do jornal "Gazeta Mercantil", ao publicar uma afirmação do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva sobre a vitória nas urnas.   
 O diário econômico destacou ainda a primeira entrevista depois de eleito, onde Lula afirmou que o "mercado precisa saber que brasileiros têm que comer três vezes por dia", adiantando o relacionamento que pretende ter com os investidores.   
 "Lula chega ao poder" é o destaque do jornal "Valor Econômico", ao lado de uma foto do presidente eleito com José Alencar, vice-presidente eleito, e da mulher Marisa.   
 "Aos 57 anos, completados nesse domingo, Lula chega ao poder como o segundo presidente mais votado do mundo (52 milhões de votos), superado apenas por Ronald Reagan, que teve 54,4 milhões de votos em 1984", comparou o jornal.   
 "Fui eleito pelo PT, mas serei o presidente de todos os brasileiros" é a manchete da hoje do jornal "O Estado de São Paulo", ao lado de uma foto do candidato durante a festa organizada pelo partido.   
 LEIA SÓ NOTÍCIAS DE:   
 Folha Online   
 UOL News   
 UOL Esporte   
 UOL Economia   
 UOL Tablóide   
 Mundo Digital   
 Veja Online   
 Vestibul   
 UOL Diversão e Arte   
 UOL Música   
 Exame   
 BBC   
 The New York Times   
 Cox News Service   
 El País   
 Financial Times   
 Le Monde   
 Hearst Newspapers   
 The Boston Globe   
 TST News Service   
 USA Today   
 Consultor Jurídico   
 AFP Internacionais   
 AFP Negócios   
 AFP Esporte   
 AFP Diversão   
 Reuters Geral   
 Reuters Negócios   
 Reuters Esporte   
 Reuters Diversão   
 Lusa   
 UOL Rádios e TVs   
 UOL Corpo e Saúde   
 Notícias sobre o UOL   
 08:32   
 11/01/2013

03



04-



05-

Complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula! - Windows Internet Explorer

http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2698995

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar Pesquisar Autopreencher Mais >> Fazer login

Favoritos Complexo de vira-latas... Bem-vindo ao Facebook...

Recanto das Letras

Capa Cadastro Textos Áudio Autores Mural Escritorinha Ajuda

Textos

Todos > Artigos > Política

Texto

**Complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula!**

Nelson Rodrigues permita-me hoje plagiar-te. Saiba grande gênio que é para uma justa homenagem que faço a um certo senhor nordestino, que veio de pau-de-arara para São Paulo, um réles metalúrgico que encantou o Poder Executivo.

Hoje vou fazer do escrete o meu honorário personagem da semana: Luís Inácio Lula da Silva. Todos os dias, às cinco horas da manhã os trens lotam de operários, eles partem em direção às fábricas para retornar após as 8 da noite, e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: - "O Brasil não vai mudar!". E, aqui, eu pergunto: - não

Viagens até 70% OFF

Celulares até 70% OFF

Netbooks até 70% OFF

Internet | Modo Protegido: Ativado

22:02 03/10/2011

06

YouTube

Procurar Enviar vídeos Fazer login

**LULA 2002 - O DIA QUE A ESPERANÇA VENCEU O MEDO**

eduardoarnolde Inscrever-se 72 vídeos

0:03 / 1:53

23099

52 "gostei", 4 "não gostei"

Enviado por eduardoarnolde em 15/05/2010

PARTE DO ÚLTIMO PROGRAMA ELEITORAL DO PT EM 2002 - RESUMO DOS COMERCIAIS RODADOS DURANTE A VITORIOSA CAMPANHA DE LULA.

O que é a vida para um ateu?  
por TheShikamaru1987  
64137 EM DESTAQUE

capital inicial - ela dormiu  
por Wellerson Batista  
550619 views

Lula lá - Coro dos artistas, 1989 (1)  
por RicardoNoblat  
25143 views

Comercial PT - Campanha Lula -  
por pedroniguacu  
17286 views

Lula Presidente - Fantástico de  
por Allan Nóbrega  
29634 views

Lula "O Mito" Chora em Discurso em 2002  
por Raphael Sales  
13688 views

Reportagem especial LULA - Domingo

07

GalizaCig / Actualidade - Lula: A esperança venceu o medo - Windows Internet Explorer

http://www.galizacig.com/actualidade/200211/fbc\_lula\_a\_esperanca\_venceu\_o\_medo.htm

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos GalizaCig / Actualidade... Bem-vindo ao Facebook - ...

Actualidade / Artigo

Santiago, 8 de novembro de 2002

**Lula: A esperança venceu o medo**

Immanuel Wallerstein  
Fernand Braudel Center

Em 28 de outubro, ao ganhar as eleições brasileiras, Luiz Inácio da Silva ("Lula") dixo à multidão e ao mundo: "Hoje, o Brasil votou para mudar. A esperança venceu o medo". Esta frase encerra exactamente o que aconteceu, e sublinha a importância deste evento num mundo em que, designadamente no último ano, o medo estava vencendo a esperança em quase toda a parte.

O director do jornal uruguaio Brecha saudou esta eleição como "o maior triunfo da esquerda latino-americana em toda a sua história", umha rejeição do "gosto amargo das promessas dos gurus do livre mercado". A reacção das forças populares por toda a América Latina foi de alegria e assombro. A reacção das forças do neoliberalismo e o espírito de Davos foi de incerteza quanto a que fazer. Tagareláram. Explicáram a vitória pelo facto de Lula e o sua organização, o Partido dos Trabalhadores (PT), "se terem movido para o centro". Mas nom estão mui certos disso, umha vez que os líderes políticos e os meios de comunicacão do Norte estão a



Lula no poder nom é Sendero Luminoso nem a Revoluçom Cultural chinesa no poder. O PT será um poderoso regime progressista no país mais importante da América Latina, um dos países economicamente sobranceiros do sistema-mundo, umha

Concluído

Internet | Modo Protegido: Ativado

21:30  
03/10/2011

08

Folha Online - Brasil - "A esperança venceu o medo", diz Dilma, referindo-se à Petrobras - 03/1 - Windows Internet Explorer

http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54046.shtml

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos Folha Online - Brasil - ... Bem-vindo ao Facebook - ...

3 DE OUTUBRO DE 2011 - 21:39 SP 17°C RIO 21°C

VEJA O TEMPO EM MAIS CIDADES

CLASSIFICADOS VEÍCULOS IMÓVEIS EMPREGOS NEGÓCIOS

ENGLISH ESPAÑOL

NOTÍCIAS PODER MUNDO MERCADO COTIDIANO ESPORTE ILUSTRADA FS CIÊNCIA TEC FOLHA DE HOJE FOLHA DIGITAL ASSINE A FOLHA

AMBIENTE BICHOS BLOGS CELEBRIDADES COLUMNISTAS COMIDA EQUILÍBRIO E SAÚDE FOLHATEEN FOLHINHA ILUSTRÍSSIMA REVISTA SÃO PAULO SABER TURISMO

HORÓSCOPO TRÂNSITO FOLHAINVEST INDICADORES GUIA E-MAIL FOLHA ASSINANTES ERROS TV FOLHA FOTO RÁDIO FOLHA ACERVO FOLHA

EM CIMA DA HORA Hugh Jackman diz que sua mulher não gosta quando ele fica musculoso

**poder**

PUBLICIDADE

Maior | Menor | Enviar por e-mail | Comunicar erros | Link

Acompanhe a Folha.com no Twitter | Seguir

03/10/2003 - 15h01

**"A esperança venceu o medo", diz Dilma, referindo-se à Petrobras**

ANA PAULA GRABOIS  
da Folha Online, no Rio

PUBLICIDADE

A ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, disse hoje que a história da Petrobras mostra que um novo Brasil é possível. Ao citar o slogan "a esperança venceu o medo", utilizado na campanha do presidente Lula, ela relacionou o desenvolvimento do país à trajetória da estatal.

Ela lembrou que no início da história da Petrobras muitos diziam que não havia petróleo no Brasil, outros afirmavam que era antieconômico buscar petróleo em águas profundas e ainda que a estatal não sobreviveria no

Folha de S.Paulo no Facebook

Curtir

569,999 pessoas curtiram Folha de S.Paulo.

Gerson Carlos Letícia Viviane Iolanda

Plug-in social do Facebook

PUBLICIDADE

Internet | Modo Protegido: Ativado

21:39  
03/10/2011

09

Porque a esperança não está vencendo o medo - Cadeia Produtiva - Espaço Aberto - BeefPoint - Windows Internet Explorer

http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produitiva/espaco-aberto/porque-a-esperanca-nao-esta-vencendo-o-medo-19537n.aspx

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos Bem-vindo ao Facebook - ...

Você está em: Cadeia Produtiva > Espaço Aberto

## Porque a esperança não está vencendo o medo

Postado em 02/08/2004

Comentários 0

Por Rodrigo Fontenelle de Araújo Miranda<sup>1</sup>

A poeira vai baixando, o período de adaptação necessário em qualquer governo começa a se expirar e fica apenas uma pergunta. Por que a esperança ainda não venceu o medo?

Quando Lula chegou ao poder, a maior preocupação era com a estabilidade econômica do País. O cenário, deteriorado a partir da ameaça de vitória petista, era instável, com risco iminente de inflação e desvalorização cambial. O governo seguiu a risca os manuais de economia, e em menos de um ano os indicadores macroeconômicos voltaram aos níveis pré-eleitorais. O primeiro ano de governo foi rotulado como o ano dos ajustes, o ano de eliminar a "herança maldita" deixada pelo governo FHC, e a partir de agora o Brasil estaria pronto para crescer de forma sustentável e planejada.

Entretanto, ao analisarmos um pouco mais a fundo esses dezesseis meses, é difícil explicar ou entender as ações do governo petista, a não ser que debitemos alguns de seus atos à imaturidade, ao despreparo ou à incompetência de boa parte dos ministros e burocratas que cercam o presidente Lula.

Na teoria, o PT vai muito bem. Reuniões, atas, conselhos, todas estas são palavras que fazem parte da agenda e do discurso de qualquer um do governo. Infelizmente o

**NOVA SAFRA DE TOUROS MONTANA**  
cruzamento com resultado, geneticamente avaliado e certificado

**FAÇA CLIENTES E NÃO APENAS VENDAS!** COMOT<sup>7</sup>

**Leia também**

- 09/12/2010: Inflação piora e Copom decide pela manutenção da Selic
- 06/01/2011: Belluzzo: demanda e câmbio são grandes desafios
- 18/02/2011: Graziانو: alta de commodities precisa ser disciplinada
- 18/01/2011: Fazenda prevê PIB crescendo 5,9% aa no governo Dilma
- 17/01/2011: Mercado prevê longo ciclo de juro alto
- 17/12/2010: Preservação ambiental é desafio do novo Governo

Internet | Modo Protegido: Ativado

13:23 04/10/2011

10-

CMI Brasil - A esperança venceu o medo, a corrupção e a prepotência - Windows Internet Explorer

http://www.midiaindependente.org/pt/red/2004/10/291740.shtml

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google a esperança venceu o medo

Favoritos CMI Brasil - A esperança venceu o medo, a corrup...

**cmi brasil**  
centro de mídia independente  
www.midiaindependente.org

sobre o cmi ajuda contato seja voluntário política editorial notícias publique

português | espanhol  
english | esperanto

Outras mídias

**Brad Will**  
Oaxaca 27.10.2006

rádio cmi

Impressos

vídeos e documentários

**Publique!**  
Publique o seu vídeo, áudio, imagens e textos diretamente do seu navegador.

**Notícias**  
Cobertura imediata dos acontecimentos ligados aos novos movimentos.

**Política Editorial**  
Saiba sobre a política de publicação do CMI.

Seja um voluntário

## A esperança venceu o medo, a corrupção e a prepotência

Por J.Montalvão 04/10/2004 às 11:35

"É pelas eleições que se evitam as revoluções. Revoluções e eleições são os dois meios de remover maus governos. O povo que elege, não se revolta; aguarda a operação eleitoral, para ter governo, que lhe sirva."  
Rui Barbosa

Hoje Jeremiasbo amanheceu de cabeça erguida, orgulhosa de usando seu direito de cidadania, recuperando a dignidade do seu povo usurpada por um governo corrupto, prepotente e irresponsável.

Através de uma reeleição suja, adquirida com o dinheiro da prefeitura, pensou que repeteria a dose comprando com dinheiro do contribuinte a dignidade de um povo sofrido e humilhado.

Apesar de covarde quis implantar o medo, e mais um tipo de corrupção: a compra de voto, onde usaram e profanaram até uma igreja, para fazer o comércio ilegal da compra de votos, onde após protestos da homens e mulheres humildes porém honestas, apelaram para a violência, o verdadeiro "ditadorzinho".

A primeira batalha já conseguimos vencer, sem violência, respeitando a lei, fizemos valer nosso direito de cidadania, derrotando através da arma mais potente que possuímos, o nosso voto.

Como disse, vencemos uma batalha, porém o mais importante encontra-se em fase inicial, que é o ressarcimento do que foi usurpado da população, principalmente do povo mais humilde, que foi o dinheiro desviado da Prefeitura, e que iremos fazer de tudo para ser

Internet | Modo Protegido: Ativado

15:48 04/10/2011

11-

UOL Economia x ecbahia.com - é goleada | X

www.ecbahia.com/imprensa/noticia.asp?nid=8110

**plantão** << voltar

1/12/2004 - 19h15

**Enquete: A esperança venceu o medo, mas...**  
 por *osé Carlos Júnior*

0 0 0

Seja o primeiro de seus amigos a recomendar isso.

ra variar, a Nação Tricolor fez a sua parte. Apoiou, compareceu, enfim, acreditou. Prova disso foi resultado da última pesquisa [ecbahia.com.br](http://ecbahia.com.br). A maioria dos internautas ainda acreditava no me, apesar dos últimos tropeços, mas acabaram se decepcionando. A enquete foi postada em de dezembro e, até o seu fim (dois dias depois), 1610 pessoas votaram.

essas, 29% disseram estar esperançosos em relação à volta do Bahia para a Série A, enquanto 28% estavam entregues à ansiedade e mais 20% estavam confiantes. Outros 9% firmaram não estar com sentimento algum e apenas 14% demonstraram medo.

gora, após mais uma decepção, queremos saber: *O Tricolor vai acabar se tornando um clube e Segunda Divisão?*

articipet

**Bolsa do ProUni**  
 Vestibulares.br/ProUni  
 Agora Você Pode Entrar na Faculdade. Conheça Nossos Cursos!

10.750 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

**ÚLTIMAS DO PLANTÃO**

- 11/Jan 07h29 [Oposição cobra lista de sócios e novo e estatuto](#)
- 10/Jan 20h46 [Bahia vai receber valores por Gabriel até 2014](#)
- 10/Jan 16h40 [Clube entra na disputa por mais um volante](#)
- 10/Jan 14h24 [TOLÓ É VENDIDO](#)
- 10/Jan 14h15 [Anqioni dá entrevista, elogia Idolo e motiva Fifa](#)

americanas.com

Aparelho de Jantar 42 peças Redondo Classic Home em até 10x R\$ 9,99 sem juros comprar

Blog

Kit Secador Super Ionic + Prancha Liza

@ecbahiapontocom ecbahiapontocom

12-

UOL Economia x APPE - "A esperança venc

www.appe.org.br/publicacoes/artigos/12-a-esperanca-venceu-o-medo

Associação Brasileira dos Procuradores do Estado

**APPE**

Digite aqui sua pesquisa! PESQUISAR

INÍCIO INSTITUCIONAL EVENTOS NOTÍCIAS CONVÊNIOS **PUBLICAÇÕES** EAD LEGISLAÇÃO LINKS FALE CONOSCO

Você está aqui: Home > Publicações > Artigos > "A esperança venceu o medo"

13/04/2005 | "A ESPERANÇA VENCEU O MEDO" 00:00

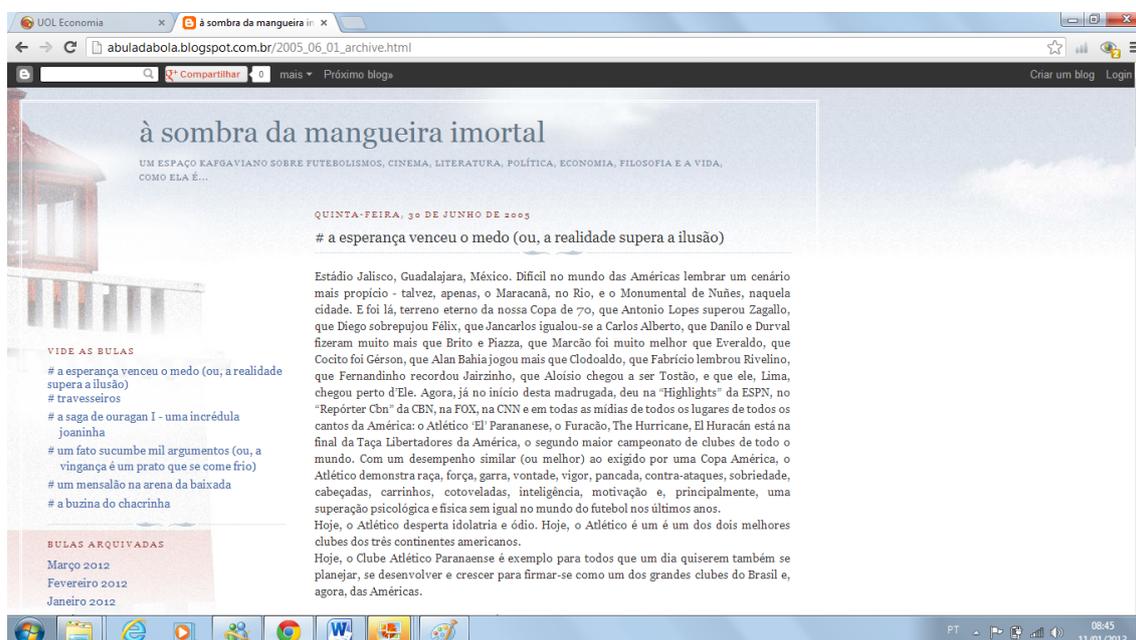
Fiquei muito feliz ao ler na coluna do jornalista Arimatéia Azevedo, do Jornal o Dia, de domingo (dia 27/02/2005), que no fechamento do balanço de 2004 o Piauí superou os demais Estados nordestinos em relação ao volume de recursos repassado pelo governo federal. O Piauí recebeu, segundo consta na mencionada coluna, o montante de R\$ 160, 2 milhões de reais. Importante frisar que as transferências federais voluntárias ocorreram através de convênios firmados entre o Estado do Piauí e a União.

Resalte-se, todavia, que a realização dos convênios só foi possível em razão do trabalho desenvolvido pela Procuradoria Geral do Estado - PGE que ingressou com ações para tirar o Estado do Piauí do cadastro de inadimplentes do SIAFI Sistema Integrado da Administração Financeira, SIAFAS Sistema de Acompanhamento Físico-Financeiro das Ações de Assistência Social e CADIN federal por conta de irregularidades na execução de convênios de governos anteriores. O trabalho da PGE foi fundamental considerando-se que, para um ente da federação receber os repasses em tela, não pode ter qualquer restrição ou irregularidade em relação aos repasses passados, oriundos de convênios anteriormente firmados. Como se pode observar, o trabalho silencioso da Procuradoria Geral do Estado tem viabilizado a governabilidade do Estado do Piauí, bem como o projeto de governo do Excelentíssimo Senhor Governador. Entretanto, infelizmente, não obstante o profícuo trabalho desenvolvido por esse órgão, não tem tido a devida contrapartida por parte da equipe de governo. Primeiro porque há meses a categoria tenta uma audiência com o Senhor Governador e não tem conseguido sequer expor as suas reivindicações que, há exatos onze anos, não tem reajuste salarial, nem ao menos a reposição da inflação sobre os seus vencimentos. A situação se afigura atualmente insustentável considerando que a Constituição Federal assegura que os vencimentos dos servidores públicos sejam compatíveis com a natureza, o grau de responsabilidade, e a complexidade do cargo (art. 39, § 1º). E as atribuições e responsabilidades dos Procuradores são inúmeras, dentre as quais podem ser citadas as seguintes: a) realização da defesa judicial ou extrajudicial do Estado; b) consultoria jurídica a ser prestada às autoridades e órgãos estaduais; manifestação nos processos de licitação e nos contratos, através da análise das minutas dos editais e contratos, bem como o controle da legalidade dos processos licitatórios; c) inscrever e realizar a cobrança judicial dos débitos tributários; d) emitir parecer jurídico nas questões tributárias levadas à apreciação do Conselho de Contribuintes; e) ingressar com ações de improbidade administrativa em face de atos irregulares contra o patrimônio público; presidir processos administrativos em face de servidores públicos que cometem infrações contra a Administração Pública e o seu patrimônio. Já se pode notar a relevância das atribuições de um Procurador do Estado, entretanto, lamentavelmente, estamos com o salário mais baixo do Brasil, se comparado com a categoria das outras unidades da federação. Não temos tido o reconhecimento por parte dos atuais administradores estaduais, o que é lamentável. Comparando-se com outros Estados nordestinos estamos aquém dos nossos co-irmãos que executam o

### 13-“SE A ESPERANÇA VENCEU O MEDO, HOJE A CORRUPÇÃO MATOU A ESPERANÇA”, Revista VEJA, edição de 06 de junho de 2005.

14-“...a esperança venceu o medo, mas eu nunca esperava que a corrupção fosse vencer a esperança [...] eu queria que a esperança vencesse o medo. Eu queria mesmo, queria muito. Eu não queria que a corrupção estivesse vencendo a esperança...” (TORGAN, M. Jornal local do Ceará, 20 de junho de 2006)

15-



### 16- Um país em mudança. Mudança de quê ?

"A esperança venceu o medo". A frase soava em uma só voz após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, nas eleições de 2002. Foi um fato histórico. No Brasil, este imenso país tropical, "adormecido em berço esplêndido" havia acordado para construir uma nova história. Dois anos e meio depois uma enxurrada de denúncias coloca o país de cabeça para baixo. O PT está no poder, mas a história não mudou como gostaríamos. Os escândalos trocaram de cor. O Amarelo plumagem virou vermelho reluzente. Na história desta república, "a esperança, às vezes, vence o medo", mas "a desilusão é - quase sempre - o porto de chegada".

#### Rogério Bulhões Costa

Jornalista e Diretor de Jornalismo do RTP Castanhal

e-mail: [rogeriobulhoes@rtpcastanhal.com.br](mailto:rogeriobulhoes@rtpcastanhal.com.br)

17-

The screenshot shows a web browser window displaying the website **ilhabrasil.net**. The page features a navigation menu with links for HOME, ARQUIVOS, PROMOÇÃO, ANUNCIE, and CONTATO. The main content area is titled "Maluf-lá" and includes a sub-headline "Maluf na cadeia: a esperança venceu o medo!". The article text discusses the arrest of Paulo Maluf and the political situation in Brazil. A sidebar on the right lists various articles under the heading "LEIA MAIS...". The browser's taskbar at the bottom shows the date as 14/01/2013 and the time as 10:12.

18-

The screenshot shows a web browser window displaying a blog post by Eduardo Leite. The page title is "Eduardo Leite" and the subtitle lists various topics: "MEDICINA EM GERAL, GASTROENTEROLOGIA, CIRURGIA GERAL, CIRURGIA DO APARELHO DIGESTIVO, ENDOSCOPIA DIGESTIVA ALTA, PSICOTERAPIA ANALÍTICA, FILOSOFIA, MOTOCICLISMO, TEMAS SOCIAIS". The main heading of the post is "A ESPERANÇA VENCEU O MEDO E A CORRUPÇÃO VENCEU O GOVERNO LULA". The text discusses the political situation in Brazil, mentioning the PT party and the role of corrupt officials. The browser's taskbar at the bottom shows the date as 03/12/2012 and the time as 15:04.

19-<http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=110156&topico=2817794>

NITERÓI (RJ) - A esperança venceu o medo no técnico Celso Roth. Precisando vencer o Fortaleza para garantir vaga na Copa Sul-Americana de 2006, o treinador decidiu abandonar o cauteloso esquema com três volantes para escalar um time mais ofensivo, com dois meias, no jogo do próximo domingo, pela última rodada do Brasileiro.

Durante esta semana, Roth disse que dificilmente mexeria na equipe do meio para frente. Mas, no coletivo desta quinta-feira, no Caio Martins, o técnico mudou de idéia e confirmou a escalação do meia Zé Roberto, que ficará encarregado de armar as jogadas de ataque ao lado de Ramon.

Segundo Roth, a entrada de Zé Roberto também é necessária para balancear o time, que não terá seus ofensivos laterais titulares. Na direita, Ruy, suspenso pelo terceiro amarelo, será substituído pelo volante Leandro Carvalho, improvisado no setor. Na esquerda, Bill, lesionado, dará lugar a Oziel, jogador que também tem características mais defensivas.

"Tínhamos uma forma de jogar para liberar o Ruy e o Bill, porque eles são jogadores que têm mais características ofensivas. Se não tenho os dois, tenho que arrumar alguém que jogue e se movimente no meio [Zé Roberto]", justificou Roth.

O treinador só não definiu ainda quem sai para a entrada de Zé Roberto. Mas o certo é que o meia vai ocupar a vaga de Diguinho ou Juca.

"Esses dois [Diguinho e Juca] disputam uma posição. A partir do momento em que seguro os laterais e coloco um meia [Zé Roberto], tenho que ter um volante mais marcador, que é o Jonilson. Quando abro mão dos alas, tenho que ter dois meias, não três volantes", completou.

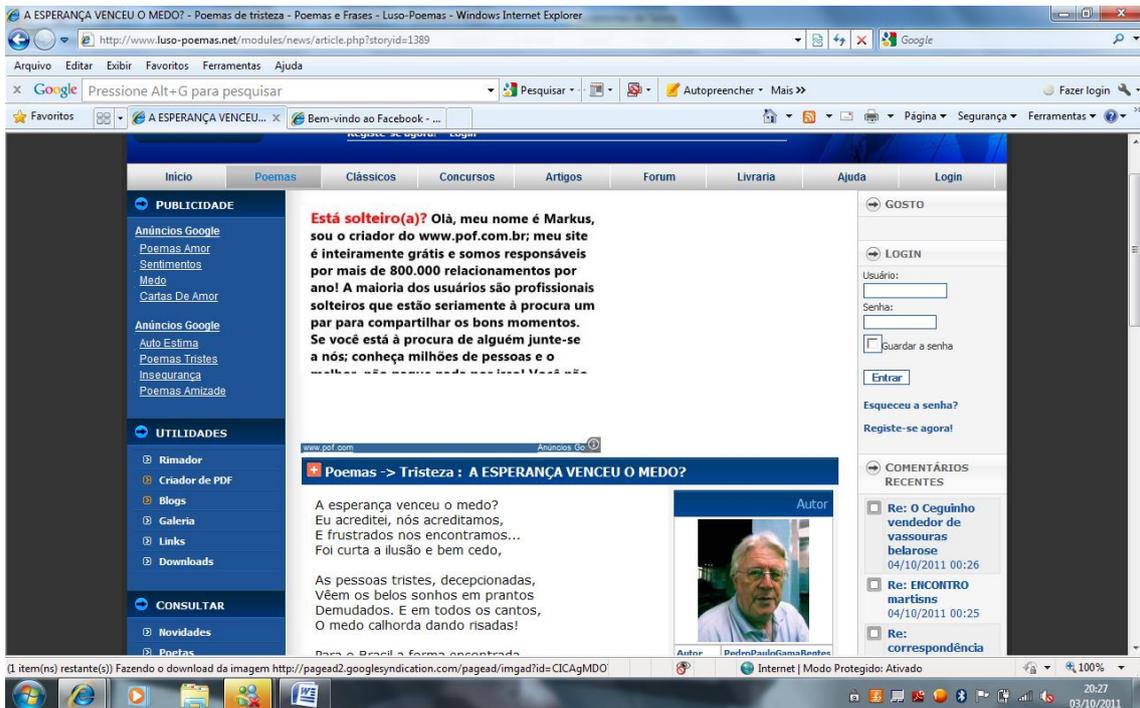
Um dos possíveis "sacrificados", Juca garantiu que está se preparando para ser mantido na equipe. "Acho que será uma disputa sadia entre jogadores que querem atuar nessa partida decisiva. Mas quem vai decidir é o treinador. Temos que estar bem preparados para quem entrar corresponder", afirmou Juca.

Portanto, o provável time que enfrenta o Fortaleza será formado com Lopes; Leandro Carvalho, Rafael Marques, Emerson e Oziel; Jonilson, Juca (Diguinho), Zé Roberto e Ramon; Caio e Reinaldo.

20-



21-



## 22- Após Iowa, 2 democratas desistem de disputa presidencial nos EUA

da **Folha Online**

Após a vitória do senador democrata por Illinois Barack Obama e do republicano Mike Huckabee na primeira rodada das prévias partidárias, em Iowa --considerada crucial na disputa para a Presidência dos EUA-- dois democratas desistiram da corrida. Chris Dodd, 63, senador por Connecticut, e Joe Biden, 65, senador por Delaware, anunciaram que abandonariam a disputa presidencial após o anúncio do resultado. Com a saída de ambos, os democratas têm agora seis pré-candidatos à Presidência: Hillary Clinton, John Edwards, Mike Gravel, Dennis J. Kucinich, Barack Obama e Bill Richardson.

Keith Bedford/Reuters



O senador democrata Barack Obama fala a partidários após vencer prévia em Iowa

---

Obama obteve 37% dos votos no caucus (assembléias partidárias), seguido por John Edwards e Hillary Clinton, com 30% cada um. Com a vitória, ele tornou-se o primeiro negro a ter chances reais de chegar à Casa Branca. "**Escolhemos a esperança em vez do medo**", afirmou **Obama aos correligionários**. "**A unidade venceu a divisão**". É uma mensagem de que a mudança virá para a América".

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u360172.shtml>

23-<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/xiii-obama-diz-que-esperanca-venceu-medo-alguem-se-lembra-disso/>

The screenshot shows the top navigation bar of the Veja website with the logo, a search bar, and links for 'Notícias', 'Temas', 'Vídeos e Fotos', and 'Blogs e Colunistas'. Below the navigation is a banner for 'Assine VEJA' with a 'Bradesco' logo and a '#assineabril' hashtag. The main content area features a profile for 'Blog Reinaldo Azevedo' with a sub-header 'Análises políticas em um dos blogs mais acessados do Brasil'. The article title is 'Xiii... Obama diz que “a esperança venceu o medo”... Alguém se lembra disso?' dated '05/01/2008 às 5:01'. The text begins with 'Por Daniel Bergamasco, na Folha: A vitória nas assembleias de eleitores em Iowa, confirmada na madrugada de ontem, colocou o senador negro Barack Obama em rota direta de confronto com sua principal rival no Partido Democrata, a senadora e ex-primeira-dama Hillary Clinton. Elevando o tom da disputa, Obama deixou claro, após os resultados, que...'. To the right of the article is a sidebar with a 'eu quero' button and a 'Últimas notícias' section. The bottom of the page shows a Windows taskbar with the date '14/01/2013' and time '10:39'.

24-

The screenshot shows a Windows Internet Explorer browser window. The address bar contains the URL 'http://www.devocionais.com.br/devocionais/4393-A-20esperan%C3%A7a%20venceu%20o%20medo\_.html'. The page title is 'A esperança venceu o medo - Windows: Internet Explorer'. The website header features the logo 'Devocionais MOMENTOS COM DEUS'. The main content area includes a search bar, a 'login' form with fields for 'Nome de Usuário' and 'Senha', and a 'Fazer login' button. The Windows taskbar at the bottom shows the date '03/10/2011' and time '20:33'.

25-

UOL Economia x E o medo, venceu a esper: x  
www.jornalpequeno.com.br/2008/9/12/Pagina87061.htm

Home » Edições » 2008 » Setembro » Edição 22.726 » JP Turismo

**Consultoria web**

**Notícias #**

Plantão  
Blogs  
Política  
Cidade  
Geral  
Nacional  
Esporte  
Polícia  
Estado  
Internacional

**Impresso #**

Editorial  
JP Artigos  
Política  
Cidade  
Geral  
Colunas  
JP Sul do Maranhão  
Nacional  
Esporte  
Polícia

**JP TURISMO**

## E o medo, venceu a esperança?

12 de setembro de 2008

Índice | Texto Anterior | Próximo Texto

*Wilson Ramos Filho*

Para um brasileiro mediamente informado, é até natural que nos EUA haja um certo desconforto com o presente, devido às políticas genocidas adotadas pelo governo Bush ao longo de oito anos de mandato. Tais atitudes abalaram decisivamente a boa imagem do país – construída a partir da Segunda Guerra Mundial – e trouxe perspectivas negativas para o futuro da população, principalmente depois das recentes crises imobiliária e de credibilidade do sistema financeiro.

Por esse motivo, é compreensível que os estadunidenses estejam de "baixo astral" – um sentimento distinto do que se percebe no Brasil, por exemplo, onde "a esperança venceu o medo".

Assim como nos EUA, porém, se percebe uma mesma sensação de desilusão com o futuro entre a população européia. Prova disso está registrada em dois livros recentes e de grande repercussão no exterior: um de Jacques Attali ("Uma breve história do futuro") e outro de Fareed Zakaria ("O Mundo pós-americano"), ambos caudatários do ideário neoliberal e que apresentam cenários pouco sedutores.

O último capítulo de obra de Attali, intitulado "E a França?", apresenta recomendações destinadas aos candidatos ao pleito presidencial de 2006 para "reformular" o país com clichês do neoliberalismo, como menos Estado, reforma da previdência, entre outros.

**+ Lidas Semanal** **+ Lidas Do site**

- 1 Assaltante é morto por mulher no Calhau
- 2 Mulher que matou assaltante ainda não foi localizada, diz polícia
- 3 População lincha dupla que matou feirante na Raposa
- 4 Colunaço do Pêta
- 5 Mulher que matou assaltante no Calhau se apresenta na Secretaria de Segurança

**Plantão # de notícias**

- 18:43 | Diretor geral do Detran-MA visita setores de atendimento
- 18:42 | 'Salve Jorge': Russo impede revelação
- 18:40 | Seduc participa de encontro com professores da rede estadual de ensino
- 18:37 | 'BBB13': detidos no jardim, Bambam dá mordidinhas em Marlen
- 18:35 | Cresce nº de assassinatos de homossexuais em 2012
- 18:30 | João Paulo é o terceiro reforço do Flamengo no dia

PT 09:10 11/01/2013

## 26- Novo slogan de Marta lembra campanha de Lula de 2002

**GUSTAVOMIRANDA**

Direto de São Paulo

Após ficar fora do ar como manda a legislação eleitoral, o site de campanha da candidata à prefeitura de São Paulo, Marta Suplicy, voltou ao ar de cara nova e de slogan novo. O mote da campanha para este segundo turno será **"A esperança vai vencer de novo"**, uma clara referência à campanha vitoriosa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, à presidência da República, em 2002. Quando Lula foi eleito, seu slogan era "A esperança vai vencer o medo", em resposta à declaração de Regina Duarte, na campanha do PSDB, de que estava com medo de o petista vencer as eleições. Embora a legislação eleitoral já permita que os candidatos façam campanha, o site de Kassab ainda não está disponível. No endereço, os visitantes encontram a mensagem: "Agora no 2º turno, junte-se aos 2.140.423 paulistanos que já sabem que o melhor para São Paulo é o Kassab".

Notícias <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2008/interna/0,,O13239551-EI11879,00>  
Novo+slogan+de+Marta+lembra+campanha+de+Lula+de.html

27-

http://yougol.wordpress.com x Arte, Teologia e Ciências : x

cleitongael.blogspot.com.br/2008/11/dia-da-cultura-e-do-cinema-brasileiro.html

Search

# Arte, Teologia e Ciências Sociais

Cleinton  
Ator e diretor teatral. Teólogo e sociólogo. Mestre em Sociologia e Direito pela UFF e doutorando em Sociologia pela UERJ.  
[Visualizar meu perfil completo](#)

quarta-feira, 5 de novembro de 2008

## "Barack Obama: a esperança venceu o medo"

Aconteceu o que não parecia possível. Depois de muitos anos de Brasil imitando o que "funcionava" nos Estados Unidos, eis que o povo estadunidense se propôs a imitar a postura *tupiniquim*. Não se sabe se os *marqueteiros* de lá entraram em contato com os de cá, mas uma mesma frase serviu para as duas nações suplantarem antigas pré-noções e preconceitos, aceitando o "inaceitável": um bóia-fria cá e um negro lá, à luz da sentença *a esperança venceu o medo*.

Uma memória minimamente saudável se lembrará que a atriz Regina Duarte apareceu no programa eleitoral gratuito se dizendo "com medo de que poderia acontecer se Luis Inácio Lula da Silva se tornasse presidente da República Federativa do Brasil". O mesmo terrorismo eleitoral tomou conta dos Estados Unidos, uma vez que por lá surgiram insinuações de que Barack Obama seria "simpatizante de grupos terroristas mundo afora e governaria apenas para vingar o que fizeram aos negros". Para lá e para cá, portanto, nenhuma frase seria tão forte quanto uma que mostrasse que o medo incutido nas mentas

Seguidores

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (23)

Já é um membro? [Fazer login](#)

Arquivo do blog

PT 14:50 03/12/2012

28-

UOL Economia x Folha de S.Paulo - Mundo x Boca no Trombone - um | x

multasbocasnotrombone.blogspot.com.br/2008/11/nos-eua-esperana-venceu-o-medo.html

quarta-feira, 5 de novembro de 2008

## Nos EUA, a esperança venceu o medo

..

Barack Obama é o novo presidente dos Estados Unidos da América. Ao que tudo indica, será uma vitória maiúscula, com os democratas obtendo uma folgada maioria também na Câmara e Senado.

Faz poucos dias, o primeiro negro a se eleger presidente da República dos EUA afirmou: "é tempo de a esperança vencer o medo, da união vencer a divisão", lembrando um pouco o mote do presidente Lula em 2002. Felizmente, a esperança venceu, sim, o medo. Este blog torce para que Obama faça um grande governo. A herança que o novo presidente está recebendo de George W. Bush não poderia ser pior, o que torna a sua performance ainda mais importante, crucial. Que o espírito de Franklin Delano Roosevelt anime Barack Hussein Obama Jr. e que o dia 4 de novembro de 2008 passe para a história como o início de novos tempos.

Fonte: [Blog Entrelinhas](#)

Share / Save

Postado por Alexandra Peivoto às 11:05/2008 01:44:00 PM

Espero que todos que aqui visitam continuem a nos prestigiar. Já no Boca no Trombone?

PT 09:18 11/01/2013

29-



### 30- EM DISCURSO DE POSSE, OBAMA ENVIA MENSAGEM A TERRORISTAS: A ESPERANÇA QUE VENCE O MEDO

20/01/2009 - 15h29

O democrata Barack Hussein Obama, 47, tornou-se nesta terça-feira o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, o 44º do país, após fazer o juramento oficial da posse diante de cerca de 2 milhões de pessoas, que esperaram horas para vê-lo sob um frio de 4°C negativos. Em seu discurso de posse, Obama endureceu sua fala e enviou uma mensagem a terroristas que ameaçam os EUA. Ele também apelou à esperança na luta para superar o principal problema que seu país enfrenta atualmente: a pior crise financeira dos últimos 70 anos. "Nós não vamos pedir desculpas por nosso estilo de vida nem vamos hesitar em defendê-lo. E, para aqueles que buscam aumentar seus alvos induzindo terror e assassinando inocentes, dizemos a vocês, agora, que nosso espírito é mais forte e não pode ser quebrado. Vocês não irão nos ultrapassar, e nós os derrotaremos." Em um recado indireto aos grupos radicais islâmicos que agem contra as tropas americanas na Ásia, Obama afirmou "ao mundo muçulmano", que os EUA buscam "um novo modo de progredir".

"Aos líderes ao redor do mundo que procuram instaurar conflito, ou culpar os males de sua sociedade no Ocidente: saibam que nosso povo vai julgá-lo sobre o que você pode construir, não o que você destrói. Àqueles que se apegam ao poder pela corrupção [...], saibam que vocês estão do lado errado da história", disse o democrata. "Mas nós estenderemos a nossa mão se vocês estiverem dispostos a ceder a sua primeiro", completou, em tom mais ameno.

Ron Edmonds/AP



Barack Obama faz seu primeiro discurso como presidente dos Estados Unidos, no Capitólio, em Washington

---

**"A esperança de mudar superou o medo. Sabemos da gravidade da crise, pois vemos a situação que vivemos, com milhares de empregos perdidos. Mas juntos conseguiremos sair dessa crise", afirmou Obama que disse ainda que a crise que o país enfrenta é consequência da irresponsabilidade de alguns.**  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u492332.shtml>

### 31-Obama imita Lula e diz que esperança venceu o medo

[http://www.gloog.com.br/answer/pt\\_br/answer\\_20090121131322AAGsNkj.html?categoryId=39654559](http://www.gloog.com.br/answer/pt_br/answer_20090121131322AAGsNkj.html?categoryId=39654559)

O novo presidente americano mantém otimismo, mas reconhece que vencer a crise será um dos seus maiores desafios. Ao tomar posse ontem, dia 20, o novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, direcionou seu discurso aos milhares de americanos que o elegeram, depositando nele a esperança por mudanças. Obama enumerou problemas como a perda de emprego e moradia e a falência de muitas [empresas](#) em razão da crise econômica ? segundo ele, resultado da ganância e irresponsabilidade.

Citou, ainda, o custo elevado da saúde, a [educação](#) falha e a perda de confiança no país. E assegurou: ?Os desafios que enfrentamos são reais, sérios e múltiplos. Não serão enfrentados facilmente e em pouco tempo. Mas, saiba disso, América: serão enfrentados?.

O novo presidente prometeu criar empregos, construir estradas, pontes, redes elétricas e linhas digitais, valorizar a [ciência](#), usar a [tecnologia](#) para aumentar a [qualidade](#) e diminuir os custos da saúde, transformar as escolas em faculdades e universidades e incentivar o uso de energias renováveis, como solar e a eólica. Assim como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao ser eleito em seu primeiro mandato em 2002, Obama afirmou que sua eleição significa que a esperança venceu o medo. ?Estamos reunidos porque escolhemos a esperança, e não o medo, a unidade de propósito, e não o conflito e a discórdia. Neste dia, viemos proclamar o fim das discussões mesquinhas, falsas promessas e recriminações e dogmas antigos que, por muito tempo, impediram nossa política de funcionar melhor?, disse o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

Obama também mandou mensagem de estímulo à população norte-americana: ?É preciso que levantemos, sacudamos a poeira e recomeçemos o trabalho de reconstruir a América porque, por toda a parte onde olhamos, há trabalho a ser realizado.? O novo presidente não culpou o livre mercado pela crise do país, mas defendeu a necessidade de regulação, a exemplo do que concluíram os líderes do G20 financeiro, que se reuniram em Washington em novembro passado. ?Essa crise nos lembra que, sem um olho que observa tudo isso, o mercado pode se descontrolar que e uma nação não pode prosperar por muito tempo quando favorece apenas os prósperos?, ressaltou.

21 Janeiro 2009

32-

Folha de S.Paulo - Mundo x Óbvio Olulante de Obama x

blogln.ning.com/profiles/blogs/obvio-olulante-de-obama-a

PRINCIPAL MINHA PÁGINA MEMEBROS FÓRUM BLOGS GRUPOS MÚSICA VÍDEOS FOTOS SEMINÁRIOS PB TEMÁTICOS

Todas as mensagens do blog Meu blog

Óbvio Olulante de Obama, "A esperança venceu o medo" e o Tapa na cara

Postado por Oswaldo Conti-Bosso em 21 janeiro 2009 às 12:30

Exibir blog

Caros Navegantes,

Fiz uma simples pesquisa no google com algumas palavras do discurso do Obama: "We Have Chosen Hope Over Fear", e aparece centenas de páginas de links de jornais locais, da grande mídia, web sites e blogs, dos EUA e do mundo. Fica evidente que essa frase pinçada do discurso do Obama, foi usada como principal título de chamada da mídia, que nós conhecemos muito bem, desde 2002: "A esperança venceu o medo".

Assim como disse muito preocupado a alguns dias, Paul Krugman, "essa crise está cada vez mais no caminho da crise japonesa", podemos dizer, sem medo, o óbvio olulante, essa onda obamania de mudanças do império começou com os ventos da América do Sul e brasileiro.

Ohiei os web site do pig do eixo Rio-SP (Folha, estado e globo, veja) e não vi isso. O pig é doente como a psicose de Guantánamo, a luz do pig é uma bolha apagada que já vazou, como diz PHA, [O Pig não sabe de nada](#).

Mas o melhor é o conteúdo do discurso, tapa na cara dos americanos, como, "vamos deixar de ser crianças", "fracasamos coletivamente": [Integra do discurso, em português](#).

Bem-vindo a Portal Luis Nassif  
Registre-se ou [acesse](#)

NOVAS

Receba notícias por e-mail:  
  
[Cadastre-se](#)

DINHEIRO VIVO

GUIAFINANCEIRO®

Cash

PUBLICIDADE

09:41 11/01/2013

33-

A esperança, venceu o medo!!!!!!!!!!!!!! Luiz Andreoli - Windows Internet Explorer

http://andreolity.wordpress.com/2009/01/21/a-esperanca-venceu-o-medo/

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pesquise Alt+G para pesquisar

Favoritos

A esperança, venceu o ... Bem-vindo ao Facebook - ...

Fazer login

A esperança, venceu o medo!!!!!!!!!!!!!!

Olá pessoal

Essa frase aí de cima, foi dita no discurso de posse, de Barack Obama!!!!

Isso mesmo, "a esperança, venceu o medo". E aí, pensei comigo. Pô, já ouvi isso em algum lugar. Minha mulher me lembrou. Foi no discurso de posse também, do nosso Lula. Lembra que na campanha, alguns artistas falavam que tinham medo do governo Lula. Pois não é que nosso Obama, usou a mesma frase de impacto!!!!!!

Ah Duda Mendonça, vai buscar uma grana, aliás outra, nos Estados Unidos. Ele que era o marqueteiro de Lula.

Mas a frase é boa mesmo. Prá tudo na nossa vida. A esperança da galera do Corinthians, ver Ronaldo de volta. A do Palmeiras conquistar uma Libertadores de novo. A do São Paulo, conseguir o hepta. E muitas outras!!

Concluído

Internet | Modo Protegido: Ativado

20:29 03/10/2011

## 34-Grêmio 1 x 2 Internacional

por Mauro Beting em 09.fev.2009 às 9:31h

### A esperança venceu o medo: O time mais ofensivo foi premiado em Erechim?

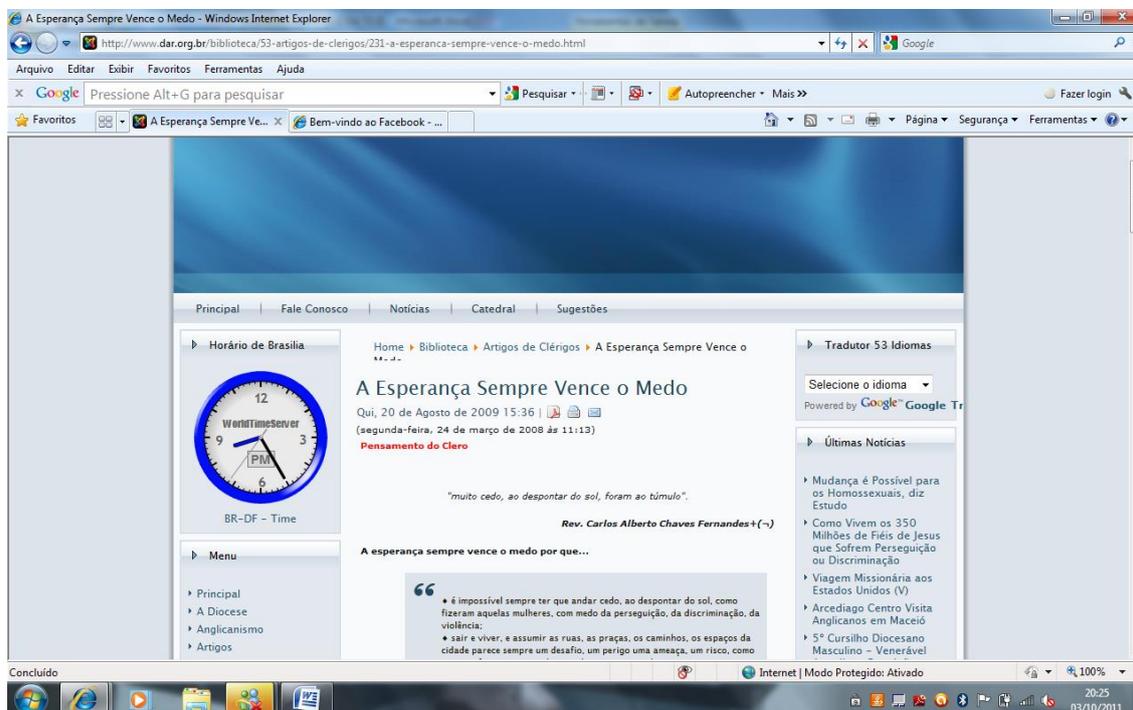
**MELHOR ESCREVE GUSTAVO VARGAS**

<http://blogdoergos.blogspot.com/>

O Grêmio jogou melhor, é verdade. Mas foi o Internacional, graças a um gol decisivo de **Nilmar**, aos 37 minutos da etapa complementar, que venceu o primeiro Gre-Nal de 2009, válido pelo Campeonato Gaúcho. Um clássico atípico, disputado em campo neutro – o acolhedor Colosso da Lagoa, na pacata Erechim –, com gremistas e colorados ocupando espaços semelhantes nas arquibancadas. Um clássico cheio de alternativas, no qual os técnicos Celso Roth e Tite travaram um interessante duelo tático.

<http://blogs.lancenet.com.br/maurobeting/2009/02/09/gremio-1-x-2-internacional/>

35-



36-

http://yougol.wordpress.com/2009/10/02/rio-2016-a-esperanca-venceu-o-medo/

← A cidade olimpica no palco histórico Maradona: "Que jogador teria sido sem a cocaína?" →

ESPECIAIS  
 Seleção da década de 00's  
 Botafogo  
 Flamengo  
 Fluminense  
 Vasco  
 América-MG  
 Avai  
 Bahia  
 Corinthians  
 Internacional  
 Palmeiras  
 Santa Cruz  
 Santos  
 São Paulo

SÉRIES  
 A a Z do Futebol Carioca dos Anos 90  
 A a Z da Copa do Mundo de 1994  
 Lembranças de Copa do Mundo

VASCO 111 ANOS  
 1974  
 1989  
 1997  
 2000

5 + do Zarko  
 Ex-jogadores e showbol  
 Império do amor  
 Revoluções do futebol

FOR RAPHAEL ZARKO | 02/10/2009 - 21:34 | Jump to Comments

## Rio 2016: a esperança venceu o medo?

por *Raphael Zarko*

O sujeito já quebrou a cara algumas vezes. Relacionamento furados, casamentos desmarcados, namoros rompidos. Tudo já deu errado. E nem por isso ele vai deixar de desejar aquela mulher maravilhosa, gostosa, cheirosa... Tá! um ponto de vista interessante para ser a favor das Olimpíadas no Rio no ano de 2016.

Os poucos que se manifestaram contra antes – e foram poucos mesmo – tinham na ponta da língua que um país cujos resultados desportivos refletiam a falta de uma política para desenvolver a atividade no país, não fazia do Rio (Brasil) merecedor de tal celebração.

Foto: Reuters

37-

Folha de S.Paulo - Mundo | Futsal WB: Michael Sants

futsalwb.blogspot.com.br/2009/10/michael-sants-esperanca-venceu-o-medo.html

TERÇA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 2009

## Michael Sants: A Esperança venceu o medo!!

vs

SEGUIDORES  
 Participar deste site  
 Google Friend Connect  
 Membros (9)  
 Já é um membro? [Clique aqui](#)

ARQUIVO DO BLOG  
 ▶ 2012 (2)  
 ▶ 2011 (3)  
 ▶ 2010 (45)  
 ▼ 2009 (29)  
 ▶ Dezembro (5)  
 ▶ Novembro (16)  
 ▼ Outubro (8)  
 Novos uniformes de Treino do Futsal Brazense!!  
 Michael Sants: A Esperança venceu o medo!!  
 Carta ao atleta Brazense  
 Wenceslau Braz: Algo de Quatiguá  
 Futsal Brazense 2009: Novas

38-

Folha de S.Paulo - Mundo x G1 > Política - NOTÍCIAS x

g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1544441-5601,00-A+ESPERANCA+MAIS+UMA+VEZ+VEM+VENCENDO+O+MEDO+DIZ+DILMA.html

globo.com notícias esportes entretenimento vídeos

central globo.com assine a globo.com todos os sites

buscar no g1 ok

/ política / Dilma celular rss

25/03/10 - 12h35 - Atualizado em 26/03/10 - 12h33 publicidade

## 'A esperança, mais uma vez, vem vencendo o medo', diz Dilma

Declaração foi dada em evento em que também participou José Serra. Governador de SP não respondeu declaração da ministra da Casa Civil.

Maria Angélica Oliveira  
Do G1, em São Paulo

Tamanho da letra A- A+

ACORDO ORTOGRÁFICO saiba mais

clique para ampliar

Ao lado do governador de São Paulo, José Serra (PSDB), a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, disse nesta quinta-feira (25), durante evento de entrega de 650 ambulâncias adquiridas pelo governo federal, em Tatui (SP), que "a esperança, mais uma vez, vem vencendo o medo". Dilma e Serra devem se

editórias

Primeira Página

Blogs e Colunas

Brasil

Carros

Ciência e Saúde

Cinema

Concursos e Emprego

Economia e Negócios

Esporte

Mundo

Música

Planeta Bizarro

Política

Pop & Arte

Rio de Janeiro

09:57 11/01/2013

39-

Virá num riso de criança: A Esperança Venceu o Medo: vitória da diplomacia brasileira - Windows Internet Explorer

http://titidajuventude.blogspot.com/2010/05/esperanca-venceu-o-medo-vitoria-da.html

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar Pesquisar Autopreencher Mais >> Fazer login

Favoritos Virá num riso de criança Bem-vindo ao Facebook

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2010

## A Esperança Venceu o Medo: vitória da diplomacia brasileira

Ainda falta um mês pro início da copa, mas o Brasil já está marcando gols. E da maior qualidade:

Vestido de sua gravata verde-amarela, que já virou um amuleto, Lula e Celso Amorim, além do chanceler turco, chegaram a um acordo com o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, sobre o enriquecimento de Urânio.

O desenvolvimento da energia nuclear para fins pacíficos é um direito de todas as nações. O acordo, que está sendo finalizado em Teerã, manda urânio iraniano levemente enriquecido para outros

SEGUIDORES

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (25) Mais >

Já é um membro? Fazer login

ARQUIVO DO BLOG

- 2011 (7)
- 2010 (15)
  - Dezembro (2)
  - Julho (3)
  - Junho (2)
  - Maio (8)

Chupa-cabras ou o cão

Concluído

Internet | Modo Protegido: Ativado

22:12 03/10/2011

40-

segunda-feira, 17 de maio de 2010

## Lula-lá... a esperança venceu o medo até no Irã

Lula lá...

A força da simplicidade...

Para entender um pouco melhor a importância que o Brasil alcançou com a liderança mundial do presidente Lula, basta ver esse vídeo da TV CNN turca.

Não precisa entender o áudio em turco. As imagens falam por si: a Turquia é parte do acordo, e vejam a dimensão que notícia dá ao presidente Lula e ao ministro Celso Amorim.

O presidente Lula gravou mensagem pelo sétimo aniversário do blog "Os Amigos do Presidente Lula" mandando abraços a todos nós ativistas que contribuímos na luta para democratizar a informação. [Link aqui](#)

### Carta do Lula aos leitores

Aniversário do blog Presidente Lula envia mensagem para os leitores do blog Clique na imagem para ler a mensagem do Presidente Lula

41-

Página não encontrada - 1 x Esta pergunta foi excluída x orkut - A Esperança vence x

www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=20015395&cmm=1263767&hl=pt-BR

Gmail, Google Agenda, orkut, Fotos, Google Reader, web

## orkut

Home scraps Comunidades

### A Esperança vencendo a Decepção - por Casaldáliga - 5 respostas.

Denunciar spam

primeira < anterior 1 de 1 próxima > última

Anônimo - 10/08/2005

A Esperança vencendo a Decepção - por Casaldáliga

Está difícil pensar o Brasil. Os últimos acontecimentos, desmoralizando o Congresso Nacional –que deveria ser para o povo a grande referência da "ordem e o progresso" e estraçalhando o PT –que parecia ser "a esperança vencendo o medo", tornam difícil pensar o Brasil. Que Brasil temos? Que Brasil queremos? Que Brasil podemos ter já? E que Brasil forjamos para um futuro próximo, um verdadeiro "Brasil de todos"?

Os grandes meios de comunicação e os grandes do dinheiro se refocilam com essa situação do PT e também do Lula, que pelo PT chegou à presidência. Esses grandes são hipócritas e cínicos. A corrupção vem de longe e antes era maior e era a corrupção deles. Só que não aparecia ou não era julgada. Também é necessário sublinhar, para que certos partidos não se considerem agora imaculados e salvadores, que ainda o PT continua a ser o maior partido do povo e para o povo, no Brasil, e que há muito PT, sobretudo nas bases, que não é corrupto.

Certamente, o PT (e com ele o Governo de Lula) tem que reconhecer suas culpas e aprender a lição. Certas alianças só levam a certas concessões e a certas claudicações. O fim justo não justifica os meios injustos. E o Partido e o Governo não são o fim. A reeleição não é o fim. Não se deve assegurar o poder para continuar no poder mas, em todo caso, para servir ao povo. Já sabemos, por longa experiência mundial, que o poder facilmente corrompe. Rubem Alves escreve muito sabiamente: "A política, como vocação, é a mais nobre das atividades do ser humano, como profissão, a mais vil". O PT–cúpula tem que entender também que o Brasil povo não precisava nem queria continuar sendo uma colônia do FMI ou do BM, nem um escravo do sistema financeiro, nem uma marionete das elites privilegiadas. Para isso, bastava continuar com os partidos da direita e suas corrupções de sempre. O Brasil–povo necessitava e queria se libertar do sistema neoliberal, das multinacionais espoliadoras, das privatizações entreguistas, do arrocho salarial, da oligarquia sugadora, da política podre, em fim. ...

Anônimo - 10/08/2005

...O Brasil-povo necessitava partir para outra política. Para uma política popular e social, a cujo serviço estaria a política econômica. Já chega de ter que reconhecer que o Brasil está bem quando o povo está mal. A política não é para o governo e o governo não é para o capital, são, devem ser, para o povo, para a vida. Primeiro a mesa de família, depois a exportação. Depois a dívida externa, depois a dívida externa. E no dia a dia, menos publicidade e mais reforma agrária.

Participar desta comunidade

Fazer login

Você não tem uma conta do Google?

Criar uma conta.

Dom Pedro Casaldáliga

4.453 membros

comunidade

fórum

42-

Folha de S.Paulo - Mundo x A esperança venceu o me x

osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2010/09/esperanca-venceu-o-medo-confianca-vence.html

**Blog da Helena**  
Aécio Neves, o aparelhamento da Light e a falta de energia -

- Os Amigos do Brasil

domingo, 19 de setembro de 2010

## A esperança venceu o medo. A confiança vence a baixaria.

Enquanto o Zé Baixaria teve uma semana de conspiração com os donos de jornais, revistas e TVs, Dilma ao lado de Lula percorreram diversos estados indo às ruas com a força do povo.

**Lula dá parabéns pelos 7 anos do blog**

Lula saúda internautas pelos 7 anos do

O presidente Lula gravou mensagem pelo sétimo aniversário do blog "Os Amigos do Presidente Lula", mandando abraços a todos nós ativistas que contribuimos na luta para democratizar a informação. [Link aqui](#)

**Carta do Lula aos leitores**

43-

BOL BATE-PAPO BUSCA E-MAIL ESPORTE FOTOS JOGOS ONLINE NOTÍCIAS VÍDEOS ENTRETENIMENTO MAIS

**BOL NOTÍCIAS**

E-mail: @bol.com.br Senha: Crie seu e-mail grátis

Selecione um assunto Buscar Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013

### ENTRETENIMENTO

## Dilma recicla bordão de 2002 e diz esperança vencerá o ódio

24/09/2010 - 22h44 | da Folha.com

Tweetar 0 Recomendar 0 +1 0 Enviar por e-mail Comente

**GRACILIANO ROCHA DE PORTO ALEGRE**

Ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, acusou adversários de "destilarem o ódio" contra sua candidatura.

"Em 2002, eles disseram que se o presidente Lula ganhasse a eleição seria o caos. Naquela época, foi a esperança do povo que venceu o medo que queriam instilar. Agora eles destilam ódio e ao ódio vamos responder novamente com esperança", discursou a candidata em Porto Alegre.

**Dilma afirma que há um clima "ódio" contra o PT como em 2002**  
Acompanhe a Folha Poder no Twitter  
Conheça nossa página no Facebook

**Estamos Contratando!**  
Ganhe R\$187 Por Hora  
Trabalhando De Casa. Precisa Ter Um Computador.  
now-negocio.com

**TV Sony 40" R\$ 949,91**  
Smart TV Sony Bravia 40" LED 3D - Full HD - 12X de R\$83,33  
www.neoneletr.com.br

### Álbuns de fotos

- Veja a trajetória da atriz Patricia Pillar
- Ao lado do príncipe William, Kate Middleton confere exposição de seu primeiro
- Captur
- Veja fotos do "BBB13" nesta sexta-feira (11)

### Loterias

Confira os resultados dos últimos sorteios

ENQUETE Bate-papo

44- GRACILIANO ROCHA DE PORTO ALEGRE Ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, acusou adversários de "destilarem o ódio" contra sua candidatura. **"Em 2002, eles disseram que se o presidente Lula ganhasse a eleição seria o caos. Naquela época, foi a esperança do povo que venceu o medo que queriam instilar. Agora eles destilam ódio e ao ódio vamos responder novamente com esperança"**, discursou a candidata em **Porto Alegre.**

Leia mais em: <http://noticias.bol.uol.com.br/folhaonline/sao-paulo/2010/09/24/dilma-recicla-bordao-de-2002-e-diz-esperanca-vencera-o-odio.ihhtm>

45-

The screenshot shows a web browser window displaying a news article. The browser's address bar shows the URL: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,o-amor-vai-vencer-o-medo-afirma-dilma,614946,0.htm>. The article title is "'O amor vai vencer o medo', afirma Dilma". The date is "25 de setembro de 2010 | 0h 01". The author is "Anne Warth/PORTO ALEGRE - Enviada especial". The main text reads: "A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, disse nesta sexta-feira, 24, que a divulgação de vídeos na internet - comparando petistas a cachorros da raça rottweiler - mancha a reputação de seus adversários. Sem citar o nome de José Serra (PSDB), ela condenou as ações e, numa ao slogan "a esperança venceu o medo", da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma disse que, desta vez, "o amor vai vencer o medo".

A small pop-up window titled "Melhores correspondências para a esperança venceu o medo" is overlaid on the article text, containing the text: "campanha, nem usar esse tipo de artifício. Acho que dessa vez, além da esperança vencer o medo, também vai vencer o amor pelo Brasil... Ir para o texto" and a link "Mais correspondências".

## 46- Esperança e amor vencem ódio, repete Dilma

A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, reforçou hoje (25) no Rio a mensagem da "esperança contra o ódio" que lançou ontem (24) durante comício em Porto Alegre. **"Em 2002, nós usamos a seguinte expressão: a esperança venceu o medo. Agora, nós usamos uma outra: a esperança e amor pelo povo brasileiro"**, disse Dilma, ao visitar o elevador construído com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no complexo do Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, na zona sul do Rio. Ela estava acompanhada do governador Sérgio Cabral (PMDB), candidato à reeleição. "Acho que ódio é que nem droga. Quem entra no ódio entra fácil. Agora sair dele é que é difícil. Eu não entro", afirmou a candidata, dizendo-se comprometida com uma campanha "propositiva". O bordão **"a esperança venceu o medo"** foi adotado por marqueteiros de Lula, em 2002, em resposta a um depoimento da atriz Regina Duarte, levado ao ar pela campanha do então candidato José Serra (PSDB).

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/804771-esperanca-e-amor-vencem-odio-repete-dilma.shtml>

47

The screenshot shows a web browser window with the following content:

- Header:** "SEJAM REALISTAS, EXIJAM O IMPOSSIVEL" in a red banner.
- Navigation:** "Arquivo", "Editar", "Exibir", "Favoritos", "Ferramentas", "Ajuda".
- Search:** "Google" search bar with "Pressione Alt+G para pesquisar".
- Page Content:**
  - Date: "segunda-feira, 25 de outubro de 2010"
  - Article Title: "A esperança venceu o medo e a verdade vai vencer a mentira"
  - Video Player: A video player showing a man's face with a play button.
  - Profile Section: "Quem sou eu" for "Esquerdopata" with a bio: "Forma de vida baseada no carbono. Visualizar meu perfil completo".
  - Advertisement: "Está solteiro(a)? Olá, meu nome é Markus, sou o criador do www.pof.com.br; meu site é inteiramente grátis e somos responsáveis por mais de 800.000 relacionamentos por ano! A maioria dos usuários são profissionais solteiros que estão seriamente à procura um par para compartilhar os bons momentos. Se você está à procura de alguém junto-se a nós; conheça milhões de pessoas e o melhor, não pague nada por isso! Você não vai ficar fazendo hora nas gôndolas do supermercado só para ver se encontra alguém, não é? Então, cadastre-se grátis".
- Footer:** "Concluído" and system tray showing "Internet | Modo Protegido: Ativado" and the date "03/10/2011".

48-

25/09/2010 - 17h54

## Esperança e amor vencem ódio, repete Dilma

FELIPE CARUSO  
DO RIO

Recomendar 9 +1 0

A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, reforçou hoje (25) no Rio a mensagem da "esperança contra o ódio" que lançou ontem (24) durante comício em Porto Alegre.

"Em 2002, nós usamos a seguinte expressão: a esperança venceu o medo. Agora, nós usamos uma outra: a esperança e amor pelo povo brasileiro", disse Dilma, ao visitar o elevador construído com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no complexo do Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, na zona sul do Rio.

Ela estava acompanhada do governador Sérgio Cabral (PMDB), candidato à reeleição.

"Acho que ódio é que nem droga. Quem entra no ódio entra fácil. Agora sair dele é que é difícil. Eu não entro", afirmou a candidata, dizendo-se comprometida com uma campanha "propositiva".

O bordão "a esperança venceu o medo" foi adotado por marqueteiros de Lula, em 2002, em resposta a um depoimento da atriz Regina Duarte, levado ao ar pela campanha do então candidato José Serra (PSDB).

Ontem, a campanha de Dilma entrou com uma representação no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para retirar do YouTube vídeo tucano que compara os [petistas a cães da raça rottweiler](#).

**PESQUISAS**

Aguardando bn.uol.com.br... m na liderança, mas com diferença

envie sua notícia

Folha de S.Paulo no

FOLHA Folha de S.Paulo no Facebook

1,275,760 pessoas curtam Folha de S.Paulo.

Yasmine Diego Giseli Juvenal Aquiles

Plug-in social do Facebook

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

PT 10:19 11/01/2013

49- [http://www.dn.pt/inicio/globo/Interior.aspx?content\\_id=1672047&seccao=CPLP](http://www.dn.pt/inicio/globo/Interior.aspx?content_id=1672047&seccao=CPLP)

Dilma diz que "esperança" vai vencer "ódio" - Globo - DN - Windows Internet Explorer

[http://www.dn.pt/inicio/globo/Interior.aspx?content\\_id=1672047&seccao=CPLP](http://www.dn.pt/inicio/globo/Interior.aspx?content_id=1672047&seccao=CPLP)

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pesquisar Alt+G para pesquisar

Dilma diz que "esperan... Bem-vindo ao Facebook - ...

controlinveste | Diário de Notícias | Dinheiro Vivo | Jornal de Notícias | O Jogo | TSF | Sport TV | Açoriano Oriental | DN Madeira | Jornal do Fundão | Ocasão | Tuti

Última hora: Advogado de etarra considera que foram feitas...

**DN GLOBO**

pesquisar... OK 04/10/2011 | 21:09

Portugal **Globo** Economia Ciência Artes TV & Media Opinião Pessoas

DN Mobile | Iniciativas DN | Assine o DN | Classificados | Loja do Jornal

PROMESSA

### Dilma diz que "esperança" vai vencer "ódio"

? "O ódio é como uma droga: entrar é fácil, mas sair é difícil. Eu não entro." Estas palavras de tom acusatório foram proferidas por Dilma Rousseff durante uma visita à comunidade Cantagalo, no Rio de Janeiro. A candidata apoiada por Lula garantiu que não irá "baixar o nível do debate" apesar dos ataques dos seus opositores com base em escândalos que envolvem a sua sucessora na Casa Civil, Erenice Guerra. "Em 2002, nós usámos a seguinte expressão: a esperança venceu o medo. Agora usamos outra: a esperança e amor pelo povo brasileiro." Dilma reúne 49% das intenções de voto contra 28% do social-democrata José Serra.

**FERRAMENTAS**

**RELACIONADO**

O "cangaceiro" Lula da Silva

"Deus é brasileiro e chama-se Luiz Inácio Lula da Silva"

Dilma já dá nome a bebés nascidos nas favelas do Rio

**PATROCÍNIO** **FERRAMENTAS**

SPORT-TV

Enviar por Email Partilhar

Aguardando https://plusone.google.com/u/0/\_/+1/fastbutton?url=http%3A%2F%2Fwww.dn.pt%2Finicio%2F...

Internet | Modo Protegido: Ativado

17:09 04/10/2011

**"O ódio é como uma droga: entrar é fácil, mas sair é difícil. Eu não entro."** Estas palavras de tom acusatório foram proferidas por Dilma Rousseff durante uma visita à comunidade Cantagalo, no Rio de Janeiro. A candidata apoiada por Lula garantiu que não irá "baixar o nível do debate" apesar dos ataques dos seus opositores com base em escândalos que envolvem a sua sucessora na Casa Civil, Erenice Guerra. **"Em 2002, nós usámos a seguinte expressão: a esperança venceu o medo. Agora usamos**

**outra: a esperança e amor pelo povo brasileiro."** Dilma reúne 49% das intenções de voto contra 28% do social-democrata José Serra

50-

The screenshot shows a web browser window displaying a Blogger post. The address bar shows the URL: `fuzzil.blogspot.com.br/2010/10/esperanca-vai-vencer-o-odio-com-eleicao.html`. The page content includes:

- A header with the text: "Autor dos livros: Um presente para o gueto 2007 e Caturra 2010".
- A date: "TERÇA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 2010".
- A main title: "A esperança vai vencer o ódio com a eleição de Dilma".
- A video player showing a portrait of José Serra with a red play button in the center. The video progress bar is at 0:00.
- A sidebar on the right with the heading "SEJAM BEM VINDOS" and a "Participar deste site" button.
- A "Membros (136)" section displaying a grid of member avatars.
- A "DEEANTO" section with the text "Faça seu pedido com RAOUEL" and a logo for "Deeanto" with the email `deeanto@bol.com.br`.
- A small image at the bottom right with the text: "O FUZZIL AQUI NÃO MATA, DECLAMA POESIA".
- A comment section at the bottom that says "NENHUM COMENTÁRIO:".

The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the date "14/01/2013" and time "11:15".

GUIA

Emagreci 10kg com o...  
de dietaeidade10  
127052 exibições  
1:04 Anúncio

ULTIMO PROGRAMA  
Cássio Senador 456  
por cconhalima  
17475 views  
2:45

27-09 CASSIO - RUMO A  
VITORIA - TARDE.mov  
por cconhalima  
3128 views  
2:25

LULA 2002 - O DIA QUE  
A ESPERANÇA VENCEU  
por eduardoamoide  
23389 views  
1:53

Raio interrompe  
entrevista com  
por Encontro da Nova Consciênci  
10969 views  
0:21

Debate TV CLUBE -  
Ricardo Coutinho  
por casadaluta  
19776 views  
4:33

Cássio Senador 456: 3º  
programa do Guia  
por cconhalima  
16541 views  
2:40

Jornal Naciona mostra

Enviar comentários

Guia: Programa 20 - A esperança vence o medo - 29/09/2010 (noite)

RCoutinho2010 · 156 vídeos · 6008

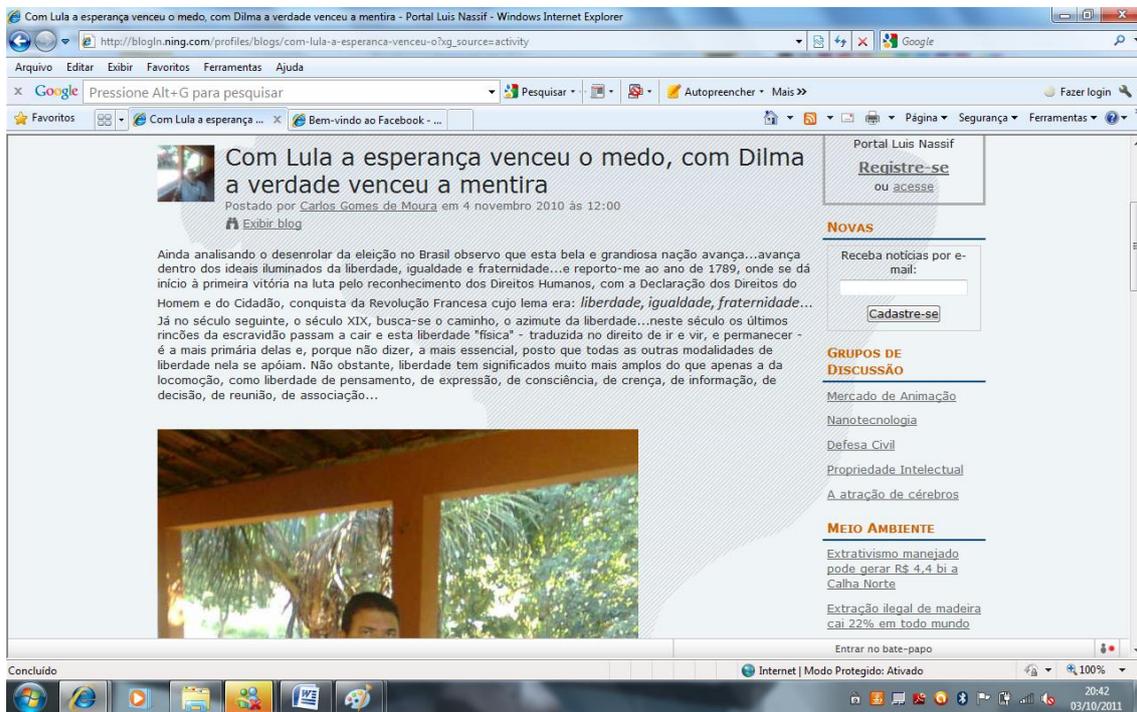
Inscrever-se · 226

Gostei · Sobre · Compartilhar · Adicionar a · Mais

Enviado em 29/09/2010  
Último programa Ricardo Coutinho Governador.  
Ricardo agradece o carinho e a confiança de todos que conham

Windows taskbar: 10:32, 11/01/2013

52-



53- <http://www.bancariosrn.com.br/pdf/jornal/jornaldagreve6.pdf>

**Raimundo Gilmar** é bancário do Banco do Brasil

Quando FHC foi Presidente da República, ele jogou duro com os trabalhadores e colocou os tanques de guerra nas portas das fábricas para reprimir os grevistas. Além disso, interveio no Judiciário para que arbitrasse multa diária a fim de quebrar os sindicatos. Com os bancários não foi diferente. Reprimia as greves por meio dos nefastos de Planos de Demissão Voluntária e as constantes ameaças de demissão imotivada. Privatizou muitas estatais, demitiu funcionários, terceirizou serviços. Enfim, aplicou a política neoliberal, a despeito de protestos dos movimentos populares e partidos de esquerda, como o PT e o PCdoB. Foi a chamada era das maldades do PSDB. O povo sofreu tanto que se ofuscou com a estrela do PT. Achou que ela seria a salvação contra esses males. Ledo engano! **LULA ganhou as eleições, mas antes de assumir fez acordo com a burguesia para governar (para ela). “A esperança venceu o medo”, e os trabalhadores acreditaram que teriam uma vida melhor.** Os bancários, na sua maioria, foram cabos eleitorais de Lula e se decepcionaram muito cedo, com exceção de alguns inocentes úteis e vários sindicalistas que

foram alçados a cargos de executivos, como diretor do Banco Popular, da Previ, da FUNCEF, de relações com funcionários e até como negociadores do BB, da Caixa e do BNB. Lula, assim como Getúlio Vargas, cooptou essas “lideranças”, para que elas amortecessem a luta entre o governo e os trabalhadores.

54-

A screenshot of a Windows Internet Explorer browser window displaying a news article. The address bar shows the URL: <http://www.jornaltabunews.com.br/v1/2010/10/07/a-esperanca-venceu-o-medo-a-verdade-vencera-a-mentira/>. The browser's search bar contains the text "Pressione Alt+G para pesquisar". The article title is "A esperança venceu o medo. A verdade vencerá a mentira?". The article text includes:

Em 2002, quando estava ficando claro que Lula venceria a eleição para a presidência da república, após três tentativas frustradas, tentou se criar um clima de pânico, especialmente entre o eleitorado menos esclarecido.

Aquele tipo de eleitor que nas eleições de 1989 sucumbiu às baixarias que incluíam uma denúncia de sugestão de aborto feita por Lula a uma ex-namorada e uma edição criminosa de um debate na Rede Globo, perpetrada pelo Jornal Nacional.

Em 2002, sem ex-namorada vingativa e sem debate editado, surgiu a palavra "medo". O medo de que Lula quebrasse o país, fechasse as igrejas, expropriasse fazendas e casas e até mudasse a cor da bandeira nacional. Até uma atriz famosa, hoje semi-anônima, apareceu no programa de José Serra, o adversário de Lula, com a célebre frase "tenho medo".

Contra o medo, Lula ofereceu a esperança.

Esperança de um país mais justo, com distribuição de renda, redução da pobreza, combate à fome, geração de empregos, construção de moradias, resgate da auto-estima dos brasileiros.

Lula transformou a esperança em realidade, colocando o país num duradouro ciclo de desenvolvimento e tornando-se o mais popular e querido de todos os presidentes brasileiros.

Em 2010, sucumbindo à tentação de um terceiro mandato consecutivo (era fácil mudar a Constituição do alto de seus 80% de aprovação popular), Lula lançou Dilma Rousseff candidata à presidência.

The browser interface also shows a sidebar with a "Leitura Bíblica" section (3/out) and an "ENQUETE" (poll) titled "Você é contra ou a favor do aumento para 21 do número de vereadores em Itabuna, a partir de 2013?". The poll options are "A favor" and "Contra", with a "VOTAR" button. The system tray at the bottom shows the date as 03/10/2011 and the time as 21:20.

55-



56-



57- <http://bahiadefato.blogspot.com.br/2010/10/teologo-leonardo-boff-se-com-lula.html>

## Bahia de Fato

Espaço dedicado ao jornalismo político independente e outros textos. Não aceitamos publicidade, propaganda, patrocínios, apoios e doações. Permitido usar nossos textos, se quiser cite a fonte.

**quem sou eu**



Nome: **Oldack Miranda**

[Visualizar meu perfil completo](#)

**Textos publicados**

filena Chaui: "Serra é versão empobrecida de ...  
...suma, o desagregador, agora ameaça dividir V...  
oto do Nordeste, para além do preconceito  
3A anuncia novo curso de graduação:  
nero e Di...  
nos eleger Dilma presidente?  
co Buarque reitera apoio a Dilma, "essa  
her ...  
rador Aloysio Nunes confessa ser amigo  
mo de...  
fessores defendem educação pública e  
denam p...  
a eleição fosse hoje, na Bahia Dilma teria 77% ...  
m Luiz C. Eccel decide votar em Dilma, a mulher ...

20 de outubro de 2010

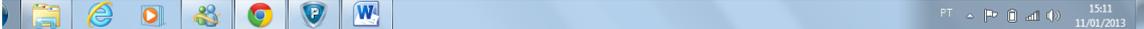
### Teólogo Leonardo Boff: "Se com Lula a esperança venceu o medo, com Dilma a verdade vai vencer a mentira".

# posted by Oldack Miranda @ 4:11 PM 

**Comments:** [Postar um comentário](#)

[<< Home](#)





58-

http://www.vereadoricardomarkes.com.br/html/include/exibir.php?negocio=1&noticia=43 - Windows Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos



**VEREADOR**  
**RICARDO**  
**MARQUES**  
DEDICAÇÃO E COMPROMISSO  
*Cidade de Trindade*



**IPROMISSO**  
[TRANSPARÊNCIA]  
Mandato Popular  
TRINDADE DE TODOS NÓS

MULHER -- 20h13

**A ESPERANÇA VENCEU O MEDO E AGORA O PRECONCEITO**

A primeira mulher presidente do Brasil

O programa de governo se baseia em 13 itens são: fortalecer a democracia política e econômica expansão do emprego e renda projeto que assegure sustentável transformação produtiva defender o meio ambiente erradicar a pobreza absoluta atenção especial aos trabalhadores garantir educação para a igualdade social transformar o Brasil em potência tecnologia garantir a qualidade do Sistema Único de Saúde (SUS) prover habitação e vida digna aos brasileiros valorizar a cultura nacional combater o crime organizado e defender a soberania nacional.

Na campanha eleitoral, Dilma contou com o engajamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujo governo registrou recordes de aprovação - na pesquisa Datafolha do último dia 27, a avaliação positiva do governo alcançou 83%.

Como Vereador da pequena cidade de Trindade-Go, quero parabenizar todas mulheres por essa conquista.

Aumentar/Diminuir fonte [-] [+]

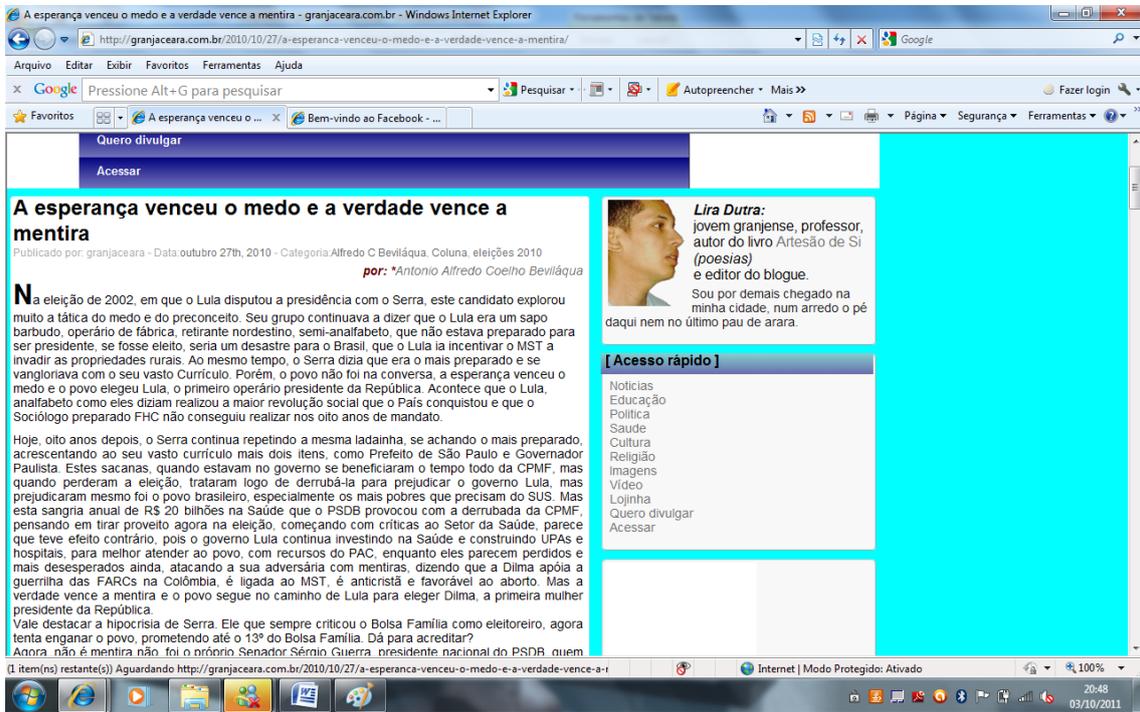
FONTE: ass de comunicação

« voltar |  |  | Ver Comentários

Internet | Modo Protegido: Ativado 100%

13:34 04/10/2011

59-



# 60- A ESPERANÇA VENCEU O MEDO



61-

professorcavalcante.com/2010/10/30/neste-domingo-a-esperanca-vencera-o-medo/

## Diário de um educador

HOME PORTA TRECOS QUEM SOU EU??? SALA DE VIDEO

### Neste domingo a esperança venceu o medo...

outubro 30, 2010 at 1:33 pm | 2 comentários

Dilma foi eleita a primeira mulher presidente do Brasil.

E Lula ganhou seu presente de aniversário...

Continuaremos a nossa luta sem medo de ser feliz!!!!!!!

Clipe Dilma Lá



Comentários

- Renato Fagundes em Bomba, bomba, Fidel Castro nas...
- Lady Pedrita em O fim do convênio pré-VEB...
- asiano oliveira juc... em O fim do convênio pré-VEB...
- marcos paulo lima ca... em O fim do convênio pré-VEB...

15:15 11/01/2013

62-

Página não encontrada - x Explode coração... na mai... x

osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2010/10/explode-coracao-na-maior-felicidade-e.html

## Amigos do Presidente Lula

Copyright © -2006

Blog da Helena

Empresário do 'mensalão' nos Correios e no caso Valec aparece nos R\$ 16 milhões de Alvaro Dias -

- Os Amigos do Brasil

domingo, 31 de outubro de 2010

### Explode coração... na maior felicidade! É Dilma lá!

A esperança venceu o medo.  
 A confiança também venceu o medo.  
 A verdade venceu a mentira.  
 A decência venceu a baixaria.  
 A honestidade venceu a trapaça.  
 A blogosfera venceu o PIG.

Quem ganhou foi o Brasil e o povo brasileiro, porque com Dilma o governo iniciado com Lula terá sequência, em boas mãos.  
 Agora é hora de festejar.

Curtir 7 Tweet 0

Lula dá parabéns pelos 7 anos do blog

Lula saúda internautas pelos 7 anos do blog



O presidente Lula gravou mensagem pelo sétimo aniversário do blog "Os Amigos do Presidente Lula" mandando abraços a todos nós ativistas que contribuimos na luta para democratizar a informação. [Link aqui](#)

Carta do Lula aos leitores

11:39 14/01/2013

63-

Rota Mogiana: A esperança venceu o ódio, assim como a verdade venceu a mentira. Viva Dilma! Sua - Windows Internet Explorer

http://www.rotamogiana.com/2010/10/esperanca-venceu-o-odio-assim-como.html

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar Pesquisar Autopreencher Mais >> Fazer login

Favoritos Rota Mogiana: A esper... Bem-vindo ao Facebook - ...

domingo, 31 de outubro de 2010

**A esperança venceu o ódio, assim como a verdade venceu a mentira. Viva Dilma! Sua vitória é nossa vitória também. Parabéns!**



Louvado seja Deus!

**A esperança venceu o medo.  
A confiança também venceu o medo.  
A verdade venceu a mentira.  
A honestidade venceu a baixaria.  
A blogosfera venceu o PIG (Partido da Imprensa Golpista).  
Quem ganhou foi o Brasil e o povo brasileiro,  
porque com Dilma o governo iniciado com Lula terá sequência, em boas mãos.  
Agora é hora de festejar.**

Internet | Modo Protegido: Ativado 100%

22:53 03/10/2011

64-

www.bananeiraspb.com/2010/10/esperanca-venceu-o-medo-e-o-odio-diz.html

Início Contatos Bananeiras, nosso Orgulho Editorial

domingo, 31 de outubro de 2010

**“A esperança venceu o medo e o ódio”, diz presidente do PSB**

“A esperança venceu o medo e o ódio”. O desabafo foi feito agora a pouco pelo presidente do Diretório Municipal do PSB em João Pessoa, Ronaldo Barbosa, ao comentar a vitória do ex-prefeito socialista Ricardo Coutinho ao Governo do Estado.

“Literalmente, foi a luta de Davi contra Goliás. O povo da Paraíba mostrou que não se vende, como pensaram os aliados do governador José Maranhão. Eles passaram os últimos dias dizendo que o dinheiro faria a diferença, mas o eleitor paraibano disse sim à mudança, disse sim a uma nova Paraíba”, enfatizou o presidente do PSB.

Ronaldo Barbosa destacou a importância das alianças firmadas pelo PSB para garantir a vitória de Ricardo. “O apoio dos senadores Cássio e Efraim e do deputado federal Luiz Couto foi de fundamental importância para a nossa vitória. É preciso também destacar o apoio dos outros partidos, como PV, PPS, PRP, PDT, PTC e PTN. Além é claro das lideranças das outras legendas, como PTB, PT e PC do B”, observou.

*Paraíba Já*

Recomende isto no Google Postado por bananeiraspb.blogspot.com às 23:22

Reações:  engraçado (0)  interessante (0)  legal (0)

**Nenhum comentário:**

Aguardando www.effectgenerator.com...

PT 15:20 11/01/2013

65-



66; 67



68-“A campanha demo-tucana-popular-socialista se resume hoje às tentativas de negar a realidade, **solapar a esperança e reviver o medo**” (ROUSSEFF, D. [www.dilmanarede.com.br](http://www.dilmanarede.com.br) (04/11/2010))

69- **O dia em que a esperança venceu o terror**



## 70- Barack Obama falando ao povo brasileiro

Posted by Rogerio under: [Política](#) .

Reproduzo alguns trechos do discurso do presidente americano em sua visita ao Brasil, selecionado por PHA do [Conversa Afiada](#), classificado pelo jornalista e blogueiro como o melhor discurso de Obama no Brasil: o do Teatro Municipal, no Rio:



*No Brasil, vocês lutaram durante duas décadas, durante a ditadura, pelo mesmo direito de ser ouvido, pelo direito de ser libertado do medo. E, ainda assim, durante anos, a democracia e o desenvolvimento demoraram a se instalar. E milhões sofreram.*

*Mas eu venho aqui hoje porque esses dias acabaram. O Brasil é uma democracia plena, um lugar onde as pessoas têm a liberdade de falar o que pensam e de escolher os seus líderes. Onde uma criança pobre de Pernambuco pode sair do chão de fábrica de cobre e chegar ao cargo mais alto do país.*

***O progresso do povo brasileiro inspirou o mundo. Mais da metade dessa nação é hoje em dia considerada de classe média, milhões foram retirados da pobreza. Pela primeira vez, a esperança está voltando para o lugar onde o medo costumava reinar. Eu vi isso hoje quando visitei a Cidade de Deus.***

71-

www.ailtonmedeiros.com.br/a-esperanca-venceu-o-medo/2011/03/21/

**Ailton Medeiros**  
Natal, 11 de janeiro de 1913 - 15h35

« Voltar | Início » Notas » A ESPERANÇA VENCEU O MEDO

Publicado em 21/03/2011

## A ESPERANÇA VENCEU O MEDO

O discurso do presidente Obama no Municipal teve endereço certo: o próprio povo brasileiro. Dele, retirei dois trechos que considero emblemáticos sobre o Brasil. Confira:

**No Brasil, vocês lutaram durante duas décadas, durante a ditadura, pelo mesmo direito de ser ouvido, pelo direito de ser libertado do medo. E, ainda assim, durante anos, a democracia e o desenvolvimento demoraram a se instalar. E milhões sofreram.**

Mas eu venho aqui hoje porque esses dias acabaram. O Brasil é uma democracia plena, um lugar onde as pessoas têm a liberdade de falar o que pensam e de escolher os seus líderes. Onde uma criança pobre de Pernambuco pode sair do chão de fábrica de cobre e chegar ao cargo mais alto do país.

\*\*\*\*\*

O progresso do povo brasileiro inspirou o mundo. Mais da metade dessa nação é hoje em dia considerada de classe média, milhões foram retirados da pobreza. **PELA PRIMEIRA VEZ, A**

Home  
Entrevistas  
Reportagens  
Artigos  
Poesia  
Cinema  
Literatura  
Promoções

NEWSLETTER  
Your email  
Your name  
ASSINAR

ÚLTIMAS ATUALIZAÇÕES  
O estadista que comprava

72-

Unimed - Campina Grande

http://www.cg.unimed.com.br/noticia.php?id=187

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos

NOSSOS PLANOS  
Conheça as vantagens de ter um dos nossos planos CONTROL DE VERMES (83)2101-6552

GUIA MÉDICO  
Veja aqui os médicos e hospitais que a Unimed Campina Grande coloca à sua disposição.

SIMULADOR DE PLANOS  
O melhor plano para a sua saúde

REVISTA CONVIVER  
CONVIVER BEM É DAR AO OUTRO O DIREITO DE SER FELIZ

Siga-nos no twitter

IRPF2011

EVENTOS  
< Outubro, 2011 >  
D S T Q Q S S  
1  
2 3 4 5 6 7 8  
9 10 11 12 13 14 15  
16 17 18 19 20 21 22  
23 24 25 26 27 28 29  
30 31

NOTÍCIA

### José Alencar: A Esperança venceu o Medo

01/04/2011

O perfil de um guerreiro, homem obstinado com fala mansa, bom humor e um profundo amor a vida. O ex-vice presidente da República José Alencar que faleceu nesta terça-feira (29 de março) às 14h41 deixou um importante exemplo de ética e de como a esperança ainda é o fator a motivar qualquer paciente na luta para vencer uma patologia.

Uma das suas conhecidas frases em treze anos de luta contra o câncer era "Se Deus quiser que eu morra, ele não precisa de câncer para isso. Se ele não quiser que eu vá agora, não há câncer que me leve", afirmava.

Segundo Cirurgião Oncológico Ademar Lopes que fez parte da equipe que assistiu o ex-presidente, José Alencar foi um exemplo de garra e otimismo "A força deste paciente

1 item(ns) restante(s) Aguardando http://www.cg.unimed.com.br/noticia.php?id=187...

Internet | Modo Protegido: Ativado

21:46 03/10/2011

73-

## 100 dias de Dilma: a direita aprova

Publicado por Adriano Medeiros, em 10/05/2011 às 12:11

Escrito

por

Sérgio

Domingues

O governo Dilma completou 100 dias em 10 de abril passado. A grande imprensa fez seu balanço. E, como se sabe, os editoriais da jornalões brasileiros são porta-vozes de vários setores da direita nacional. Para "O Globo", o saldo é positivo. A "Folha" diz que é "auspicioso". O "Estadão" limitou-se a cobrar um "estilo". Ou seja, **a esperança venceu o medo...dos empresários.**

Parece ter ficado para trás o clima de terror fanático que reinou durante as eleições presidenciais do ano passado. As demonstrações de boa vontade em relação à presidenta não foram poucas. Em programas de TV populares, em entrevistas cordiais, visitas de celebridades. E, claro, no reconhecimento de que o governo Dilma mantém o essencial da política de seu antecessor, com uma vantagem. Dilma é Lula sem o jogo de cena. Não precisa dizer que faz o que pode. Ela faz o que deve ser feito, segundo as receitas neoliberais.

<http://www.adrianomedeiros.jor.br/noticias-det?noticia=208>

74-

"A esperança venceu o medo". Um balanço da 49ª Assembleia Geral da CNBB

17.05.2011

"O que estava se desenhando como uma possível guinada do 'pêndulo para a direita' – em função dos fatos ocorridos durante a Assembleia anterior, diante das orientações do papa Bento XVI nas visitas *Ad limina* e das nomeações que aconteceram, ainda no início deste ano, para Salvador e para Dicastérios romanos –, o que podemos perceber é que os bispos, em sua grande maioria, optaram pelo 'caminho do meio'. O comentário é do Prof. Sérgio Ricardo Coutinho sobre a 49ª Assembleia Geral da CNBB.

**Eis o artigo.**

Terminou no dia 13 último, a 49ª Assembleia Geral da CNBB, realizada este ano em Aparecida (SP), depois de mais

**Últimas Notícias**

Aborto. Em busca de uma solução conciliatória. Entrevista especial com Charles Curran

A CNBB depois da última assembleia geral. Uma análise. Entrevista especial com Sérgio Coutinho

MCCE prevê novo ataque ao padre cubano Renato Barth

Perseguição a padre cubano preocupa o MCCE

Padre é notícia no "Fantástico". Nota denuncia "farsa da Globo"

"A esperança venceu o medo": Um balanço da 49ª Assembleia Geral da CNBB

75-

Mobilidade Urbana em Salvador: A Esperança venceu o Medo: Salvador terá trilhos na Paralela - Windows Internet Explorer

http://mobsalvador.blogspot.com/2011/06/esperanca-venceu-o-medo-salvador-tera.html

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos Mobilidade Urbana em ... Bem-vindo ao Facebook - ...

QUARTA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 2011

## A Esperança venceu o Medo: Salvador terá trilhos na Paralela



**O PROJETO DO GOVERNO**

Porta/Lauro de Freitas  
29 de Março  
Ponte de Aguiar / Cal Costa  
Rótula do Abacaxi  
Orlando Gomes

Transporte sobre trilhos (Linha Paralela)  
BRT (Vias Alimentadoras)

O sistema de transporte público metropolitano entre os municípios de Lauro de Freitas e Salvador será misto, formado por um corredor central estruturante de veículos sobre trilhos, passando pela Avenida Paralela até a Rótula do Abacaxi (Acesso Norte), e ônibus, modelo convencional ou Bus Rapid Transit (BRT), nas vias alimentadoras, como as avenidas Dorival Caymmi, Orlando Gomes e Pinto de Aguiar.

A divulgação do modelo multimodal, a partir do Procedimento de Manifestação de Interesse (PMI) da Mobilidade Urbana, foi nesta terça-feira (21), durante coletiva de imprensa na Secretaria Estadual do Planejamento, em Salvador. A próxima etapa do projeto é a elaboração do Termo de Referência que dará

**VEJA TAMBÉM:**

- BRT de Salvador
- Jornalismo e Informação
- Movimento Baiano Contra a Corrupção
- Pregopontocom@Tudo
- Salvador Sobre Trilhos
- Transporte Urbano em Salvador
- Trânsito com Paixão

**TOTAL DE VISUALIZAÇÕES DE PÁGINA**

1 2 3 0 2

**ARQUIVO DO BLOG**

- Setembro (9)
- Agosto (19)
- Julho (4)
- Junho (17)
- Maió (2)
- Abril (8)
- Março (3)
- Fevereiro (3)
- Janeiro (1)
- Dezembro (3)

Concluído

Internet | Modo Protegido: Ativado

21:34 03/10/2011

76-

O medo do mercado está vencendo a esperança — Portal ClippingMP - Windows Internet Explorer

https://conteudoclippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2011/7/11/o-medo-do-mercado-esta-vencendo-a-esperanca

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos O medo do mercado es... Bem-vindo ao Facebook - ...

Este site da web deseja executar o seguinte complemento: 'MSXML 5.0' de 'Microsoft Corporation'. Se você confia no site da web e no complemento e deseja permitir que ele seja executado, clique aqui...

**Clipping**  
Seleção de notícias  
ASCOM-GM

www.planejamento.gov.br  
www.servidor.gov.br

Brasília, 03 de Outubro de 2011

acessar

você está aqui: página inicial → notícias → 2011 → 7 → 11 → o medo do mercado está vencendo a esperança

**Busca de Notícias**

Clipping de Hoje [ ] [ok]

Busca Avançada...

## O medo do mercado está vencendo a esperança

Autor(es): Daniele Camba  
Valor Econômico - 11/07/2011

Na campanha para presidente da República, em 2002, com o candidato Lula despontando nas pesquisas, os marqueteiros do Partido dos Trabalhadores (PT) criaram o slogan "a esperança venceu o medo", em alusão às declarações da atriz Regina Duarte de que tinha medo das mudanças que uma possível vitória de Lula significaria ao Brasil. Neste início do governo de Dilma Rousseff, o mercado financeiro ressuscita a expressão para falar sobre a resistência da inflação, só que de forma inversa, para tristezas dos investidores da bolsa.

Isso porque, com esse cenário, os juros devem subir mais do que se imaginava e a bolsa derrapar diante de ganhos tão atraentes como os da renda fixa. "O medo está vencendo a esperança", diz o sócio da Cultinvest Asset Management, Walter Mendes, se referindo à expectativa que boa parte do mercado tinha de que o arrefecimento da inflação entre os meses de junho e agosto não seria algo apenas sazonal.

Mas essa esperança foi por água abaixo com o anúncio, na quinta-feira, do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de junho, com alta de 0,15%. Agora, um gestor de peso como Mendes reforça essa decepção.

Para ele, a demora do Banco Central para agir no combate à inflação é o grande culpado pela resistência dos índices de preços. "Estamos pagando o preço de o Banco Central não ter feito uma política preventiva de combate à inflação e agora estar só reagindo aos fatos consumados", diz.

"É muito mais fácil apagar o fogo no começo das chamas do que quando já se transformou num incêndio, com grandes labaredas", ilustra Mendes, fazendo analogia à estratégia do BC de elevar tardiamente a Selic e de implementar medidas macroprudenciais, como o aumento do depósito compulsório dos bancos.

Outubro 2011						
Do	Se	Qu	Qu	Se	Sa	Su
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

**Jornais**

- O Globo
- Valor Econômico
- Estado de S. Paulo
- Journal de Brasília
- Correio Braziliense
- :::Listar Jornais:::

**Revistas**

- Isto é
- Veja
- Isto é Dinheiro
- Época

Internet | Modo Protegido: Ativado

21:56 03/10/2011

77-

**Correio do Litoral.com**

Capa Colunas Regional Antonina Guaratuba Guaqueçaba Matinhos Morretes Paranaguá Portal do Paraná

TERRITÓRIO · TURISMO · CIDADANIA · CONHECIMENTO · ECONOMIA · ESPORTE · SERVIÇO · OCORRÊNCIAS · ADMINISTRAÇÃO · COMUNICAÇÃO · ARTIGO · EXPEDIENTE

**Greve na UFPR: quando a esperança não se rende ao medo**

Categoria: Artigo Criado em Domingo, 21 Agosto 2011 08:40 Escrito por Mauricio de Souza

Gostaria de iniciar este artigo lembrando as palavras de Nietzsche, numa tradução livre de um grande referencial da cultura brasileira contemporânea, que é Jorge Mautner:

*"Somente aquele que tiver o caos dentro de si, poderá dar vazão à grande estrela bailarina"*

Esta breve explanação do filósofo citado nos lembra que das grandes transformações e rupturas – tanto no âmbito individual, quanto no coletivo – é que surgem as grandes mudanças, quase sempre dotadas da esperança de construção de dias melhores para aqueles que ousam rebelar-se contra a estagnação e o comodismo que nos afogam num cotidiano de produção econômica e reprodução cultural, alienante, maçante, mortificante.

Neste contexto, perturba-me ter que discutir um assunto da maneira com a qual o farei aqui. Não aceito passivamente o fato de ter que defender uma greve. Aliás, não aceito o fato de ter que defender retoricamente qualquer greve. Queria eu estar usando meus argumentos para definir ações para esta greve: atividades, marchas, ocupações e outras tantas formas de luta. Mas a realidade não me possibilita tal ato, e sigo escrevendo um discurso ciente de que o convencimento é imperativo, e de que "a vida é dura" para os que decidem rebelar-se contra as injustiças, já que por vezes precisamos fazer algo que não acreditávamos que precisaríamos fazer. Queria eu ter que defender a greve apenas de meus inimigos de classe, e não dos argumentos pautados pelo senso comum apresentados por alguns daqueles que deveriam ser meus aliados.

MECÂNICO E ELETRICISTA INDUSTRIAL (Paranaguá) – Contrata-se profissional com 3 anos de

78-

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Google Pressione Alt+G para pesquisar

Favoritos César: a esperança ven... Bem-vindo ao Facebook - ...

UOL ASSINE 0800 703 2000

19h23 - Esportes / Futebol - André Lima volta a treinar e deve encerrar o Santos

Leilão Imóveis Caixa Receba Gratuitamente Todo Os Leilões De Imóvel da Caixa! [www.AcesseOsLeiloesDaCaixa.com](http://www.AcesseOsLeiloesDaCaixa.com)

Extera Ortopedia e Trauma Medartis Aptus - Trilock ; Salucartilage , Euroscrew [www.extera.com.br](http://www.extera.com.br)

Vagas Na Coca-Cola Empresa Coca-Cola Contrata Aqui! Veja o Número de Vagas na Coca-Cola [www.Catho.com.br/Vagas\\_Na\\_Coca](http://www.Catho.com.br/Vagas_Na_Coca)

Anúncios Google

**Blog do Torcedor**

PRINCIPAL NOTÍCIAS VÍDEOS ÁUDIO TORCEDOR NO MUNDO COPA 2014 VOZ DO TORCEDOR GALERIAS COPA AMÉRICA NA DIAGONAL

**sport**

**César: a esperança venceu o medo**

POSTADO POR MARCELO ÀS 09:33 EM 29 DE SETEMBRO DE 2011

Por Marcos Leandro e Alexandre Arditti  
Do *Jornal do Commercio*

O zagueiro César Lucena garante que a tristeza e o medo deram lugar à esperança. Seis dias depois de sair de campo chorando, traumatizado pela ruptura completa do ligamento cruzado anterior de seu joelho direito, o defensor do Sport considera que as orações e o apoio que recebeu da esposa e dos dois filhos foram fundamentais para dar-lhe confiança antes da cirurgia. O atleta de 31 anos será operado, na próxima terça-feira, pelo ortopedista Romeu Krause - que também o operou no dia 4 de novembro do

Marcelo Cavalcante  
é editor do Blog do Torcedor com Breno Pires, Thiago Wagner e Vladimir Paulino

Vitrine NE10

Erro na página.

Internet | Modo Protegido: Ativado

79-

**Audiência Pública: Esperança venceu o medo**

Funcionários municipais lotaram o plenário do Poder Legislativo no final da tarde de ontem (26), para debater projetos que prejudicam a categoria. Mesmo sendo coagidos, e desmotivados através de e-mail enviado pelo SIME - Sindicato dos Municipários de Erechim, funcionários demonstraram coragem e exigiram do Governo de Oportunidades respeito, isonomia salarial e plano de carreira. A esperança venceu o medo durante a audiência pública realizada na Câmara de Vereadores de Erechim. Num verdadeiro ato democrático a Câmara de Vereadores de Erechim proporcionou aos servidores municipais a oportunidade de questionar e apresentar sugestões ao Projeto de Lei nº 208, que dispõe sobre o quadro de cargos de provimento efetivo e estabelece o plano de carreira dos servidores, e ao Projeto de Lei nº 209/2011, que institui o prêmio de produtividade e eficiência - PPE, aos servidores efetivos da

**Calendário**

Jan 2013						
S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

**Chat**

Login:

Mensagem:

Proxima atualizacao: 95

## 80- Marqueteiro retoma slogan de Lula em campanha no Pará

**Duda evoca agora discurso de 'esperança e medo' para defender a divisão do Estado AGUIRRETALENTO DE BELÉM**

As campanhas a favor da divisão do Pará, sob responsabilidade do marqueteiro Duda Mendonça, vão repetir a estratégia usada pelo publicitário em 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente pela primeira vez. O discurso separatista fala em "esperança vencer o medo" e em "mudança", assim como na campanha que levou Lula à Presidência. Os 4,6 milhões de eleitores do Pará votam em 11 de dezembro para dizer se querem que o Estado dê origem a outros dois: Carajás (sul do Pará) e Tapajós (oeste). Em entrevista a uma TV local no mês passado, o deputado estadual João Salame Neto (PPS), líder da campanha a favor de Carajás, colocou o plano do marqueteiro em prática. **"No Brasil, durante quatro eleições seguidas, um trabalhador tentou virar presidente da República e o medo era muito grande. Quando a esperança venceu o medo, nós melhoramos muito a vida de nosso país. Aqui, também temos que mudar"**, discursou.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/8326-marqueteiro-retoma-slogan-de-lula-em-campanha-no-para.shtm>

81-

quarta-feira, 23 de novembro de 2011

## A esperança venceu o medo



Professor Francisco Galvão reconhece a coragem dos professores em Canguaretama e agradece ao apoio na assembléia que correu na quota feira.

"Mais uma vez a esperança foi maior que o medo e espantou para longe as trevas da incerteza. Muito obrigado, meus amigos! Lembrarei por muito tempo esse dia como um dia de libertação! Foi com essa atitude de coragem que reafirmamos o compromisso jurado em nossas formaturas. Somos sim o elemento de mudança na sociedade e formadores das novas gerações. Continuem sonhando com um mundo de paz e prosperidade e acreditem na capacidade de mudar, mesmo nos momentos mais difíceis!"

Postado por Francisco Galvão às 19:52

Nenhum comentário:

**RECOMENDAMOS:**

- A Família Galvão
- A História de Canguaretama
- A História do RN
- Canguaretama em chamás
- Canguaretama em Foco
- Canguaretama para todos
- Canguaretama RN
- Canguaretama: Nossa Terra
- Clednews
- Crônicas Canguaretamenses
- Diário de Natal
- Escolinha do América
- Fala Canguaretama

**"Mais uma vez a esperança foi maior que o medo e espantou para longe as trevas da incerteza. Muito obrigado, meus amigos! Lembrarei por muito tempo esse dia como um dia de libertação!** Foi com essa atitude de coragem que reafirmamos o compromisso jurado em nossas formaturas. Somos sim o elemento de mudança na sociedade e formadores das novas gerações. Continuem sonhando com um mundo de paz e prosperidade e acreditem na capacidade de mudar, mesmo nos momentos mais difíceis!"

Postado por Francisco Galvão às 19:52

82-

transarevista.blogspot.com.br/2011/02/esperanca-venceu-o-medo.html

### A Esperança venceu o Medo

[por Paulo Moraes]



18 dias de mobilizações intensas, enfrentamento contra a ordem vigente, mais de 300 mortos, no entanto o Egito se libertou. Dias antes a Tunísia tinha nos mostrado que é ainda possível mudar a coisas e para desmentir a regra, o Povo Egípcio derrubou seu Ditador, que sempre foi apoiado pela maior Democracia do Mundo. Estas duas ultimas semana foram incríveis, mais uma vez vimos a História passar pelos nossos olhos e se fazer no presente e assistir pela Tv um povo se libertar.

É claro que o que vemos está um pouco distante da realidade, pois que nos mostra, apresenta tais fatos com seus olhos e julgamentos. Nesse sentido precisamos buscar outras referências para entender o que ocorre no Oriente Médio, pois se ficamos na dependência da Globo, Veja e Folha, acreditaremos que de um lado está a democracia e do outro a questão Islâmica. E não é bem essa dicotomia que está em jogo, e sim como este novo Egito se comportará em relação ao todo poderoso

**Baixe e Ouça!**

Transa, revista. **transarevista**

MiltonNaves Perai Marcelinho, SÓ 6,7 mi pelo OTÍMO Gabriel? O Senhor do Bonfim vai te bater na bunda com vara de marmelo. Ele vale o dobro do Montão! 3 days ago · reply · reweet · favorite

Helosa Helena Lugar de Estuprador é na Cadeial Já são demais os violentos da localidade sob o manto da Impunidade... pic.twitter.com/mjPpQIMK 4 days ago · reply · reweet · favorite

shelmeida O engraçado é que geralmente acham que é bombástico um homem ser bissexual, Quando é uma mulher, acham "sexy". 4 days ago · reply · reweet · favorite

transarevista Recomendol Memórias do Chumbo', a relação nunca antes vista entre futebol e ditadura, hoje, às 20h, na ESPN Brasil ow.ly/gbCLU 26 days ago · reply · reweet · favorite

Join the conversation

**Curta aí!**

Transa Revista no Facebook

189 pessoas curtiram Transa Revista.

Marcela Amanda Angélica Paula

924

**Leia a Transa**

clique nas capas



**Charlação**

83-

Jornal do Comércio - Para x

jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=79384

PORTO ALEGRE AMANHÃ  
AGORA 26°C AMANHÃ 30°C / 18°C

O Jornal de economia e negócios do RS desde 1933

# Jornal do Comércio

Porto Alegre, sexta-feira, 11 de janeiro de 2013 atualizado às 17h40

COTAÇÃO DO DÓLAR

	Compra	Venda	Variação
Comercial (R\$)	2,0340	2,0360	+0,29%
Turismo/SP (R\$)	1,9400	2,1800	+0,46%
Paralelo/SP (R\$)	1,9400	2,1800	+0,46%

mais indicadores

Edição impressa: para folhear | modo texto

Página Inicial | Opinião | Economia | Internacional | Política | Geral | Esportes | Cadernos | Colunas | Indicadores

ÚLTIMAS 17:40 - ANP aponta queda no preço do etanol em nove Estados

Busca:

Leia o JC

Edição Impressa (para folhear)

Edição Impressa (modo texto)

Últimas Notícias

Receba a newsletter

Feed de notícias (RSS)

Twitter

Circulação

Assine o JC

Comercial

Anuncie no JC

Anuncie no Site

Envio de Anúncios

O JC

Institucional

Campanha de Aniversário

Eventos

Marcas de Quem Decide

Destacados do Ano

Prêmios

Expediente

**EDITORIAL** Notícia da edição impressa de 23/11/2011

## Paraolimpíada ou quando a esperança vence o medo

Sem desigualdades não pode haver harmonia nos sons, nas cores e nas pessoas. Por isso é encorajador quando os atletas brasileiros conquistaram o bicampeonato dos Jogos Paraolímpicos realizados no México. É que, pela primeira vez, a delegação nacional se sagrou vencedora do quadro de medalhas de uma edição de Jogos Parapan-Americanos disputados fora de casa. No Rio de Janeiro, em 2007, o predomínio foi motivado pelo fato de ser país-sede. Em Guadalajara, as 197 medalhas mostram ao Comitê Paraolímpico Brasileiro que a missão foi cumprida e o caminho para um desempenho paraolímpico melhor e mais qualificado está sendo bem trilhado. Muito mais do que isso, os atletas vencedores deram exemplo de superação e de como a esperança pode vencer o medo, seja mental ou, às vezes o mais difícil, o físico.

Sabemos que existem vícios contrários e opostos, porém não há virtudes adversas e incompatíveis. Dessa forma a alegria com a vitória de tantas pessoas com problemas na vida, mas que não se deixaram derrotar por eles. Quando a autoestima dos brasileiros se queda diante da corrupção que grassa em diversos cantos da administração pública, em alguns Legislativos o que interessa é levar vantagem e no Judiciário há 62 dos seus integrantes sendo acusados de corrupção, olhar o quadro de medalhas prova que podemos nos erguer em meio às dificuldades. Foram 104 vagas conseguidas no México para as Paraolimpíadas de Londres em 2012. No Rio de Janeiro, em 2007, esse número era apenas de 80. Das 13 modalidades disputadas, brasileiros

COMENTAR CORRIGIR ENVIAR IMPRIMIR

Associação Familiar Angelus

JORNAL CIDADES

84-

Canguaretama Nossa Terra x

www.canguaretamanossaterra.com/2011/11/canguaretama-esperanca-venceu-o-medo.html

**Uma Cidade Só Se Desenvolve Quando o Povo Se Envolve!**

**CANGUARETAMA: A esperança venceu o medo**

Published: quinta-feira, novembro 24, 2011 Author: JORNAL NOSSA TERRA - NOSSA VIDA

**POSTAGENS**

Pesquisar

**MAIS POPULARES**

Canguaretama: Ex Prefeito disse que não pagou funcionalismo porque juíza "sequestrou" dinheiro da folha

Canguaretama: Toma Posse Nova Gestão da Cidade

Canguaretama: Processo de

**NTV: Parabenizamos o professor Francisco Galvão, pela coragem em acreditar na construção de um ensino e um mundo melhor. FORÇA!!!**



Professor Francisco Galvão reconhece a coragem dos professores em Canguaretama e agradece ao apoio na assembleia que correu na quarta-feira.

"Mais uma vez a esperança foi maior que o medo e espantou para longe as trevas da incerteza. Muito obrigado, meus amigos! Lembrarei por muito tempo esse dia como um dia de libertação! Foi com essa atitude de coragem que reafirmamos o compromisso jurado em nossas formaturas. Somos sim o elemento de mudança na sociedade e formadores das novas gerações. **Continuem sonhando com um mundo de paz e prosperidade e acreditem na capacidade de mudar, mesmo nos momentos mais difíceis!**"

#Fonte: Blog FM Manguezal

Recomende isto no Google

**comentários:**

**FELIZ ANO NOVO**

**GRATO ACESSO**

148,771

**ASSUNTOS:**

- CANGUARETAMA (63)
- CANGUARETAMA EM FOTOS (3)
- CIDADES DO RN (8)
- CRÔNICAS (6)
- CULTURA (17)
- DIREITOS (7)
- EDUCAÇÃO (20)

18:03 11/01/2013

85-

O amor venceu o ódio, a e x

www.cliquecristao.com/?p=422

12/12/2011 02h09

**O amor venceu o ódio, a esperança venceu o medo – JESUS CRISTO renasce entre nós!**

Compartilhar:

A humanidade vive em dias de cultivo do ódio e coleta de medo. Se olharmos com um pouco mais de precisão, verificaremos o grande desordenamento da vida. A ganância pelo ter supera os apelos de amor e faz de tudo, inclusive da pessoa humana, uma fonte de lucro. Neste contexto, o medo sinaliza para os caminhos da incerteza, da imprevisibilidade e da decepção.

É justamente nesta realidade que o natal manifesta o desejo de Deus de se encarnar mais uma vez entre nós. Jesus Cristo, Senhor e autor da vida e da salvação da humanidade, é a materialização do cumprimento da promessa de Deus para nós; o Pai, que por amor envia-nos o Seu Filho único para fazer a experiência de ser humano, tudo isto com o impressionante objetivo de dar sentido à vida humana e de salvá-la como uma mãe que salva os filhos, mesmo que tenha de dar a sua própria vida para isto.

Nos colocamos numa situação cada vez mais decisiva: ou celebramos o natal do mercado e continuamos na lógica do ódio que gera o medo. Em uma buscamos uma prática libertadora, na qual vivenciaremos o Natal verdadeiro com sua mística e espiritualidade próprias, cultivando as necessárias possibilidades que venham contribuir para a efetivação do amor e o consequente alcance da realização plena da nossa esperança.

Estamos diante do Deus Conosco. É o Emanuel, o Deus que por amor veio conosco ficar. O Senhor está a fazer e refazer um convite: Eis que estou à porta e bato, aquele que abri-la, Eu cearei com ele e ele Comigo. Os homens e mulheres de boa vontade são interpelados a aceitar o Cristo como Senhor de suas vidas e fazer do natal uma oportunidade fabulosa de ser feliz com Aquele que, nos amando, supera todo ódio, e nos possibilitando uma vida nova, repleta de dignidade, rompe com o medo e concretiza a esperança.

Nossa esperança está no Senhor que fez o céu e a terra. A nossa esperança é a continuidade da esperança dos nossos pais na fé; no Messias, o Pão da vida e partilhado, a experiência do amor emblemática em uma cruz tem seu primeiro sinal numa manjedoura cheia de adversidades. A história do Cristo se repete em uma sociedade profundamente injusta, excludente e negadora do Projeto do Pai.

O que fazes para o Cristo renascer entre nós? Que tal ser um Cristo para o mundo? Que bom se es

**iapooi Design Tecnologia**  
www.iapooi.com

**Últimas Fotos**

Show Anjos de Resgate em Campina Grande  
Local: Campina Grande  
11/12/2012

Lançamento do CD de Lívia Farias  
Local: Campina Grande  
06/11/2012

**Próximos Eventos**

Breve Mais eventos  
Local: Brasil  
2012

Breve Mais eventos  
Local: Brasil  
2012

1 2 3

Publicidade

18:07 11/01/2013

86-

PENSAMENTOS DESCONI x

sharon70.blog.terra.com.br/2011/12/14/e-mais-uma-vez-a-esperanca-venceu-o-medo/

#CRIE SEU BLOG GRÁTIS

quarta-feira, 14 de dezembro de 2011

**E (MAIS UMA VEZ) A ESPERANÇA VENCEU O MEDO**



Na segunda passada, Lula fez sua última sessão de quimioterapia, recebeu alta e, ontem, já estava na casinha dele. Ele continuará com o catéter para receber os medicamentos até sábado. Os médicos disseram que o tumor regrediu em setenta e cinco por cento, que não há necessidade de cirurgia e que, em janeiro, ela fará a radioterapia durante três a seis semanas. A rouquidão também diminuiu. Resumindo: em se tratando do meu querido e eterno presidente, a esperança venceu o medo mais uma vez.

- Mais um passo rumo à cura total, querido companheiro Lula!

dezembro 2011

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Arquivos

- janeiro 2012
- dezembro 2011
- novembro 2011
- outubro 2011
- setembro 2011
- maio 2011
- fevereiro 2011
- janeiro 2011
- agosto 2010
- junho 2010
- maio 2010
- abril 2010
- março 2010
- fevereiro 2010
- janeiro 2010
- dezembro 2009
- novembro 2009

PT 16:48 11/01/2013

Blog do Zé Lima: A espera x

www.zelima.com.br/2012/03/esperanca-venceu-o-medo-lula-agradece.html

quarta-feira, 28 de março de 2012

**A esperança venceu o medo: Lula agradece apoio e anuncia volta à política**

Do Blog Amigos do Lula



O presidente Lula gravou um vídeo agradecendo a todos que o apoiaram na luta contra o câncer, cujos exames finais de hoje indicaram estar curado.

Lula disse que voltará à missão política, continuando na luta para o Brasil prosseguir sendo um país de todos, crescendo, gerando empregos, melhorando a distribuição de renda, e para melhorar as condições de vida dos milhões brasileiros, tanto os que conseguiram chegar à classe média e não querem voltar atrás, como aqueles que ainda precisam chegar à classe média.

Ir para Página Inicial

Pesquisar este blog

Siga através de e-mail

Email address...

Inscriver-se

Postagens

Comentários

Seguidores

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (30) [Mais >](#)

PT 16:51 11/01/2013

88-

O Boqueirão Online: A Esj. x

o-boqueirao.blogspot.com.br/2012/04/esperanca-venceu-o-medo.html

# O Boqueirão Online

Blog de notícias, artigos, cultura, entrevistas, variedades e opiniões, a serviço de Santiago e Região.

quinta-feira, 5 de abril de 2012

## A Esperança venceu o medo



**LULA**

O **presidente Lula** gravou um vídeo agradecendo a todos que o apoiaram na luta contra o câncer, cujos exames finais indicaram estar curado.

Lula disse que voltará à missão política, continuando na luta para o Brasil

**RÁDIOS ON LINE**

- Rádio CUT
- Rádio Cultura FM 107.7
- Rádio da Universidade - UFRGS 108.0 AM
- Rádio Guaíba FM Clássica
- Rádio Santiago AM
- Rádio Web Putzgrila



**CLASSIFICADOS**

**VENDE-SE:**

PT 16:53 11/01/2013

89-

vivapai.blogspot.com.br/2012/04/pascoa-esperanca-vence-o-medo-e-vida.html

# Amiloidose e vida

Este blog é dedicado a consolidar informações valiosas sobre amiloidose e homenagear a vida tão preciosa, motivado pelo meu pai, estou ao seu lado em todos os desafios. Te amo pai.

TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2012

## Páscoa - A esperança vence o medo e a vida aflora

Recortei parte do texto sobre a importância da época da renovação associada a Páscoa <http://www.ronaud.com/atitude/todo-dia-e-dia-para-renovar/> "... a esperança não morre, ela vence o impossível e nos traz um alento para acreditar e enxergar que as coisas valem sim, a pena ..." E como valem a pena! Esse domingo de Páscoa começou com muita esperança de superar o desafio de trazer o tricolor do meu pai a Barra para andarmos pela península. É claro que ele, minha mãe e minha avó vieram juntos. Almoçamos juntos no Johnny Peppers no Via Parque, começando pela deliciosa cebola frita. Hummmm, muito bom! Depois fomos até em casa e no meio da bagunça minha avó conheceu o nosso novo lar. Abraços e emoções na varanda de frente para o parque ficarão pra sempre em nossos corações. Enquanto isso, meu pai lá embaixo já na bike estava curtindo a pelada da meninada na quadra. Feliz, muito feliz. Fomos ao Green Park para conferir a festinha do coelho. Eu e meu pai de bike e minhas amadas de carro. Felizes, muito felizes. Foi ótimo e a vida vale sim muito a pena se alma não é pequena. Te amo pai. André.

Postado por Dé às 07:01

Recommend this on Google

Nenhum comentário:

**AMOR CONSCIENTE**



Registros de momentos presentes

**FAMÍLIA**



Coragem e Serenidade

**SEGUIDORES**

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (5)

PT 16:55 11/01/2013

90-

www.fazendomedia.com/a-esperanca-venceu-o-medo-o-supremo-avancou-mais-uma-vez/

# Fazendo MEDIA

Rio de Janeiro, segunda-feira, 3 de dezembro

Quem somos | Assinatura | Expediente | Contato

**Blog**

- Editorial
- Dia-a-dia
- Política
- Internacional
- Esportes
- Educação
- Cultura
- Movimentos sociais
- Entrevistas

**MEDIA** pelo mundo

Colunas

Adriano Facina

Canabret Cesto Neto

**Política**

## A ESPERANÇA VENCEU O MEDO: O SUPREMO AVANÇOU MAIS UMA VEZ

Por Fabio Nogueira, 02.05.2012

Tweet 4 | Recomendar 5

O mês de abril entrará para história da população afro-brasileira, e daqueles que clamam por justiça e igualdade. O supremo tribunal federal, em mais decisão histórica, considerou constitucionais as reservas de vagas para negros e índios em universidades públicas – as cotas raciais. Foram décadas de intensos debates, com defesas e críticas ao projeto. Infelizmente a mídia conservadora não cumpriu o seu papel de imparcialidade, e tomou parte de um lado da causa. Uma pena.

O supremo foi soberano em seu entendimento. A lei não poderia ser igual para aqueles que vivem em condições desiguais, é necessário um mecanismo para

Google Pesquisa

Assinatura

**MEDIA** SEMPRE

Clique aqui para assinar nosso jornal impresso

Receba o Correio Fazendo Media: (inclua seu email abaixo)

14:40 03/12/2012

91-

www.brasil247.com/pt/247/mundo/57892/

Regionais: Amazonas 247 Bahia 247 Brasília 247 Goiás 247 Minas 247 Paraná 247 Pernambuco 247 Rio 247 SP 247

# A ESPERANÇA VAI VENCER O MEDO NA FRANÇA?

SAC: 0800 729 0722  
Ouvidoria BB: 0800 729 5678  
Deficiente Auditivo ou de Falas: 0800 729 0988

SAC: 0800 729 0722  
Ouvidoria BB: 0800 729 5678  
Deficiente Auditivo ou de Falas: 0800 729 0988

\*Consulte o regulamento no [compraemissao@sourcecard.com.br](http://compraemissao@sourcecard.com.br)

Diferença entre François Hollande, que encarna a possibilidade de estímulos ao crescimento europeu, e Nicolas Sarkozy, que se alinha à austeridade alemã e passou a pregar intolerância contra imigrantes, encolheu drasticamente; leia o relato da correspondente do 247 em Paris,

16:59 11/01/2013

92-

← → C loucoparamudaramundo.blogspot.com.br/2012/05/e-esperanca-venceu-o-medo-de-novo.html

ASSUNTO POR TEMA

**Devaneio da Semana** Política Palavra e Poesia Pensamentos Insanos Dia-a-dia Loucos para Mudar o Mundo Experts

DOMINGO, 6 DE MAIO DE 2012

**E a Esperança venceu o medo... de novo!**

Não se confunda. Não se trata das ruas de São Bernardo do Campo dos idos 27/10/2002... esta foto abaixo é de Paris, 06/05/2012... Parabéns, França!



Socialista François Hollande foi eleito nesta data presidente da França com 51,7% dos votos, prometendo reverter o ciclo de austeridade fiscal imposto pelo conservador Nicolas Sarkozy, que levou a França à atual taxa de 10% de desemprego. Entre as propostas de Hollande está o

ARQUIVO DE DEVANEIOS

- Dez 2012 (2)
- Mai 2012 (9)
- Abr 2012 (4)
- Jun 2009 (2)
- Mai 2009 (3)

MALUCOS VISITANTES:

366

HOSPIÇIO NA WEB

- Carta Maior
- Conversa Afãada
- O Gol

O TEMPO NÃO PARA...

17:02:13

SEGUIDORES

Aderir a este site com o Google Rede Social

Membros (4)

Windows taskbar: 17:02 11/01/2013

93-

ORAI: A esperança venceu x

← → X ipuorai.blogspot.com.br/2012/06/esperanca-venceu-o-medo-justica-tardou.html

O Windows Media Player é necessário para a exibição de alguns elementos desta página. Instalar plug-in... Problemas de instalação?

www.orai.org.br

INÍCIO RELATÓRIOS DO TCM HISTÓRIA DA ORAI FALE CONOSCO

SÁBADO, 16 DE JUNHO DE 2012

**A esperança venceu o medo, a justiça tardou mais não falhou.**



Ostent (15/06) na Câmara Municipal de Ipu sem a presença do foragido anfitrião prefeito Sávio Pontes, a ex-prefeita Toinha Carlos e seu filho, jovem Diego comemoraram o grande "mar de lama" em que se meteram na política de Ipu. Sem brilho a festa da convenção do PMDB e PRB foram conduzidas pelos aliados do prefeito e a ex-prefeita Toinha Carlos, familiares, políticos e amigos. **Click abaixo para continue lendo a manchete.**

ORGANIZAÇÃO REPRESENTATIVA DOS AMIGOS DE IPU - ORAI, CNPJ-11.510.373/0001-29, É UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL (ONG), com sede na rua Raimundo Martins, 122, nesta cidade de Ipu, AFILIADA À "REDE AMARRIBO DE ONGS - www.amarribo.org.br", com 187 congêneres por todo o país, QUE TÊM COMO UM DOS SEUS OBJETIVOS PRECÍPUIOS, A DEFESA DA MORALIDADE DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.

BANHEIROS FAINTASMAS EM IPU - REPORTAGENS DA TV JANGADEIRO



ipuorai.blogspot.com.br

Windows taskbar: 15:57 11/01/2013

94-

PORTAL LESTE MARANHÃO x

← → x lestemaranhenseemfoco.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html

261,267

sábado, 7 de julho de 2012

**A esperança venceu o medo.**



Quem dava como certo, que o Prefeito de Brejo José Farias, PT, após romper com alguns politípicos no município, que estiveram em seu palanque na eleição passada, não iria para a reeleição, deu com os burros, n'água, Farias, é candidato a reeleição.

Segundo seus correligionários a atitude de Zé Farias foi heróica, Pra justificar-la, a frase "A esperança venceu o medo", é falada pelo os petistas e todos aliados do mandatário em Brejo.

COELHO NETO



TITULAR: EZEQUIAS MARTINS

2

COELHO NETO-MA

EZEQUIAS MARTINS

PT 16:00 11/01/2013

95-

ANAPAP: A esperança ver x

← → C ananap87.blogspot.com.br/2012/07/esperanca-venceu-o-medo.html

segunda-feira, 16 de julho de 2012

**A esperança venceu o medo**

**Sul-africana será primeira mulher a chefiar Comissão da União Africana**

*Nkosazana Dlamini-Zuma é ex-mulher do presidente da África do Sul. Ela derrotou Jean Ping, do Gabão, em uma eleição acirrada.*



A médica e diplomata Nkosazana Dlamini-Zuma, da África do Sul, venceu uma eleição neste domingo (15) para se tornar a primeira mulher a chefiar a Comissão da União Africana, que comanda o bloco continental. Nkosazana Dlamini-Zuma, de 63 anos, é ministra do Interior de seu país e ex-mulher do presidente sul-africano Jacob Zuma. Ela também já ocupou os ministérios da Saúde e das Relações Exteriores. Ela derrotou o atual chefe e rival Jean Ping, do Gabão, que

**Arquivo do blog**

- ▼ 2012 (50)
  - Setembro (2)
  - Agosto (2)
  - ▼ Julho (19)
    - Delta é acusada de usar fantasmas e abandonar obra...
    - Engenheiro estava vivo antes de ser torturado e mo...
    - Ainda na ativa?!
    - Parabéns! E a gente?! aonde fica nisso?
    - A cada 11 de setembro de um ano, uma surpresa quen...
    - Comissão interna da verdade
    - massacre em silencio
    - A esperança venceu o medo
    - Um caso que chocou o mundo em 1973
    - Artigo de Jimmy Carter, Prêmio Nobel, 39º presiden...
    - O rerato da ditadura suja e cruei na Argentina

PT 15:46 11/01/2013

96-



97-





99-



O cantor e vice-prefeito de São Bernardo do Campo, Frank Aguiar destacou ter a certeza de que o prefeito eleito fará uma administração voltada para todos, positivamente a vitória do advogado Dr. Paulo Lopes na eleição no município de Itainópolis, com uma maioria de 1.059 votos de diferença de seu opositor, o ex-Deputado Federal Mainha.

O artista na 2ª Festa dos Vaqueiros (21), comentou: **“Aqui a esperança venceu o medo. O resultado desta eleição foi o mais esperado da história deste município, nossa cidade estava paralisada com há má gestão da família Maia que há mais de 30 anos dominava este lugar. Agora nosso povo pode sonhar com o progresso e dias melhores”**.

100- <http://olhosdosertao.blogspot.com.br/2012/10/ontem-fez-10-anos-que-esperanca-venceu.html>

DOMINGO, 28 DE OUTUBRO DE 2012

ONTEM FEZ 10 ANOS QUE A ESPERANÇA VENCEU O MEDO. HOJE O POVO MAIS HUMILDE DE FORTALEZA VENCERÁ AS ELITES COM ELMANO 13.

M E F + Recomende isto no Google

"Chegou a hora de transformar o Brasil naquela Nação com a qual a gente sempre sonhou: uma Nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos", Lula, ao tomar posse como presidente, em 2002.

Foto: Ricardo Stuckert/PR

Ontem fez 10 anos que a esperança venceu o medo, com a primeira vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente, em 2002. Hoje temos a oportunidade de dá de presente de aniversário do Lula a vitória do seu querido PT. E para isso, vamos convencer um teimoso a votar no Brasil que dá certo. #LulaDay. Então, vamos votar #Elmano13

AÇÃO PENAL 470

acompanhe a ação penal 470. Houve um processo legal?

LULA FALA AOS RUSSANOS: